

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MÔNICA MARIA PINTO

**COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO EM CAMPANHAS DE ENFRENTAMENTO
E ADAPTAÇÃO ÀS MUDANÇAS CLIMÁTICAS**

CURITIBA

2012

MÔNICA MARIA PINTO

**COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO EM CAMPANHAS DE ENFRENTAMENTO
E ADAPTAÇÃO ÀS MUDANÇAS CLIMÁTICAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Comunicação.

**Orientadora:
Prof.^a Dr.^a Myrian Del Vecchio de Lima**

CURITIBA

2012

Catálogo na Publicação
Aline Brugnari Juvenancio – CRB 9ª/1504
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Pinto, Mônica Maria
Comunicação e educação em campanhas de enfrentamento e adaptação às mudanças climáticas / Mônica Maria Pinto. – Curitiba, 2012.
285 f.

Orientadora: Profª. Drª. Myriam Del Vecchio de Lima
Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.

1. Comunicação e educação. 2. Comunicação e meio ambiente. 3. Mudanças climáticas. 4. Meio ambiente – Movimentos sociais. I. Título.

CDD 302.2

TERMO DE APROVAÇÃO

MÔNICA MARIA PINTO

COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO EM CAMPANHAS DE ENFRENTAMENTO E ADAPTAÇÃO ÀS MUDANÇAS CLIMÁTICAS

Dissertação aprovada pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Myrian Del Vecchio de Lima
Universidade Federal do Paraná - UFPR

Prof. Dr. Wilson da Costa Bueno
Universidade de São Paulo – USP/
Universidade Metodista de São Paulo – UMESP

Prof.^a Dr.^a Rosa Maria Cardoso Dalla Costa
Universidade Federal do Paraná – UFPR

Curitiba, 22 de março de 2012.

AGRADECIMENTOS

A meu companheiro Xambu e às nossas quatro filhas – Isabela, Luiza, Mariana Lua e Maria Zilda –, pelo estímulo e apoio a mais uma trajetória acadêmica, compreendendo que momentos preciosos entre nós tinham que ser adiados, para viabilizar a chegada.

À professora doutora Myrian Del Vecchio de Lima, por sua capacidade como orientadora, não só na transmissão de conhecimentos com clareza e subsídios, mas também pela dedicação, paciência e amizade patentes nesse percurso que compartilhamos.

Aos professores doutores Rosa Maria Cardoso Dalla Costa e Toni André Scharlau Vieira, do Departamento de Comunicação da UFPR, cuja confiança em meu desempenho como pesquisadora me possibilitou adentrar nesse caminho.

Aos colegas e amigos da primeira turma do Mestrado em Comunicação do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCom) da UFPR, que, transcendendo o convívio em sala de aula, me brindaram com ganhos existenciais.

*Ninguém educa ninguém – ninguém se educa
a si mesmo – os homens se educam entre si,
mediatizados pelo mundo.*

Paulo Freire

*A educação é a arma mais poderosa que
você pode usar para mudar o mundo.*

Nelson Mandela

Saber e não fazer... ainda não é saber.

Provérbio Zen

RESUMO

Este trabalho de pesquisa examina a ligação interdisciplinar entre a comunicação e outros campos de conhecimento, privilegiando-se aqui a interface ambiental, com ênfase na educação. A partir dessa relação, procura determinar os potenciais didático-pedagógicos da Campanha TicTacTicTac, promovida em 2009 por organizações do terceiro setor para mobilizar a sociedade com relação às mudanças climáticas globais, um tema que gera amplas preocupações, ainda que imerso em dissenso científico. Para cumprir tal objetivo, utiliza a metodologia de análise de conteúdo sobre dois *corpus* distintos: os onze informativos com distribuição *online* pela campanha e uma amostra da apropriação midiática de seus fluxos discursivos. Assim, se propõe a vislumbrar a dimensão pedagógica deste recorte de mobilização ambiental, especialmente pelo prisma de sua pretensa capacidade em estimular a adoção de modelos de produção e de padrões de consumo menos deletérios aos recursos naturais do que os observados na contemporaneidade, por meio de assertivas de caráter socioambiental, respaldadas pelo critério científico. Mais além, ao situar o acesso à informação de qualidade como alicerce para uma nova ordem de respeito aos recursos naturais, enfoca a função social da mídia, no caso expressa pelo atributo emancipador das conexões entre comunicação e educação, na perspectiva de se constituir um caminho para o legítimo e pleno exercício da cidadania.

Palavras-chave: Comunicação e educação. Comunicação e meio ambiente. Mudanças climáticas. Movimentos sociais ambientalistas. Mobilização social.

ABSTRACT

This research work examines the interdisciplinary link between communication and other fields of knowledge, with the main focus on the environmental interface, with emphasis on education. From that relationship, it seeks to determine the didactic-pedagogical potentials of the campaign TicTacTicTac, created in 2009 by organizations of the third sector, to mobilize society in relation to global climate changes, an issue that generates large concerns, even if immersed in scientific dissent. To accomplish such goal, it uses content analysis methodology on two distinct *corpus*: the eleven bulletins with online distribution by the campaign and a sample of media appropriation of its discursive flows. Thus, it proposes itself to glimpse the pedagogical dimension of this environmental mobilization subset, especially through the prism of its supposed ability in stimulating the adoption of models of production and patterns of consumption less deleterious to natural resources than those observed nowadays, through assertions of social and environmental character, backed by scientific criteria. Furthermore, by positioning the access to high quality information as a foundation for a new order of respect to natural resources, it focuses on the social function of the media, in this case expressed by the emancipating attribute of the connections between communication and education, in the perspective of constituting a path to the legitimate and full exercise of citizenship.

Keywords: Communication and education. Communication and environment. Climate changes. Environmental social movements. Social mobilization.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - MUDANÇAS NA TEMPERATURA, NO NÍVEL DO MAR E NA COBERTURA DE NEVE DO HEMISFÉRIO NORTE	23
FIGURA 2 - O EFEITO ESTUFA.....	24
FIGURA 3 - TENDÊNCIAS RECENTES, AVALIAÇÃO DA INFLUÊNCIA HUMANA NA TENDÊNCIA E PROJEÇÕES DE EVENTOS CLIMÁTICOS EXTREMOS PARA OS QUAIS HAJA UMA TENDÊNCIA OBSERVADA NO FINAL DO SÉCULO XX.....	30
FIGURA 4 - DADOS DE INVENTÁRIOS NACIONAIS DE GASES DE EFEITO ESTUFA PARA O PERÍODO 1990-2008	40
FIGURA 5 - PASSOS IMPORTANTES NA CONSTRUÇÃO DE PROBLEMAS AMBIENTAIS.....	81
FIGURA 6 - COBERTURA MUNDIAL DA MUDANÇA CLIMÁTICA OU AQUECIMENTO GLOBAL (NÚMERO DE ARTIGOS POR JORNAL).....	84
FIGURA 7 - NOTÍCIAS DE AUTORIA DOS VEÍCULOS.....	88
FIGURA 8 - PARCEIROS EMPRESARIAIS DA CAMPANHA TICTACTICTAC NO BRASIL.....	122
FIGURA 9 - PARCEIROS NACIONAIS DA CAMPANHA TICTACTICTAC	124
FIGURA 10 - LOGOMARCA DA CAMPANHA GLOBAL E A ADAPTADA PARA O BRASIL.....	134
FIGURA 11 - RELÓGIO NO PARQUE IBIRAPUERA - SÃO PAULO (SP).....	135
FIGURA 12 - PANFLETO DE LANÇAMENTO DA CAMPANHA TICTACTICTAC	136
FIGURA 13 - DATAS DE CIRCULAÇÃO DOS INFORMATIVOS E ANTECEDÊNCIA DA COP-15	139
FIGURA 14 - DISTRIBUIÇÃO DAS SEÇÕES EM CADA INFORMATIVO <i>ONLINE</i>	140
FIGURA 15 - TRECHO DO INFORMATIVO NÚMERO 1	146
FIGURA 16 - CABEÇALHO DO INFORMATIVO NÚMERO 3	147
FIGURA 17 - CABEÇALHO DO INFORMATIVO 5.....	149
FIGURA 18 - TRECHO DA PRIMEIRA PÁGINA DO INFORMATIVO 8	151
FIGURA 19 - CHARGE "PAREM DE JOGAR COM NOSSO FUTURO"	162
FIGURA 20 - TRECHO DA PRIMEIRA PÁGINA DO INFORMATIVO DE NÚMERO 11....	165
FIGURA 21 - DISTRIBUIÇÃO DAS NOTÍCIAS POR DATAS DE PUBLICAÇÃO E FONTES DE PRODUÇÃO, NO PERÍODO DE SETEMBRO A DEZEMBRO DE 2009	183

FIGURA 22 - QUANTITATIVO DE NOTÍCIAS COM MENÇÃO À CAMPANHA TICTACTICTAC, SEGUNDO OS GRUPOS DE FONTES UTILIZADAS.....	184
FIGURA 23 - QUANTITATIVO DE FONTES PESSOAIS POR CADA GRUPO	185
FIGURA 24 - FOTO EM REPORTAGEM SOBRE A MOBILIZAÇÃO "TÔ NO CLIMA"	187
FIGURA 25 - FOTO NA REPORTAGEM "CINCO RAZÕES PARA SER OTIMISTA COM O CLIMA"	191
FIGURA 26 - FOTO DO ATOR CAUÃ REYMOND EM ENTREVISTA.....	193
FIGURA 27 - O BRASIL NO <i>CORPUS</i> DE NOTÍCIAS A CITAREM A CAMPANHA TICTACTICTAC.....	203

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 MUDANÇAS CLIMÁTICAS E SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR	21
1.1 OS GASES DE EFEITO ESTUFA (GEE) E AS CONCLUSÕES DO IPCC....	24
1.2 ORIGENS DAS MUDANÇAS CLIMÁTICAS GLOBAIS: SEM CONSENSO	27
1.3 IMPACTOS DAS MUDANÇAS CLIMÁTICAS GLOBAIS: O ENTENDIMENTO HEGEMÔNICO.....	30
1.3.1 Impactos das mudanças climáticas no Brasil	33
1.4 MUDANÇAS CLIMÁTICAS: DA CIÊNCIA PARA A ESFERA POLÍTICA....	36
1.5 MUDANÇAS CLIMÁTICAS: DA ESFERA POLÍTICA PARA A SOCIEDADE	42
2 MOVIMENTO AMBIENTALISTA: EXERCÍCIO DE CIDADANIA PARA A QUALIDADE DE VIDA	45
2.1 CAPITAL <i>VERSUS</i> RECURSOS NATURAIS	49
2.2 DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL: OBJETIVO POSSÍVEL OU UTOPIA?.....	52
2.3 A "AVENTURA HUMANA" REPENSADA	56
2.4 MOVIMENTOS SOCIAIS: UM NOVO <i>LOCUS</i> DE EXERCÍCIO CIDADÃO.....	58
3 CAMINHOS DA COMUNICAÇÃO NA INTERFACE SOCIOAMBIENTAL	64
3.1 JORNALISMO AMBIENTAL: O DESAFIO DE REMAR CONTRA A MARÉ	68
3.2 MEIO AMBIENTE NA PAUTA: INFORMAR PARA EDUCAR E TRANSFORMAR	72
3.3 COMUNICAÇÃO E MOBILIZAÇÃO: O AMBIENTALISMO MOSTRA SUAS "ARMAS"	76
3.4 COMUNICAÇÃO PARA AS MUDANÇAS CLIMÁTICAS: ALGUMAS VISÕES.....	82
3.4.1 Olhar sobre a cobertura no Brasil: avanços e deficiências.....	87
4 COMUNICAÇÃO, EDUCAÇÃO E MEIO AMBIENTE	92
4.1 DA EPISTEMOLOGIA À PRÁTICA: MUITOS DESAFIOS.....	95

4.2	FORMAÇÃO CIDADÃ: DE PAULO FREIRE A NOVOS SENTIDOS SOCIAIS	98
4.3	COMUNICAÇÃO/EDUCAÇÃO AMBIENTAL: A EMERGÊNCIA DE NOVOS MODELOS	105
4.3.1	Práticas pelo meio ambiente: um terreno a ser percorrido	109
4.4	MUDANÇAS CLIMÁTICAS: APROXIMAÇÕES EDUCOMUNICATIVAS....	112
5	METODOLOGIA: BASE CIENTÍFICA PARA A PRODUÇÃO CRIATIVA.....	117
5.1	ANÁLISE DE CONTEÚDO: FUNDAMENTOS.....	119
5.2	ADEQUAÇÃO AOS OBJETIVOS.....	120
5.2.1	As razões do objeto de pesquisa.....	122
5.2.2	Categorias de análise.....	127
5.2.2.1	No primeiro <i>corpus</i> : informativos <i>online</i>	127
5.2.2.2	No segundo <i>corpus</i> : a cobertura midiática	130
6	ANÁLISE DA CAMPANHA DE MOBILIZAÇÃO: ESTRATÉGIAS COMUNICACIONAIS.....	133
6.1	INFORMATIVOS <i>ONLINE</i> : EVOLUÇÃO SEMANAL DA TICTACTICTAC.....	139
6.2	OS INFORMATIVOS QUANTO ÀS CATEGORIAS DE ANÁLISE	142
6.2.1	Cientificidade da informação	142
6.2.1.1	Informativo <i>online</i> número 1	144
6.2.1.2	Informativo <i>online</i> número 3	147
6.2.1.3	Informativo <i>online</i> número 5	149
6.2.1.4	Informativo <i>online</i> número 6	150
6.2.1.5	Informativo <i>online</i> número 8	151
6.2.1.6	Oportunidades não aproveitadas.....	152
6.2.1.7	Conclusões quanto à categoria "cientificidade da informação"	155
6.2.2	Estratégias mobilizadoras da comunicação	160
6.2.2.1	Conclusões quanto à categoria "estratégias mobilizadoras da comunicação"	167
6.2.3	Caráter didático da comunicação	168
6.2.3.1	O que são as mudanças climáticas, suas origens e impactos previstos ou já em curso.....	168
6.2.3.2	Justificativas para a pressão popular em prol de políticas públicas visando o enfrentamento das mudanças climáticas	171
6.2.3.3	Oportunidades não aproveitadas.....	176

6.2.3.4	Conclusões quanto à categoria "caráter didático da comunicação"	179
6.3	CONCLUSÕES QUANTO AO PRIMEIRO <i>CORPUS</i> DA ANÁLISE DE CONTEÚDO: ONZE INFORMATIVOS <i>ONLINE</i> DA CAMPANHA TICTACTICTAC	181
7	ANÁLISE DA COBERTURA DA CAMPANHA DE MOBILIZAÇÃO: ALGUNS OLHARES DA MÍDIA E SOBRE A MÍDIA.....	183
7.1	QUANTO À CATEGORIA DE ANÁLISE "ASSOCIAÇÃO ENTRE MUDANÇAS CLIMÁTICAS E PADRÕES PREDOMINANTES DE PRODUÇÃO E CONSUMO"	184
7.1.1	Subcategoria "fontes citadas"	184
7.1.1.1	Documental: material da campanha exclusivamente	185
7.1.1.2	Líder ou ativista da campanha.....	188
7.1.1.3	Celebridade que apóia a campanha.....	191
7.1.1.4	Agentes do poder público e institucionais (Brasil e exterior)	195
7.1.1.5	Especialistas, consultores e pesquisadores	196
7.1.2	Subcategoria "angulações da cobertura jornalística"	199
7.1.3	Conclusões quanto à categoria de análise "associação entre mudanças climáticas e padrões predominantes de produção e consumo"	201
7.2	QUANTO À CATEGORIA DE ANÁLISE "INTERNALIZAÇÃO DA PAUTA" ...	202
7.2.1	Cobertura factual de evento	204
7.2.2	Participação na campanha e/ou nas negociações da COP-15.....	206
7.2.3	Conclusões quanto à categoria de análise "internalização da pauta"	208
	CONCLUSÕES	210
	REFERÊNCIAS	214
	ANEXO 1 - INFORMATIVOS <i>ONLINE</i> DA CAMPANHA TICTACTICTAC - NÚMERO 1, 3, 5 E 11	232
	ANEXO 2 - <i>CORPUS</i> DE NOTÍCIAS A CITAREM A CAMPANHA TICTACTICTAC	258

INTRODUÇÃO

Dentre os diversos tópicos da discussão sobre a crise ambiental planetária que caracteriza a contemporaneidade, as preocupações relacionadas ao enfrentamento das mudanças climáticas de origem antropogênica ganharam escala global nas últimas décadas. Este processo foi, em grande parte, impulsionado pelo crescente interesse midiático em contemplar pautas ambientais de modo geral, no bojo das quais se incluiu o tema mudanças climáticas.

Um fator determinante para essa acolhida da indústria da comunicação ao assunto, no recorte do exercício jornalístico, foi a proporção de sua chegada à esfera pública, marcada sobretudo pelo nascedouro da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (CQNUMC)¹, formalizada no decorrer da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, também chamada de Eco 92, Cúpula da Terra ou, ainda, Rio 92, em alusão à cidade que sediou o evento – Rio de Janeiro – e a seu ano de realização, 1992.

O evento fundamentou um marco significativo no deslocamento do interesse sobre essa questão ambiental, do âmbito exclusivo da ciência para o do fomento e suporte a políticas públicas que contemplassem a necessidade de estabilizar as alterações do clima. Como relata Giddens (2010), as 166 nações signatárias da Convenção-Quadro naquele momento – universo depois ampliado – concordaram em calcular suas emissões de gases de efeito estufa, comunicando tais níveis anualmente, ainda que, então, sem obrigatoriedade de cumprir qualquer meta pela mitigação dessas emissões.

A magnitude do evento ensejou que ele granjeasse a atenção da indústria midiática de modo geral, dando início a uma cobertura que, paulatinamente, contribuiu para associar os modelos produtivos e padrões de consumo predominantes nos países industrializados à depredação dos recursos naturais. Tal entendimento ficou patente no final da Eco 92, quando foi extraída a Declaração do Rio sobre Meio

¹ Pela definição constante no artigo primeiro da Convenção-Quadro, "mudança do clima" é aquela que pode ser "direta ou indiretamente atribuída à atividade humana que altere a composição da atmosfera mundial e que se some àquela provocada pela variabilidade climática natural observada ao longo de períodos comparáveis" (ONU, 1992a, p.4). Disponível em: <http://www.onubrasil.org.br/doc_clima.php>. Acesso em: 21 mar. 2011.

Ambiente e Desenvolvimento (ONU, 1992b, p.2), elencando 27 princípios, entre os quais o que preconiza "responsabilidades comuns, mas diferenciadas", de modo a atribuir às nações desenvolvidas o protagonismo na busca global do desenvolvimento sustentável, "em vista das pressões que suas sociedades exercem sobre o meio ambiente mundial e das tecnologias e dos recursos financeiros de que dispõem".

No campo específico das mudanças climáticas, o Protocolo de Kyoto, tratado internacional que, a partir da Convenção-Quadro, veio a estabelecer metas de redução nas emissões de gases de efeito estufa apenas para o grupo de países desenvolvidos, trouxe à tona o espectro de obstáculos a serem transpostos quando impera a percepção de que a vertente ambiental se contrapõe aos interesses econômicos. Giddens (2010) mostra que o maior empecilho para que os Estados Unidos assinassem o Protocolo de Kyoto residiu no temor de que, sendo a China país em desenvolvimento – portanto, livre de cumprir metas de cortes em suas emissões –, esta viesse a obter vantagem competitiva no mercado globalizado. O autor registra ainda que, embora o presidente Bush, dos EUA, angariasse aos olhos de muitos o rótulo de "um dos vilões da questão da mudança climática", seu pai, George H. W. Bush, "tinha ido ainda mais longe que o filho, ao declarar, na Eco 92, que 'o estilo de vida norte-americano não está em discussão'" (GIDDENS, 2010, p.231).

Desta forma, verifica-se a relevância dos cidadãos de cada país em abraçarem essa causa, cobrando e legitimando políticas públicas consoantes a suas expectativas de futuro em termos de qualidade ambiental, processo diretamente ligado ao disseminar de informações que subsidiem os diversos segmentos sociais de argumentos favoráveis à adoção de uma nova ordem de produção e de consumo, cujo norte aponta para o desenvolvimento sustentável.

O texto produzido pelas nações na Eco 92 – a "Declaração do Rio de Janeiro sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento" – atesta o imperativo de garantir o acesso público a esse arcabouço de conhecimentos, quando estabelece, como seu Princípio 10, que:

O melhor modo de tratar as questões ambientais é com a participação de todos os cidadãos interessados, em vários níveis. No plano nacional, toda pessoa deverá ter acesso adequado à informação sobre o ambiente de que dispõem as autoridades públicas, incluída a informação sobre os materiais e as atividades que oferecem perigo a suas comunidades, assim como a oportunidade de participar dos processos de adoção de decisões. Os Estados deverão facilitar e fomentar a sensibilização e a participação do público, colocando a informação à disposição de todos. [...] (ONU, 1992b).

A Agenda 21, também lançada na Eco 92, enumera políticas públicas de ordem prática rumo ao desenvolvimento sustentável. Em seu quarto capítulo, atribui "as principais causas da deterioração ininterrupta do meio ambiente mundial" aos "padrões insustentáveis de consumo e produção, especialmente nos países industrializados", exortando o compromisso das nações em "desenvolver uma melhor compreensão do papel do consumo e da forma de se implementar padrões de consumo mais sustentáveis".

Essa associação entre consumo e as mudanças climáticas é exposta por Owen (2009), quando analisa o insucesso do Canadá em cumprir as metas do Protocolo de Kyoto: "a principal fonte dos gases que provocam o efeito estufa de origem humana no mundo sempre foi a prosperidade".

Assim, para agir com apoio popular, defende Giddens (2010, p.279), os governos terão que "fomentar uma consciência mais generalizada da necessidade de ação", proposta no decurso da qual, corrobora o autor, "os hábitos e rotinas da vida cotidiana atrapalham". Em outros termos, a maior ou menor resistência das sociedades de cada país a políticas públicas voltadas à mitigação das respectivas emissões nacionais de gases de efeito estufa depende, na visão de Giddens, da capacidade dos governos em "levar as pessoas a admitirem que os riscos são reais e prementes" – o que denota o protagonismo do tratamento midiático como suporte à consecução desse objetivo (p.279).

Para tanto, julgou-se como importante estabelecer uma base de ações a partir do entendimento científico hegemônico – não unânime, como se verá no primeiro capítulo deste trabalho – em relação às causas e impactos das mudanças climáticas. No domínio do senso comum, observam-se níveis de compreensão visceralmente atrelados ao agendamento midiático sobre tais cenários, posto que a mídia, no entender de Hannigan (2009), situa-se entre o que o autor chama de arenas múltiplas que devem legitimar os problemas ambientais, junto com governo, ciência e público.

Nas palavras do autor, "o papel da mídia como agente de educação ambiental e de estabelecer agenda é ao mesmo tempo importante e complexo" (HANNIGAN, 2009, p.121), daí a relevância de se problematizar cientificamente essa relação, missão abraçada na presente pesquisa.

Conforme já exposto, um dos pontos seguramente mais nevrálgicos está no desconforto – em muitos casos, impossibilidade – de aprofundar informações quanto aos danos do modelo de desenvolvimento predatório ainda vigente e da sociedade

de consumo, dada a dependência econômica da maior parte dos veículos da indústria midiática aos setores produtivos cujas operações, de modo geral, intensificam o problema. Emerge daí uma decisão de foro particularmente ideológico, não raro ameaçando a inserção de veículos e jornalistas em patamares ascendentes dentro do grande mercado da comunicação profissional. Ainda que imersa em tal risco, a posição de confronto ao *establishment* seria um indicativo de qualidade editorial na ótica de Bueno (2007, p.36), para quem:

O Jornalismo Ambiental deve propor-se política, social e culturalmente engajado, porque só desta forma conseguirá encontrar forças para resistir às investidas e pressões de governos, empresas e até de universidades e institutos de pesquisa, muitos deles patrocinados ou reféns dos grandes interesses.

Em contraponto à lógica capitalista que, a grosso modo, sustenta o mercado midiático, ecoa a função social do jornalismo, no cerne da qual se instala uma perspectiva didática, traduzida – no caso aqui em foco – pelo esclarecimento aprofundado de contribuições individuais e gerais de práticas cotidianas arraigadas no tecido social para o acirramento das mudanças climáticas e de seus impactos.

Trata-se, contudo, de um propósito que demanda formação de massa crítica capaz de, à luz dos critérios científicos, investigar os fundamentos dessa reclamada nova ordem produtiva e, mais além, comportamental. Hogan (2009) mostra que, frente ao avanço da ciência do clima observado sobretudo após a Cúpula da Terra: "A pequena comunidade de pesquisadores das dimensões humanas das mudanças ambientais globais agiu à margem do *establishment* das ciências sociais, sendo encarados com certa curiosidade e tolerância. Este certamente foi o caso do Brasil" (p.12).

Sob essa lógica, percebe-se como essencial e urgente que a academia, notadamente no âmbito das ciências sociais, trabalhe no sentido de ocupar a lacuna exposta por Hogan (2009).

O imperativo da adequação da pesquisa acadêmica a nova ordem ambiental que se cristaliza socialmente encontra ressonância no campo específico dos estudos em comunicação, um movimento que, conforme Trigueiro (2005), precisa começar já no primeiro nível da formação superior, pela atualização dos conteúdos pedagógicos nos cursos de Jornalismo. Defende o autor que:

A formação do jornalista será inevitavelmente incompleta – para não dizer deficiente – se na grade curricular do curso de nível superior não forem feitos os devidos ajustes para que se revelem os impactos sem precedentes que pessoas, empresas, governos e, de uma forma mais ampla, o atual modelo de desenvolvimento (os meios de produção e de consumo) geram sobre os recursos naturais, a qualidade de vida e a desigualdade social (TRIGUEIRO, 2005, p.1).

Admitindo-se a escassa predisposição da grande mídia em se lançar voluntariamente na direção de eventuais polêmicas no campo socioambiental, os movimentos sociais, notadamente aqueles de caráter ambientalista, destacam-se como indutores desse romper com a zona de conforto, a partir de suas mobilizações que, pela atenção a despertarem, em tese passam a ser legitimadas pelos veículos noticiosos.

Chega-se, desta forma, ao objetivo central da pesquisa ora apresentada: investigar o potencial de prática da interface entre comunicação e educação – em esfera formal ou informal –, sobre os argumentos levantados por um recorte do movimento social ambientalista: a Campanha TicTacTicTac, que agregou agentes da sociedade civil organizada em vários países, no final de 2009, visando "mobilizar a opinião pública" no sentido de que "os governos se posicionem e estabeleçam metas ambiciosas e justas em prol de decisões concretas para combater as causas das mudanças climáticas". A iniciativa foi lançada em 29 de agosto de 2009, estabelecendo uma contagem regressiva de cem dias – daí seu nome –, até a realização da 15.^a Conferência das Partes da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (COP-15), de 7 a 19 de dezembro de 2009, em Copenhague, Dinamarca. Nesse meio tempo, os organizadores da campanha objetivaram "consolidar uma série de ações em diversos países", culminando em "uma plataforma de orientações e reivindicações a ser apresentada durante a COP-15".

Para determinar o potencial didático da comunicação da campanha e de sua apropriação pela mídia, se adotou a metodologia de análise de conteúdo, a partir da fundamentação teórica delineada por Bardin (1977), referência no tema. Dois *corpus* de pesquisa alicerçaram a análise: os onze informativos distribuídos *online* pela organização da TicTacTicTac e uma amostra de notícias a citarem a mobilização.

A principal questão esteve em apontar se caberia a utilização de tal conteúdo, didaticamente organizado, num exercício de democratizar conhecimentos sobre as mudanças climáticas pela interface entre comunicação e educação.

Confirmada essa hipótese, se fortaleceria o papel atribuído aos movimentos sociais por Gohn (2010, p.16) como "matriz geradora de saberes", reafirmando seu "ideário civilizatório que coloca como horizonte a construção de uma sociedade democrática". É a hipótese sobre a qual se assesta o presente trabalho, ao estabelecer a interface entre comunicação e educação nos parâmetros defendidos pelo educador Paulo Freire, que via na práxis pedagógica instrumento para o exercício da cidadania livre e transformador.

Para Toro e Werneck (1996b), a mobilização social é um ato de comunicação, haja vista convocar vontades em prol de um objetivo comum, pelo compartilhamento das informações que balizam – ao menos em tese – cada projeto. Segundo os autores, a adesão da mídia funciona de modo a promover a coesão necessária para levar os objetivos de cada campanha à frente, ao mesmo tempo em que contribui para os validar.

No caso em foco, se mostra especialmente significativo um elemento exposto por Toro e Werneck (1996a) como determinante para essa validação por parte da mídia: o critério científico, que deve estar presente na circulação de informações ligadas ao processo de mobilização social.

Assim, estabelecemos como objetivos específicos da pesquisa ora apresentada: 1) dimensionar até que ponto o *corpus* dos onze informativos *online* produzidos pela Campanha TicTacTicTac associou seus objetivos a dados científicos capazes de legitimar a mobilização por ela pretendida; 2) classificar a cobertura da Campanha TicTacTicTac no que se refere a seu nível de aprofundamento, isto é, mensurando a quantidade e qualidade de associações das mudanças climáticas ao modelo de produção não sustentável e a padrões de consumo *idem*, e 3) verificar se, na apropriação dos informes da campanha pela mídia, houve internalização da pauta, isto é, se as mudanças climáticas foram abordadas num espectro de abrangência globalizada ou se ocorreu uma análise específica quanto à realidade brasileira frente ao problema.

O presente estudo, portanto, se propõe a determinar o caráter didático da comunicação da Campanha TicTacTicTac e de sua apropriação pela mídia, para uso em atividades pedagógicas formais ou não, na perspectiva de seu potencial em catalisar transformações sociais visando o enfrentamento das mudanças climáticas.

Para tanto, o primeiro capítulo delinea o estado da arte das mudanças climáticas, reconhecendo o dissenso científico em torno da questão, embora, para

efeito da pesquisa, se alinhe ao entendimento hegemônico, segundo o qual já estão em curso impactos negativos do problema sobre a qualidade de vida no planeta. Traz ainda uma análise do deslocamento das discussões relativas ao tema da circunscrição científica para a esfera política e, desta, para a sociedade de modo geral. O referencial teórico se alicerça em autores como Giddens (2010) e Capra (2005), no espectro da sustentabilidade enquanto fenômeno social, e lança mão de vários estudos e relatórios a se debruçarem sobre as mudanças climáticas.

O segundo capítulo ilustra como questões concernentes ao usufruto humano sem limites dos recursos da natureza ganharam visibilidade nas últimas décadas a partir da sociedade civil organizada. O debate sobre o conceito de progresso a pulsar inicialmente no âmbito dos movimentos sociais findou por amearhar repercussão midiática – em variados graus – e ultrapassou as fronteiras do universo restritamente ativista para o dos cidadãos comuns. Tais reflexões se amparam na produção de autores como Scherer-Warren (2006), Gohn (2010), Melucci (1996) e Peruzzo (2010). Especificamente quanto ao movimento ambientalista, a sinergia entre a acolhida midiática e o sucesso de suas causas fica explícita em obras de Hannigan (2009) e Castells (1999), que também compõem o ferramental teórico aqui utilizado.

O terceiro capítulo enfoca a comunicação num viés epistemológico, baseado em análises de autores como Martino (2008), Mattelart (1999), Lopes (2003) e Santaella (2001). Passa em seguida ao recorte do jornalismo ambiental, adentrando no terreno da dimensão didática da mídia, a partir de análises propostas por Silverstone (2002), Frome (2008) e Wolton (1999), entre outros autores. Por fim, aprofunda a centralidade da comunicação em ações de mobilização realizadas por entidades da sociedade civil, para tanto recorrendo prioritariamente ao arcabouço teórico de Toro e Werneck (1996b), e Henriques *et al.* (2004).

A interface entre comunicação e educação, fundamento do presente trabalho, é o objeto de estudo do quarto capítulo, cujas linhas-mestras encontram respaldo em Citelli (2006), Soares (1999), Gómez (2005) e Orofino (2005). Nesse quadro, conforme já exposto aqui, o enfrentamento às mudanças climáticas se condiciona à adesão das sociedades – sobretudo nos países mais industrializados – ao desafio de repensar seus modelos de produção e seus padrões de consumo.

Trata-se de um propósito encarado de maneira mais ou menos refratária pelo senso comum, a depender da qualidade dos argumentos apresentados pelos movimentos sociais e de sua apropriação pela indústria midiática, conforme defendem

estudos a embasarem esse capítulo, e de como as questões ambientais passam pela mediação pedagógica, em âmbito formal ou não. Assim, sob a ótica de Paulo Freire, que posiciona o conhecimento como pressuposto para o exercício pleno da cidadania, investiga a potencial configuração de um novo *ethos*, em que os valores ambientais parecem ganhar mais espaço num território tradicionalmente dominado pela lógica econômica.

O quinto capítulo esmiúça as razões pelas quais o procedimento metodológico escolhido neste trabalho foi a análise de conteúdo. Aponta as categorias de análise capazes de concretizar os objetivos aqui propostos, determinadas sobre dois *corpus* de investigação: um constituído por 11 informativos *online* da Campanha TicTacTicTac; o outro, agregando uma amostra de notícias e reportagens produzidas sob impulso dos argumentos da campanha por veículos e agências da indústria midiática, variáveis em seus porte e alcance.

Em função da necessidade de detalhamento, optou-se por fazer a análise de conteúdo em dois capítulos diferenciados. O sexto apresenta a análise do primeiro *corpus*, seguida das conclusões que dele se pode extrair com base em cada categoria a subsidiar a pesquisa; formatação reproduzida no sétimo capítulo, desta feita enfocando o segundo *corpus*.

Por fim, a última parte do trabalho reúne as conclusões gerais da dissertação, as inferências obtidas a partir do deslocamento do recorte sobre o qual se enfocou a pesquisa para um universo mais generalizado da interface entre comunicação e educação com base nos fluxos discursivos oriundos de movimentos sociais ambientalistas.

É oportuno registrar que a presente pesquisa complementa uma reflexão anterior, consolidada cientificamente pela autora em 2009, na monografia² para obtenção do título de especialista em Mudanças Climáticas e Sequestro de Carbono, conferido pela Universidade Positivo, em Curitiba (PR). O estudo de então se baseou em análise de conteúdo de 562 notícias sobre o tema Mudanças Climáticas, publicadas no período entre dezembro de 2008 e agosto de 2009, em cinco jornais/

² PINTO, Monica Maria. **Mudanças climáticas**: a contribuição da grande imprensa brasileira para uma nova consciência. Monografia (Especialização em Mudanças Climáticas e Sequestro de Carbono) - Universidade Positivo, Curitiba, 2009.

portais de internet de grande penetração nacional: *Folha de S. Paulo* (www.folha.com.br), *O Estado de S. Paulo* (www.estadao.com.br), *Jornal do Brasil* (www.jbonline.com.br), *G1* (www.g1.com.br, das organizações Globo) e *Yahoo!* (www.yahoo.com.br) – este o único não vinculado a um veículo da mídia impressa.

Neste momento, ao associar comunicação, educação e formações socioculturais, o trabalho aqui apresentado explicita plena aderência à linha de pesquisa abraçada pela autora no Mestrado em Comunicação da UFPR, na prática realimentando e complementando pontos de interesse científico constituintes de sua trajetória acadêmica.

1 MUDANÇAS CLIMÁTICAS E SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR

Para dar conta do objetivo central desse trabalho – investigar o potencial pedagógico de argumentos levantados pelo movimento social ambientalista e de sua apropriação pela mídia profissional, no recorte do enfrentamento às mudanças climáticas –, é preciso inicialmente apresentar o panorama atual sobre esta questão contemporânea. Assim, sem a pretensão de esgotar o assunto, este capítulo percorre o estado da arte das mudanças climáticas, dos pontos de vista histórico, científico, ambiental, socioeconômico e político. Para além desta análise, demonstra o protagonismo da comunicação – especialmente em sua vertente do exercício jornalístico – como instrumento para a compreensão social dos desafios impostos pelas mudanças climáticas, cujo enfrentamento demanda a adesão de comunidades, governos e iniciativa privada a essa causa.

Como se verá adiante, o mercado da comunicação foi, em larga escala, responsável pelo tema mudanças climáticas ter se incorporado às agendas governamental, acadêmica e do terceiro setor na grande maioria das nações desenvolvidas e em desenvolvimento. Seus impactos sobre a qualidade de vida na Terra, com interfaces ambientais, sociais e econômicas, tornaram-se alvo de preocupações ubíquas, conforme aponta Giddens (2010, p.19), para quem, "nos últimos anos, essa questão saltou para o primeiro plano das discussões e debates, não apenas neste ou naquele país, mas no mundo inteiro".

Entretanto, em uma dimensão exclusivamente científica, já no século XIX, o matemático e físico francês Jean-Baptiste Fourier (1827) surge como o primeiro cientista a relacionar o aquecimento do planeta a gases que, usando os termos de Giddens (2010), funcionavam como um cobertor na atmosfera, retendo parte do calor oriundo da radiação solar infravermelha.

Numa associação mais direta ao que hoje se classifica como mudança climática, em 1896, o químico sueco Svante August Arrhenius apresentou um documento à Sociedade Física de Estocolmo, estabelecendo a influência do dióxido de carbono no balanço de calor da Terra. Seus cálculos presumiram que a temperatura das regiões árticas subiria entre 8 e 9 graus Celsius, se a concentração de dióxido de carbono (CO₂) na atmosfera aumentasse entre 2,5 a 3 vezes o seu valor de então, conforme

registra o *Earth Observatory* da Nasa, esclarecendo que, embora esse aumento tenha se verificado com muito mais celeridade do que a preconizada pelo cientista, o aquecimento do planeta não correspondeu à escala que ele antecipou.

Apesar dessa discrepância, posteriores evidências científicas não só corroboraram o aquecimento da Terra em função do adensamento da camada de gases formadores de efeito estufa, como assinalaram que o fenômeno deve-se, em grande parte, ao aumento nas emissões destes por atividades antrópicas, ou seja, de responsabilidade exclusivamente humana.

Tais conclusões são embasadas nos relatórios produzidos pela referência mundial no que concerne às análises da variabilidade climática, suas causas e consequências: o Painel Intergovernamental sobre Mudança do Clima (IPCC, da sigla em Inglês)³. Em seu quarto relatório, o IPCC (2007, p.18) afirma que, desde o seu primeiro estudo lançado, em 1990, "as projeções avaliadas sugeriram aumentos da temperatura média global entre cerca de 0,15 e 0,3°C por década para 1990 a 2005", o que se confirmou com os "valores observados de cerca de 0,2°C por década, fortalecendo a certeza nas projeções de curto prazo".

Segundo o IPCC (2007, p.8), "o aquecimento do sistema climático é inequívoco", o que se evidencia pelas observações relativas aos "aumentos das temperaturas médias globais do ar e do oceano, do derretimento generalizado da neve e do gelo e da elevação do nível global médio do mar" (Figura 1).

Quanto ao primeiro aspecto, o colegiado de cientistas concluiu que "onze dos últimos doze anos (1995 a 2006) estão entre os 12 anos mais quentes do registro instrumental da temperatura da superfície global (desde 1850)". Completa afirmando que "a tendência linear de aquecimento ao longo dos últimos 50 anos (0,13 [0,10 a 0,16]°C por década) é quase o dobro da dos últimos 100 anos" e que "o aumento total de temperatura de 1850-1899 a 2001-2005 é de 0,76 [0,57 a 0,95]°C" (IPCC, 2007, p.8).

³ Criado em 1988, o IPCC agrega atualmente representantes de 194 países, milhares de cientistas que operam voluntariamente na condição de autores, colaboradores e revisores de estudos cujo objetivo é "fornecer aos governos do planeta, com uma base científica, clara visão do que está acontecendo com o mundo do clima". A organização opera em três Grupos de Trabalho (GTs) – A Base da Ciência Física das Mudanças Climáticas; Mudanças Climáticas, Impactos, Adaptação e Vulnerabilidade e, por fim, Mitigação da Mudança Climática (IPCC, 2010).

O quarto relatório do IPCC expõe ainda que "as geleiras de montanha e a cobertura de neve diminuíram, em média, nos dois hemisférios" (p.8), o que contribuiu para a elevação do nível do mar, nos seguintes parâmetros:

A média global do nível do mar subiu a uma taxa média de 1,8 [1,3 a 2,3] mm por ano, no período de 1961 a 2003. A taxa foi mais acelerada ao longo do período de 1993 a 2003, cerca de 3,1 [2,4 a 3,8] mm por ano. Não está claro se a taxa mais acelerada para 1993-2003 reflete a variabilidade decadal ou um aumento da tendência de longo prazo. Há uma grande confiança de que a taxa da elevação do nível do mar aumentou do século XIX para o século XX. Estima-se que a elevação total do século XX seja de 0,17 [0,12 a 0,22] m. (IPCC, 2007, p.10).

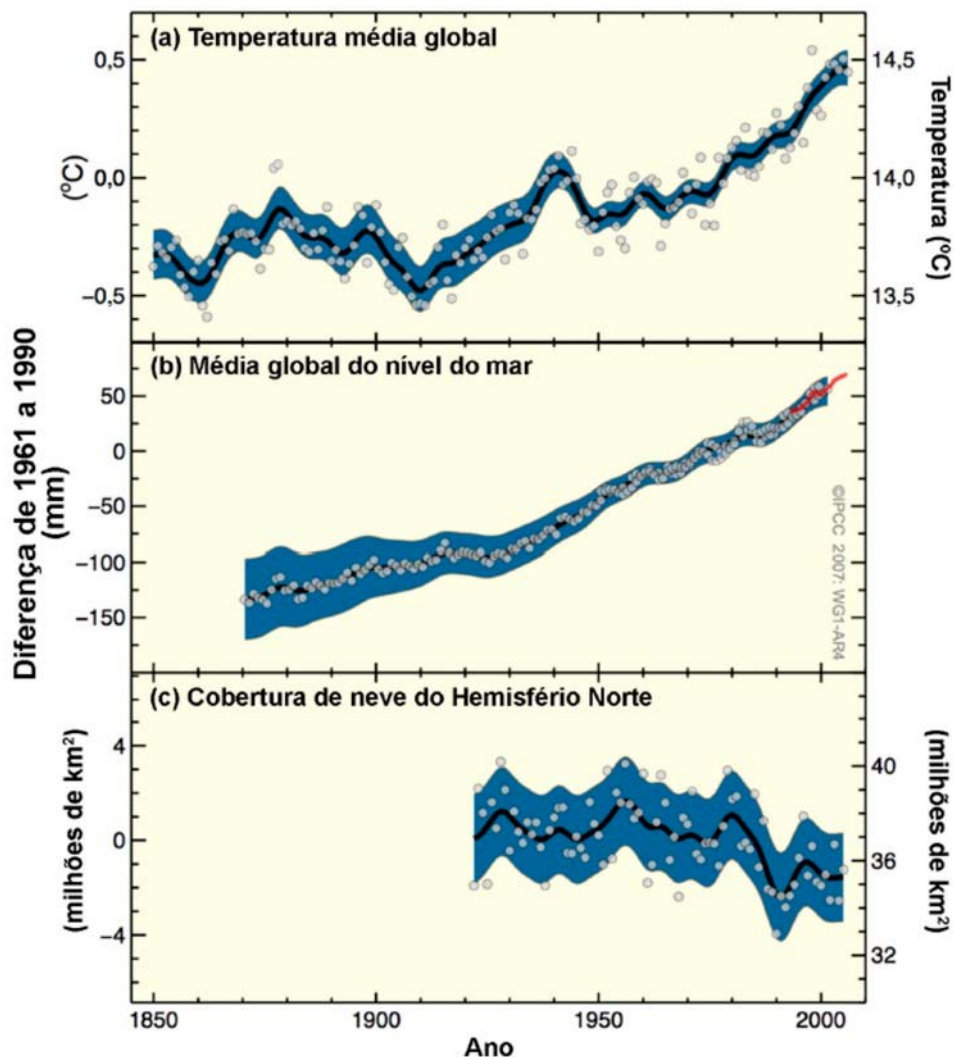


FIGURA 1 - MUDANÇAS NA TEMPERATURA, NO NÍVEL DO MAR E NA COBERTURA DE NEVE DO HEMISFÉRIO NORTE

FONTE: IPCC (2007, p.9)

NOTA: Mudanças observadas na (a) temperatura média global da superfície; (b) média global da elevação do nível do mar a partir de dados de marégrafo (azul) e satélite (vermelho) e (c) cobertura de neve do Hemisfério Norte para março-abril. Todas as mudanças são relativas às médias correspondentes para o período de 1961 a 1990. As curvas suavizadas representam valores médios decenais, enquanto que os círculos indicam valores anuais. As áreas sombreadas são os intervalos estimados com base em uma análise abrangente das incertezas conhecidas (a e b) e nas séries temporais (c)..

1.1 OS GASES DE EFEITO ESTUFA (GEE) E AS CONCLUSÕES DO IPCC

Para a compreensão científica das mudanças do clima, é fundamental ressaltar que o efeito estufa é um fenômeno natural, derivado da atmosfera terrestre ser "constituída de gases relativamente transparentes à radiação solar, enquanto absorvem grande parte da radiação emitida pela superfície aquecida da Terra", conforme explicam Xavier e Kerr (2004, p.237). Os autores alertam, inclusive, que a popularização do tema na mídia e também na educação formal vem se dando muitas vezes com abordagem errônea, de modo a transmitir em geral que o planeta está diante de "um efeito maléfico, quando na verdade ele é importante para o desenvolvimento da biosfera e o que traz inquietação são as alterações observadas em seu padrão" (p.327).

Dito de outro modo, como explica Goldemberg (2000, p.1), "a atmosfera é transparente à luz solar e, assim, a radiação que vem do Sol (e torna nosso planeta habitável) atinge o solo sem problemas", absorvida e reemitida sob a forma de calor. Demonstra o autor que, sendo a atmosfera um isolante térmico que não deixa este calor escapar, a maior concentração de gases nela existentes contribui para o aquecimento do planeta (Figura 2).

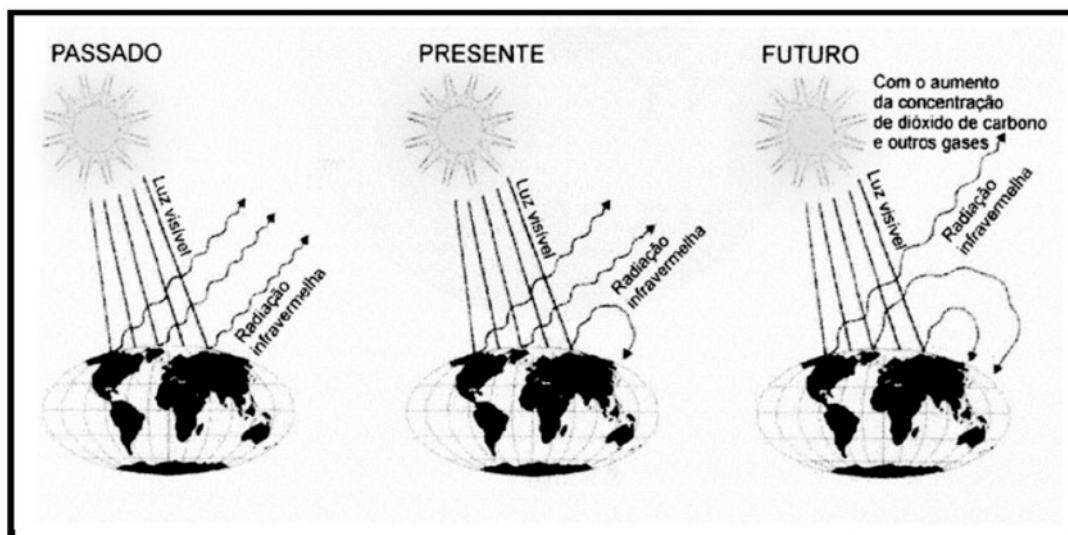


FIGURA 2 - O EFEITO ESTUFA
 FONTE: Goldemberg (2000, p.1)

Nesse contexto é que se processam as investigações do IPCC, ao explicitar, em seu quarto relatório, variações nas concentrações dos chamados gases de efeito estufa, presentes naturalmente na atmosfera terrestre, as quais subsidiam a constatação já citada: as emissões de origem antrópica elevaram tais concentrações a níveis nunca antes mensurados cientificamente.

Segundo o IPCC (2007), o dióxido de carbono (CO₂) – classificado por ele como o gás de efeito estufa antrópico mais importante – teve sua concentração atmosférica global aumentada de um valor pré-industrial de cerca de 280 ppm (partes por milhão⁴) para 379ppm em 2005. Além disso, conclui que a "concentração atmosférica de dióxido de carbono em 2005 ultrapassa em muito a faixa natural dos últimos 650.000 anos (180 a 300ppm), como determinado a partir de testemunhos de gelo"⁵ (p.5).

O IPCC (2007, p.5) determinou ainda que "a principal fonte de aumento da concentração atmosférica de dióxido de carbono desde o período pré-industrial se deve ao uso de combustíveis fósseis", atribuindo à mudança no uso da terra uma contribuição também significativa, embora inferior.

Em relação ao metano (CH₄), o segundo gás de efeito estufa (GEE) em relevância quanto à responsabilidade na mudança climática, o quarto relatório do IPCC (2007, p.5) coloca que sua concentração atmosférica global "aumentou de um valor pré-industrial de cerca de 715 ppb (partes por bilhão) para 1.732 ppb no início da década de 1990, sendo de 1.774 ppb em 2005". Afirma ser "muito provável" que tal elevação se deva a atividades antrópicas, "predominantemente a agricultura e o uso de combustíveis fósseis", fazendo a ressalva de que "as contribuições relativas de diferentes tipos de fontes não estão bem determinadas".

⁴ Ppm (partes por milhão) ou ppb (partes por bilhão, 1 bilhão = 1000 milhões) se referem à razão do número de moléculas de gases de efeito estufa em relação ao número total de moléculas de ar seco. Por exemplo, 300 ppm significam 300 moléculas de um GEE por milhão de moléculas de ar seco (RIBAS, 2008, p.12).

⁵ O glaciólogo brasileiro Jefferson Cardia Simões (2005) explica que esses testemunhos referem-se a cilindros de gelo retirados do manto polar com uma perfuradora eletromagnética; depois cortados em pedaços menores e ensacados para evitar contaminação. Como a neve precipitada carrega as características da atmosfera no momento da condensação do cristal, torna-se um arquivo natural que permite reconstituir a história da atmosfera terrestre. (Disponível em: <<http://revistapesquisa.fapesp.br/?art=2711&bd=1&pg=1&lg=>>. Acesso em: 14 jun. 2011).

No que tange ao terceiro GEE focado com mais ênfase no quarto relatório do IPCC (2007, p.6), o óxido nitroso (N_2O), os cientistas verificaram que sua "concentração atmosférica global aumentou de um valor pré-industrial de cerca de 270 ppb para 319 ppb em 2005". O estudo adverte que "mais de um terço de todas as emissões de óxido nitroso é antrópica, devendo-se principalmente à agricultura".

Por fim, Ribas (2008, p.14) registra que os outros três gases de efeito estufa destacados pelo IPCC, em função de serem produzidos exclusivamente pelos seres humanos, recebem também a designação de gases industriais: os clorofluorcarbonos (CFCs), os hidrofluorcarbonos (HFCs) e o hexafluoreto de enxofre (SF_6).

Os CFCs, explica o autor, foram criados a partir dos anos 1930 para aplicações tecnológicas vinculadas principalmente à indústria de refrigeração. Posteriormente, verificou-se que a substância reage com o ozônio (O_3), "destruindo suas moléculas na ozonfera e possibilitando a passagem da radiação ultravioleta, nociva aos organismos vivos" (RIBAS, 2008, p.14).

Esse conhecimento suscitou que, na década de 1980, regulamentações estipuladas em acordos internacionais limitassem consideravelmente a produção dos CFCs, que passaram a ser substituídos pelos HFCs, os quais, embora não prejudiquem a camada de ozônio, são gases de efeito estufa.

Em relação ao hexafluoreto de enxofre, segundo Ribas (2008) bastante utilizado pela indústria elétrica, o maior problema está em seu potencial de aquecimento global (GWP⁶, da sigla em Inglês), cerca de 23.900 vezes maior do que o do dióxido de carbono (CO_2).

⁶ O Potencial de Aquecimento Global (em Inglês, *Global Warming Potential* ou simplesmente GWP) é a capacidade de produção do efeito estufa por um determinado gás comparada com a capacidade do CO_2 . Índice acordado internacionalmente, visa mensurar a contribuição de determinado GEE para o aquecimento global, descrevendo as suas características radiativas pelo efeito combinado da duração de vida desse gás na atmosfera e sua eficácia na absorção de radiação infravermelha. O GWP é uma medida relativa, calculada sobre um intervalo de tempo específico e que compara o gás em questão com a mesma quantidade de dióxido de carbono (cujo potencial é definido como 1), usualmente convertido em toneladas equivalentes (tCO_2). (IPCC, 2001 *apud* RIBAS, 2008, p.11).

1.2 ORIGENS DAS MUDANÇAS CLIMÁTICAS GLOBAIS: SEM CONSENSO

No entendimento científico hegemônico quanto aos impactos das mudanças climáticas globais, perdura ainda um assumido grau de incertezas, embora impere a visão de que eles vão ser predominantemente negativos. Conforme o estudo Economia da Mudança do Clima no Brasil (MARGULIS; DUBEUX; MARCOVITCH, 2010, p.6), a transição projetada pelo IPCC "afetará os recursos naturais, a economia e as sociedades do mundo todo em magnitude hoje desconhecida".

O próprio IPCC estabeleceu quatro cenários de impactos, admitindo para cada um conjunto de hipóteses determinantes, por exemplo, para um modelo de desenvolvimento com produção mais limpa e com base em variáveis como o ritmo do crescimento populacional e das emissões de gases de efeito estufa em escala planetária.⁷

Entretanto, a concepção representada pelo IPCC, embora hegemônica, suscita questionamentos de naturezas diversas, igualmente apresentados com subsídios científicos, de modo a levantar controvérsias que, na visão de Mendonça (2010, p.44), evidenciam a "necessidade do debate acerca das mudanças climáticas".

Para o autor, na medida em que a grande mídia mundial, nas últimas duas décadas, embasou em fontes do grupo de consenso "um corolário de formas diversas de veiculação de informações e notícias, em grande maioria negativista e catastrofista" (MENDONÇA, 2010, p.61), contribuiu para o estabelecimento de uma "sociedade do medo" que, a seu ver, tende a se acovardar. Na prática, um processo a resultar contraproducente, dado que

A exacerbada ênfase colocada erroneamente pela mídia somente no clima quando trata dos problemas ambientais deixa de lado os demais componentes do ambiente planetário; um enfoque assim estanque e catastrofista dissemina o medo, a parcialidade dos processos e em pouco contribui para ações efetivas de recuperação ambiental (MENDONÇA, 2010, p.63).

⁷ O detalhamento quanto às variáveis observadas nos quatro cenários trabalhados pelo IPCC pode ser encontrado no seu Quarto Relatório de Avaliação (2007)/Sumário para os formuladores de políticas (p.25) (Disponível em: <<http://www.ipcc.ch/pdf/reports-nonUN-translations/portuguese/ar4-wg1-spm.pdf>>. Acesso em: 8 jun. 2011).

Defende o autor que o predomínio dessa abordagem midiática é preocupante sobretudo quando se associa à "aprovação apressada, por parte de governos e da população em geral, de processos apresentados como freadores ou inibidores da intensificação do efeito-estufa sem uma reflexão mais profunda". Como exemplos, ele cita a revolução dos biocombustíveis e a energia nuclear nos dias atuais.

De forma semelhante, Leroux (2003, p.3), um dos mais conhecidos cientistas do grupo de dissenso ao hegemônico – alcunhado de "céticos do clima" –, aponta que o aquecimento global, ao sair da esfera da climatologia, passou a ser tratado "com emoção e irracionalidade", evoluindo para o alarmismo, em detrimento de seu conteúdo científico. Alinhando-se à crítica da abordagem midiática em geral relativa ao tema, o autor coloca que "o método de 'consumo imediato' das notícias afasta-se desde logo da reflexão séria e de longas e complexas explicações" (p.3).

Também acusando o grupo científico hegemônico de promover o alarmismo, ele expõe "múltiplas vantagens do aquecimento global, se tal viesse verdadeiramente a produzir-se", inclusive, em alguns casos, confrontando diretamente impactos previstos pelo IPCC. Entre estes ganhos, cita:

Um maior conforto nas regiões atualmente frias, uma diminuição dos gastos em aquecimento, uma maior clemência e regularidade do tempo, menos tempestades e ventos fortes, uma frequência menor das vagas de frio severo (e dos gelos tardios), uma extensão de terras aráveis ganhas ao mesmo tempo ao frio (alongamento do ciclo vegetativo, diminuição do gelo superficial e entranhado no solo, etc.). As vantagens estendiam-se à menor aridez (amplificação das circulações das monções e aumento das chuvas tropicais marginais, nomeadamente subsarianas ou indianas) (LEROUX, 2003, p.25).

Molion (2008), outro cientista incluído pela mídia no grupo dos "céticos", refuta categoricamente a ocorrência de mudanças climáticas com origem antropogênica. Em sua análise, as projeções de modelos de clima, "resultantes de cenários hipotéticos, são meros exercícios acadêmicos, não confiáveis e, portanto, não utilizáveis para o planejamento das atividades humanas e o bem-estar social (MOLION, 2008, p.7). Porém, ressalva que "o fato de o aquecimento, observado entre 1977-1998, muito provavelmente ter sido causado pela variabilidade natural do clima, não é um aval para o Homem continuar a degradar o meio-ambiente" (p.23).

Baptista (2010) questiona o entendimento de que o ser humano é o "grande vilão do aquecimento global", dada sua contribuição para as emissões de dióxido de carbono. Segundo ele, um dado vem sendo ignorado: "95% do efeito estufa é

decorrente da concentração de outro gás: o vapor d'água. O CO₂ corresponde somente a 3,6% do total". E aponta como "mais grave ainda" o fato de, nesse percentual, "o homem e suas máquinas" responderem por apenas 0,1%. Nesse contexto, se remete ao climatologista Marcel Leroux (*apud* BAPTISTA, 2010), quando afirmou que "na atmosfera do IPCC não há água".

Por fim, Lomborg tornou-se referência como o mais notório e atuante membro da comunidade científica de dissenso quanto às mudanças climáticas, na qualidade de autor do livro "O ambientalista cético" (2002), em que questiona os gastos mundiais no enfrentamento ao problema e a ênfase que obtém na sociedade em detrimento de outros debates relativos aos que avalia como mais prementes desafios ambientais.

No final de 2010, causou surpresa, portanto, a notícia em grande parte da imprensa mundial – inclusive a brasileira – segundo a qual Lomborg teria "mudado de idéia", agora alçando o aquecimento global à condição de prioridade, especialmente em investimentos públicos destinados à pesquisa nos campos da geração de energia "limpa" e de soluções em geo-engenharia. O cientista refuta, no entanto, a adoção de uma nova ótica de sua parte, ao sustentar:

Tenho dito há muito tempo três coisas: o aquecimento global é real e causado pelo homem, o tipo de abordagem que está sendo usada, ao estilo do Protocolo de Kyoto, não está funcionando política e economicamente, e devemos aumentar dramaticamente os investimentos em energias renováveis (LOMBORG, 2010, p.7).

Na avaliação de Lomborg (2010, p.7), "a função do IPCC é convencer as pessoas que o aquecimento global é real e de que é importante", tarefa que ele julga bem-sucedida, ressalvando que agora é preciso "ir além disso".

O confronto entre as premissas dos chamados céticos e as dos que compõem o IPCC não encerra nenhum ineditismo. Como expõe Reis (2009, p.10), "a história da ciência é marcada por controvérsias intelectuais e conflitos sociais entre grupos de cientistas". Um processo em que, na visão do autor, cada grupo procura gerar argumentos que aumentem a credibilidade da respectiva teoria, em paralelo diminuindo a credibilidade das de seus oponentes.

No entanto, esse dissenso é visto positivamente por Reis (2009, p.10), posto que, como defende, "é no meio destas controvérsias científicas – internas e restritas à comunidade científica – que emerge o conhecimento organizado característico da ciência".

1.3 IMPACTOS DAS MUDANÇAS CLIMÁTICAS GLOBAIS: O ENTENDIMENTO HEGEMÔNICO

De fato, como questionam alguns cientistas do grupo cético, na série de impactos aventados para as mais variadas regiões do planeta pelo IPCC, ao menos no senso comum tende a se cristalizar uma ótica negativa, ressalvado o critério do colegiado em assumir um espectro de incertezas, a partir da exposição de diferentes graus de probabilidade (Figura 3).

Fenômeno e direção da tendência	Probabilidade de ocorrência da tendência no final do século XX (normalmente após 1960)	Probabilidade de uma contribuição humana à tendência observada	Probabilidade de tendências futuras com base em projeções para o século XXI com o uso dos cenários do RECE
Dias e noites frios em menor quantidade e mais quentes na maior parte das áreas terrestres	<i>Muito provável</i>	<i>Provável</i>	<i>Praticamente certo</i>
Dias e noites quentes mais freqüentes e mais quentes na maior parte das áreas terrestres	<i>Muito provável</i>	<i>Provável (noites)</i>	<i>Praticamente certo</i>
Surtos de calor/ondas de calor. A freqüência aumenta na maior parte das áreas terrestres	<i>Provável</i>	<i>Mais provável do que não</i>	<i>Muito provável</i>
Eventos de precipitação extrema. A freqüência (ou a proporção do total de chuva das precipitações fortes) aumenta na maior parte das áreas	<i>Provável</i>	<i>Mais provável do que não</i>	<i>Muito provável</i>
A área afetada pelas secas aumenta	<i>Provável em muitas regiões desde 1970</i>	<i>Mais provável do que não</i>	<i>Provável</i>
A atividade intensa dos ciclones tropicais aumenta	<i>Provável em algumas regiões desde 1970</i>	<i>Mais provável do que não</i>	<i>Provável</i>
Aumento da incidência de nível extremamente alto do mar (exclui tsunamis)	<i>Provável</i>	<i>Mais provável do que não</i>	<i>Provável</i>

FIGURA 3 - TENDÊNCIAS RECENTES, AVALIAÇÃO DA INFLUÊNCIA HUMANA NA TENDÊNCIA E PROJEÇÕES DE EVENTOS CLIMÁTICOS EXTREMOS PARA OS QUAIS HAJA UMA TENDÊNCIA OBSERVADA NO FINAL DO SÉCULO XX

FONTE: IPCC (2007, p.12)

Desta forma, ainda que operem sobre tendências, diversos trabalhos científicos brasileiros e além-fronteiras antecipam probabilidades de impactos causados por um aquecimento global, via de regra tendo por objetivo subsidiar os governos de informações capazes de nortear políticas públicas preventivas e de adaptação.

Nesse aspecto, mostra-se recorrente o prognóstico de que, no panorama mundial de desigualdade econômica, a balança vai pender a favor dos países mais pujantes. Na avaliação do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD, 2007), o enfrentamento às mudanças climáticas influencia diretamente as perspectivas de qualidade de vida digna para uma grande parcela da humanidade:

O insucesso irá consignar os 40% mais pobres da população mundial a um futuro de oportunidades diminutas. Irá exacerbar desigualdades profundas no seio dos países e minar os esforços para construir um padrão de globalização mais inclusivo, reforçando as enormes disparidades entre os que 'têm' e os que 'não têm' (p.2).

Sob esse prisma, o PNUD (2007) coloca em xeque o princípio iluminista segundo o qual o progresso humano é determinante para um futuro melhor do que o passado. Mais além, considera que a sociedade contemporânea testemunha "o que pode ser o início do maior retrocesso em desenvolvimento humano durante o nosso período de vida" (p.1). E ilustra a injustiça desse panorama ao afirmar que, enquanto os "povos pobres do mundo" imprimem em sua caminhada pela Terra uma "leve pegada de carbono", é sobre eles que recai "o maior peso de uma gestão insustentável da nossa interdependência ecológica" (p.3).

Giddens (2010, p.204) corrobora que os países em desenvolvimento são muito mais vulneráveis aos impactos das mudanças climáticas do que os industrializados, "em parte porque muitos se localizam em regiões voláteis em termos climáticos, em parte porque lhes faltam os recursos que os países desenvolvidos têm para se preparar".

Capra (2005, p.217) responsabiliza diretamente o "novo capitalismo global" pelo esgotamento dos recursos naturais, agente do rompimento da "teia da vida da qual depende o nosso bem estar" e em prejuízo a "preciosos serviços ecossistêmicos" fornecidos gratuitamente pela natureza, a exemplo do processamento de resíduos, a regulação do clima e a regeneração da atmosfera. Segundo o autor:

Esses processos essenciais são propriedades emergentes de sistemas vivos não-lineares que só agora estamos começando a compreender, e agora mesmo estão sendo seriamente postos em risco pela nossa busca linear de crescimento econômico e consumo material (p.217).

É justamente na esfera da economia que surgiu um dos trabalhos mais famosos e polêmicos sobre os impactos das mudanças climáticas: o Relatório Stern, encomendado ao economista homônimo pelo governo britânico e lançado em 2006.

O estudo calculou que, prevalecendo a inércia em relação ao problema, "os custos globais e os riscos das alterações climáticas serão equivalentes à perda de pelo menos 5% do PIB (Produto Interno Bruto) global a cada ano, agora e sempre". (STERN, 2006, p.33). As estimativas de danos poderão aumentar para 20% do PIB ou mais, coloca o trabalho, se uma ampla gama de riscos e impactos for levada em conta.

O relatório expõe que, em contraste, os custos da ação, isto é, a redução das emissões de gases de efeito estufa para evitar os piores impactos das mudanças climáticas, pode ser limitado a cerca de 1% do PIB global a cada ano. Sugere ainda que as iniciativas em escala mundial devem incluir mitigação, inovação e adaptação e coloca que já existem muitas oportunidades para dar início a este movimento. Stern (2006) situa a complexidade de tal propósito, ao afirmar que:

O desafio é ampliar e aprofundar a participação em todas as relevantes dimensões da ação – incluindo a cooperação para criar os preços do carbono e os mercados, a acelerar a inovação e implantação de tecnologias de baixo carbono; para inverter emissões da mudança do uso da terra e para ajudar os países pobres a se adaptarem aos piores impactos das mudanças climáticas (p.27).

Para além dos aspectos econômicos e dos cenários expostos pelo IPCC, um dos impactos das mudanças climáticas delineado com mais clareza – e alarme – diz respeito aos recursos hídricos, cuja desigualdade na oferta, hoje plenamente patente, tende a se acirrar. Marengo (2007) demonstra que, já em meados deste século, as vazões de rios e disponibilidade de água podem aumentar entre 10-40% em altas latitudes e em algumas áreas tropicais, assim como podem se reduzir entre 10-30% em áreas áridas e semi-áridas.

1.3.1 Impactos das mudanças climáticas no Brasil

Ainda conforme Marengo (2007), no Brasil, os pesquisadores priorizam dois dos cenários do IPCC quanto aos impactos das mudanças climáticas na segunda metade deste século: o A2, mais pessimista, prevê emissões maiores e uma elevação global de temperatura de 5,8°C (variável conforme a região do mundo); o B2, mais otimista, antecipa emissões menores e um aumento de temperatura de 1,4°C.

Com base nos prognósticos do IPCC, chegou-se à constatação de que o semi-árido nordestino será uma das regiões brasileiras mais afetadas pelas mudanças climáticas globais. Marengo (2007, p.8) explica que:

A área, já carente em recursos hídricos, econômicos e sociais, parece ameaçada por mais uma má notícia: os estudos revelam que, no processo de aquecimento global, não só choverá menos e as secas serão mais intensas, mas há outro perigo – alguns indicadores apontam que o processo de aquecimento global também significará uma redução no nível de água dos reservatórios subterrâneos.

O autor mostra que esta redução de água nos aquíferos nordestinos pode chegar a 70% até o ano 2050, quadro que se agrava por outro fato: a diminuição prevista entre 15% a 20% na vazão do rio São Francisco. Tal impacto sobre o chamado "rio da integração nacional" se revela potencialmente significativo, dada a importância ambiental, econômica e social de sua bacia, que abrange 504 municípios brasileiros, nos quais habitam cerca de treze milhões de pessoas, segundo o Ministério da Integração Nacional.

Num efeito mais direto, a redução na vazão do rio São Francisco, no curso do qual existem cinco usinas hidrelétricas – Paulo Afonso, Itaparica, Moxotó, Xingó e Sobradinho –, ilustra a afirmação de Nobre (2008, p.7), para quem a economia brasileira é "potencialmente vulnerável a mudanças climáticas que possam eventualmente diminuir a utilização de recursos naturais renováveis". O autor registra a forte dependência do país a estes recursos, cuja associação ao Produto Interno Bruto do país chega a mais de 50%, principalmente por intermédio da agricultura, hidroeletricidade, biocombustíveis, bionergia, energia eólica e solar, entre outros segmentos.

Especificamente no que concerne à agricultura, estudo da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA, 2008, p.9) resultou na expectativa de que a

elevação de temperatura promoverá um "crescimento da evapotranspiração (perda de água por evaporação do solo e transpiração das plantas)", tendo por consequência "aumento na deficiência hídrica, o que vai provocar um aumento de áreas com alto risco climático".

O trabalho estabelece ainda que, à exceção dos locais que hoje sofrem com geadas, como a região Sul do país e alguns pontos do Sudeste e a Sudoeste do Brasil, portanto tendentes a auferir vantagens com o aquecimento global, todas as demais terão uma diminuição de áreas de baixo risco para a maior parte das culturas.

Afora a clara ameaça de maior escassez na oferta de produtos do campo, o abalo econômico é também de preocupante magnitude. A Embrapa (2008, p.8) concluiu que "o aquecimento global pode comprometer a produção de alimentos, levando a perdas que começam com até R\$ 7,4 bilhões em 2020, podendo atingir R\$ 14 bilhões em 2070", sendo a soja a cultura potencialmente mais afetada.

Nos espaços urbanos, investigações científicas também denotam a necessidade de providências para a adaptação aos impactos previstos das mudanças climáticas. Estudo do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) *et al.* (2010) situa os eventos extremos relacionados à precipitação intensa entre os mais alarmantes. Um problema cujos danos ganham maior escala nas chamadas megacidades:

As regiões metropolitanas de São Paulo (RMSP) e do Rio de Janeiro (RMRJ), que nas últimas estimativas concentram mais de 30 milhões de habitantes (cerca de 16% da população do país), sofrem constantemente os efeitos dos extremos de precipitação, que causam enchentes, deslizamentos de terra e perdas de vida. Entre 1950 e 2003, a frequência e intensidade das chuvas têm aumentado nas regiões Sudeste e Sul do Brasil, incluindo as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro (INPE *et al.*, 2010, p.8).

Nesse aspecto, é interessante ressaltar a questão levantada por Deschamps, Lima e Mendonça (2011) sob o argumento de que apenas as repercussões negativas das mudanças climáticas costumam ser evocadas pelo IPCC e pela grande mídia. Os autores procuram esmiuçar o lastro de "preocupações sociais gerais, a partir de um cenário construído em boa parte pelos conteúdos midiáticos", admitindo duas hipóteses antagônicas:

- Estaria realmente havendo uma intensificação de eventos climáticos relacionados com catástrofes socioambientais nos últimos anos? Ou,
- Estaria havendo uma intensificação de outros processos, tais como a urbanização que, independentemente daqueles, estaria derivando em intensificação dos riscos socioambientais urbanos? (DESCHAMPS; LIMA; MENDONÇA, 2011).

À parte do questionamento científico, os eventos climáticos extremos, especialmente nas megacidades, são preconizados no estudo do Inpe *et al.* (2010, p.27) como geradores de impactos severos na esfera da saúde humana, tendo em vista que "alterações na temperatura e na umidade do ar podem contribuir com a proliferação de agentes infecciosos". Ao mesmo tempo, prossegue o estudo, as inundações favorecem que roedores saiam de suas tocas; a reprodução de mosquitos e o crescimento de fungos nas casas, além de despejar patógenos, nutrientes e substâncias químicas nos cursos d'água.

Passando aos efeitos da elevação de temperatura sobre a biodiversidade brasileira, Joly (2007, p.170) desenha um panorama de devastação, haja vista a "crescente discrepância entre a velocidade das mudanças climáticas e a do processo evolutivo". O autor cita espécies longevas, a exemplo do jatobá e do jequitibá que, conforme situa, podem viver mais de 200 anos, antecipando que "não terão condições de responder evolutivamente a estas mudanças ou migrar para novas áreas, tendendo a desaparecer" – um resultado em larga escala que, conforme prevê, implica em "um aumento exponencial nas taxas de extinção de espécies, particularmente na região Neotropical" (p.170). Da Floresta Amazônica à Mata Atlântica, passando pelo Cerrado, Joly (2007) elenca estudos cuja perspectiva de redução de remanescentes desses ecossistemas figura unânime, variando apenas em seu grau, a depender dos cenários mais otimistas ou pessimistas que venham a se concretizar.

Embora este panorama se origine nos efeitos das mudanças climáticas, a degradação florestal até hoje observada parece derivar do modelo econômico ainda vigente. O Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (IBAMA/PNUMA, 2004) estabelece como principais causas diretas da derrubada e degradação de florestas a expansão de áreas agrícolas, a superexploração de madeira para fins industriais, lenha e outros produtos florestais, além do excesso de pastagem.

1.4 MUDANÇAS CLIMÁTICAS: DA CIÊNCIA PARA A ESFERA POLÍTICA

Na visão de Ribas (2008), as mudanças climáticas sintetizam a faceta mais grave do paradoxo entre a necessidade de se atingir níveis sempre maiores de crescimento econômico e, ao mesmo tempo, de assegurar as condições fundamentais à vida no planeta. Expõe o autor que:

A elevação dessas emissões de gases-estufa revela a interrelação entre atividade produtiva, contribuição para o problema ambiental global e desenvolvimento econômico, tema este objeto de estudos variados e discussões de ordem política que têm permeado as negociações climáticas envolvendo grande maioria dos países e diversos atores (p.1).

A Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, realizada no ano de 1972 em Estocolmo, Suécia, é apontada como um marco de referência da inserção das questões ambientais na pauta internacional. O evento, de que participaram representantes de 113 nações, levantou com ineditismo debates quanto aos impactos que mesmo decisões locais poderiam acarretar sobre o meio ambiente em escala global. E, com semelhante relevância, identificou uma lacuna na disponibilidade de informações precisas e atualizadas, com base nas quais "formuladores de políticas pudessem mapear um caminho mais claro em direção a um meio ambiente mais bem administrado" (IBAMA/PNUMA, 2004).

Essa demanda, exposta com ênfase na Conferência, engendrou a criação do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA), um mecanismo institucional para articular as ações da ONU nesse âmbito, formalizada em dezembro do mesmo ano, 1972.

Ribas (2008, p.41) registra que o encontro de Estocolmo produziu uma "tripla dinâmica: nacional, diplomática e jurídica". No plano nacional, aponta, a proteção do meio ambiente se institucionalizou com rapidez, sobretudo nos países do hemisfério norte. Na esfera diplomática, intensificou-se a criação de ministérios e agências especializadas. Os princípios da Conferência alimentaram, ainda, o surgimento de ONGs e a respectiva mobilização pelo cumprimento dos objetivos nele extraídos.

O autor classifica também, como resultado significativo da Conferência, a recomendação a que fossem "empreendidas as atividades necessárias para melhorar

a compreensão das causas naturais e artificiais de uma possível mudança climática" (RIBAS, 2008, p.42).

O caráter de divisor de águas do evento e seu protagonismo na implantação de um novo modelo de relações concernentes ao cuidado ambiental receberam do PNUMA, 30 anos depois, a seguinte avaliação:

As decisões tomadas desde a Conferência de Estocolmo hoje influenciam as formas de governo e atividades econômicas e comerciais em diferentes níveis, definem as leis ambientais internacionais e a sua aplicação em países distintos, determinam relações bilaterais e internacionais entre diferentes países e regiões e influenciam escolhas de modo de vida feitas por indivíduos e sociedades (IBAMA/PNUMA, 2002, p.37).

No que se refere especificamente às mudanças climáticas globais, a criação do IPCC em 1988 conferiu impulso ao critério científico esperado para balizar causas e efeitos do problema. Em 1990, primeiro Relatório de Avaliação sobre o Meio Ambiente (*Assessment Report*, ou simplesmente AR) trouxe à luz conclusões que atuaram como força-motriz para o estabelecimento da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (CQNUMC), cuja preparação transcorreu em cinco encontros, envolvendo representantes de 150 países entre fevereiro de 1991 e maio de 1992.

A proposta se formalizou no bojo da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento (chamada usualmente de Rio 92, Eco 92 e Cúpula da Terra), realizada no Rio de Janeiro em junho de 1992, e teve o Brasil como primeiro signatário. Segundo o Ministério da Ciência e Tecnologia (2010, p.6), "a Convenção-Quadro é considerada um dos instrumentos multilaterais mais equilibrados, universais e relevantes da atualidade". Sem dúvida, um momento ímpar na política global relacionada ao tema, tendo em vista que o primeiro ponto do tratado é o reconhecimento, pelas partes signatárias, de que "a mudança do clima da Terra e seus efeitos negativos são uma preocupação comum da humanidade" (ONU, 1992a).

Em linhas gerais, o tratado, ratificado no cômputo geral por 189 países, estabelece como objetivo central alcançar:

A estabilização das concentrações de gases de efeito estufa na atmosfera num nível que impeça uma interferência antrópica perigosa no sistema climático. Esse nível deverá ser alcançado num prazo suficiente que permita

aos ecossistemas adaptarem-se naturalmente à mudança do clima, que assegure que a produção de alimentos não seja ameaçada e que permita ao desenvolvimento econômico prosseguir de maneira sustentável (ONU, 1992a).

Para tanto, como relata Machado Filho (2008), todos os países signatários assumiram o compromisso de efetuar inventários de suas emissões antrópicas de gases de efeito estufa; programas de mitigação e adaptação; desenvolver tecnologias para redução e prevenção de emissões; proteger seus sumidouros de carbono; considerar a mudança do clima em políticas sociais, econômicas e ambientais; promover pesquisa científica sobre o tema e ações no campo da educação, treinamento e conscientização.

Exclusivamente em relação aos países industrializados, reunidos no grupo denominado Anexo I, a Convenção-Quadro estabeleceu que empreendessem políticas e medidas para reduções de suas emissões de gases de efeito estufa, com o parâmetro de retorno ao nível de 1990 no ano 2000. Tal compromisso, em tese, se constituiria no exercício prático do princípio de "responsabilidades comuns, mas diferenciadas"⁸ acatado no encontro, partindo-se da premissa de que os países industrializados teriam a obrigação de contribuir mais efetivamente para o enfrentamento às mudanças do clima.

Contudo, o imperativo de desenvolvimento econômico se revelou, mais uma vez, obstáculo para que tal propósito fosse bem-sucedido. Conforme Giddens (2010, p.230), "os Estados Unidos e alguns outros países opuseram-se com vigor a aceitar metas obrigatórias no tocante às emissões, daí resultando que não se incluiu meta alguma no texto".

Com o início da vigência da CQNUMC, em 1994, os representantes dos países signatários passaram a se reunir anualmente nas chamadas Conferências das Partes (COP), entre as quais se destaca a terceira edição, em 1997, no Japão. Nesta COP 3, 39 países desenvolvidos, membros da Convenção-Quadro, assinaram

⁸ O artigo 3 da Convenção-Quadro coloca, como primeiro princípio, que "As Partes devem proteger o sistema climático em benefício das gerações presentes e futuras da humanidade com base na equidade e em conformidade com suas responsabilidades comuns mas diferenciadas e respectivas capacidades. Em decorrência, as Partes países desenvolvidos devem tomar a iniciativa no combate à mudança do clima e a seus efeitos negativos" (ONU, 1992a).

o Protocolo de Kyoto, assim denominado em alusão à cidade sede do evento. Avançando em relação aos objetivos da CQNUMC, o documento estabeleceu metas legalmente vinculantes, pelas quais os países industrializados – do Anexo I – assumiram o compromisso de reduzir suas emissões de GEE em média de 5,2%, tomando por referência os níveis destas, respectivamente, no ano de 1990.

Com a entrada em vigor do Protocolo apenas em fevereiro de 2005, por força da necessidade de acolher, como signatárias, 55 das nações mais desenvolvidas, responsáveis por pelo menos 55% das emissões de GEE advindas de países industrializados, na prática, pouco se conseguiu, segundo avalia Giddens (2010). Ao destacar os esforços da União Européia, o autor afirma que "alguns países-membros caminham para o cumprimento das metas, porém a maioria continua lutando" (p.233).

Claramente, verifica-se o conflito entre o desenvolvimento econômico e o princípio da precaução, presente na Convenção-Quadro ao estabelecer que:

As Partes devem adotar medidas de precaução para prever, evitar ou minimizar as causas da mudança do clima e mitigar seus efeitos negativos. Quando surgirem ameaças de danos sérios ou irreversíveis, a falta de plena certeza científica não deve ser usada como razão para postergar essas medidas, levando em conta que as políticas e medidas adotadas para enfrentar a mudança do clima devem ser eficazes em função dos custos, de modo a assegurar benefícios mundiais ao menor custo possível (ONU, 1992a).

De fato, enquanto as partes do Anexo I com economias em transição tiveram suas emissões de GEE reduzidas em 48,5%, no período de 1990 a 2008, as nações já desenvolvidas contabilizaram um aumento geral superior a 8% (UNFCCC, 2010). Percebe-se, ainda, que significativa parcela dos países a obter maior nível de redução constituía o bloco comunista do Leste Europeu, com indústrias pesadas de alta carga poluente, fechadas após o colapso do regime soviético (Figura 4).

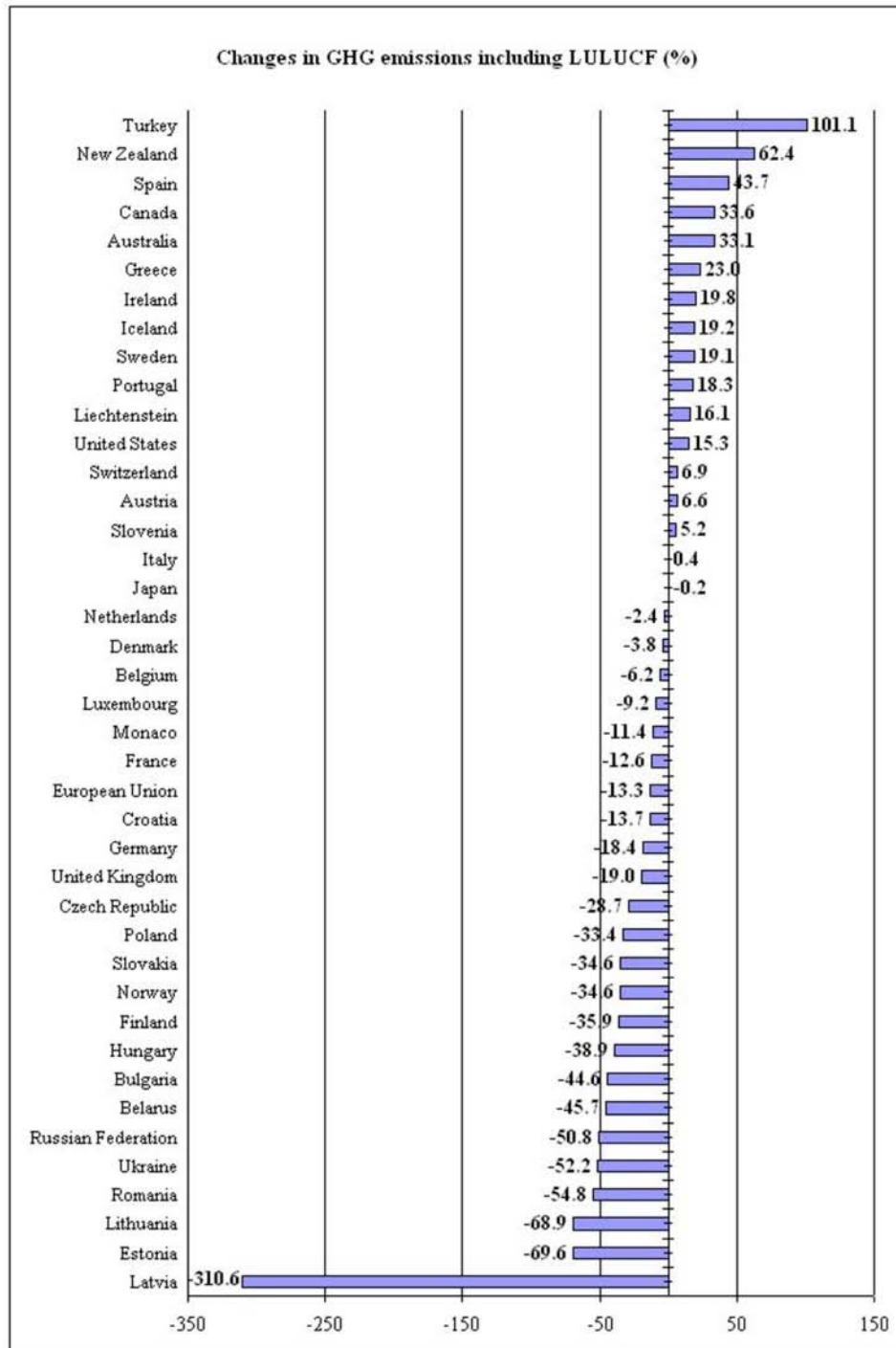


FIGURA 4 - DADOS DE INVENTÁRIOS NACIONAIS DE GASES DE EFEITO ESTUFA PARA O PERÍODO 1990-2008
 FONTE: UNFCCC (2010)

Nesse momento, quando os países signatários do Protocolo de Kyoto promovem debates em torno do compromisso que o irá suceder, alguns desafios persistem. A Fundação Brasileira para o Desenvolvimento Sustentável (FBDS, 2008) atribui a "deficiência básica de Kyoto" à recusa dos Estados Unidos em assumir compromissos obrigatórios de diminuição de suas emissões. E salienta as resistências em meio às

quais vêm se operando as negociações do acordo pós-Kyoto, citando países como China, Índia e o próprio Brasil, cujo crescimento acelerado está na raiz de seu significativo aumento no ritmo de emissões de GEE, ainda que figurem fora do Anexo I, ou seja, sem metas obrigatórias de reduzi-las.

No entender da FBDS (2008, p.5), "essas nações consideram o desenvolvimento econômico de suas populações uma política mais importante do que o combate ao aquecimento global".

Assim, os resultados pífios observados, de modo geral, pelas unilaterais adesões de governos a tratados internacionais, atestam a importância de se construir, em paralelo, uma nova lógica comportamental, em que efetivamente haja o engajamento da sociedade. Owen (2009) ilustra as razões do insucesso do Canadá em cumprir suas metas de redução nas emissões de gases de efeito estufa afirmando que:

A explicação para as dificuldades do Canadá não é complicada: a principal fonte dos gases que provocam o efeito estufa de origem humana no mundo sempre foi a prosperidade. A recessão torna essa relação fácil de ver: fábricas com a produção parada não vomitam dióxido de carbono; os desempregados dirigem por menos milhas e regulam para temperatura mais baixas suas calefações, ar condicionados e aquecedores de piscina; corporações lutando pela sobrevivência e famílias reduzem as viagens aéreas; mesmo as pessoas de mais posses compram menos lixo descartável (OWEN, 2009).

Pinto (2010, p.2) cita o Plano de Transição para fazer do Reino Unido um país de "baixo carbono" (2009), mostrando que, entre os cinco pontos sobre os quais se alicerça, consta o apoio a indivíduos, comunidades e empresas para desempenhar o seu papel no combate às alterações climáticas, a partir da redução das próprias emissões de gases de efeito estufa e do planejamento para a adaptação aos impactos do problema, no que a autora chama de "exortação emblemática da importância de que toda a sociedade se agregue a essa missão". É uma tarefa que, como se verá a seguir, vem sendo facilitada pela maior visibilidade conferida pela mídia aos desafios das mudanças climáticas.

1.5 MUDANÇAS CLIMÁTICAS: DA ESFERA POLÍTICA PARA A SOCIEDADE

A transcendência das mudanças climáticas da circunscrição exclusivamente científica para o cerne de debates midiáticos e, a reboque desta vitrine, para a sociedade de modo geral, teve uma característica singular: a rapidez com que tal processo transcorreu.

Ao analisar o "pressuposto da intensificação dos desastres e riscos ambientais, em especial aqueles ligados às mudanças climáticas", Deschamps, Lima e Mendonça (2011) apontam concepções centrais "eivadas por uma profunda polissemia", a exemplo de "desastres", "riscos", "vulnerabilidades", "adaptação" e "resiliência". Esse panorama, avaliam, resulta de duas circunstâncias: "A emergência de um discurso planetário científico e midiático sobre o tema e o uso acelerado das mídias digitais interativas para efetivar a disseminação desse discurso, o que aumenta cada vez mais a percepção do público com relação à temática".

Hogan (2009, p.11) observa que "em curto espaço de tempo, o aquecimento global saltou de um tema entre muitos outros no rosário ambientalista para a condição de maior desafio do século 21". Comenta que, nessa trajetória, o "caráter abstrato e incompleto dos modelos que deram apoio à hipótese do aquecimento" inicialmente ensejou dúvidas e polêmicas, estabelecendo como ponto de mutação, ou seja, aquele em que a confiança dos cientistas passou a "ser compartilhada pelo conjunto da sociedade", a divulgação do Quarto Relatório do IPCC, no início de 2007 (HOGAN, 2009, p.11). Em relação aos estudos anteriores⁹, funcionou como diferencial transformador a redução no grau de incertezas científicas até então assumidas pelo colegiado, em dois aspectos cruciais.

Primeiro, como já exposto no início deste trabalho, ao afirmar categoricamente que "o aquecimento do sistema climático é inequívoco" (IPCC, 2007, p.8). Segundo, ao estabelecer, em tom mais assertivo, a dimensão da responsabilidade humana sobre as mudanças climáticas. Concluiu o IPCC:

⁹ O primeiro relatório do IPCC, lançado em 1990, preparatório à Cúpula da Terra (Rio 92), considerava uma possibilidade de 50% de chances de que o aumento da concentração de gases e da temperatura estava associada à ação humana. O quarto relatório, de 2007, aponta como inequívoca a relação entre a ação antrópica e a mudança do clima, com grau de certeza superior a 95%.

É *muito provável* que a maior parte do aumento observado nas temperaturas globais médias desde meados do século XX se deva ao aumento observado nas concentrações antrópicas de gases de efeito estufa. Essa afirmação representa um avanço em relação ao TRA (o terceiro relatório), que concluiu que "é *provável* que a maior parte do aquecimento observado ao longo dos últimos 50 anos se deva ao aumento das concentrações de gases de efeito estufa". Influências humanas discerníveis se estendem, agora, a outros aspectos do clima, inclusive o aquecimento do oceano, temperaturas médias continentais, extremos de temperatura e padrões do vento (p.15).

Na avaliação de Hogan (2009), a contundência desses resultados se ampliou por intermédio da militância e pela exibição do documentário "Uma Verdade Inconveniente", de autoria do ex-vice-presidente dos EUA, Al Gore, trabalho que chegou em 2006 ao mercado cinematográfico norte-americano, dele se expandindo em grande escala, logo em seguida.

A despeito de naturais avaliações céticas, comuns ao pressuposto da rara unanimidade no campo da ciência, o filme catapultou as mudanças climáticas da circunscrição científica para o universo do cidadão comum, processo cuja viabilidade e alcance não poderia prescindir da mediação proporcionada pelos conteúdos noticiosos. Na análise de Hogan (2009, p.12), o documentário se caracterizou como "ponto de inflexão em termos da opinião pública sobre o aquecimento global", na medida em que tornou compreensíveis, para amplos segmentos da população, as "dramáticas consequências" do problema.

A acolhida à mensagem de Gore se confirmou pelo fato de seu trabalho amearhar no ano seguinte, 2007, duas estatuetas do Oscar – como se sabe, a premiação máxima do cinema nos EUA –, outorgadas nas categorias documentário de longa-metragem e canção. Consolidava-se um novo entendimento face ao problema: nos termos de Hogan (2009, p.12), "não era mais a ficção científica, mas o futuro quase certo da humanidade".

Walter (2007, p.172) avalia que "Uma Verdade Inconveniente", além de levar ao público as "reais consequências do aquecimento global, mostra que nenhuma forma de vida a habitar o planeta Terra foi tão agressiva quanto a raça humana". A autora aponta ainda que Gore, no documentário, elenca soluções viáveis para minimizar os impactos da mudança climática.

A adoção de um tom proativo em paralelo ao viés catastrófico talvez explique porque o filme alavancou uma nova ótica popular quanto ao problema, tendo por

base a concepção de Giddens (2010, p.137), que recomenda "uma abordagem diferente da que prevalece hoje em dia", a seu ver baseada em "medo e angústia".

Assinalando a repercussão global do trabalho de Al Gore e dos resultados expostos pelo IPCC, ambos – o ex-vice-presidente norte-americano e a entidade da ONU – foram agraciados, ao final de 2007, com o prêmio Nobel da Paz.

Dessa forma, vem se alicerçando a compreensão de que o enfrentamento às mudanças climáticas demanda a instituição de políticas públicas e de sistemas produtivos adequados a novos modelos desenvolvimentistas, implicando alterações significativas nos padrões ainda vigentes, alvo de questionamentos inclusive sob o viés ideológico refratário à desigualdade social predominante em escala planetária – "os verdadeiros culpados das mudanças climáticas são nossos hábitos mais cotidianos e as políticas sem visão de futuro, regidas primordialmente por interesses econômicos" (SECRETARIA GENERAL DE LA COMUNIDAD ANDINA, 2008, p.3).

Um novo conceito de progresso emerge, sob lógicas mais respeitosas ao equilíbrio ambiental:

[...] precisamos construir, o mais breve possível, uma economia de baixo carbono, o que exige ampla reestruturação dos investimentos socioeconômicos e reformulação de nosso modo de vida, mais próximos, o quanto possível, da chamada sustentabilidade (UFMG/CEDEPLAR; FIOCRUZ, 2008, p.4).

Nesse propósito, o papel da sociedade civil organizada se qualifica como fundamental – ao menos, de relevância incontestável –, sob o prisma das ações de mobilização e/ou denúncia cada vez mais frequentemente organizadas por movimentos sociais, ainda que com repercussões midiáticas nem sempre em justa proporção.

Como se verá no próximo capítulo, vários autores atribuem aos movimentos sociais o papel de uma espécie de "bússola", a partir da qual se torna possível inferir os desejos coletivos e as grandes problemáticas a dominarem um determinado tempo e espaço.

O recorte destes movimentos com atuação ambientalista ilustra tal característica, sobretudo face à significativa mudança observada na percepção social quanto aos recursos naturais, menos antropocêntrica do que no passado, inclusive recente.

2 MOVIMENTO AMBIENTALISTA: EXERCÍCIO DE CIDADANIA PARA A QUALIDADE DE VIDA

Ainda que a visibilidade conferida às questões ambientais tenha se ampliado com a emergência do movimento ambientalista, a submissão da vida humana aos recursos naturais foi, a rigor, percebida em nível decisivo já para a sobrevivência da espécie. Como aponta Castri (1981, p.6), o homem das cavernas, para não sucumbir a intempéries climáticas e, num outro aspecto, para "caçar as renas e mamutes", precisou demonstrar "um sentido ecológico mais desenvolvido que muitos dos nossos ecologistas atuais".

Entretanto, a passagem dos séculos, ao longo dos quais se construiu o atual modelo civilizatório, testemunhou o afastamento dessa percepção mais instintiva. Nas palavras de Morin (1974, p.10), embora convencidos desde Darwin de que somos descendentes de primatas, "escapamos para sempre dessa árvore genealógica tropical para construirmos, fora da natureza, o reino independente da cultura".

Segundo o autor, trata-se de um processo de certa forma esperado, tendo em vista que:

O nosso destino é, evidentemente, excepcional em relação aos animais, incluindo os primatas que domesticamos, reduzimos, reprimimos e metemos em jaulas ou em reservas; fomos nós que edificamos cidades de pedra e de aço, inventamos máquinas, criamos poemas e sinfonias, navegamos no espaço; como não havíamos, pois, de acreditar que, embora vindos da natureza, não tenhamos passado a ser extra naturais e sobrenaturais? (MORIN, 1974, p.10).

Desta forma, prossegue o autor, o mito humanista do homem sobrenatural, abrigado no entendimento da antropologia em parte do século XX, conferiu à oposição natureza/cultura a forma de paradigma, o modelo conceitual a dirigir todos os seus discursos.

Essa dualidade se expressa, na contemporaneidade, pelo que Leis e D'Amato (1994) chamam de o drama de toda civilização, em referência à atual crise ambiental. Os autores mostram que a humanidade vive em duas realidades – a da Terra e a do Mundo:

[...] enquanto a Terra é uma unidade formada por ecossistemas altamente integrados, o Mundo se apresenta, ao contrário, como uma realidade composta de sistemas culturais, sociais, políticos e naturais, nos quais seus elementos se revelam com um maior grau de desintegração e conflito do que cooperação e solidariedade (LEIS; D'AMATO, 1994, p.44).

Essa visão dicotômica foi a que estabeleceu os alicerces do antropocentrismo, conceito a caracterizar a primazia humana sobre todas as demais formas de vida, que reinou hegemônico ao longo de séculos, com ramificações diretas nas práticas culturais, sociais e, sobretudo, econômicas, enquanto norte para o "desenvolvimento".

Felipe (2009) aponta que a divisão entre seres vivos "fortes" – os humanos – e "fracos", sobre os quais os primeiros poderiam atuar com base exclusivamente nos próprios interesses, firmou-se na Grécia, séculos antes de Cristo, quando duas concepções opostas da relação com a natureza ganharam corpo. Uma, proposta por Pitágoras, preconizava um domínio não-tirânico sobre as demais espécies; a outra, de Aristóteles, predominou na construção do que Felipe (2009, p.3) chama de "nossa formatação moral": "antropocêntrica e hierárquica, típica da racionalidade escravocrata". Uma expressão prática da percepção aristotélica, calcada no antropocentrismo, é ilustrada pela autora:

Para Aristóteles, maltratar animais não-rationais não faz o menor sentido, não porque os animais sofram ou sejam conscientes da dor, mas por serem propriedade (patrimônio) do homem livre. Tudo o que se faz ao animal (propriedade de um homem), que o possa estragar, ferir ou destruir, implica dano ao patrimônio desse (p.6).

A separação entre homem e natureza, na análise de Capra (2006, p.49), se nutriu da tradição científica ocidental alicerçada no pensamento linear – cadeias de causa e efeito –, em contraponto ao que ele chama de visão sistêmica, ou seja, focada em sistemas vivos, "totalidades integradas cujas propriedades não podem ser reduzidas às suas partes menores".

Para o autor, as disciplinas acadêmicas se organizaram de tal modo que "as ciências naturais lidam com as estruturas materiais, ao passo que as ciências sociais tratam das estruturas sociais", uma "divisão rigorosa" tendente a desaparecer no futuro face ao que ele situa como "principal desafio deste novo século – para os cientistas sociais, os cientistas da natureza e todas as pessoas" (CAPRA, 2006,

p.11): a construção de comunidades ecologicamente sustentáveis, que demandam estruturas materiais e sociais visceralmente associadas.

Castri (1981, p.6) também aborda a fragmentação e a análise sistêmica no bojo do que chama de "grande diálogo dialético entre dois tipos de ciência" – de um lado, a "reducionista", que dissocia os elementos de uma estrutura para delimitá-los e estudá-los em profundidade; de outro lado, as ciências holísticas, que "se esforçam para entender todo o sistema por meio do estudo das interações entre todos os seus elementos". Nesse segundo campo, o melhor exemplo é, a seu ver, a Ecologia. O autor ressalva que, na distinção apontada, não inclui nenhum juízo de valor. Considera ambas as abordagens científicas importantes e essencialmente complementares – mas no entendimento holístico, com espaço para avançar.

Ao situar as cinco fases pelas quais passou a noção de ecologia até os dias atuais, Castri (1981) lembra que o termo foi forjado pelo biólogo alemão Ernst Haeckel, em 1869, a partir da palavra grega *oikos*, significando casa, lugar onde se vive. Definia-se então a ciência que estudava as relações biológicas entre um dado organismo e seu meio ambiente.

Num segundo momento, já em meados dos anos 1920, se ampliou essa acepção, que passou a abarcar o estudo de comunidades ou grupos de espécies e de noções tais como a de cadeia alimentar. Prossegue o autor demonstrando que, em 1950, cientistas desenvolveram o conceito de "ecossistema", como uma unidade de estudo que inclui todas as interações entre o meio físico e as espécies que o habitam.

O passo seguinte, diz Castri (1981), aconteceu nos anos 1970, com o descobrimento de que as regiões mais críticas do ponto de vista ecológico eram as zonas de interpenetração de ecossistemas diferentes que, ao reunir-se, formam um todo: a "biosfera".

Por fim, continua o autor, a etapa final foi marcada pela inclusão, no conceito de ecologia, do papel predominante que o homem desempenha na biosfera, da responsabilidade que tem em sua evolução e, assim, da necessidade de levar em consideração certos aspectos intangíveis e não quantificáveis do espírito humano, tais como a percepção que se tem do entorno e de como concebe qualidade de vida (CASTRI, 1981, p.7).

Para Hannigan (2009, p.73), no começo dos anos 70, a ecologia se tornou o marco fundamental teórico da nova e rapidamente difundida preocupação com o meio ambiente: "Os ecologistas começaram a sair do seu papel de cientistas para se tornarem grandes colaboradores do debate ambiental", afirma, registrando que, no mesmo período, termos novos como ecopolítica, ecocatástrofe e ecoconsciência foram adicionados à língua inglesa.

Segundo o autor, expressando o que chama de "visão mais moderada",

o meio ambiente como existe na esfera da política pública é o produto do discurso sobre natureza estabelecido por disciplinas científicas tais como a biologia e a ecologia, agências governamentais, livros campeões de venda tais como a "Primavera Silenciosa" de Rachel Carson e a mensagem disseminada por ativistas ambientais. (HANNIGAN, 2009, p.61).

Ao se debruçar sobre as origens e especificidades da emergência de um movimento que Castells (1999) identifica como "o 'verdejar' do ser", esse autor estabelece uma clara distinção entre ambientalismo e ecologia. O primeiro se remete a comportamentos coletivos que, em discursos e práticas, objetivam "corrigir formas destrutivas de relacionamento entre o homem e seu ambiente natural, contrariando a lógica estrutural e institucional atualmente predominante" (p.143). No que se refere à ecologia, assumindo um ponto de vista sociológico, ele situa o conceito como o "conjunto de crenças, teorias e projetos que contempla o gênero humano como parte de um ecossistema mais amplo" (p.144).

Trata-se de uma ótica holística também exposta por Viola (1987), quando posiciona os movimentos de base ecológica num ponto de inflexão na história da mobilização social e da ação coletiva, haja vista portarem valores e interesses universais que ultrapassam as fronteiras de classe, sexo, raça e idade.

Coloca o autor que, para os pensadores da ecologia política, o maior desafio à prática da democracia liberal emerge do "reconhecimento de limites e coações à atividade humana na biosfera, entendida como um sistema de recursos finitos". Delineia-se um quadro de escassez ecológica a demandar "auto-imposição de controles globais que garantam as condições mínimas para o funcionamento equilibrado da biosfera", processo na direção de uma nova ordem cujos percalços Viola (1987) enumera:

A democracia liberal estimula a superexploração competitiva de recursos escassos, os estilos de vida hedonistas, a liberdade entendida como capacidade ilimitada de ação individual, os jogos de poder irresponsáveis, o imediatismo e descompromisso com as gerações futuras. A democracia contemporânea, além de capitalista na sua base sócio-econômica, é predatória na sua relação com a natureza.

No cerne do que Viola (1987) chama de ecologia política, aos dois dilemas básicos que dominaram o século XX – democracia/autoritarismo e capitalismo/socialismo – veio a se agregar um outro: sociedade predatória em contraponto à sociedade ecológica.

2.1 CAPITAL VERSUS RECURSOS NATURAIS

A visão dualista da natureza e da sociedade, estabelecida por Leis (1999, p.57) como "uma das principais características da cultura ocidental e, em particular, da época moderna", se expressou claramente pelo entendimento segundo o qual "o progresso da humanidade ia da floresta e do campo em direção às cidades".

Dessa forma, aponta o autor, o paradigma cartesiano que instaurou o "corte radical entre o homem (possuidor de alma) e o resto da criação" favoreceu "o exercício ilimitado da dominação humana sobre a natureza que o avanço das forças produtivas requeria" (LEIS, 1999, p.58).

É um quadro que encontra ressonância em Leff (2006, p.16), quando caracteriza a crise ambiental como a "crise do efeito do conhecimento sobre o mundo". Argumenta ele que:

Indo além das controvérsias epistemológicas sobre a verdade e a objetividade do conhecimento e do problema da representação do real através da teoria e da ciência, o conhecimento voltou-se contra o mundo, interveio nele e deslocou-o (p.16).

Em outros termos, o autor situa a degradação ecológica como "a marca de uma modernidade fundada na racionalidade econômica e científica como os valores supremos do projeto civilizatório da humanidade", fato que, a seu ver, negou a natureza

como "suporte de significações sociais e raiz da co-evolução ecológica-cultural" (LEFF, 2006, p.223).

Giuliani (1999, p.9) também defende que a crise ambiental é emblemática da "incapacidade de um sistema social de produção e consumo de manter suas formas e ritmos de crescimento sem acabar destruindo as próprias condições de sua reprodução". Para ele, a relevância que o tema ganhou nas últimas três décadas pode ser atribuída em menor escala aos problemas ambientais verificados nas diversas regiões do planeta, dado que "desequilíbrios e crises entre sociedades e meio ambiente têm acompanhado a história do surgimento e da queda das diversas civilizações" (p.9).

Na análise do autor, o que se mostra rigorosamente inédito é que as crises locais e regionais vêm se tornando sempre mais agudas pela influência de crises globais, tais como as perturbações climáticas, as chuvas ácidas, a escassez crescente de água doce e a expansão das áreas desertificadas, entre outras.

Para Giuliani (1999, p.9), é um momento ímpar, haja vista que "pela primeira vez na história da humanidade, todas as civilizações estão, de qualquer maneira, caminhando para situações catastróficas". Entretanto, o autor ressalva que tais perigos não ameaçam o mundo com igual intensidade e iminência, recaindo, prioritariamente, sobre as populações já fragilizadas no aspecto social e econômico. Nesse panorama, conclui ele:

A questão ecológica, portanto, diz respeito, ao mesmo tempo, às relações entre os homens e às relações destes com a natureza, entendida como seu meio ambiente e fornecedora de meios de vida. O capitalismo é o sistema social responsável por esta questão, tanto porque a produziu historicamente, como porque nesse sistema se desenvolveu uma consciência crítica a seu respeito, juntamente à idéia de que sua solução só pode ser encontrada em uma nova forma de organização social (p.9).

Foladori (1999, p.36) compartilha esse entendimento, ao afirmar que "as relações sociais capitalistas geram tendências de comportamento com o meio ambiente que lhes são particulares", tanto na causa e forma da depredação dos recursos naturais, quanto em sua amplitude e ritmo. Uma destas características próprias do sistema é o crescimento ilimitado da produção, colocado pelo autor como "resultado direto e necessário de uma organização econômica que gira em torno da produção de lucro e não da satisfação das necessidades" (p.36). Por essa razão, defende, não

se pode entender a crise ambiental sem associá-la à dinâmica econômica da sociedade capitalista.

Boff (2006, p.5) estabelece essa relação como suporte da "lógica interna" do capitalismo, já que este se funda na "exploração sistemática e ilimitada" dos recursos naturais, com o fito de atingir três objetivos: aumentar a produção, o consumo e produzir riqueza.

Assim, no cenário de enfrentamento à crise ambiental, o autor classifica "medidas somente políticas e técnicas" como paliativas e exorta que: "A solução demanda uma coalização de forças mundiais ao redor de uma nova sensibilidade ética, novos valores, outras formas de relacionamento com a natureza e novos padrões de produção e consumo" (BOFF, 2006, p.6 e 7).

Trata-se de um propósito dificultado, no entender de Leis (1999, p.24), pela "anarquia do sistema internacional e a complementar inexistência de autoridades com poderes reais para assumir a responsabilidade da gestão dos bens naturais comuns da humanidade". Na visão do autor, impera na política internacional a orientação de uma "racionalidade individualista e competitiva", em meio à qual dificilmente se poderia "encontrar motivos para colocar a cooperação acima do antagonismo dos interesses particulares". Segundo ele, a crise ecológica desafia a humanidade a encontrar "soluções abrangentes e complexas" que "transcendem as capacidades da ciência, da técnica e das instituições políticas existentes" (p.24).

Para Barreto (2009), o crescimento econômico e a ampliação do consumo se conectam a todos os grandes problemas ambientais debatidos desde os últimos 25 anos do século XX. O reconhecimento da crise em escala planetária resultou na emergência de um conceito teoricamente capaz de reorientar positivamente o sistema capitalista: o desenvolvimento sustentável.

Como se verá a seguir, ainda que seus princípios tenham se originado em intenções inegavelmente legítimas e mediante um processo pactuado em âmbito global, a meta do desenvolvimento sustentável prossegue envolta em dilemas e questionamentos.

2.2 DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL: OBJETIVO POSSÍVEL OU UTOPIA?

Embora a expressão "desenvolvimento sustentável" tenha sido cunhada no início dos anos 1980, a gestação de seus pressupostos pode ser verificada pelo menos uma década antes. Tayra (2002) é um dos autores a apontar que a conexão entre o modelo de produção e consumo ainda hoje vigente e o esgotamento dos recursos naturais ganhou amplitude e visibilidade em 1972, com o lançamento do relatório "Limites do Crescimento". O estudo foi encomendado pelo Clube de Roma¹⁰ a uma equipe do *Massachusetts Institute of Technology* (MIT) e, conforme resume Tayra (2002), antecipou um possível colapso do ecossistema global a partir de cinco parâmetros: industrialização acelerada, forte crescimento populacional, insuficiência crescente da produção de alimentos, esgotamento dos recursos naturais não renováveis e degradação irreversível do meio ambiente.

O próprio Clube de Roma avalia que "Limites do Crescimento" colocou o tema "no topo da agenda global" e, em seu portal, dimensiona a repercussão por ele alcançada à época: "Com o foco na visão de longo prazo e cenário provocativo, o relatório vendeu mais de 12 milhões de exemplares em cerca de 30 línguas em todo o mundo".

As reações ao estudo não foram unanimemente favoráveis. Tayra (2002) aponta perplexidade do grande público e de cientistas que, desde o fim da Segunda Guerra Mundial, habituaram-se a "a escutar hinos de louvor ao crescimento econômico e à sociedade de massas". Giddens (2010, p.86), por sua vez, ressalva que, "apesar de ter sido submetido a numerosas críticas", a "ênfase geral" do relatório é "hoje largamente aceita".

Ainda em 1972, aconteceu a Conferência da ONU sobre o Ambiente Humano, já citada no capítulo anterior, no curso da qual se elaborou a Declaração sobre o Ambiente Humano voltada a "estabelecer uma visão global e princípios comuns, que

¹⁰ O Clube de Roma nasceu em abril de 1968 como um pequeno grupo internacional de profissionais das áreas da diplomacia, da indústria, academia e sociedade civil que se reuniu em Roma para "discutir o dilema de o pensamento dominante de curto prazo nas relações internacionais e, em particular, as questões relacionadas com o consumo de recursos ilimitados em um mundo cada vez mais interdependente". Hoje, tem mais de 30 Associações Nacionais em todo o mundo, das quais participam "mais de 1500 pessoas comprometidas", dos cinco continentes. (Disponível em: <www.clubofrome.org>. Acesso em: 17 maio 2011).

servam de inspiração e orientação para guiar os povos do mundo na preservação e na melhoria do meio ambiente".

Conforme Leis (1999), foi o secretário geral da Conferência de Estocolmo, Maurice Strong, quem usou pela primeira vez a palavra "ecodesenvolvimento" no sentido de um modelo ecologicamente norteado e capaz de balizar os trabalhos do então recém-criado Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA). Porém, ainda segundo o autor, os princípios básicos do conceito foram elaborados por Ignacy Sachs com abrangência de aspectos não estritamente ambientais, a exemplo da satisfação das necessidades humanas básicas, a solidariedade com as gerações futuras, a participação da população envolvida e o respeito às culturas nativas.

Era a formulação embrionária da expressão "desenvolvimento sustentável" que, sob parâmetros globais, surgiu em 1987 no relatório "Nosso futuro comum", da Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, criada pela ONU e presidida pela ex-primeira-ministra norueguesa Gro Harlem Brundtland, razão pela qual o trabalho tornou-se conhecido também como "Relatório Brundtland".

Giddens (2010, p.86) detecta significativa semelhança entre seu alerta e o propagado pelo Clube de Roma ao colocar que, em ambos, "o texto concentrou-se na possibilidade de a indústria moderna estar esgotando seus insumos numa velocidade alarmante", quadro de manutenção impraticável sem grandes mudanças.

O autor resume a definição de desenvolvimento sustentável disseminada pela Comissão, como o desenvolvimento que atende às necessidades do presente sem comprometer a capacidade de as futuras gerações atenderem a suas necessidades e lembra que, na Cúpula da Terra, conferência da ONU realizada no Rio de Janeiro em 1992 – também comentada no capítulo anterior –, os participantes endossaram uma declaração enumerando 27 princípios do desenvolvimento sustentável, com a recomendação de que todos os países investissem em estratégias voltadas a cumpri-los.

Para Castells (1999, p.141), a "possibilidade real de desenvolvimento sustentado para cada país, cidade ou região" se transformou num debate em vários níveis, lançando um novo olhar sobre a "velha oposição simplista entre os conceitos de desenvolvimento para os pobres e preservação para os ricos".

Mas Giddens (2010, p.87) registra que a expressão "desenvolvimento sustentável", embora conquistando popularidade de magnitude capaz de levá-la a

"milhares de livros, artigos e discursos", desde o início teve "detratores, cujas vozes se tornaram cada vez mais estridentes".

De fato, um dos argumentos sobre os quais se fundamenta ao menos parte da descrença relacionada a esse novo modelo levanta o que Giddens (2010, p.88) chama de "significados meio contraditórios": "'sustentabilidade' implica continuidade e equilíbrio, enquanto 'desenvolvimento' implica dinamismo e mudança".

Essa visão encontra respaldo em Boff (2006, p.6), para quem "'desenvolvimento' e 'sustentabilidade' representam lógicas opostas"; os encara como "termos contraditórios" e, mais além, defende que "a expressão 'desenvolvimento sustentável' como proposta global para sairmos da crise mundial precisa ser revista".

Porém, conforme mostra Lima (2002, p.34), a comissão que elaborou o Relatório Brundtland já situou o desenvolvimento sustentável como um processo de mudança, em que "a exploração dos recursos, a orientação dos investimentos, os rumos do desenvolvimento tecnológico e a mudança institucional estão de acordo com as necessidades atuais e futuras". Em última análise, pondera a autora, o desenvolvimento sustentável depende de empenho político.

Lima (2002, p.35) assinala ainda que esse conceito apareceu justamente após a "descoberta" da crise ambiental provocada pelo sistema capitalista de produção, razão pela qual, afirma, o modelo e as políticas de desenvolvimento sustentável se traduzem na "apropriação do discurso ambiental pelo capitalismo e, ao mesmo tempo, uma das únicas formas técnicas de interferir com relativo sucesso nos problemas ambientais".

Para a autora, evidencia-se que o desenvolvimento sustentável é "uma posição ética e política comprometida com os aspectos econômicos da sociedade", se manifestando sob impulso de diferentes concepções e "com implicações políticas e econômicas próprias, que vão respaldar interesses sociais distintos" (LIMA, 2002, p.35).

Barreto (2009) também encara com certa desconfiança a lógica dos "proponentes do desenvolvimento sustentável":

Os indivíduos trocariam seu sistema de valores associados ao consumo, as empresas trocariam seus sistemas de valores relacionados à produção e lucro, e toda a sociedade adentraria – por meio de ações orientadas por essa ética "abstratamente concebida" – em uma era de sustentabilidade e harmonia ambiental (p.13).

No entendimento do autor, a proposta demanda uma reorientação da produção, que passaria a priorizar ganhos qualitativos em detrimento da "constante expansão em termos quantitativos", voltando-se a "produtos destinados, de fato, a atender as necessidades humanas" (BARRETO, 2009, p.13). Nessa trajetória, aponta, o consumo consciente teria papel importante, além da própria mudança de consciência dos produtores.

A base do que ele chama de "nova ética" estaria, a seu ver, "na crença de que a produção, enquanto submetida à lógica própria do sistema capitalista, se curvaria aos desígnios de uma outra consciência" (BARRETO, 2009, p.14) que, sendo ecologicamente responsável, exorta rumos qualitativamente determinados para o produto social.

Para Barreto (2009, p.14), essa perspectiva atribui a solução da questão ambiental a uma "reorientação de nossos desejos" e questiona: "neste registro, basta refrearmos nosso ímpeto consumista, nossos hábitos esbanjadores, e todo o resto se reorganiza quase que automaticamente".

Tal amplitude em termos de consciência individual requer percepções ainda distantes do senso comum. Giuliani (1999) afirma que o domínio de homens e da natureza pelos meios produtivos é mais visível nos setores em que os recursos naturais são diretamente apropriados por estes, como na mineração e na agricultura. Por outro lado, coloca o autor, a atividade industrial opera em um processo de transformação da natureza cuja complexidade, ainda que exponha as relações sociais e as "formas de exploração dos homens", "mantém invisíveis os elementos da natureza que existem em seus processos produtivos e em seus produtos" (p.14).

Nesse panorama,

É difícil para nós estar sempre conscientes de que o farto papel de que dispomos e que é indispensável para nossa vida quotidiana vem das árvores; perceber que nosso carro vem das entranhas da terra, do látex das florestas, da areia e do petróleo; pensar, a cada vez que acendemos uma luz ou utilizamos um eletrodoméstico, que a energia que os alimenta vem dos rios; ter sempre claro que nossa comida compete com as áreas de floresta, a pureza da água e a fertilidade do solo; ou que nosso transporte e nosso conforto nas cidades competem com a estabilidade climática, etc. (GIULIANI, 1999, p.14)

Na ótica de Giuliani (1999, p.14), é recente a preocupação "pelo menos com o que vemos, de maneira que a poluição causada pelos dejetos no ar, na terra e na água já está ferindo os sentimentos no nível do senso comum".

Nesse contexto, se revela primordial a contribuição do movimento ambientalista para o disseminar de causas e efeitos dos ainda predominantes modelo de produção e padrão de consumo, ao usar de sua capilaridade e alcance – em níveis dependentes da acolhida midiática – para promover alertas nesse sentido.

2.3 A "AVENTURA HUMANA" REPENSADA

Castells (1999, p.141) avalia que o movimento ambientalista granjeou "posição de destaque no cenário da aventura humana", tomando por base "seu impacto em valores culturais e instituições da sociedade" no último quarto do século XX.

Ilustrando tal assertiva, o autor pondera que o debate acerca das questões ambientais contemporâneas, entre as quais um possível aquecimento global, teria contribuído para lançar as bases de "uma reorientação das instituições e políticas no sentido de um sistema socioeconômico responsável do ponto de vista ambiental" (CASTELLS, 1999, p.142).

São transformações profundas, cuja autoria, em grande parte, ele atribui claramente:

O movimento ambientalista multifacetado que surgiu a partir do final dos anos 60 na maior parte do mundo, principalmente nos Estados Unidos e norte da Europa, encontra-se, em grande medida, no cerne de uma reversão drástica das formas pelas quais pensamos na relação entre economia, sociedade e natureza, propiciando assim o desenvolvimento de uma nova cultura (CASTELLS, 1999, p.142)

Na análise de Castells (1999, p.161), o movimento ambientalista angariou um sucesso singular em comparação a outras forças sociais, tendo em vista sua "notável capacidade de adaptação às condições de comunicação e mobilização apresentadas pelo novo paradigma tecnológico". Essa estratégia, diz o autor, se ampara não só na atenção despertada por intermédio da criação de eventos

pontuais: a "presença constante de temas ambientais na mídia dotou-lhes de uma legitimidade bem maior que a atribuída a outras causas" (p.161).

Especificamente no Brasil, Rodrigues (1993, p.227) mostra que o movimento ambientalista vicejou embalado pelo ressurgir do ativismo político e pela reorganização da sociedade civil subsequentes ao fim do sistema autoritário (1964/1984). Nesse contexto, afirma a autora, o ativismo internacional teria contribuído para projetar sobre o movimento ambientalista brasileiro uma dose extra de legitimidade.

Jacobi (2003) enumera algumas causas de especial relevância abraçadas, à época da ditadura militar e logo a seu término, por grupos então concentrados nas regiões Sul e Sudeste. São campanhas de abrangência regional e mesmo nacional, como as de denúncia contra o desmatamento na Amazônia em 1978 e a inundação de Sete Quedas no Rio Paraná (1979-1983); as refratárias à construção de usinas nucleares (1977-1985) e pela aprovação de leis do controle e de estímulo ao uso intensivo de agrotóxicos (1982-1985).

Registra Jacobi (2003, p.5) que muitas destas lutas, ao conquistar significativa repercussão no exterior, tornaram-se agentes multiplicadores de pressões contra o governo brasileiro durante os anos finais do regime autoritário: as forças de militantes engajados, afirma o autor, se complementaram a partir da "volta de ativistas políticos ao país após a anistia, bastante influenciados pelos movimentos ambientalistas da Europa e Estados Unidos".

Essa influência se expande aos ideários dos grupos ambientalistas brasileiros, segundo Jacobi (2003, p.6), sobretudo no que tange "à adoção de um sistema de valores que representa um questionamento dos impactos da civilização urbano-industrial".

As causas propagadas pelos movimentos ambientalistas articulam-se, portanto, visceralmente imbricadas com a *práxis* da comunicação, numa sinergia consoante à apreciação de Hannigan (2009, p.107), para quem "seria difícil para um problema emergente penetrar na arena da mídia de massa sem a validação destes grupos".

2.4 MOVIMENTOS SOCIAIS: UM NOVO *LOCUS* DE EXERCÍCIO CIDADÃO

Num espectro mais amplo, é importante situar a sociedade civil, dada sua condição de representar em vários níveis – conforme expõe Scherer-Warren (2006, p.110) – os caminhos pelos quais "os interesses e os valores da cidadania se organizam em cada sociedade" no concretizar de "suas ações em prol de políticas sociais e públicas, protestos sociais, manifestações simbólicas e pressões políticas"¹¹.

Segundo a autora, ressaltando o uso de uma noção genérica e contemporânea, sociedade civil é um conceito que atualmente tende a ser utilizado num modelo de divisão tripartite da realidade, em que os outros atores são o Estado e o mercado.

Sob essa perspectiva teórica, coloca a autora, ainda que configure um universo composto por forças sociais heterogêneas, a sociedade civil

está preferencialmente relacionada à esfera da defesa da cidadania e suas respectivas formas de organização em torno de interesses públicos e valores, incluindo-se o de gratuidade/altruísmo, distinguindo-se assim dos dois primeiros setores acima que estão orientados, também preferencialmente, pelas racionalidades do poder, da regulação e da economia (SCHERER-WARREN, 2006, p.110).

Mendonça (2011, p.11) registra que Hegel, já no século XIX, promoveu a distinção entre Estado e sociedade civil. Segundo o autor, as "sociedades civis hegelianas incluem os interesses privados e as corporações, emergindo como espaço de mediação de conflitos".

Assumindo uma definição simplificada, Mendonça (2011, p.11) situa a sociedade civil como "o âmbito das relações privadas, distinto do Estado Político, que promove a superação de antagonismos".

No entanto, ressalva o autor, as entidades do modelo tripartite não têm fronteiras rigidamente demarcadas, na medida em que suas formas de ação e respectivas finalidades se confundem, bem como os efeitos dos diferentes atores. Ilustra tal

¹¹ Conforme Scherer-Warren (2006, p.110), sociedade civil aparece como sinônimo de "terceiro setor", o que, a seu ver, "não é adequado e comporta certa ambigüidade". Ressalva a autora que "terceiro setor" vem denominando as organizações formais sem fins lucrativos e não-governamentais, com interesse público, mas a sociedade civil, em que se inclui esse setor, "se refere à participação cidadã num sentido mais amplo".

assertiva afirmando que "diversos líderes de movimentos sociais atuam nas entranhas do Estado, o qual, por sua vez, terceiriza algumas de suas atribuições" (MENDONÇA, 2011, p.15), cenário em cujo meio ele conclui que "há uma extensa zona cinzenta a turvar a precisão do conceito de sociedade civil".

Santos (1998) também questiona a lógica do modelo tripartite, ao avaliar que:

O ressurgimento do terceiro setor no final do século pode ser lido como a oportunidade para o princípio da comunidade comprovar as suas vantagens comparativas em relação ao princípio do mercado e ao princípio do Estado, os quais terão falhado nas suas respectivas tentativas de hegemonizar a regulação social nos períodos anteriores, o princípio do mercado no período do capitalismo desorganizado ou capitalismo liberal, e o princípio do Estado no período do capitalismo organizado ou capitalismo fordista. Esta leitura peca, porém, por demasiado superficial (SANTOS, 1998, p.7).

Argumenta ele que não é tão claro esse duplo fracasso – em alusão ao Estado e ao mercado. Mesmo admitindo-o, considera ainda menos claro que "o princípio da comunidade, depois de um século de marginalização e de colonização por parte do Estado e do mercado" encontre recursos de autonomia e energia essenciais para que protagonize uma "nova proposta de regulação social, mais justa, capaz de repor a equação entre regulação social e emancipação social que constitui a matriz originária da modernidade ocidental" (SANTOS, 1998, p.7).

Na análise de Tavolaro (1998, p.57), em meados da década de 1970, "o papel político da sociedade civil passou a ser revigorado e apontado como o *locus* de um novo processo emancipatório". Nos Estados Unidos e Europa ocidental, aponta, o cenário se associa à reação contra a incapacidade do Estado "de encontrar respostas a problemas de ordem social e cultural", enquanto, na América Latina, o debate em torno do conceito de sociedade civil teria se revigorado por força do surgimento de "novas formas de se fazer política e de se exigir direitos", paralelamente à abertura política (p.58).

Especificamente no Brasil, conforme elucida Gohn (2010), percebe-se um nítido deslocamento nos eixos de orientação das ações coletivas a cargo da sociedade civil organizada. O foco saiu dos "pressupostos ideológicos e políticos predominantes nos movimentos sociais dos anos de 1970 e 1980", chegando, mais recentemente, aos "vínculos sociais comunitários organizados segundo critérios de cor, raça, idade, gênero, habilidades e capacidades humanas", cujas articulações configuram o "novo quadro do associativismo brasileiro" (p.12).

Verifica-se, assim, o potencial papel transformador a se constituir por intermédio dos movimentos sociais, na acepção de Peruzzo (2010), classificados como "articulações da sociedade civil constituídas por segmentos da população que se reconhecem como portadores de direitos, mas que ainda não são efetivados na prática".

Para Gohn (2010), merece destaque o reconhecimento de que os movimentos sociais, "campo de força sociopolítica", fomentam mudanças sociais diversas com suas ações (p.41). No entanto, afirma a autora, ao analisar as "redes movimentalistas e de mobilização" na qualidade de "agentes estruturantes de energias sociais e fontes de inovações" (p.169), o contexto histórico revela-se fundamental para o entendimento da realidade social.

É uma visão similar a de Bem (2006), quando situa os movimentos sociais como "os indicadores mais expressivos para a análise do funcionamento das sociedades" (p.1138). Na avaliação do autor:

Em cada momento histórico, são os movimentos sociais que revelam, como um sismógrafo, as áreas de carência estrutural, os focos de insatisfação, os desejos coletivos, permitindo a realização de uma verdadeira topografia das relações sociais. Tanto sua forma como seu conteúdo são condicionados pela específica constelação histórica, razão pela qual não se pode compreendê-los sem remissão direta às determinações históricas macroestruturais (p.1138).

Em outros termos, Bem (2006) atribui aos movimentos sociais o poder de tornar "materialmente visíveis" as "feridas" dos modelos de sociedades dentro das quais se articulam.

Ao comentar as abordagens acadêmicas relacionadas aos movimentos sociais, Miranda (2008, p.18) observa que, no universo de uma vasta produção, as investigações predominantes abarcam "ação dos sujeitos coletivos, seu surgimento no período autoritário, sua mobilização em torno de demandas materiais e, a princípio, seu caráter anti-institucional". O autor também estabelece uma interface clara entre tais estudos e a "conjuntura política, social e econômica à época das análises teóricas, assim como o momento vivido pelos movimentos sociais", reafirmando o papel do contexto nas variadas interpretações e, mais além, nas inferências dos pesquisadores.

Para Miranda (2008, p.23), "os novos movimentos sociais se apresentam como a sociedade civil em movimento", na busca por regular as pautas e agendas "sem a preocupação de fraturar (enquanto projeto) qualquer estrutura social". A seu ver, as reivindicações se baseiam em questões identitárias e por direitos das minorias, por regulações das normas da relação do Estado com a sociedade civil, numa abordagem em que "as classes sociais não ocupam centralidade".

Trata-se de uma ótica corroborada por Tavolaro (1998, p.60), para quem "não se pode mais dizer que os novos movimentos sociais sejam levados adiante por indivíduos com uma identificação de classe clara", cujas lutas dariam voz aos interesses desta, a exemplo – cita o autor – dos movimentos burgueses e proletários.

A relação entre demandas abraçadas pelos movimentos sociais e os contextos que as subsidiavam ganhou visibilidade e força no século XX, como mostram Braga, Silva e Makra (2004, p.61), a partir de um novo elemento neste panorama histórico: o desenvolvimento dos *media*. Para esses autores, ao abrir novas possibilidades de transmissão de informações, imagens e conhecimentos, o mercado midiático mudou a apresentação dos movimentos sociais, "transformando sua configuração e a dinâmica da mobilização".

A interface entre comunicação e sociedade civil tem inspirado investigações teóricas e empíricas, conforme Mendonça (2011, p.17), aglutinadas em quatro grandes eixos temáticos não singulares de todo, posto que eventualmente se sobrepõem: 1) visibilidade e movimentos sociais; 2) identidade coletiva e mobilização social; 3) democratização da comunicação; e 4) deliberação democrática e sociedade civil.

Entretanto, o autor aponta que, nas análises a se debruçarem sobre a interface entre comunicação e sociedade civil, os movimentos sociais "jogariam luz sobre questões de interesse público, elucidando formas opressivas negligenciadas (ou geradas) pelo Estado e pelas economias de mercado" (MENDONÇA, 2011, p.30). Em outros termos, coloca que "ainda são escassas as investigações empíricas que não limitem a sociedade civil a um âmbito distinto do Estado e do Mercado" (p.32), levantando a importância de estudos que atentem para as sobreposições entre essas três instâncias.

Para Melucci (1996, p.8), o sistema de meios oportunizou uma contemporaneidade global cujo interesse analítico, catapultado nas últimas décadas, enfocou "a emergência da dimensão transnacional das questões e atores sociais", a

partir da qual o planeta deixou de designar apenas um campo físico, para tornar-se um "espaço social unificado que é culturalmente e simbolicamente percebido".

Na visão do autor, se estabelece um cenário onde o mundo testemunha, em paralelo, o desenvolvimento acelerado das tecnologias de comunicação, a criação de um sistema de mídia global, o desaparecimento de históricas clivagens políticas e a colisão de diferenças culturais dentro das sociedades nacionais e sob escala mundial (MELUCCI, 1996, p.8).

Dito de outro modo, Melucci (1996, p.8) assinala uma exposição inédita das culturas humanas a tamanho confronto recíproco, assim como, a seu ver, "nunca a dimensão cultural da ação humana foi tão diretamente dirigida como o recurso central para produção e consumo".

À parte do debate acerca das matizes conceituais de sociedade civil, verifica-se o predomínio do entendimento segundo o qual as ações promovidas pelo recorte dos movimentos sociais têm sua eficácia estreitamente subordinada aos poderes midiáticos.

Antecipando a alcunha de formadora de opinião, a comunicação enquanto setor produtivo teve sua missão social vislumbrada, a rigor, já no nascedouro do que Tarde (1992, p.87) chama de "máquina de imprimir": "Coube à imprensa, tendo chegado à fase do jornal, tornar nacional, europeu, cósmico tudo aquilo de local que, outrora, qualquer que fosse seu interesse intrínseco, teria permanecido desconhecido além de um raio limitado" (p.87).

No entanto, a tessitura da sociedade pós-moderna exige uma revisão das bases epistemológicas das ciências da comunicação, acatando-se o entendimento de Lopes (2000), para quem as mudanças dos paradigmas tecnológicos implicaram em profundas alterações nas concepções científicas.

Ao defender a "necessidade de se repensar velhos conhecimentos e de se fundar novos modos de abordar os problemas da vida social e da cultura dos povos", o autor evidencia que "os problemas informacional e comunicacional são cênicos no desenho do mundo atual" (LOPES, 2000).

Na multiplicidade de sentidos evocada pelo conceito de comunicação, como apontam Mattelart (1999, p.9), a "proliferação das tecnologias e a profissionalização das práticas acrescentaram novas vozes a essa polifonia".

Para os autores, "é preciso pensar de maneira diferente a questão da liberdade e da democracia" em meio a projetos da nova ordem informacional, cujos

contrastes vieram à luz "à medida que a sociedade civil organizada fazia que se escutasse sua voz e se tomasse consciência da importância da questão técnica para o futuro da democracia" (MATTELART, 1999, p.191).

Essa voz da sociedade civil, como se verá mais à frente, ecoa tanto mais forte quanto se cumpre a missão social implícita, em tese, no mercado midiático, porém nem sempre devidamente contemplada.

3 CAMINHOS DA COMUNICAÇÃO NA INTERFACE SOCIOAMBIENTAL

A dimensão pedagógica da atividade jornalística permeia investigações de vários autores. Para Loose e Girardi (2009), por exemplo, esse viés é imprescindível dada a heterogeneidade dos públicos a serem alcançados, cujos repertórios culturais, igualmente variados, demandam didatização dos fatos, a fim de que possam ser compreendidos em sua amplitude.

Ao situar o jornalismo enquanto fonte de aprendizagem, as autoras colocam tratar-se de um "exercício profissional que propõe levar as informações de caráter relevante e de interesse público às pessoas que buscam conhecer mais a realidade do mundo onde vivem". Esse objetivo, defendem, por si só já mostra como a produção jornalística "adentra no cotidiano de seus receptores e leva conhecimentos variados para eles – que podem ser incorporadas (ou não) aos seus modos de pensar e agir" (LOOSE; GIRARDI, 2009, p.1).

Além do jornalismo, e de forma mais abrangente, é sob esse entendimento que os estudos contemporâneos em comunicação suscitam debates frequentes, sobretudo no que tange a sua inserção operativa na vida social pós-moderna. Wolton (1999, p.8) aponta um leque de ambiguidades neste campo científico, às quais atribui um "sentimento de mal-estar que acompanha aquilo que deveria constituir um orgulho legítimo, um dos avanços mais tangíveis deste século".

De um lado, situa o autor, a comunicação, à medida que aproxima os homens, os valores e as culturas, "compensa os horrores e as barbaridades da nossa época". Estabelece-a ainda como "uma das frágeis conquistas do movimento de emancipação", cujos progressos acompanharam os combates pela liberdade, pelos direitos do Homem e pela democracia (WOLTON, 1999, p.8).

Por outro lado, entretanto, ainda que reconhecendo "possibilidades de intercâmbio decuplicadas", Wolton (1999, p.8) aponta que essa liberdade individual aparentemente sem limites se expressa "por intermédio de indústrias 'culturais' cujo poder financeiro e econômico se opõe muitas vezes a qualquer ideia de cultura e de comunicação". Em sua análise, valores e interesses, ideais e ideologias se misturam, de maneira indissociável, à comunicação. Esse cenário suscita que o exercício do jornalismo, um dos campos públicos da comunicação, se dê quase sempre sobre um terreno delicado, cujos dilemas e fragilidades ganham ainda maior dimensão quando

o foco de abordagem se volta às questões ambientais, conforme será exposto ainda neste capítulo.

Não é difícil identificar essa multiplicidade de usos e interesses nos fluxos comunicativos, tomando-se por base o histórico delineado pelos Mattelart (1999, p.13), quando colocam que:

Centrada de início na questão das redes físicas, e projetada no núcleo da ideologia do progresso, a noção de comunicação englobou, no final do século XIX, a gestão das multidões humanas. O pensamento da sociedade como organismo, como conjunto de órgãos desincumbindo-se de funções determinadas, inspira as primeiras concepções de uma "ciência da comunicação".

Ao se debruçar sobre as possibilidades de uma *episteme* das ciências da comunicação e da informação, Lopes (2000) elenca quatro pontos de reflexão preliminares sobre os quais tal processo deve se amparar. O primeiro delimita verificar o arcabouço teórico já desenvolvido, de modo a permitir a compreensão deste conhecimento sobre um novo patamar. O segundo visa estabelecer um núcleo teórico fundador, a comportar ideias e terminologia compatíveis à construção deste saber. Numa terceira etapa, prega o autor, é necessário conhecer a historicidade do desenvolvimento das teorias existentes e a relação destas com o presente, dado que, a seu ver, a localização temporal e espacial é essencial. Como quarta e última reflexão, Lopes (2000) afirma ser preciso compreender, em profundidade, as propostas existentes de solução dos problemas que venham dificultando a articulação deste campo de conhecimento. E defende que, se for constatada a necessidade, devem-se criar novas alternativas.

Lopes (2003) afirma que:

A ambigüidade da palavra não deve obscurecer o fato de a Comunicação ter sido constituída como um campo de estudos que progressivamente se *autonomiza* dentro da grande área de conhecimento que são as Ciências Sociais e Humanas. Isto porque progressivamente tem demonstrado a especificidade intrínseca de seu objeto – os fenômenos comunicacionais da sociedade atual (LOPES, 2003, p.13-14).

Num espectro mais amplo, a autora aponta como característica das Ciências Sociais o dinamismo dos objetos de estudo, haja vista os problemas levantados abrangerem fenômenos históricos, institucionais, de relações de poder, classes

sociais e manifestações culturais. Esse quadro reflete que o caráter mutante não recaia apenas sobre o objeto, mas também sobre as próprias "verdades" e "comprovações" produzidas por essas ciências (LOPES, 2003, p.37).

Conforme assinala Martino (2008, p.15), "temos muitas possibilidades de compreender o campo comunicacional – como arte, ciência, técnica etc". O autor ilustra a complexidade de tal entendimento, ao delinear o estatuto da comunicação em alguns de seus variados contextos históricos. Segundo ele, na Antiguidade vigorava o interesse sobre linguagem e fundamentos do conhecimento, ao passo que, na Renascença, comunicação referia-se, simplesmente, aos meios de transporte, comércio. Um quadro que se altera radicalmente a partir do século XIX, quando comunicação, diz o autor, se torna algo muito diferente: meios de comunicação.

Na análise de Martino (2008), o século XIX distingue-se como nascedouro de um fenômeno inigualável nas sociedades históricas anteriores, com isso gerando também a necessidade de pensá-lo:

E a primeira forma de pensar a comunicação moderna – quer dizer, esse fenômeno totalmente singular, fruto da cultura de massa, da sociedade complexa, que é a comunicação mediática – foi como informação que é produzida para ser vendida, mercantilizada e, depois, como informação mediatizada, ou seja, atravessada pela técnica (p.20).

Capparelli e Stumpf (2001, p.63) também se remetem a "uma área de conhecimento nova e multidisciplinar" ao expor como "sempre atuais" as questões evocadas frente à "identidade ou autonomia da comunicação enquanto campo – ou sobre suas interfaces com outras disciplinas" – no presente trabalho, enfatizada a interface entre comunicação e meio ambiente e, por extensão, entre comunicação e educação.

Sodré (2002, p.6) posiciona a comunicação como uma "filosofia pública, ou seja, voltada não apenas para a academia, mas com uma obrigação de compromisso de voltar-se também para o grande público, para explicar-lhe a mídia". Assim, coloca o autor, "a reflexão na comunicação é uma atividade comprometida com o real histórico, e não uma abstração inteiramente intemporal" (p.6). Mais uma vez, fica patente que, no recorte da comunicação enquanto atividade jornalística, esse compromisso com o "real histórico" em tese demandaria que a mídia assumisse sua função pedagógica, no caso da cobertura ambiental expressa, por exemplo, pela

exposição de causas e efeitos da depredação dos recursos naturais oriunda dos modelos predominantes de produção e de consumo nos países industrializados.

Como mostra Santos (2007, p.33), em todos os campos da atividade humana, espacialidades vão sendo redesenhadas com a inclusão dos espaços digitais, no que se estabelece a formação de um novo *ethos*, "reverberando nos costumes, condutas, comportamentos, com novas possibilidades de cognição". De novo revela-se o protagonismo da mídia no estabelecimento deste novo *ethos*, à medida que comportamentos e condutas podem ser estimulados a se basear numa maior propensão a escolhas individuais que favoreçam qualidade ambiental, assim como à pressão popular em prol de políticas públicas neste sentido.

Lemos (2003, p.12) também se remete a uma reconfiguração geral das práticas comunicacionais e interpessoais a partir do advento da Cibercultura, definida por ele como "a forma sócio-cultural que emerge da relação simbiótica entre a sociedade, a cultura e as novas tecnologias de base micro-eletrônica que surgiram com a convergência das telecomunicações com a informática na década de 70".

Na "conectividade generalizada" que, segundo Lemos (2003, p.14), marca a sociedade da informação, a visibilidade conferida pelo mercado midiático aos desafios contemporâneos de ordem ambiental se insere no centro de um movimento de potencial transformação no âmbito de práticas sociais e individuais danosas ao meio ambiente.

Consolida-se, assim, nas últimas décadas, um panorama de fortalecimento do papel didático da mídia que, segundo avalia Silverstone (2002, p.20), "filtra e molda realidades cotidianas, por meio de suas representações singulares e múltiplas", processo no decorrer do qual atua "fornecendo critérios, referências para a condução da vida diária, para a produção e a manutenção do senso comum".

Mas o autor faz um alerta sobre a operação contínua da mídia em envolver "as audiências", ao reivindicar, implorar sua atenção, comercial, política e esteticamente:

Nossa preocupação deve ser com os mecanismos pelos quais isso é feito, com as maneiras pelas quais os anunciantes realizam seu trabalho, como também com o modo como a política partidária é conduzida; mas também com a maneira pela qual a mídia factual alega suas verdades e suas realidades (SILVERSTONE, 2002, p.66).

Em outros termos, o autor aponta como a mais fundamental conquista retórica da mídia contemporânea, sobretudo a factual: "sua capacidade de nos convencer de que o que ela representa realmente ocorreu". A seu ver, "tanto o noticiário como o documentário levantam pretensões de verdade semelhantes" (SILVERSTONE, 2002, p.67).

Nesse panorama, assinala, a mídia prospera "recorrendo, como lhe é possível agora em nossa era eletrônica, às fontes oral e impressa; extraíndo seus recursos, cada vez mais, de culturas globais", o que viabiliza ao fornecer "a atratividade da cultura popular; atraindo, engajando, saturando, consumindo" – para Silverstone (2002, p.81), "uma mercadoria num mundo comercial". Esse cunho mercantil da informação mediatizada se impõe como obstáculo recorrente ao aprofundamento no trato das questões ambientais, conforme se verá a seguir.

3.1 JORNALISMO AMBIENTAL: O DESAFIO DE REMAR CONTRA A MARÉ

Bueno (2007, p.34) define a comunicação ambiental como "todo o conjunto de ações, estratégias, produtos, planos e esforços de comunicação destinados a promover a divulgação/promoção da causa ambiental". Ainda que integrante desse campo mais amplo, registra, o jornalismo ambiental diz respeito exclusivamente às manifestações jornalísticas.

Em outros termos, Bueno (2007) coloca que a comunicação ambiental incorpora todas as atividades de divulgação e promoção relacionadas à causa ambiental, ao passo que o jornalismo ambiental se mantém vinculado a um sistema de produção particular: o jornalístico.

Frome (2008, p.12) define o jornalismo ambiental como um ato de escrever cujo intuito, planejado, é "apresentar ao público dados sólidos e precisos, como base de uma participação bem informada no processo de tomada de decisões sobre questões ambientais".

Mas, mesmo reconhecendo os esforços de "editores e repórteres competentes", o autor expõe que as probabilidades de sua produção "receber um tratamento justo na mídia de massa, como a conhecemos hoje em dia, que visa apenas ao lucro, estão contra eles e contra o meio ambiente" (FROME, 2008, p.37).

Não é incomum a análise segundo a qual o acolhimento por parte da mídia enquanto indústria, aos embates de ordem ambiental, esbarra em prioridades nem sempre focadas no interesse público. Bueno (2007, p.36) é um dos autores a apontar uma tendência de "mídias conservadoras e comunicadores desavisados" em tornar a cobertura nessa área "refém de ações mercadológicas ou empresariais e interesses políticos". A seu ver, "confundem jornalismo ambiental com marketing verde ou ecopropaganda", não só campos conceituais e epistemológicos distintos, mas também "atrelados a compromissos de outra ordem" (p.36).

O império da lógica do lucro encontra ressonância também no sociólogo Hannigan (2009, p.132), para quem, "sempre com um olho fixo na circulação e nos números de audiência, os editores tendem a favorecer estórias que destacam controvérsia e conflito". Como resultado dessa escolha, avalia, o sensacionalismo acaba sobrepujando a sensatez. O principal ponto destacado pelo autor, contudo, é que

os editores tendem a ser mais sensíveis às pressões externas dos anunciantes corporativos e outros patrocinadores poderosos do *status quo*. Os repórteres sabem disso e ocasionalmente modificam ou deliberadamente não dão atenção a estórias significantes que envolvem ilegalidades ambientais (HANNIGAN, 2009, p.132).

Ao classificar as catástrofes como "o pão com manteiga da cobertura das notícias ambientais", Hannigan (2009, p.129) situa a superficialidade que, a seu ver, permeia a abordagem midiática nesse campo: "estórias sobre tragédias favorecem molduras monocausais ao invés de molduras envolvendo redes de causas longas e complexas".

Para Sousa e Fernandes (2002, p.160), principalmente os meios de comunicação privados e ligados a redes nacionais executam o que chamam de "manobra positivista", com o real apresentado sob o prisma de "sua utilidade, precisão e segurança na afirmação dos modelos vigentes". Desta forma, colocam os autores, quando abordam a extensão de tragédias ambientais, tais coberturas se limitam à indignação e ao apelo sensacional: "a mudança de atitude reclamada não passa pela supressão da ordem nem pela transformação do modelo de progresso".

Ângelo (2008, p.25) ilustra os percalços editoriais desse tipo de produção noticiosa, ao afirmar que "os veículos de comunicação possuem certo receio quanto

à publicação de matérias ambientais, principalmente por serem em sua maioria denúncias políticas ou empresariais", assuntos cuja disseminação "pode atrapalhar futuras negociações comerciais desses veículos".

A qualidade do tratamento midiático aos problemas ambientais acarretaria, portanto, circunstâncias de confronto direto com o *establishment*. Esse questionamento ao modelo vigente de desenvolvimento consta inclusive da Agenda 21 (ONU, 1992c), quando estabelece, em seu capítulo quarto, como principais causas da deterioração ininterrupta do meio ambiente mundial, "os padrões insustentáveis de consumo e produção, especialmente nos países industrializados". E, sob esse entendimento elenca, entre seus objetivos, a necessidade de se "desenvolver uma melhor compreensão do papel do consumo e da forma de se implementar padrões de consumo mais sustentáveis", conforme já exposto na introdução do presente trabalho.

A controvérsia frente aos ditames da sociedade de consumo revela-se, assim, um pressuposto acatado por grande número de nações, mas, na prática, plenamente imbricado com a disposição da grande mídia em abraçá-lo. O Ministério da Educação do Brasil (CONSUMO SUSTENTÁVEL, 2005, p.15) assinala que o cidadão hoje se reduz ao papel de consumidor, subjugado por "uma espécie de 'obrigação moral e cívica de consumir'". Nesse cenário, impactos específicos sobre os recursos naturais tendem a ser negligenciados, já que "em suas atividades de consumo, os indivíduos acabam agindo centrados em si mesmos, sem se preocupar com as conseqüências de suas escolhas" (p.15).

Na visão do órgão, o consumo está além de uma atividade neutra, despolitizada, à medida que envolve coesão social, produção e reprodução de valores. Assim, o ato de consumir exterioriza as maneiras pelas quais cada cidadão vê o mundo, estabelecendo uma conexão entre essa prática cotidiana e seus "valores éticos, escolhas políticas, visões sobre a natureza e comportamentos" (CONSUMO SUSTENTÁVEL, 2005, p.14).

Ao apontarem como característica da sociedade contemporânea a cultura do consumo, Ribeiro e Procópio (2007) a posicionam dentro de uma lógica no plano das significações em que cada objeto assume um valor de uso conforme os dispositivos de sentido que apresenta. Nesse cenário, produtos correspondem a estilos de vida e a estados de espírito, estratégia basilar do mercado publicitário que, segundo as autoras, minimiza possíveis resistências e amplia a necessidade de consumo.

O consumismo se insere, assim, no campo de prática social, funcionando inclusive como diferenciador identitário – o sujeito passa a autoidentificar-se pela propriedade.

Na reflexão sobre tal processo, fica claro o protagonismo da comunicação de massa e, mais além, de sua interface com a educação, formal ou não. Conforme assinala Pinto (2009), percepções cristalizadas na sociedade contemporânea, no que se refere aos sentidos de prosperidade e sucesso pessoais, atuam de modo a consolidar ações e rotinas que a Ciência atesta como deletérias ao equilíbrio ambiental, entre as quais no que concerne às mudanças climáticas.

A autora dá o exemplo da queima de combustíveis fósseis que, embora responsável por expressiva parcela da emissão de gases de efeito estufa, não se reverteu em peso decisório sobre o desejo comum da posse de um carro particular, a seu ver alimentado rotineiramente como pressuposto de status. Esse recorte cultural traduziria uma "contradição à necessidade imperiosa de se privilegiar o transporte coletivo, cujo uso, no Brasil, é fortemente associado à 'pobreza'" (PINTO, 2009, p.10). Operar de modo a impulsionar percepções e sentidos na contramão da sociedade de consumo é tarefa que, defende Pinto (2009), não pode prescindir do acesso público à informação de qualidade, com o estabelecimento de causas e efeitos das alterações do clima.

Nesse campo específico, a compreensão social quanto à responsabilidade de todos no enfrentamento das mudanças climáticas foi registrada pelo governo brasileiro, quando da criação do Fórum Brasileiro de Mudança Global do Clima, no ano de 2000. No decreto que oficializou esse trâmite, em seu artigo primeiro, já foi exposto como objetivo prioritário "conscientizar e mobilizar a sociedade para a discussão e tomada de posição sobre os problemas decorrentes da mudança do clima por gases de efeito estufa" (MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA, 2000).

Novamente, fica claro o papel da mídia em trazer à compreensão do grande público uma abordagem causal do problema e suas potenciais consequências sobre a qualidade de vida dos cidadãos.

3.2 MEIO AMBIENTE NA PAUTA: INFORMAR PARA EDUCAR E TRANSFORMAR

Especialmente no que concerne ao jornalismo ambiental, Bueno (2007, p.35) identifica na atividade o que ele chama de três funções: a informativa, a pedagógica e a política. A informativa, expõe o autor, contempla as necessidades dos cidadãos em acompanhar os principais temas relacionados à questão ambiental, de modo a considerar os impactos de posturas, processos e modelos sobre o meio ambiente e, por extensão, sobre sua qualidade de vida. A função pedagógica, segundo ele, se expressa pelo elucidar das causas e soluções para os problemas ambientais e à indicação de caminhos para a superação destes, processo que, no entendimento de Bueno (p.36), não pode prescindir da participação dos cidadãos. Por fim, remetendo-se à função política, ele ressalva que esta não se limita à instância da política-partidária, mas sim, num sentido amplificado, à "mobilização dos cidadãos para fazer frente aos interesses que condicionam o agravamento da questão ambiental".

Para o autor, o compromisso do jornalismo ambiental – "antes de tudo, jornalismo" – é com o interesse público, com a democratização do conhecimento e com a ampliação do debate; assim, "não pode ser utilizado como porta-voz de segmentos da sociedade para legitimar poderes e privilégios" (BUENO, 2007, p.36).

Rigo e Moraes (2008, p.107) também registram os múltiplos papéis da imprensa, sinalizando dois pontos basilares em sua atuação. Em primeiro lugar, a divulgação dos fatos, "de forma clara e honesta", possibilitando que os cidadãos entendam "o que a sociedade está construindo por si". O segundo papel, que as autoras situam como "mais complexo e pouco visto", se refere à educação informal, "essencial para preparar leitores de notícias para a leitura do mundo". Defendem elas que "a educação ambiental pela imprensa deveria ser tarefa constante, até porque as pessoas não param de poluir e destruir" (p.107).

Em território brasileiro, a dimensão pedagógica da mídia é oficialmente preconizada na Lei n.º 9.795 de 1999, que institui a Política Nacional de Educação Ambiental. Em seu artigo terceiro, a norma legal estabelece que "como parte do processo educativo mais amplo, todos têm direito à educação ambiental" e incumbe, em seu inciso IV, "aos meios de comunicação de massa, colaborar de maneira ativa e permanente na disseminação de informações e práticas educativas sobre meio ambiente e incorporar a dimensão ambiental em sua programação".

A rigor, tal incumbência já fora anteriormente admitida, e mais, defendida, por profissionais da indústria midiática na "Carta de Belo Horizonte". O documento, extraído ao fim do Encontro Internacional de Imprensa, Meio Ambiente e Desenvolvimento (*Green Press*), evento na capital mineira a integrar a agenda oficial da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (Rio 92), elenca entre seus princípios éticos:

São deveres da imprensa: informar sobre as práticas lesivas ao meio ambiente, alertar quanto aos seus efeitos sobre os ecossistemas e contribuir para a educação da sociedade.

O trabalho jornalístico deve estar comprometido com a promoção da qualidade de vida planetária nas diversas fases de produção e veiculação da notícia (CARTA DE BELO HORIZONTE, 1992).

O efetivo exercício desse comprometimento demanda, contudo, uma formação profissional qualificada sob parâmetros curriculares mais ousados do que os ainda predominantes. Moraes (2008, p.9) coloca que, "para fornecer informação útil e prática sobre os aspectos ambientais que rodeiam a atualidade", é preciso "ir além da resposta às questões do lide", de modo a viabilizar ao leitor a compreensão de cada tema e a subsequente reflexão "sobre seu cotidiano e sua relação com a ecologia".

Trata-se de um entendimento compartilhado por Frome (2008, p.62), quando afirma que o jornalista ambiental "não pensa em termos de quem, o que, quando, onde, por que e como". Para escrever com amplitude e perspectiva, prega o autor, deve examinar sistemas interconectados a tocarem "cada aspecto da vida: ciência, botânica, biologia, economia, história, política, ética e religião", sem que, porém, precise ter completo domínio sobre eles.

No fomento ao debate ambiental, portanto, seria determinante a capacidade do profissional de imprensa em aplicar o que Ângelo (2008, p.33) chama de "interdisciplinaridade dos eventos ecológicos". Como exemplo dessa abordagem holística – a seu ver, fundamental no jornalismo –, ele sugere que uma matéria sobre lixo seja "incrementada com populações que vivem nos bolsões de pobreza, incluindo os lixões, e também famílias que conseguem sobreviver graças aos materiais recicláveis" (p.33).

No processo de "alfabetização ecológica dos jornalistas", Campos (2006, p.219) estabelece uma relação ensino-aprendizagem de inspiração sistêmica como a única "capaz de 'libertar' o futuro profissional de preconceitos e dos condicionamentos

dominadores que traz de origem", dada a condição do Brasil "como país periférico" que, conforme o autor, inscreve a "dominação em nosso DNA sócio-cultural". O estudante de jornalismo, defende, "não pode se render a fórmulas que enquadram o mundo no rol das coisas simples" e é na sala de aula que "temos a oportunidade de ensinar os alunos a julgarem o mundo, ao invés de acatá-lo" (p.219).

Verifica-se, dessa forma, um estímulo ao jornalismo engajado, em detrimento da suposta isenção ainda encarada como alicerce no exercício ético da profissão. Ao questionar tal cobrança, Frome (2008, p.67) diz que o repórter ativista, pessoalmente envolvido em algum tema, é considerado "vulgar e impróprio", abala sua imagem como profissional, o que potencialmente resultaria em perda de credibilidade. Mas, para o autor, "a estrita separação dos fatos e opinião editorial leva à incompreensão". E sustenta que "leitores e espectadores necessitam de vozes interpretativas para guiá-los através de uma selva de fatos" (p.71).

Para Bueno (2007, p.36), desde a graduação até as redações, é preciso ser trabalhado que o jornalista ambiental "tem um compromisso que se estende além da jornada de trabalho". Dotado de consciência e capacitação, diz o autor, este profissional "será militante sempre", num cenário que, de outra forma, "conduz inevitavelmente à capitulação".

Ao situar o alcance dos meios de comunicação e a importância do jornalismo enquanto mediador dos processos de produção de sentido nas sociedades modernas, Girardi, Massierer e Schwaab (2006, p.2) atribuem à atividade a função de gerar conhecimento, mas, também e sobretudo, a de provocar o debate. Essa provocação, apontam os autores, "ganha uma carga extra de responsabilidade" quando lida com o tema ambiental, haja vista a imposição predominante nesse campo de questões de caráter múltiplo, não raro contraditórias.

A defesa clara ao engajamento dos profissionais da área parte também de Trigueiro (2005, p.1), ao afirmar que:

Quando se discute a função social do jornalista, é importante abrir espaço no meio acadêmico para o questionamento pontual e contundente do chamado "movimento de manada", alienado e insano, na direção do imediatismo, do lucro fácil e rápido, do projeto individual em detrimento do coletivo, da globalização assimétrica (que privatiza o lucro e democratiza o prejuízo), da indiferença à lenta agonia de um planeta que dá evidentes sinais de saturação.

É esse "movimento de manada", segundo o autor, que "nos projeta na direção do abismo sem que haja espaço para a reflexão" no que concerne ao questionamento do modelo, à revisão dos conceitos já estabelecidos "que se cristalizam como dogmas de uma fé tragicamente cega" (TRIGUEIRO, 2005, p.1).

Tais reflexões, pondera Moraes (2008, p.5), precisam se deter sobre as escolhas da própria sociedade, da qual o jornalista e o jornalismo fazem parte: "estamos todos convencidos de que é preciso mudar nosso modelo de consumo?". Nesse sentido, ela advoga que, na atuação docente, é preciso "abrir espaço para que os acadêmicos revejam seus conceitos, ensaiem outras práticas e modos de pensar e fazer jornalismo" (p.6).

O jornalismo ambiental, sustenta a autora, demanda o desenvolvimento de um senso crítico capaz de questionar "as essências", posicionando-se "um passo além da divulgação e da decodificação de discursos", por meio de uma abordagem ampla e contextualizada de engajamento a uma "prestação de serviço para as futuras gerações" (MORAES, 2008, p.3).

Da mesma forma, Loose e Girardi (2009, p.2) caracterizam o jornalista ambiental como um educador que, indo além da denúncia, auxilia a "formação da opinião pública em prol da sobrevivência planetária", à medida que proporciona visibilidade às questões ambientais e argumentos para cobranças ao poder público.

Verifica-se um processo no bojo do qual a cobertura dos fatos relacionados ao meio ambiente se recobre de um viés mobilizador, conforme expõem as autoras:

A sustentabilidade da vida relaciona-se profundamente com o caráter ético e cidadão que é construído, representado e descolado do coletivo social pelo campo da mídia. Nesse sentido, os meios de comunicação de massa atuam de forma predominante nas legitimações de atitudes que determinarão um rol de movimentos dentro de diferentes comunidades (LOOSE; GIRARDI, 2009, p.3).

A mobilização promovida pela sociedade civil organizada por intermédio da mídia – ou de novas vitrines constituídas pela cibercultura – reveste-se assim de centralidade no campo político. Com base nesse entendimento, Morais e Rezende (2008, p.268) apontam uma inversão nas táticas de manifestação dos movimentos sociais e ambientais, a partir da "apropriação de espaços midiáticos para a articulação de militâncias de contraordem". Isso se expressa, defendem, pela "substituição da militância radical dos discursos inflamados e barricadas" por novas formas de

protesto cuja característica está em "práticas discursivas midiáticas de espetacularização e aglutinação de espectadores/militantes" (MORAIS; REZENDE, 2008, p.268).

3.3 COMUNICAÇÃO E MOBILIZAÇÃO: O AMBIENTALISMO MOSTRA SUAS "ARMAS"

Os movimentos sociais de atuação ambientalista encerram em si o potencial de levar aos cidadãos informações mais aprofundadas e reflexivas sobre as causas e impactos do modelo desenvolvimentista vigente, posto que, conforme já colocado aqui, não operam necessariamente submetidos às perspectivas de lucro, como a indústria midiática. Segundo assinalam Moraes e Rezende (2008, p.268), a causa da sustentabilidade e preservação do meio ambiente "sempre cultivou formas simbólicas que fogem à trivialidade informativa comum à produção noticiosa oferecida pela grande mídia sobre assuntos cotidianos".

Entretanto, em sua visão, quando admitiram operar sob as lógicas características do mundo globalizado, os grupos ativistas estabeleceram um bom relacionamento com a mídia, a partir do qual foi se configurando um plano estratégico de visibilidade para ações contra-hegemônicas.

A sinergia entre comunicação e mobilização pode, teoricamente, determinar o fracasso ou o êxito das metas estabelecidas pelos movimentos sociais – entre eles, o de foco ambientalista –, como registram Toro e Werneck (1996b, p.5), para quem "mobilizar é convocar vontades para atuar na busca de um propósito comum, sob uma interpretação e um sentido também compartilhados".

Nesse convocar de vontades e compartilhar de sentidos, as estratégias de comunicação nas mobilizações propostas pelos movimentos sociais ganham, portanto, uma centralidade exposta pelos autores, ao afirmarem que:

Toda mobilização é mobilização para alguma coisa, para alcançar um objetivo pré-definido, um propósito comum, por isso é um ato de razão. Pressupõe uma convicção coletiva da relevância, um sentido de público, daquilo que convém a todos. Para que ela seja útil a uma sociedade ela tem que estar orientada para a construção de um projeto de futuro. Se o seu propósito é passageiro, converte-se em um evento, uma campanha e não em um processo de mobilização. A mobilização requer uma dedicação contínua e produz resultados quotidianamente (TORO; WERNECK, 1996b, p.5).

Em outros termos, advogam os autores que "toda mobilização social requer um projeto de comunicação em sua estruturação" (1996, p.36). Conforme expõem Toro e Werneck (1996b), o cerne desse projeto é o compartilhamento, o mais abrangente possível, de todas as informações relacionadas ao movimento, desde seus objetivos e justificativas às ações em curso em outros lugares e ao que pensam os diversos segmentos da sociedade a respeito das ideias propostas.

Os autores apresentam três grupos nos quais podem ser classificados os modelos de comunicação. A comunicação de massa, segundo eles, se dirige às pessoas como indivíduos anônimos, sendo construída sobre códigos mais padronizados, decodificáveis por setores amplos da população. A comunicação macro – também chamada de comunicação segmentada – se volta às pessoas com base em seus papéis, trabalhos ou ocupações na sociedade, ou seja, se alicerça em códigos próprios, a circularem, por exemplo, nos sistemas de comunicação de redes ou comunidades profissionais. Por fim, a comunicação micro – ou comunicação dirigida – se encaminha a grupos ou pessoas por sua especificidade ou diferença. Assim, sempre conforme Toro e Werneck (1996b), não se constroi sobre códigos padrão, mas sobre as características próprias e diferenciais do receptor, a exemplo da comunicação entre um grupo de amigos ou em um projeto de bairro, entre outros.

Os autores assinalam que, em um projeto de comunicação participada, própria dos processos de mobilização social, geralmente os três tipos são necessários, embora realcem a comunicação macro como a fundamental, por combinar a possibilidade de criar modificações estáveis (efetividade) e a cobertura (comunicação massiva) de uma forma específica.

A comunicação também contempla o que Toro e Werneck (1996b, p.31) classificam como as quatro dimensões básicas de um processo de mobilização social – o imaginário, o campo de atuação, a coletivização e o acompanhamento –, cujas funções, operadas simultaneamente, serão detalhadas na metodologia da presente dissertação.

Especificamente no que se refere ao imaginário, os autores colocam que "deve expressar o sentido e a finalidade da mobilização", transcender o apelo racional, de modo a "tocar a emoção das pessoas", sendo "capaz de despertar a paixão" (TORO; WERNECK, 1996b, p.20).

Entre exemplos de imaginários recentes validamente propostos, os autores citam o formulado pelo então presidente dos EUA, John Kennedy, para mobilizar o país frente ao atraso científico e tecnológico em relação à URSS, quando esta, em 1957, lançou o Sputnik, o primeiro satélite artificial a ser colocado em órbita da Terra – "na próxima década vamos levar um homem a pisar na lua". Registram Toro e Werneck (1996b, p.20) que "esse imaginário orientou não apenas a corrida espacial, mas quase todo o ensino, a pesquisa e os investimentos da sociedade norte-americana durante 12 anos". E, em 1969, de fato, concretizava-se o imaginário proposto por Kennedy: "Um americano pisava na Lua".

Num exemplo mais recente e local, os autores lembram o imaginário personificado por Betinho¹² na "Ação da Cidadania contra a Fome, a Miséria e pela Vida", que agregou os mais diversos segmentos da sociedade, no Natal de 1993, se mobilizando no sentido de que nenhuma família brasileira passasse fome naquela noite.

Corroborar-se na prática o entendimento de Schubert (2008, p.20), quando pondera que "o alcance do espaço público é, em muito, determinado pelos parâmetros que a mídia impõe". Em outros termos, coloca, "o que ela maximiza torna-se importante, o que é minimizado, conseqüentemente, é irrelevante".

Entretanto, é importante ressaltar que tais estratégias e processos de mobilização já não dependem visceralmente do espaço midiático industrial, como mostra Caires (2009, p.4), também ao situar a comunicação dos movimentos sociais como "um dos vetores essenciais para o alcance dos seus objetivos":

Dos cartazes em piquetes e nos postes, aos panfletos e jornais semiartesanaís, passando pelos fanzines, a revistas e jornais de produção mais "profissional", grupos que desejam subverter algum estado de coisas precisam comunicar-se bem entre si, num movimento de articulação interna, e também com o restante da sociedade, para quem necessitam expor suas motivações, denúncias e idéias para a mudança (CAIRES, 2009, p.4).

¹² O sociólogo Herbert José de Souza, o Betinho, integrou a liderança do Movimento Pela Ética na Política, que culminou no *impeachment* do então presidente Fernando Collor de Mello, em setembro de 1992, e serviu de base para a maior mobilização da sociedade brasileira em favor das populações excluídas: a Ação da Cidadania contra a Miséria, a Fome e pela Vida, que teve seu auge entre junho de 93 e junho de 94. Neste período, 25 milhões de pessoas contribuíram de alguma forma – com doação de dinheiro, de alimentos e roupas – e outras 2,8 milhões se engajaram diretamente na campanha em um dos quatro mil comitês da Ação da Cidadania criados em todo o país. A campanha foi um dos maiores e mais organizados movimentos da sociedade civil, sem filiações partidárias ou ideológicas, a chamar a atenção para o problema da fome no Brasil. (**Desafios do Desenvolvimento**, Brasília, v.8, n.64, 2011. Disponível em: <<http://desafios2.ipea.gov.br/sites/000/17/edicoes/64/pdfs/rd64sec04.pdf>>. Acesso em: 14 jan. 2012).

Como já exposto, formam-se redes cada vez menos submissas aos interesses da estrutura midiática formal. Conforme apontava Rodrigues já em 1993, a literatura sobre movimentos sociais publicada durante a década de 60 "confere peso decisivo aos contatos pessoais na difusão de novas idéias, em lugar, por exemplo, do papel da mídia" (RODRIGUES, 1993, p.216).

A autora se remete à validade das campanhas organizadas pelos movimentos sociais, questionando até que ponto a institucionalização e formalização de seus mecanismos de contato pode limitar o pluralismo e a diversidade de tais iniciativas. A seu ver, são inegáveis as tensões entre associações "de base" e organizações ambientalistas de maior projeção e recursos, as quais, com freqüência, lideram campanhas nacionais e internacionais, "favorecidas que são por seu acesso à ordem vigente" (RODRIGUES, 1993, p.230). Esse acesso, aponta, ao mesmo tempo pode implicar em perda de sua representatividade, na hipótese das demandas e táticas se distanciarem das respectivas bases de apoio.

Chega-se aos aspectos defendidos por Andrade *et al.* (2010, p.171) em prol da eficiência de processos participativos: "Ser legítimo, horizontalizado e de dentro para fora, ou seja, parte de demandas internas de espaços sociais". Sob esse prisma, colocam os autores, a comunicação viabiliza que os agentes das ações socioambientais possam relatar as propostas presentes e futuras do público envolvido, de modo a potencializar a transmissão de informação multissetorial de educação e de integração social.

Num entendimento similar, Hannigan (2009, p.108) se refere ao "mandato duplo" dos empreendedores de uma questão ambiental, afirmando que, ao apresentá-la, "eles precisam atrair a atenção e legitimar seus argumentos".

Uma das estratégias que o autor delineia é fazer com que o problema ambiental em potencial seja visto como uma novidade importante e compreensível – os mesmos valores, lembra ele, que caracterizam a seleção de uma notícia em geral.

Nesse sentido, Traquina (2006) aponta a necessidade de se estudar o jornalismo, sobretudo encarando-o como um espaço de luta política, onde "os diversos atores políticos tentam fazer ouvir a sua voz nos meios de comunicação social". Reportando-se ao agendamento da mídia, ele registra o protagonismo dos profissionais da área em selecionar os acontecimentos a construir o noticiário e, em outros termos, que aspectos da sociedade vão estar presentes nos meios de comunicação social. Por essa razão, defende o autor, "a luta, a abrangência e a pluralidade de

opiniões são muito importantes no jornalismo", alçando o papel dos jornalistas à centralidade nas democracias contemporâneas (TRAQUINA, 2006).

Ainda que não detenha mais o poder absoluto de pulverizar os argumentos levantados por entidades do movimento ambientalista, continua claramente desejável a visibilidade conferida a qualquer causa quando ela chega a se transformar em notícia. Para Mazzarino (2007, p.55), nas sociedades contemporâneas, a mídia tornou-se "um alvo da ação estratégica dos diversos agentes sociais", no intuito de "fazer concordar as suas necessidades de acontecimentos com as dos profissionais do campo jornalístico". Nessa trajetória, segundo ela, verifica-se uma "crescente capacidade dos movimentos sociais conseguirem espaço nas agendas midiáticas apropriando-se da lógica de construção noticiosa". Registra a autora que:

A organização socioambiental participa da tal *revolução das fontes*, caracterizada pelo protagonismo que assumem alguns atores dos movimentos sociais que se profissionalizam como fontes, o que dinamiza a democracia e dá novos sentidos à cidadania. O conhecimento do código é condição para a interação simbólica (MAZZARINO, 2007, p.62).

No entanto, para sobrepor o teórico interesse público ao caráter mercantil da indústria midiática, Hannigan (2009, p.113) advoga que as questões ambientais emolduradas em termos utilitários costumam auferir melhor visibilidade do que as desprovidas deste recurso. Em outros termos, "os argumentos construídos a partir de interesses financeiros têm mais ressonância do que aqueles que são apresentados somente com base em justificações morais". A apresentação das questões ambientais, de fato, é exposta pelo autor como um dos vértices do triângulo que sustentaria a construção dos problemas nessa esfera (Figura 5):

Passos	Juntando	Apresentando	Contestando
Atividades primárias	descobrir o problema nomeando o problema determinando a base do argumento estabelecendo parâmetros	atraindo a atenção legitimando o argumento	invocando a ação mobilizando apoio defendendo a autoria
Fórum central	ciência	mídia de massa	política
Camada predominante de prova	científica	moral	legal
Papel(éis) científico(s) predominante(s)	detector de tendências	comunicador	analista de políticas aplicadas
Dificuldades potenciais	falta de clareza ambiguidade evidência de conflito científico	baixa visibilidade declínio da novidade	cooptação fadiga da questão argumentos de contrapartida
Estratégias para o sucesso	criando um foco experimental alinhando conhecimentos argumentos divisão científica do trabalho	ligação com o popular questões e causas uso da dramática verbal e visual táticas retóricas e estratégias	redes desenvolvendo técnica expertise abrindo janelas políticas

FIGURA 5 - PASSOS IMPORTANTES NA CONSTRUÇÃO DE PROBLEMAS AMBIENTAIS
 FONTE: Hannigan (2009, p.106)

Na análise de Hannigan (2009, p.109), a formulação de políticas públicas é a resposta para a ação coletiva de um movimento ou contramovimento – segundo o autor, ponto crítico no qual tais organismos são "forçados a renegociar suas estratégias, táticas e objetivos como resultado de mudanças no ambiente político".

No recorte da informação científica de ordem ambiental, os movimentos sociais a atuarem sobre essa causa entram no que Melo (2007, p.2) chama de "jogo midiático", aludindo à construção da agenda pública, ou seja, "o processo através do qual as demandas dos diversos grupos da população são transformadas em assuntos que disputam a atenção das autoridades públicas".

A intenção final dos agentes dessa disputa, coloca a autora, reside na "legitimação pública dos assuntos de seus interesses, bem como de seus proponentes, visando a concretização dos seus objetivos" (MELO, 2007, p.2).

É um entendimento similar ao de Santos (2009, p.136), quando afirma que "os recursos discursivos, como instrumentos de legitimação, exercem papel de destaque no processo de realização da ação", um domínio de "mecanismos retóricos" cuja falta levaria a "obstáculos às vezes intransponíveis".

O autor também se remete a disputas entre interesses não convergentes, colocados em curso pelos "vários projetos sociais de apreensão do meio ambiente" e que, adentrando nas agendas da mídia e da política, conquistam uma exposição a proporcionar "novos contornos à gestão pública e aos movimentos sociais" (SANTOS, 2009, p.148) – um cenário que, em menor escala, se reproduz no tratamento midiático e da comunicação do terceiro setor aos desafios impostos pelas mudanças climáticas.

3.4 COMUNICAÇÃO PARA AS MUDANÇAS CLIMÁTICAS: ALGUMAS VISÕES

Ainda que uma pesquisa criteriosa detecte estudos sobre a cobertura conferida pelo mercado midiático ao fenômeno das mudanças climáticas, empiricamente, é visível que este tema de investigação não figura entre os predominantes no campo científico da comunicação. Um dos primeiros e mais abrangentes estudos, de Boykoff (2004, p.129), analisou os conteúdos de 636 reportagens, publicadas entre 1988 e 2002 nos seis mais prestigiados veículos de comunicação dos Estados Unidos – com ênfase para o *New York Times* e o *Washington Post* –, categorizando-as em dois aspectos: a cobertura do debate sobre as contribuições antropogênicas às mudanças climáticas e a cobertura de decisões considerando ações mobilizadas pelas mudanças climáticas.

Os autores explicam o porquê da seleção de 1988 como ponto de partida para a investigação, levantando três argumentos. O primeiro deles derivou do fato de, neste ano, um cientista da Nasa, James Hansen, ter testemunhado no Congresso dos EUA em relação à existência do aquecimento global antropogênico e à necessidade imediata de ação em prol de seu enfrentamento.

Esse episódio é inclusive comentado por Hannigan (2009, p.111), ao ilustrar que "às vezes é possível descrever um evento que constitui o ponto de mutação para um problema ambiental e quando ele entra na zona da legitimidade". Segundo o autor, em relação ao aquecimento global, isto ocorreu justamente nas audiências do Senado americano em 1988, quando o "Dr. James Hansen" expressou ter 99% de certeza que o aquecimento dos anos de 1980 era conseqüência das mudanças climáticas.

Voltando ao estudo dos Boykoff (2004, p.127), eles explicitam como os outros dois critérios para a escolha de 1988 como início de sua pesquisa, o fato de, também neste ano, a então primeira-ministra britânica Margaret Thatcher ter advertido, em um discurso para a *Royal Society* em Londres, que com o aquecimento global, "nós podemos ter sem querer começado uma massiva experiência com o sistema do próprio planeta" e a ocorrência, no verão de 1988, de uma onda de calor e de grandes secas a se abater sobre a América do Norte, na visão dos Boykoff (2004) de modo a sensibilizar o público aos impactos do aquecimento global.

Entre as conclusões do trabalho, os autores afirmam que, "à luz da concordância geral na comunidade científica internacional quanto à necessidade de ações obrigatórias e imediatas para combater o aquecimento global", a cobertura da imprensa de prestígio nos Estados Unidos "tem sido seriamente e sistematicamente deficiente" (BOYKOFF; BOYKOFF, 2004, p.134).

O estudo apontou ainda uma significativa diferença entre o discurso da comunidade científica e a dos veículos de comunicação da amostra no que concerne aos dois pontos analisados: a existência de contribuição antropogênica ao aquecimento global e as decisões considerando ações com foco no problema.

Os Boykoff (2004, p.134) concluem ainda que sua pesquisa analisa o possível na "superfície da norma robusta de reportagens equilibradas", em que se ouve "ambos os lados da história", chegando à constatação de que encontrar uma reportagem equilibrada é "realmente problemático na prática, quando se discute a contribuição humana para o aquecimento global e as chamadas resultantes de ação para combatê-lo".

Em termos quantitativos, o Centro para Pesquisa de Políticas em Ciência & Tecnologia (*Center for Science & Technology Policy Research*), da Universidade de Colorado, nos EUA, disponibiliza um monitoramento sistemático da cobertura jornalística relativa às mudanças climáticas em 50 jornais¹³, de vinte países, nos seis continentes.

¹³ *The Age* (Austrália), *The Australian* (Austrália), *Business Day* (África do Sul), *Clarín* (Argentina), *the Courier-Mail* (Austrália), *The Daily Express* (e *Sunday Express*) (Reino Unido), *Daily Mail* (Reino Unido), *the Daily News* (EUA), *the Daily Telegraph* (Austrália), *Dominion Post* (Nova Zelândia), *Fiji Times* (Fiji), *The Financial Mail* (África do Sul), *Globe and Mail* (Canadá), *The Guardian* (e *Observer*) (Reino Unido), *The Herald* (Reino Unido), *The Hindu* (Índia), *Hindustan Times* (Índia), *The Independent* (e *Sunday Independent*) (Reino Unido), *Indian Express* (Índia), *the Irish Times* (Irlanda), *Japan Times* (Japão), *The Jerusalem Post* (Israel), *The Jerusalem Report* (Israel), *The Korea Herald* (Coreia do Sul), *The Korea Times* (Coreia do Sul), *The Los Angeles Times* (EUA), *The Mirror* (*Sunday Mirror*) (Reino Unido), *the Moscow News* (Rússia), *The Nation*

Ainda que, da América do Sul, só conste o periódico argentino *Clarín*, são dados representativos do interesse midiático pelo tema, apresentados comparativamente com base na quantidade de artigos por jornal em cada região, atualizados até setembro de 2011 (Figura 6).

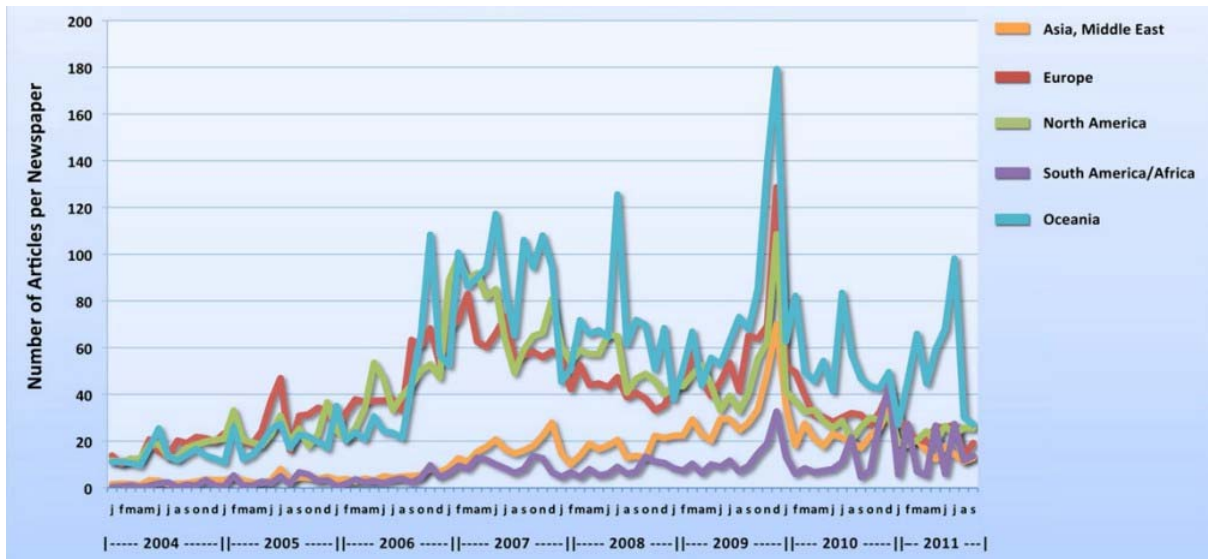


FIGURA 6 - COBERTURA MUNDIAL DA MUDANÇA CLIMÁTICA OU AQUECIMENTO GLOBAL (NÚMERO DE ARTIGOS POR JORNAL)

FONTE: Max Boykoff e Maria Mansfield (2011); Center for Science & Technology Policy Research, University of Colorado (2011)

O portal do Centro para Pesquisa de Políticas em Ciência & Tecnologia explica que os autores do levantamento – Boykoff e Mansfield – estabeleceram a amostra de publicações mundiais segundo critérios baseados nas respectivas circulações, influência política e sobre a opinião pública, além de procurar que o universo pesquisado contemplasse diversidade geográfica. É colocado ainda que o conjunto de dados foi obtido por intermédio de três dos principais motores de busca – Lexis Nexis, Factiva, e ABI/Inform –, utilizando-se os termos "*climate change OR global warming*".

Por fim, ainda no que concerne à metodologia da pesquisa, é exposto no portal que o rastreamento mês a mês começou em janeiro de 2004 em função do

(Paquistão), *The Nation* (Tailândia), *National Post* (Canadá), *The New Straits Times* (Malásia), *The New York Times* (EUA), *New Zealand Herald* (Nova Zelândia), *The Prague Post* (República Tcheca), *The Press* (Nova Zelândia), *The Scotsman* (e *Scotland* no domingo) (Reino Unido), *The South China Morning Post* (China), *The South Wales Evening Post* (Reino Unido), *The Straits Times* (Cingapura), *The Sun* (Reino Unido), *Sydney Morning Herald* (Austrália), *The Telegraph* (e *Sunday Telegraph*) (Reino Unido), *The Times* (e *Sunday Times*) (Reino Unido), *The Times of India* (Índia), *The Toronto Star* (Canadá), *USA Today* (EUA), *The Wall Street Journal* (EUA), *The Washington Post* (EUA) e *Yomiuri Shimbun* (Japão).

acesso aos dados, já que muitos arquivos de jornais da amostra só estavam disponíveis desse ponto em diante.

O trabalho, por se deter no aspecto quantitativo, não faz nenhuma análise sobre o que teria impulsionado alguns picos na cobertura midiática global referente às mudanças climáticas. No entanto, o mais expressivo deles, em dezembro de 2009, coincide com a realização da 15.^a Conferência das Partes da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima, COP-15, em Copenhague, na Dinamarca. O evento se reveste de especial importância, como mostra Fernandes (2010, p.1), pela expectativa de nele se "desenvolver um novo tratado climático de alcance global que pudesse substituir o Protocolo de Kyoto".

Essa singularidade motivou a campanha internacional Tcktkctck, que teve a versão no Brasil renomeada como TicTacTicTac, objeto de análise na presente dissertação e cujas características e objetivos são explicitados minuciosamente no capítulo que aborda a metodologia adotada.

O Relatório de Desenvolvimento 2007/2008 (p.67) do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) atribui à indústria jornalística "um papel de grande importância e de enorme responsabilidade", ao posicionar os *media* como "a principal fonte de informação para o público em geral no que diz respeito à ciência das alterações climáticas". No entanto, expõe o documento, essa cobertura enfrenta problemas sérios, em função da complexidade de muitas das questões que precisam ser tratadas:

Alguns *media* não as conseguiram esclarecer – pelo contrário. Por exemplo, tem havido um esforço mais forte nos riscos de catástrofes do que nas ameaças imediatas para o desenvolvimento humano – e, em muitos casos, as duas dimensões confundem-se (PNUD, 2007, p.67).

Um elenco das dificuldades inerentes nesse processo é estabelecido por Shanahan (2009), ao analisar a cobertura relativa às mudanças climáticas no que o autor situa como nações não industrializadas, enfocando doze delas¹⁴ – entre as quais o Brasil. Numa revisão de estudos produzidos sobre essa abordagem em cada país, ele discute os esforços locais para aprimorá-las.

¹⁴ Brasil, China, Honduras, Índia, Jamaica, México, Moçambique, África do Sul, Sri Lanka, Suazilândia, Vietnã e Zâmbia.

Depois de sugerir estratégias que, a seu ver, podem ajudar os jornalistas a lidar com as mudanças climáticas – a exemplo de organizar um banco de dados de especialistas dispostos a falar com a imprensa e glossários visando explicar os termos mais complexos –, Shanahan (2009, p.157) expõe o que chama de "grande ironia": "os países, comunidades e cidadãos que contribuíram menos para a mudança climática que mais sofrem com seus impactos. É nesses ambientes que a mídia está menos preparada para o desafio".

O reconhecimento a essa demanda foi expresso pela *Society of Environmental Journalists* (SEJ), com sede nos Estados Unidos e membros em quase 30 outros países, que disponibilizou em seu portal, em 2009, um campo específico denominado "Mudanças climáticas: Um guia para a informação e desinformação" (*Climate change: A guide to the information and disinformation, 2009*). Essa seção reúne um apanhado de *links* para estudos de agências governamentais, de instituições acadêmicas e científicas e de entidades do terceiro setor, de forma a sugerir fontes de pesquisa e conhecimento sobre o tema.

Transpor os percalços em pulverizar de forma adequada informações cuja base científica, a princípio, já as afastaria do entendimento do grande público foi também o objetivo de um estudo da Universidade de Columbia, nos Estados Unidos – "A Psicologia da Comunicação de Mudanças Climáticas" (*The Psychology of Climate Change Communication*) –, elaborado por seu Centro de Pesquisa sobre Decisões Ambientais (CRED, 2009).

O trabalho não se destina exclusivamente a jornalistas, é apresentado como um guia também para cientistas, educadores, assessores políticos e interessados no assunto de modo geral. Entretanto, suas orientações seguramente mostram-se aplicáveis no contexto dos desafios midiáticos frente à necessidade de qualificar a cobertura noticiosa relativa às mudanças climáticas.

Entre as estratégias recomendadas na perspectiva de favorecer a assimilação dos fatos pelo público, consta o uso de uma narrativa associada a metáforas, analogias, imagens e testemunhos, sem negligenciar o foco na credibilidade, pelo equilíbrio com dados científicos. Resumidamente, o estudo aponta oito "princípios da comunicação para as mudanças climáticas":

- 1) Conheça seu público;
- 2) Consiga a atenção do público;
- 3) Traduza os dados científicos em experiência concreta;

- 4) Cuidado com o uso excessivo de apelos emocionais;
- 5) Enfoque incertezas científicas e climáticas;
- 6) Explore identidades e afiliações sociais;
- 7) Incentive a participação em grupos;
- 8) Torne a mudança de comportamento mais fácil (CRED, 2009, p.49).

Ao destacar a importância de uma abordagem transversal, que estabeleça cenários a encontrarem ressonância nos públicos-alvos, a publicação do *Center for Research on Environmental Decisions* ressalva que o objetivo do conjunto de orientações não é manipular as pessoas, mas sim tornar a ciência do clima mais acessível, sem perder de vista a credibilidade.

3.4.1 Olhar sobre a cobertura no Brasil: avanços e deficiências

No cenário nacional, merece destaque o estudo "Mudanças climáticas na imprensa brasileira" (2009), produzido pela Agência de Notícias dos Direitos da Infância (Andi), com apoio do Programa de Comunicação em Mudanças Climáticas da Embaixada Britânica no Brasil e do Conselho Britânico (*British Council*) no Brasil.

Conforme exposto no resumo executivo do trabalho, ele apresenta os principais resultados alcançados a partir do monitoramento de 50 jornais de 26 estados brasileiros e do Distrito Federal, entre julho de 2005 e dezembro de 2008, com os objetivos de "avaliar em que medida questões relacionadas ao fenômeno das Mudanças Climáticas repercutem na imprensa nacional e investigar a qualidade deste conteúdo" (ANDI, 2009, p.4).

A pesquisa revelou, entre outros aspectos, que ainda predominava no período analisado um enquadramento ambiental na abordagem noticiosa, com percentuais superiores a 40%, seguido dos enfoques econômico e político, ambos com menos de 20% de ocorrência. O debate sobre desenvolvimento registrou um leve aumento entre os dois períodos sob avaliação da Andi: de 15% dos textos analisados (2005/2007) para 19% (2007/2008).

O estudo entende como fundamental "a valorização das pautas que relacionam as alterações de temperatura a aspectos específicos do contexto brasileiro" (ANDI, 2009, p.7), tendência observada a partir da referência crescente a ações levadas a

termo pelo Governo Federal e menções à adoção de metas internas de redução de emissões de gases de efeito estufa.

Outro aspecto relevante exposto pelo trabalho diz respeito à concentração da cobertura sobre mudanças climáticas nos jornais de circulação nacional – *Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo*, *O Globo*, *Correio Braziliense*, *Valor Econômico* e *Gazeta Mercantil*, os dois últimos com uma linha editorial de ênfase econômica.

Reafirma-se, dessa forma, a necessidade de maior capilaridade na divulgação jornalística do tema, processo que implica em um mínimo de rompimento com a lógica predominantemente mercantil da indústria midiática, conforme concluiu Pinto (2009), depois de analisar o conteúdo de 562 notícias sobre mudanças climáticas. A amostra foi colhida no período entre dezembro de 2008 e agosto de 2009, em cinco jornais/portais de internet de grande penetração nacional – *Folha de S. Paulo* (www.folha.com.br), *O Estado de S. Paulo* (www.estadao.com.br), *Jornal do Brasil* (www.jbonline.com.br), *G1* (www.g1.com.br, da Rede Globo) e *Yahoo!* (www.yahoo.com.br) – este o único não vinculado a um veículo da mídia impressa.

Com base nos dados obtidos, a autora constatou carência na internalização da pauta, dado o aproveitamento de material fornecido por agências noticiosas de atuação globalizada que, à exceção de um mês no período sob análise, suplanta em percentuais significativos a produção local, ou seja, concretizada no âmbito das respectivas redações (Figura 7).



FIGURA 7 - NOTÍCIAS DE AUTORIA DOS VEÍCULOS
FONTE: Pinto (2009, p.37)

Na visão da autora, a maior deficiência nessa escolha editorial é que

Ao preocuparem-se em atender a clientes (veículos) contratantes de vários países, as agências tendem, naturalmente, a abordar os aspectos relativos às Mudanças do Clima sob um viés globalizado, cujo alicerce é a homogeneidade, em detrimento de um olhar mais preciso e específico sobre os desafios e impactos locais – no caso, os focados no Brasil (PINTO, 2009, p.37).

Esse quadro leva a autora a evocar o papel do terceiro setor que, a seu ver, termina por ocupar lacunas deixadas pela mídia de massa sob o prisma de sua dimensão pedagógica e, a partir daí, potencialmente mobilizadora. Como exemplo, Pinto (2009, p.52) cita um relatório lançado pela ONG Greenpeace – "Mudança do Clima, Mudança de Vidas: como o aquecimento global já afeta o Brasil –, com o objetivo de "mobilizar a sociedade brasileira para reverter o principal problema ambiental do século 21 com ações imediatas e eficientes dentro e fora do território brasileiro" (GREENPEACE, 2006, p.6).

Fomentar essa percepção no conjunto da sociedade requer um novo ponto de vista sobre a governança ambiental, conforme observa Viegas (2004, p.2), depois de analisar notícias sobre mudanças climáticas publicadas durante todo o ano de 2003 em dois jornais de grande circulação – *Correio do Povo* (RS) e *Folha de S. Paulo* (SP). Segundo a autora, além do assunto ter sido tratado de forma "predominantemente elitista e com um certo ceticismo",

raras vezes os jornais analisados dão margem para a expressão do fenômeno mudança climática como algo de responsabilidade de cada pessoa ou que possa ser relacionado a uma conduta pessoal, cotidiana, ou que tenha um efeito sobre a história, a trajetória individual. Em geral, ela é vista como algo que cabe aos governos e às grandes empresas poluidoras resolverem: é um problema de cúpulas governamentais, ou de meganegociações aparentemente abstratas entre empresas que compram direitos de poluir na Europa plantando árvores na Amazônia, por exemplo (VIEGAS, 2004, p.2).

Esse entendimento, pondera, se distancia da realidade diária dos cidadãos, o que pode contribuir para a perda de seu interesse pelo tema.

Ao registrarem a influência dos meios de comunicação de massa sobre o estilo de vida das pessoas e a formação de suas opiniões, Heinz *et al.* (2008, p.60) classificam a mídia como um "mediador fundamental entre a Ciência contemporânea e a população", de modo a cumprir um duplo papel: informar e educar.

Os autores catalogaram reportagens abordando os temas "aquecimento global" e "efeito estufa" do ano de 2006, publicadas em cada uma das três maiores revistas semanais de informação geral com circulação nacional – *Veja*, *IstoÉ* e *Época*. Deste universo, selecionaram, entre as edições, a reportagem de cada publicação com maior centimetragem, chegando a três objetos de análise qualitativa.

Os resultados levaram Heinz *et al.* (2008, p.76) a concluir que, a despeito de "equivocos cometidos pelas revistas" no trato com o tema, elas são importantes para ajudar a conscientizar os cidadãos brasileiros sobre os atuais problemas ambientais, razão pela qual os autores sugerem que essas e outras publicações do gênero "incrementassem sua oferta de Jornalismo Científico, em favor de uma sociedade mais ciente dos zelos necessários para com a Natureza".

No entanto, a consecução desse propósito, como já visto, implica não só em administrar eventuais embates com o *establishment*, mas também em investimentos na capacitação dos jornalistas, sem a qual, dificilmente, eles serão capazes de traduzir dados científicos, via de regra complexos, num patamar acessível ao público leigo – desafio no qual se insere plenamente a fundamentação científica das mudanças climáticas.

Para essa mediação ser operada com o máximo de eficácia, Sabbatini (2004, p.237) diz que se reclama cada vez mais a figura da "terceira pessoa": o divulgador científico, definido por ele como "um profissional especializado que conheça tanto as características intrínsecas da ciência e da tecnologia quanto às práticas profissionais do jornalismo e da comunicação" – em outros termos, "uma ponte entre mundos tão distintos".

Nessa crítica à cobertura jornalística de foco científico, Sabbatini (2004, p.240) cita a falta de contexto, que se reflete, a seu ver, em abordagens deficientes na apresentação de contrastes entre diversos pontos de vista e teorias, o que favoreceria uma visão global do assunto em questão. Passando ao caso específico das mudanças climáticas, a apresentação de suas origens e impactos sob uma análise sistêmica, não exclusivamente ambiental, em tese contribuiria para aproximar o público receptor da percepção de que o problema pode atingir – ou já atinge – diretamente sua qualidade de vida.

Para Sabbatini (2004), quando a informação científica é tratada sob o prisma da curiosidade ou do exotismo, perde-se o critério por meio do qual se viabiliza a distinção entre a importância real e a repercussão dos avanços noticiados. No bojo

dessa problemática, o autor alerta: "Esquece-se o dever de informar, sentido pedagógico do jornalismo, de auxiliar o leitor na compreensão dos fatos, como resultado de que o leitor já não possui critérios do que é realmente válido e do que deve ser assimilado" (SABBATINI, 2004, p.240).

O exercício da divulgação científica sofre interferência ainda das fontes de informação, no que Sabbatini (2004, p.240) observa uma certa "comodidade" do jornalista atuante neste nicho, quando se baseia somente nos comunicados de imprensa, estratégia segundo ele adotada por muitas revistas científicas internacionais "para buscar seu espaço dentro do cenário da comunicação científica e competir pela atenção dos meios massivos".

Na análise do autor, ao atuarem como agências de notícias, essas publicações não só fornecem aos meios a interpretação dos resultados científicos, sob os respectivos juízos de valor, como também proporcionam os "ganchos" para tornar a informação atrativa. Para Sabbatini (2004, p.240), a tendência a absorver esse material "empacotado" reduz "as possibilidades de investigação cética", ao favorecer a adoção da linguagem e do conteúdo próprios do emissor.

Verifica-se, assim, um longo caminho até a prática do entendimento de Loose e Girardi (2009, p.13), quando estabelecem cidadania e ética como palavras-chave no jornalismo e na educação, ambas atividades sociais estreitamente relacionadas, na visão das autoras, e cujos pressupostos, no recorte ambiental, "garantem a possibilidade da construção do pensamento complexo, holístico, concordante com a Ecologia Profunda".

A esfera midiática abrange valores culturais, políticos, econômicos e sociais, de modo a ampliar o debate das temáticas ambientais para além do meio escolar formal, o que, segundo Loose e Girardi (2009, p.13), confere ainda mais responsabilidade à imprensa como agente de transformação, ao "realizar coberturas sistêmicas e continuadas, que levem aos cidadãos pontos de reflexão sobre as relações entre seus modos de viver e a crise atual".

Desta forma, apesar do longo caminho a percorrer em busca de uma cobertura sobre temas ambientais de caráter pedagógico – e portanto transformador –, a produção noticiosa mediada sob parâmetros de competência ética, na esfera do ensino formal ou não, se revela um potencial instrumento de valorização, estímulo e preparo ao exercício pleno da cidadania.

4 COMUNICAÇÃO, EDUCAÇÃO E MEIO AMBIENTE

A dimensão pedagógica do jornalismo, efetivamente apropriada de forma prática em ações educacionais, vem sendo objeto de estudo de correntes de investigação que, no Brasil, adotaram predominantemente as nomenclaturas de "educomunicação", "mídia-educação" ou "comunicação/educação", aludindo à interface entre os campos. A primeira terminologia vigora sobretudo no âmbito da Escola de Comunicação e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP), que já instituiu o curso de licenciatura em Educomunicação, assim como a Universidade Federal de Campina Grande, Paraíba, foi pioneira nessa oferta, no caso com o curso de bacharelado.

Sartori e Soares (2005, p.8) apresentam quatro áreas de intervenção sistematizadas no que concerne à abrangência da educomunicação. A primeira se volta à educação para a comunicação, de modo a refletir sobre os impactos e influências dos *media*, "na relação entre os pólos do processo de comunicação (estudos de recepção)" e, na esfera pedagógica, sobre os "programas de formação de receptores autônomos e críticos frente aos meios". A segunda observa o que as autoras situam como mediação tecnológica na educação, compreendendo "os procedimentos e as reflexões em torno da presença e dos múltiplos usos das tecnologias da informação na educação" (SARTORI; SOARES, 2005, p.8).

A terceira área de intervenção, apontam, diz respeito à gestão comunicativa, ou seja, se dirige ao planejamento e execução dos processos que se articulam no bojo da Comunicação/Cultura/Educação. Contempla, por exemplo, a estruturação de relações entre professores e alunos e entre a escola e a comunidade onde está inserida. Por fim, como quarta e última área de intervenção, Sartori e Soares (2005, p.9) colocam a reflexão epistemológica que, encarando a interface entre comunicação e educação como "fenômeno cultural emergente", estimula projetos de pesquisa a legitimarem o novo campo e investigações sobre as vertentes que o compõem.

Já Mostafa (2002, p.16) posiciona o campo como um espaço epistemológico de intersecção entre a educação e a comunicação social, que abrange áreas como a educação para a comunicação – estudos de audiência, teorias da recepção etc. – e, mais recentemente, a mediação das tecnologias na educação, dada a ampliação desse universo pelas redes telemáticas.

Porém, registra Machado (2008, p.4) que existem concepções de análise variáveis para cada nomenclatura, "não sendo próximas ou convergentes em todos os casos".

O termo "educomunicação" não é recente, como mostra Citelli (2006a, p.1), ao citar que Mário Kaplún¹⁵ já o utilizava nos anos 80. Porém, foi sendo ampliado e reformulado, "seguindo novas direções e ganhando espaços em diferentes instituições de ensino e pesquisa".

Nesse campo cujo nascedouro, para o autor, decorreu dos imperativos de uma nova ordem histórica, social, cultural e econômica, a interface entre comunicação e educação cria

um outro espaço de intervenção social e de um novo agente de formação que pode atuar em lugares consagrados como a sala de aula ou nos descentramentos possibilitados pela elaboração de softwares educativos, na formatação de programas de educação à distância, na discussão da telenovela, na montagem de programas de rádio, na redação do texto jornalístico, etc. (CITELLI, 2006a, p.2).

Nesse panorama, expõe, a figura do educador não se restringe ao professor atuante na escola, podendo representar também o "jornalista, o realizador de um programa de educação à distância, o idealizador de um software interativo que permita acesso a temas de interesse tópico ou transversal" (CITELLI, 2006a, p.2).

Verifica-se, na prática, o terreno da interdiscursividade, colocada por Soares (1999, p.54) como o "mais importante e decisivo eixo construtor" do campo epistemológico, nascido dos "círculos complexos de intersecção" entre comunicação e educação, no "espaço multimodal da cultura de massa" (p.51).

Schmidt (2006, p.1) assinala que a mídia ocupa cada vez mais um espaço educativo anteriormente preenchido, em grande parte, pela família, a Igreja e a escola. Acentua, porém, que, no cenário de reflexões pós-modernas, em que vem à

¹⁵ "Argentino de nascimento, uruguaio por opção, venezuelano por acolhimento durante o exílio político", segundo colocam Meditsch e Betti (2008, p.2), Mário Kaplún (1923/1998) foi "professor, pesquisador, dramaturgo, jornalista, publicitário, autor de obras de referência em comunicação e, como o definem alguns dos estudos bio-bibliográficos, 'radioapaixonado'; artífice da educomídia, intelectual orgânico" – para os autores, "um homem além de seu tempo". (MEDITSCH, Eduardo; BETTI, Juliana Gobbi. **Mario Kaplún**: teoria e técnica radiofônica a serviço da emancipação latinoamericana. XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Natal (RN): Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2008. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-1473-1.pdf>>. Acesso em: 30 dez. 2011).

tona "o questionamento dos limites e da gênese das certezas universais e imutáveis", se estabelece a necessidade de entender a mídia como um espaço de educação. Para a autora, a mídia cria e reproduz um discurso pedagógico não só quando fala em escola, em corpos discentes e docentes, mas também ao assumir enunciados educativos que regulam ações e pensamentos da sociedade além das paredes dos estabelecimentos de ensino.

Ao captar a audiência para "a construção do nosso modo de ser", a cultura da mídia gera "efeitos na produção de subjetividades e identidades sociais", razão pela qual, coloca Schmidt (2006, p.2), "não temos mais como dar as costas àquilo que crianças e jovens estão aprendendo também fora da sala de aula".

É um movimento compartilhado no domínio do ensino formal, como aponta Citelli (2006b, p.161), quando vê na sala de aula um "espaço cruzado por mensagens, signos e códigos que não se ajustam ou se limitam à tradição conteudística e enciclopédica que rege a educação formal", na medida em que:

Os deslocamentos e crescentes processos de integração entre os *media*, com a televisão, a internet, os jogos eletrônicos, o rádio, acentuam e intensificam as migrações do conhecimento e da informação, facultando ao *sensorium* dos jovens vivenciar experiências de linguagem que não se bastam e tampouco se confinam à tradição verbal (CITELLI, 2006b, p.161).

Reportando-se exclusivamente ao conceito de mediação escolar, Orofino (2005, p.65) demonstra que, nos estabelecimentos de ensino, se entrelaçam mediações para além da institucional. As "múltiplas possibilidades de negociação de sentido", afirma, advém da superposição entre a escolar e outras duas mediações: situacional e individual.

Segundo a autora, a produção de novos sentidos sobre os produtos midiáticos consumidos por jovens e crianças todos os dias se dá nos pátios das escolas, durante jogos, brincadeiras e conversas informais, daí transcorrendo-se a mediação individual, efetivada nas trocas pessoais e intersubjetivas.

Motivados por assuntos que vão desde um atentado ou uma tragédia até o último capítulo da novela, "todos comentam, interferem, dialogam e trocam saberes e opiniões", de modo a ressemantizar aquilo que a mídia coloca na agenda do debate social. Mas, na visão da autora, a escola subestima esse papel, relegando-o ao "espontaneísmo do dia-a-dia, sem potencializar sua condição de mediadora e

sem assumir a responsabilidade sobre isso" (OROFINO, 2005, p.65). Desta forma, explica, a escola transforma-se muito mais num espaço de mediação situacional do que institucional, haja vista esse processo acontecer com mais frequência em seus pátios e corredores do que propriamente dentro das salas de aula.

Registra Orofino (2005, p.66) que várias escolas já adotam iniciativas de usos dos meios no contexto pedagógico, uma prática para a qual, defende, não existem fórmulas ou receitas prontas. O fundamental, a seu ver, é a abertura para experimentar, com a consciência dos eventuais riscos a serem trabalhados e transpostos no decorrer da "criação de novos caminhos".

4.1 DA EPISTEMOLOGIA À PRÁTICA: MUITOS DESAFIOS

Esses novos caminhos a que se refere Orofino (2005) esbarram no que Gómez (2005, p.17) entende como uma definição estreita e reducionista da educação. Segundo o autor, vigora uma percepção "fortíssima", sobretudo na América Latina, de que os meios de comunicação não têm legitimidade para ensinar, servem apenas para distrair, divertir e, quando muito, informar.

Coloca ele que procede a análise a distanciar os meios de uma intenção de educar e, ainda, de prestar um serviço público para os receptores, dada a sua perspectiva, enquanto empresas, de oferecer uma mercadoria cuja prioridade reside em auferir lucros.

Nesse contexto, Gómez (2005, p.17) advoga ser muito importante transformar essa "idéia social", na medida em que, a seu ver, os meios de comunicação "justamente divertindo e informando estão produzindo aprendizagens em todos os setores".

Em outros termos, impera ainda a visão segundo a qual educação é aquilo que se faz no ambiente escolar, seriamente, com muito esforço, daí originar-se o entendimento de que o divertido não é educação. Defende o autor, porém, que "educação pode ser muito divertida, pode ser fora da escola, pode ser muito mais do que somente instrução" (GÓMEZ, 2005, p.18).

Entre os desafios para consolidar a interface entre comunicação e educação, ele identifica a conexão de um problema de ordem metodológica com um de

natureza epistemológica. Com base nessa conexão, questiona: "Como conhecer as distintas linguagens dos meios? Como fazer sentido de diferentes linguagens, como produzir conhecimentos de distintas linguagens e como produzir conhecimento crítico da nossa interação com esses meios" (GÓMEZ, 2005, p.19).

Revela-se uma transição potencialmente obstaculizada inclusive na esfera acadêmica, tendo em vista o que o autor situa como uma "esquizofrenia", palpável até um passado recente, especialmente na América Latina, onde os pesquisadores, ao mesmo tempo em que nutriam um preconceito ideológico a movê-los para uma "guerra com os meios", os buscavam "emocionados" como objeto de estudo (GÓMEZ, 2005, p.23).

É um preconceito a ser vencido também no âmbito dos corpos docentes. Na educação formal, defende Gómez (2005, p.20), precisa ser estimulado no professor o entendimento de que a criança pode aprender qualquer linguagem, não apenas com o livro, mas em qualquer meio, em qualquer situação, dentro e fora da escola – um movimento no decorrer do qual os professores, a seu ver, terão maior relevância, na qualidade de mediadores dessas aprendizagens.

Trata-se de uma visão a encontrar ressonância em Citelli (2006b, p.166), quando afirma que "atentar para as convergências, tensões, propriedades e singularidades das linguagens na educação formal possibilita ressignificar os processos de produção do discurso escolar". Esse processo demanda, no entanto, abertura na linguagem escolar, a partir da "sintonia com dicções e signos diferenciados, capacidade de inovar e criar, atenção para os novos conhecimentos e saberes, superação das interdições e proibições".

Como exemplo do "caráter disciplinador" ainda vigente, Citelli (2006b, p.166) cita o concurso vestibular, que frequentemente determina os conteúdos ministrados nas salas de aula dos ensino fundamental e médio. Desta forma, expõe:

O desafio proposto à educação formal para o trabalho envolvendo o fluxo das palavras pelos veículos de comunicação requisita mais do que a nomeação de fenômenos gramaticais ensejados nos discursos, visto solicitar, também, o desenvolvimento de estratégias compreensivas e de apreensão dos matizes, variáveis, instâncias de uso e, sobretudo, dos valores, que construirão os campos de sentidos dos signos verbais em circulação pelos *media* (CITELLI, 2006b, p.167).

Assim, capacitar professores para o uso da mídia na escola requer "compreender as armadilhas da linguagem com suas múltiplas potencialidades e limites", conforme pondera Caldas (2006, p.124). Como exemplo, a autora cita a competência para saber reconhecer que "*dizer* não é sinônimo de *afirmar*, *ênfatizar* ou *garantir*; compreender quando se utiliza *ainda*, *já*, *mas* ou *só*; entender o porquê do processo de edição da notícia e como este se opera".

Para Fischer (2007, p.296), é indispensável ao professor na atualidade estudar as "diferentes formas de recepção e uso das informações, narrativas e interpelações" da dimensão tecnológica, à qual se associa sempre, na visão da autora, "uma dimensão simbólica fundamental".

Dentro e fora da circunscrição formal, confirma-se a importância de apreender as novas formas de aquisição do saber e do conhecimento, no que Martín-Barbero (2000, p.36) chama de ecossistemas comunicativos, cuja primeira realização, segundo ele, emerge do relacionamento entre novas tecnologias, "a partir do cartão que substitui ou dá acesso ao dinheiro até as avenidas da internet".

Nesse ecossistema comunicativo que, coloca o autor, está se tornando tão vital quanto o ecossistema da biologia, de ordem ambiental, principalmente os jovens promovem as dinâmicas pelas quais comunicação e informação seguem afetando os sistemas produtivo, político e educativo. Seriam processos mais visíveis a esta faixa etária, dada sua "empatia cognitiva e expressiva com tecnologias e novas formas de perceber o espaço e o tempo, a velocidade e a lentidão, o longe e o perto, que elas acarretam" (MARTÍN-BARBERO, 2000, p.36).

O autor defende que a escola perdeu o posto de legitimadora do conhecimento, tendo em vista a multiplicidade de conteúdos que circulam na contemporaneidade por intermédio de outros canais, de uma maneira difusa e descentralizada. A essa diversificação e disseminação para além do ambiente escolar, ele classifica como "um dos maiores desafios que o mundo da comunicação apresenta ao sistema educativo" (MARTÍN-BARBERO, 2000, p.37). Isso porque: "Na frente do professor que sabe muito bem recitar sua lição, hoje se senta um alunado que, por osmose com o meio ambiente comunicativo, está saturado de outras linguagens, saberes e escritas em circulação na sociedade" (p.37).

Soares (1999, p.66) elenca dois dos principais desafios na interface entre comunicação e educação. O primeiro deles diz respeito a determinar que papel caberia às faculdades de Educação e de Comunicação na preparação de profissionais

qualificados para o exercício da função que une os dois campos, e que ele nomeia de "educador". O outro ponto a ser transposto, a seu ver, reside na superação de resistências que os projetos sobre essa interrelação encontram junto aos órgãos financiadores de iniciativas de interação social e de pesquisa acadêmica.

Essa resistência, em grande parte, deriva de concepções ainda vigentes no entendimento de pesquisadores, para os quais "os discursos, os gestos e comportamentos de educadores e comunicadores ancoram-se em bases diferentes" (SOARES, 1999, p.53).

Segundo o autor, a educação, para estes pesquisadores, é legitimada na esfera do oficial, da necessidade mínima de construção de cidadania, enquanto a comunicação encontraria sua legitimidade na iniciativa privada, ainda que, lembra ele, a concessão de canais – no caso de rádio e TV – dependa de uma relação com o Estado.

Soares (1999, p.53) expõe ainda que os resistentes ao novo campo também argumentam um distanciamento entre os discursos da educação e da comunicação. O discurso educacional, dizem, seria "mais fechado, oficial, mais autorizado", enquanto o discurso comunicacional mostra-se "desautorizado, desrespeitoso e aberto, no sentido de que está sempre à procura do novo, do diferente, do inusitado".

Diante desse cenário, o autor considera urgente e indispensável "inaugurar atitudes teóricas e práticas que possam situar-se para além das paredes que os paradigmas tradicionais acabaram por reconhecidamente construir" (SOARES, 1999, p.54).

4.2 FORMAÇÃO CIDADÃ: DE PAULO FREIRE A NOVOS SENTIDOS SOCIAIS

Para Gomes (2001, p.196), tornou-se quase impossível uma prática pedagógica sem dialogar diretamente com as informações circulantes pelos meios de comunicação de massa. A autora adverte, porém, que surge um problema quando, ao invés de promover o diálogo, a educação se limita a reproduzir o discurso da mídia, uma "fórmula de fácil reconhecimento" se sobrepondo "à reflexão crítica e à criação de conhecimentos singulares".

Trata-se de uma ressalva também expressa por Martín-Barbero (2000, p.43) ao situar, numa "sociedade que se massifica estruturalmente, que tende a homogeneizar mesmo quando cria oportunidades de diferenciação", que a possibilidade de ser cidadão é diretamente proporcional ao desenvolvimento de sujeitos autônomos, "de gente livre tanto interiormente como em suas tomadas de posição". E por livre o autor entende pessoas capazes de "ler a publicidade e para que ela serve", gente que guarde distância dos modismos e que "pense com a própria cabeça e não com as ideias que circulam em torno delas" (p.43).

É também nesse propósito que Soares (1999, p.57) apresenta a interface entre educação e comunicação como um projeto descentralizado e plural, caracterizado pelas "múltiplas alfabetizações que o novo entorno exige, principalmente no que diz respeito aos objetivos de uma educação solidária e cidadã que emancipe os com ela envolvidos".

No que estabelecem como "um texto militante", ao abordarem a formação de educadores capazes de cumprir sua função social, Bévort e Belloni (2009, p.1081) defendem que:

Não pode haver cidadania sem apropriação crítica e criativa, por todos os cidadãos, das mídias que o progresso técnico coloca à disposição da sociedade; e a prática de integrar estas mídias nos processos educacionais em todos os níveis e modalidades, sem o que a educação que oferecemos às novas gerações continuará sendo incompleta e anacrônica, em total dissonância com as demandas sociais e culturais.

Sob esse prisma, não surpreende que muitos autores, em suas investigações acadêmicas relativas à interface comunicação/educação, mencionem o ideário do educador Paulo Freire. Sartori e Soares (2005, p.1), por exemplo, atribuem a ele a definição de "bases sólidas para gestar os espaços dos ecossistemas comunicativos", argumentando que sua teoria dialógica se baseia em "colaboração, união, organização e síntese cultural", razão pela qual se aproxima do conceito de educomunicação.

Em outros termos, as autoras registram que, para Freire, a educação é um processo da comunicação, na qualidade de "construção partilhada do conhecimento mediada por relações dialéticas entre os homens e o mundo" (SARTORI; SOARES, 2005, p.2). Além disso, expõem, a concepção política da educação, no bojo da qual Freire descartava uma suposta neutralidade do ato pedagógico, alerta para a manipulação do ser humano e, no contraponto desta, para a possibilidade de

transformação individual e social, cuja via de acesso estava na livre expressão, no diálogo e na cooperação.

O aprender a ler não só as palavras, mas o mundo, defendido por Freire e citado por Martirani (2009, p.92), sintetiza o caráter emancipatório tão presente no arcabouço teórico do educador. É uma postura recorrente evidenciada, por exemplo, quando ele afirma que as pessoas não são apenas objetos da História, mas igualmente sujeitos dela, na medida em que suas constatações alicerçam a mudança, mais do que a adaptação. Um processo no decorrer do qual,

[...] Constatando, nos tornamos capazes de intervir na realidade, tarefa incomparavelmente mais complexa e geradora de novos saberes do que simplesmente a de nos adaptar a ela. É por isso também que não me parece possível nem aceitável a posição ingênua ou, pior, astutamente neutra de quem estuda, seja o físico, o biólogo, o sociólogo, o matemático, ou o pensador da educação. Ninguém pode estar no mundo, com o mundo e com os outros de forma neutra. Não posso estar no mundo de luvas nas mãos constatando apenas. A acomodação em mim é apenas caminho para a inserção, que implica decisão, escolha, intervenção na realidade. Há perguntas a serem feitas insistentemente por todos nós e que nos fazem ver a impossibilidade de estudar por estudar (FREIRE, 1996, p.30).

Essa intervenção na realidade a que se reporta Freire subsidia um deslocamento para o trato com as questões ambientais contemporâneas, como se verá mais adiante, haja vista o contexto das mídias como "importantes e sofisticados dispositivos técnicos da comunicação que atuam em muitas esferas da vida social", gerando novos modos de perceber a realidade, conforme apontam Bévort e Belloni (2009, p.1083). As autoras destacam a importância desses aparatos sobretudo para as novas gerações, frente às quais funcionariam como instituições de socialização - uma espécie de "escola paralela", a concorrer com a escola formal e a família.

Do ponto de vista conceitual, Bévort e Belloni (2009, p.1084) assinalam a desigualdade patente nas sociedades contemporâneas no que concerne à integração desses dispositivos técnicos aos processos comunicacionais e educacionais. Enquanto nos primeiros se verifica uma apropriação imediata das novas tecnologias, por força dos ditames da lógica de mercado, ela tende a ser lenta no segmento da educação, em função de suas características estruturais e institucionais que dificultam as mudanças pedagógicas e de organização acarretadas pela integração desses dispositivos.

Nesse panorama, defendem as autoras que a instituição escolar, para cumprir efetivamente sua missão formadora de cidadania, precisa considerar a integração

das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) em "duas dimensões inseparáveis" na perspectiva da mídia-educação: "objeto de estudo e ferramenta pedagógica, ou seja, como educação para as mídias, com as mídias, sobre as mídias e pelas mídias" (BÉVORT; BELLONI, 2009, p.1084).

Em 1982, colocam as autoras, a Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), ao promover o *International Symposium on Media Education* na cidade alemã de Grünwald, com representantes de 19 países, extraiu a seu término uma declaração em que considera a importância das mídias em sua "função instrumental na promoção da participação ativa do cidadão na sociedade" (BÉVORT; BELLONI, 2009, p.1087).

Em sua análise, começava a se construir, ali, a noção de mídia-educação "como formação para a apropriação e uso das mídias como ferramenta: pedagógica para o professor; de criação, expressão pessoal e participação política para todos os cidadãos" (BÉVORT; BELLONI, 2009, p.1087).

Nesse propósito formador e de impulso à cidadania, Soares (1999, p.52) transcende a esfera pedagógica institucional, ao registrar o papel dos movimentos sociais no contexto da cultura de massa, em que, segundo ele, a educomunicação deve ser pensada e estruturada. Frente à questão "que fazem, podem ou devem fazer as pessoas com as expressões da cultura de massa" – pergunta recorrente a partir da Educação formal –, ele coloca que a resposta está

na prática social, tecida desde os anos 50 e consolidada nas últimas décadas, com a paulatina recuperação dos instrumentos e processos da comunicação por parte dos grupos organizados da sociedade civil. Não poucos destes grupos souberam resgatar a cidadania justamente a partir da apropriação e do uso das tecnologias e dos processos comunicativos (SOARES, 1999, p.52).

Como mostra Machado (2008, p.5), as discussões sobre educomunicação no Brasil por vezes relacionam a área ao uso dos meios no espaço pedagógico formal. Porém, lembra a autora que em 1999, ao término do projeto Perfil¹⁶, realizado no

¹⁶ O projeto, intitulado "A inter-relação comunicação e educação no âmbito da cultura latino-americana (o perfil dos pesquisadores e especialistas na área)", teve como pesquisador responsável o professor Ismar Soares e se iniciou em fevereiro de 1997, com término em janeiro de 1999. Em seu resumo, estabelece: "O presente projeto visa analisar como a inter-relação comunicação/cultura/educação se expressa na produção acadêmica e dos agentes especializados, na América Latina, identificando

âmbito da Escola de Comunicação e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP), "o objetivo era justamente legitimar um ofício e uma prática que nasce nos movimentos populares", sob princípios ideológicos e políticos. Segundo ela:

Tanto na Venezuela como no Uruguai, Argentina, Chile, Cuba e Brasil, pessoas chamadas de comunicadores populares, a partir da década de 1960, desenvolveram projetos com comunidades rurais, urbanas, indígenas etc., com objetivos de promover a expressão popular através dos meios ou através de práticas artísticas (nesse sentido, o teatro estava muito presente) e para essas atividades deu-se o nome de processos comunicacionais ou trabalhos desenvolvidos em Comunicação e Educação (MACHADO, 2008, p.5).

Assim, a educomunicação não nasce na universidade, mas "do que foi chamado de militância – do desejo de ter uma sociedade sem as divisões de classe" (MACHADO, 2008, p.6). Porém, assinala a autora, no período de 1960 a 1980, o objetivo do comunicador popular não era utilizar os meios, mas denunciá-los. Posteriormente é que, segundo ela, as orientações mudam, com novos olhares nas pesquisas do campo acadêmico da comunicação e o repensar de suas práticas por parte dos próprios comunicadores populares.

Essa feição popular revela-se ainda nos primórdios da interface entre educação e comunicação. Observa Martin-Barbero (1996) que, do ponto de vista histórico, o rádio desponta como o primeiro meio com vocação pedagógica, caráter a ganhar corpo já em seu nascedouro no Brasil, nas primeiras décadas do século XX, conforme expõe Citelli (2010, p.73), num panorama em que o analfabetismo atingia quase 80% da população, impondo a tradição oral sobre uma cultura de baixo letramento.

os especialistas e pesquisadores que estão envolvidos com programas, projetos de intervenção cultural e pesquisas acadêmicas, mantendo um contato sistemático e metodologicamente conduzido com tais especialistas. A pesquisa objetiva elaborar um quadro de referência que permita a identificação do estado da arte, na área estudada. O projeto visa, também, debater publicamente os resultados, através de simpósios e seminários especificamente destinados, assim como difundir via rede eletrônica de informações, o banco de dados formado a partir dos resultados da pesquisa" (Biblioteca Virtual da FAPESP. Disponível em: <<http://www.bv.fapesp.br/pt/projetos-regulares/6247/inter-relacao-comunicacao-educacao-ambito/>>. Acesso em: 2 nov. 2011).

Nos termos do autor, dois educadores, Roquette-Pinto¹⁷ e Anísio Teixeira¹⁸, viram no veículo radiofônico uma "riquíssima possibilidade de ajudar a reverter o quadro de abandono dos brasileiros quanto à educação formal" e, ainda, sua inserção num "processo mais amplo de construção de um projeto nacional" (CITELLI, 2010, p.73).

Passando à prática, Roquette-Pinto e Anísio Teixeira conceberam e operaram, em 1934, a criação da Rádio Escola Municipal do Rio de Janeiro, emissora de cunho educativo, porém "preocupada em divulgar, ao mesmo tempo, conteúdos diretamente escolares e os de natureza formativa mais geral, utilizando, para tanto, a estratégia à distância" (CITELLI, 2010, p.74).

Verifica-se o início de um processo vigoroso, como mostra Roldão (2006, p.6), ao registrar uma série de movimentos sucessivos no exercício da interface entre comunicação radiofônica e educação, primordialmente com um viés de estímulo à cidadania:

Nos anos 40 e 50, a preocupação de Roquette-Pinto com a educação incentiva o surgimento de programas específicos, como o Universidade no Ar, criado em 1941 pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro. Anos mais tarde, surgiram os cursos básicos do Sistema de Rádio Educativo Nacional (Siren), irradiados de 1957 a 1963. Nos anos 60 surge o Movimento de Educação de Base (MEB), da Igreja Católica, criando escolas radiofônicas que combinavam alfabetização com conscientização para promover mudanças de atitudes, utilizando para isso animadores populares. Uma experiência, considerada inovadora, que deu um salto de qualidade no sistema educativo através do rádio (ROLDÃO, 2006, p.6).

Nos anos 70, assinala a autora, o governo federal criou o Projeto Minerva, um programa de 30 minutos de cunho informativo-cultural e educativo, com transmissão obrigatória por todas as emissoras do país, na perspectiva de se contrapor às iniciativas de educação popular anteriores ao regime militar, a exemplo do Movimento

¹⁷ Edgard Roquette-Pinto - 1884-1954. Médico, pesquisador, cientista, educador, polígrafo, fundou a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, hoje Rádio MEC. Produziu vários textos acerca do papel do rádio como instância educadora (CITELLI, 2010, p.73).

¹⁸ Anísio Spínola Teixeira - 1900-1971. Foi um dos principais educadores brasileiros, mentor do movimento Escola Nova. Recebeu influências de John Dewey e da chamada Educação Progressiva. Escreveu um dos primeiros textos sobre as relações do rádio com a educação: "Rádio Educação" (CITELLI, 2010, p.73).

de Educação de Base (MEB)¹⁹, criado pela Igreja Católica, e de ações pedagógicas fundamentadas no método Paulo Freire – como já exposto, embebido de um caráter essencialmente libertador.

A investida governamental no Projeto Minerva, afirma Roldão (2006, p.6), não foi capaz de conquistar a população, insucesso que ela atribui à "visão tecnicista e anti-democrática", à "produção regionalizada, concentrada no eixo Sul-Sudeste" e a "uma distribuição centralizada".

Num âmbito local e contemporâneo, o Núcleo de Comunicação e Educação (NCE) da Universidade de São Paulo (USP) realizou o projeto Educom.Rádio, em 2001, tendo por objetivo "combater a violência e favorecer uma cultura de paz num determinado ecossistema educativo: as escolas do ensino fundamental da rede pública municipal de ensino", universo a compreender 455 escolas da Secretaria de Educação da Prefeitura de São Paulo. Na prática, trabalhando com a linguagem radiofônica e a elaboração, pelos professores e alunos, conjuntamente, de projetos educacionais, as ações focaram

o desenvolvimento de práticas pedagógicas solidárias e colaborativas que permitam à comunidade escolar dar respostas construtivas aos problemas da convivência diária, além de propiciar uma melhora na compreensão e na aprendizagem das várias linguagens próprias da sociedade da informação, conforme recomendam a nova LDB e os parâmetros curriculares para o ensino fundamental (USP, 2001).

Ambas as experiências – o Projeto Minerva e o Educom.Rádio – reforçam o entendimento de Citelli (2010, p.76), para quem as possíveis influências exercidas pelas mídias "devem ser olhadas em contextos culturais mais amplos e também segundo as singularidades técnicas e tecnológicas que marcam o nosso tempo".

¹⁹ A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), à qual está vinculado o Movimento de Educação de Base, o posiciona como "precursor da educação à distância, por meio das escolas radiofônicas, nascidas na arquidiocese do Rio Grande do Norte por iniciativa do então padre Eugênio Sales [Cardeal Sales, arcebispo emérito do Rio de Janeiro]. Nas décadas seguintes, além da alfabetização, implantou cursos de capacitação destinados às comunidades tais como cooperativismo e associativismo". Ainda conforme a CNBB, o "Meb ganhou prestígio logo no seu nascimento, pois em 21 de março de 1961 o presidente da República em exercício, Jânio Quadros, editou o decreto que dispôs sobre o Programa de Educação de Base, no Norte, Nordeste e Centro-Oeste. De acordo com o artigo 2.º, o Meb executaria um plano quinquenal (1961-1965) para expandir e tornar crescente a rede escolar radiofônica. Foi a partir do decreto que o Meb adquiriu estabilidade funcional". (CNBB. 2011. Disponível em: <<http://www.cnbb.org.br/site/imprensa/noticias/6085-movimento-de-educacao-de-base-celebra-50-anos-de-existencia->>. Acesso em: 02 jan. 2012).

Em paralelo à proposta de integrar a comunicação mediada ao ambiente educativo, formal ou não, fazendo uso das potencialidades dos meios para se ampliar fazeres educativos, na visão do autor, é "forçoso perguntar como tudo isso ganha articulação tendo em vista a sociedade que se deseja construir" (CITELLI, 2010, p.76).

4.3 COMUNICAÇÃO/EDUCAÇÃO AMBIENTAL: A EMERGÊNCIA DE NOVOS MODELOS

Determinar os pontos cruciais em prol dessa sociedade que se deseja construir passa pela influência midiática – especialmente sobre os mais jovens – no campo dos padrões de comportamento, realçando-se que "a escola não é o único agente educativo", como assume o Ministério da Educação do Brasil (1998, p.187), em seus parâmetros curriculares nacionais relativos ao trato pedagógico com o tema meio ambiente.

Entretanto, ao mesmo tempo em que situa a mídia como "fonte de informações sobre o Meio Ambiente para a maioria das pessoas", avaliando como "inegável sua importância no desencadeamento dos debates que podem gerar transformações e soluções efetivas dos problemas locais", o órgão advoga a necessidade de uma postura crítica quanto às mensagens disseminadas pelos meios. Numa espécie de alerta, avalia que:

Muitas vezes, as questões ambientais são abordadas de forma superficial ou equivocada pelos diferentes meios de comunicação. Notícias de TV e de rádio, de jornais e revistas, programas especiais tratando de questões relacionadas ao meio ambiente têm sido cada vez mais frequentes. Paralelamente, existe o discurso veiculado pelos mesmos meios de comunicação quando propõem uma idéia de desenvolvimento que não raro entra em conflito com a idéia de respeito ao meio ambiente. São propostos e estimulados por meio do incentivo ao consumismo, desperdício, violência, egoísmo, desrespeito, preconceito, irresponsabilidade e tantas outras atitudes questionáveis dentro de uma perspectiva de melhoria de qualidade de vida (MEC, 1998, p.187-188).

Prosseguindo em sua análise, o MEC classifica como imprescindível que os educadores relativizem essas mensagens, mostrando que "elas traduzem um posicionamento diante da realidade e que é possível haver outros" (MEC, 1998, p.188).

De fato, essa mediação por parte dos educadores, do universo formal ou informal, se reveste de valor singular quando observada a tendência da indústria midiática a priorizar interesses econômicos, conforme já exposto aqui por intermédio das análises de autores como Bueno (2007).

Outro fator que justifica um exame criterioso da cobertura ambiental é a predominância de abordagens fragmentadas, sem continuidade e, de modo geral, escassamente dispostas a promover reflexões sobre os padrões contemporâneos de produção e consumo. No processo de qualificar a mediação sobre tais conteúdos jornalísticos, Luckman (2007) enfatiza a importância de que pesquisadores da educação e da comunicação desenvolvam estudos que considerem tanto as representações de quem produz o discurso da mídia quanto as do receptor:

Entender o processo de produção do material de mídia, a nosso ver, é fundamental para o exercício de leitura crítica. Da mesma forma, compreender as representações dos profissionais que produzem o discurso publicado, com todas as suas complexidades, e comparar essas representações com as leituras feitas pelo público pode trazer elementos novos e consistentes que, num médio e longo prazo, devem contribuir na perspectiva de inclusão de uma dimensão educativa na comunicação e de uma dimensão comunicacional mais eficiente na educação (LUCKMAN, 2007, p.14).

Ao analisar um dos programas da TV brasileira cujas pautas frequentemente focam o meio ambiente – o *Globo Repórter* –, Capoano (2006, p.13) conclui que o objetivo é "reter a atenção do telespectador por meio de vinculação emocional com as imagens de natureza". Assim, infere o autor, essa atenção termina "desviada a outros discursos culturais, como o culto à beleza e ao medo das perdas ambientais, que geram uma ameaça à vida na Terra", processo no qual, a seu ver, "as imagens, consideradas janelas para o mundo, tornam-se véus que chamam a atenção para si mesmas e não estimulam a reflexão do público sobre a temática".

Reafirma-se, desta forma, a utilidade da dimensão didática da mídia em processos pedagógicos, de âmbito formal ou não, cujo cerne resida na indução de reflexões e no disseminar de conhecimentos capazes de orientar a sociedade a uma relação menos predatória com os recursos naturais. A Agenda 21, em seu capítulo de número 36, que dispõe sobre "promoção do ensino, da conscientização e do treinamento", posiciona os ensinamentos formal e informal como "indispensáveis para modificar a atitude das pessoas, para que estas tenham capacidade de avaliar os problemas do desenvolvimento sustentável e abordá-los" (ONU, 1992c).

Mais além, o documento aponta o ensino como fundamental para favorecer a participação pública efetiva nas tomadas de decisão, fazendo a ressalva de que, para ser eficaz nas abordagens sobre meio ambiente e desenvolvimento, "deve integrar-se em todas as disciplinas e empregar métodos formais e informais e meios efetivos de comunicação" (ONU, 1992c).

A política pública brasileira sobre a dimensão pedagógica dos *media* ganhou um caráter plenamente oficial em 2005 com o lançamento do Programa de Educomunicação Socioambiental elaborado pelo Órgão Gestor da Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA), que agrega as divisões afins ao tema no âmbito dos Ministérios da Educação e do Meio Ambiente.

Entre os objetivos expostos na publicação, consta "lançar elementos para se pensar mais amplamente uma política de comunicação ambiental de modo geral", pela interação da PNEA a "outras instâncias de governo e da sociedade civil, inclusive da mídia" (MMA; MEC, 2005, p.5).

É nesse sentido que Soares (1999, p.56) aponta a necessidade de uma refundamentação teórico-prática e ético-política na relação dialógica entre o agir pedagógico e o agir comunicativo, tendo em vista estarem ambos entremeados pela linguagem que, em sua análise, agrega não só valor de conhecimento, mas também um valor de ação social. A este segundo, ele atribui o poder de "unir, separar, influir, integrar, persuadir, modificar ou fundamentar os comportamentos dos indivíduos".

Desse movimento de ação social, emerge a inadiável revisão dos modelos comportamentais e produtivos aos quais se atribui, como amplamente exposto aqui, significativa parcela dos danos sucessivos ao meio ambiente característicos do mundo contemporâneo, originários do problema das mudanças climáticas. Assim, reconhecer assuntos relevantes que atravessam o cotidiano das instituições escolares e dos estudantes, entre os quais os desequilíbrios socioambientais planetários, conforme Almeida (2006, p.5), requer o uso adequado dos meios de comunicação, pelas instituições de ensino, para transpor os muros que as separam "de todo o debate estabelecido pela sociedade a respeito de um imaginário da condição humana correspondente às demandas éticas e políticas da sociabilidade atual".

Entretanto, a exemplo de outros autores, Nunes e Alvim (2011, p.6) assinalam que a utilização prática da interface entre comunicação e educação não depende de uma circunscrição formal para ser operacionalizada – nesse caso, aludindo especificamente ao trato da temática socioambiental. Defendem eles que:

É possível abordá-la por meio de oficinas com a utilização de recursos como programas de rádio e televisão, além de jornais e registro fotográfico, com o intuito de incitar a participação dos sujeitos e incentivar a discussão de temas e problemas vivenciados pela própria população, nas localidades em que se encontram. Neste tipo de educação com características que perpassam as explícitas pela educação formal, a comunidade pode ser o público receptor e o agente transmissor das práticas e noções de educação socioambiental (NUNES; ALVIM, 2011, p.6).

Essa perspectiva dialógica, com ênfase na construção conjunta de sentidos, mais uma vez evoca o ideário do educador Paulo Freire, relacionado por Becker e Becker (2007, p.8) às condições básicas para se efetivar o desenvolvimento sustentável.

Na avaliação dos autores, o papel político da educação e a leitura do mundo que, potencialmente, faz dela um instrumento libertador pode "proporcionar o mergulho na compreensão do contexto em que vivemos, tirar-nos da apatia da imobilidade, da ilusão do senso comum", processos a "orientar-nos para o caminho do combate aos efeitos perversos da globalização capitalista e de construção do sonho do desenvolvimento sustentável" (BECKER; BECKER, 2007, p.8).

Ao associarem comunicação, educação e meio ambiente, Lima e Melo (2007, p.173) defendem a necessidade de preparo para entender a complexidade do tema, em cujo trato, afirmam, "não há respostas, nem receitas". Para as autoras, a prática educacional começa na admissão de que é preciso "beber nas fontes do saber já elaborado, mergulhar no entendimento do saber que só nós seremos capazes de construir e achar os canais para divulgação desse saber".

A prática tem continuidade, segundo elas, no registro e elaboração das questões ambientais pelos estudantes, escrevendo, fotografando, desenhando ou falando, num ciclo completado quando se torna público "esse processo (seja em um produto de rádio, vídeo ou de palavras escritas em jornal, boletim, cartaz, jornal-mural, folheto e tantas outras maneiras de se escrever a palavra)" (LIMA; MELO, 2007, p.173).

Nesse encontro com a própria compreensão do mundo, para além das fragmentações disciplinares, elas apontam o cerne do contributo proporcionado pela interface entre educação e comunicação, nesse recorte: pesquisar e entender o meio ambiente, produzir conhecimento sobre ele e divulgá-lo, "para que sejamos autores da nossa história" (LIMA; MELO, 2007, p.173). Elas registram que muitas crianças e jovens em todo o Brasil já "sentiram um pouquinho do gosto bom que é exercer o

direito à comunicação", que há outros, em cada escola, prontos a colaborar para a continuidade da proposta e, por fim, exortam: "Vamos dar voz a essas palavras?".

4.3.1 Práticas pelo meio ambiente: um terreno a ser percorrido

Não são comuns investigações acadêmicas descrevendo iniciativas no campo da interface entre educação e comunicação exclusivamente de foco ambiental no Brasil e tampouco avaliando os resultados destas, sob critérios científicos. O Departamento de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo disponibiliza, em seu portal, um nicho específico sobre "Educomunicação Socioambiental", agregando artigos acadêmicos – porém quase todos voltados ao conceito de forma ampla – e notícias sobre eventos na área ou sobre iniciativas em curso, na esfera pública e na do terceiro setor.

O projeto "Nossa Mídia", desenvolvido pelo Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Paraná com financiamento do Programa Universidade Sem Fronteiras da Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (Seti), atuou em oito escolas de níveis fundamental e médio, distribuídas por Curitiba e por cidades do litoral paranaense nos anos de 2009 e 2010. Uma espécie de guia concebido a partir desse trabalho se propõe a oferecer apoio a educadores ao sistematizar "o que é a Educomunicação e como podemos aplicá-la nas salas de aula, produzindo mais participação, conhecimento e cidadania" (SETI; UFPR, 2010, p.1). A publicação apresenta um elenco de ações levadas à prática em vários estados, sob o título "o que é feito em Educomunicação no Brasil", entretanto, também neste caso, não se registra nenhuma especificidade no que concerne à questão ambiental.

Colocada essa escassez de fontes científicas, dentro do Programa de Educomunicação Socioambiental, já citado anteriormente, um olhar empírico destaca o Projeto Tela Verde, promovido pelo Departamento de Educação Ambiental do Ministério do Meio Ambiente, em parceria com a Secretaria do Audiovisual do Ministério da Cultura, com o objetivo de estimular a produção audiovisual independente sobre a temática ambiental.

O projeto inclui a realização da Mostra Nacional de Produções Audiovisuais Independentes com Temática Socioambiental, o chamado Circuito Tela Verde, com uma perspectiva de participação social basilar nos propósitos da iniciativa, expostos no portal do Ministério do Meio Ambiente, no campo de ações e projetos da alçada de sua Secretaria de Articulação Institucional e Cidadania Ambiental:

O Circuito tem como objetivo promover a sensibilização e reflexão dos públicos sobre o meio em que vivem; levar filmes sobre a temática a setores excluídos dos circuitos dos festivais de vídeos ambientais, produções premiadas e/ou de reconhecida importância para conscientização socioambiental; e estimular a produção de materiais pelas próprias comunidades, sendo eles jovens, crianças e adultos, que conseguem olhar seu meio e traduzir, em processo educacional, em linguagem de áudio e vídeo. Dessa forma, busca-se conscientizar as pessoas da importância de suas ações nos processos de gestão ambiental. A comunidade não só pode, como deve participar dos processos de gestão ambiental local (MMA, 2011).

O terceiro setor abriga práticas em comunicação/educação de foco ambiental, nem sempre claramente posicionadas desta forma, o que não impede uma apropriação de seus elementos inclusive por esferas do poder público. Um exemplo está no "Manual de Educomunicação – Apoio às atividades da II Conferência Nacional Infanto-Juvenil pelo Meio Ambiente²⁰", editado pelos Ministérios do Meio Ambiente e da Educação (2006), cuja metodologia se baseia na do "Projeto Cala-Boca já morreu", associação sem fins lucrativos constituída em 2004, depois de nove anos como uma ação – também sem fins lucrativos – do Instituto Gens de Educação e Cultura, empresa com sede em São Paulo (SP). Resumidamente, a metodologia do projeto prevê quatro etapas no processo educacional: levantamento e definição da pauta; produção; apresentação e, por fim, avaliação.

²⁰ A Conferência Nacional Infanto-Juvenil pelo Meio Ambiente é promovida conjuntamente entre Ministério do Meio Ambiente (MMA) e Ministério da Educação (MEC). A primeira versão, em 2003, envolveu 16 mil escolas de todo o país, mobilizando quase seis milhões de pessoas em 4.067 municípios. O processo desencadeou o Programa Vamos Cuidar do Brasil com as Escolas, voltado à formação de professores e estudantes dos estabelecimentos de ensino participantes. A II Conferência Nacional Infanto-Juvenil pelo Meio Ambiente foi precedida por conferências locais, realizadas em 11.475 escolas públicas e privadas, urbanas e rurais de 5.^a a 8.^a séries do ensino fundamental e, também, em comunidades indígenas, quilombolas, assentamentos rurais e em grupos de meninos e meninas em situação de rua, sem acesso ao estudo formal. Ao todo, esse "amplo processo de aprendizagem voltado para a cidadania ambiental mobilizou 3.801.055 participantes". (II Conferência Nacional Infanto-Juvenil pelo Meio Ambiente – Processo e Produtos. Brasília: Ministério da Educação e Ministério do Meio Ambiente, 2005/2006).

Assim, aprofundando essas etapas, o "Manual de Educomunicação" estimula as delegações à II Conferência Nacional Infanto-Juvenil pelo Meio Ambiente, realizada em abril de 2006 na cidade goiana de Luziânia, a "contar um pouco do que aconteceu para seus professores e amigos de uma maneira mais detalhada". E convida: "Partilhe este manual com muitas pessoas – seus professores, amigos – e produzam juntos sua própria comunicação!" (MMA; MEC, 2006, p.3).

Voltando ao "Projeto Cala-Boca já morreu", com sede em São Paulo, a associação mantém uma rádio web homônima que veicula programas feitos por crianças e adolescentes ligados diretamente à iniciativa ou no bojo de séries de ações como as efetivadas num passado recente, envolvendo estudantes do ensino fundamental no Município de Sorocaba (SP).

Em suas atividades na interface comunicação/educação, com o uso do rádio e também de outros meios, foi adotada uma metodologia que, conforme expõe o "Projeto Cala-Boca já morreu", se fundamenta no direito humano à comunicação e em princípios da co-gestão, caminhos para que se possa aprender um tipo de convivência social pautada no envolvimento das pessoas em processos de construção coletiva de autoria.

Essa construção coletiva de autoria ganhou o formato final de poemas, num trabalho interdisciplinar sobre as questões ambientais desenvolvido durante três meses com estudantes de quarta série da rede estadual de ensino em São José dos Campos (SP). Ao apresentar o processo, Carvalho (2000, p.109) aponta que:

Estudando temas ambientais, os alunos tiveram a oportunidade de ler diversos textos, assistir a filmes, analisar poemas e letras de músicas, fazer visitas e entrevistas referentes ao assunto. Discutiram conceitos das várias disciplinas do currículo e vivenciaram atividades de leitura e produção de texto que culminaram com a organização e a publicação de um livro de poemas intitulado *Planeta Terra sua poesia não pode acabar*.

Já Martirani (2009, p.89) mostra como um blog tornou-se ferramenta para o "desenvolvimento de metodologia para a educação e a comunicação ambiental no contexto de uma bacia hidrográfica, com enfoque na temática da conservação dos recursos hídricos". Conforme a autora, as atividades fazem parte do projeto de pesquisa "Novas tecnologias da comunicação e educação ambiental na bacia hidrográfica do rio Corumbataí", cujo objetivo é "desenvolver – propor, aplicar,

avaliar e aprimorar – metodologia para o fortalecimento e enraizamento da educação ambiental por meio da comunicação".

Assim, o blog "Educorumbatai" foi criado em 15 de fevereiro de 2009, como "canal de experimentação para conjunto de atividades de iniciação à prática jornalística, envolvendo a produção de material textual, visual e/ou audiovisual", que a equipe do projeto desenvolve na perspectiva de "contribuir para a formação e fortalecimento da identidade e percepção socioambiental dos moradores dessa bacia hidrográfica" (MARTIRANI, 2009, p.95).

Sob esse prisma, entre as atividades do projeto, foram promovidas "oficinas de educomunicação", para trabalhar habilidades de leitura e escrita, tendo como público, em 2009, alunos de sexta série de escolas públicas de cidades por onde passa o rio Corumbataí: Analândia, Corumbataí, Rio Claro e Piracicaba.

Verifica-se a mediação dialógica, cuja qualidade depende do "cuidado de instrumentalização interativa", que "significa mediar, documentar e amplificar o intercâmbio de valores", como preconiza o Órgão Gestor da Política Nacional de Educação Ambiental (2005, p.10), para quem esse cuidado "confere ao processo educativo a qualidade indispensável do testemunho das experiências humanas".

4.4 MUDANÇAS CLIMÁTICAS: APROXIMAÇÕES EDUCOMUNICATIVAS

Ao comentar vários temas que, em tese, seriam capazes de ligar ciência e sociedade – a exemplo dos alimentos geneticamente modificados, clonagem e mudanças climáticas –, Cooper (2011, p.235) avalia que uma parcela significativa do público não é mais receptiva à comunicação sobre eles, haja vista a perspectiva deficitária que dominou o ensino das ciências por décadas.

Partindo desse entendimento, a autora sustenta a importância da *media literacy*, movimento de "alfabetização midiática" predominante nos Estados Unidos da América, país onde, conforme mostram Kellner e Share (2008, p.700), "fez alguns avanços em importantes instituições educacionais e estabeleceu duas associações nacionais". De acordo com a definição de uma delas – a *Alliance for a Media Literate America* (Aliança para uma América Midiaticamente Alfabetizada) –, exposta pelos autores, "considera-se que a alfabetização midiática consiste de uma série de

competências comunicativas, incluindo as habilidades de acessar, analisar, avaliar e comunicar" (KELLNER; SHARE, 2008, p.700).

Voltando a Cooper (2011, p.235), a autora vê na alfabetização midiática uma estratégia chave para a melhoria da aceitação pública à ciência das mudanças climáticas, no que aponta alguns caminhos:

Expansão da educação para além dos centros de ciência e museus para rádio, televisão e cinema de entretenimento, bem como para a blogosfera; criação de eventos e fóruns (ao vivo e virtuais) que facilitem o debate para a aprendizagem mútua; inclusão de pensamento crítico e habilidades de raciocínio na educação, não apenas visando testar hipóteses; meios adicionais para prover o de ferramentas para análise crítica dos meios de comunicação e meios adicionais para ajudar os cientistas e educadores em ciência a tornarem-se experientes em mídia (COOPER, 2011, p.235).

Em sua avaliação, apesar do extremo investimento, em anos e dólares, em pesquisar o aquecimento global e estimar as incertezas e riscos a ele associados, os Estados Unidos não têm feito progressos em mobilizar o público a apoiar políticas em enfrentamento ao problema. Os esforços em educação científica, defende a autora, devem ser estratégicos e expandidos corajosamente para garantir ao público pensamento crítico e habilidades em *media literacy*, capazes de ajudá-lo no reconhecimento da "enxurrada de mensagens midiáticas construídas para enganar, confundir ou predispor indivíduos à apatia ou à negação", em seus contatos com diálogos sobre mudanças climáticas (COOPER, 2011, p.235).

É também admitindo um leque de conseqüências diretas e negativas dos atuais modelos de produção e consumo sobre a qualidade de vida na Terra que Pinto (2010, p.10) levanta a necessidade de um ganho de escala na compreensão pública quanto às mudanças climáticas. Trata-se de uma meta, porém, que a autora considera utópica "sem o comprometimento nesse sentido por parte dos veículos de Comunicação de Massa", os quais, por sua vez, registra ela, via de regra operam sob a lógica do lucro. Tal lacuna, defende Pinto (2010), vem sendo suprida por entidades do terceiro setor de foco ambientalista, quadro que, a seu ver, sugere uma estratégia potencialmente válida no uso da interface entre comunicação e educação:

É nesse cenário que a mediação escolar, a partir dos enunciados midiáticos a reproduzirem demandas ambientalistas, pode estabelecer posturas cidadãs que, para além de valorizar esse tipo de cobertura, sejam capazes de induzir políticas públicas transformadoras (PINTO, 2010, p.11).

Verifica-se um elenco de interferências cognitivas sobre a crise ambiental, a cargo de entidades do terceiro setor, que levou Miranda, Schall e Modena (2007, p.17) a situarem-nas como atuantes em "distintos *loci* de produção da informação e do conhecimento, de criação e de reconhecimento de identidades e práticas culturais e sociais". Em outros termos, o movimento ambientalista se consolida em meio a diferentes ecossistemas educativos, contribuindo para a formação de cidadanias ativas.

Ao posicionarem "séculos de exploração predatória" como responsáveis pelos desafios ambientais da atualidade, Pinto e Lima (2011, p.10) atribuem grande parte de "uma crescente conscientização quanto à necessidade de rever este modelo, de implantação de uma nova ordem produtiva e de consumo", ao trabalho dos movimentos sociais ambientalistas. Por essa razão, entendem que a apropriação de peças comunicacionais da lavra do terceiro setor numa perspectiva pedagógica "pode revelar-se instrumento útil para redimensionar o exercício cidadão de cada sujeito social no enfrentamento às questões ambientais contemporâneas" (PINTO; LIMA, 2011, p.9).

Entre tais questões, as mudanças climáticas surgem como alvo de um expressivo interesse no bojo das entidades ambientalistas dotadas de maior estrutura e capilaridade midiática, ambas características não raro em nível de abrangência próximo ao global. Um exemplo está na WWF, criada em 1961 como Fundo Mundial da Natureza (*World Wildlife Fund*, daí a sigla de origem). Com sede na Suíça, se apresenta como "a maior organização do tipo no mundo, atuando ativamente em mais de cem países, nos quais desenvolve cerca de 2 mil projetos de conservação do meio ambiente", com o apoio de "quase cinco milhões de associados distribuídos em cinco continentes" (WWF-BRASIL, 2011).

Hoje chamada de Rede WWF, a organização tem representante nacional desde 1996, quando nasceu a WWF-Brasil, em cujo portal há um campo disponibilizando acesso gratuito a publicações sobre vários temas, entre os quais "Mudanças climáticas e Energia" e "Educação ambiental". Nesse segundo rol de publicações, fica patente a proposta de subsidiar investidas pedagógicas concretas, por vezes já no título, como em "Investigando a Biodiversidade: guia de apoio aos educadores do Brasil", lançado em 2010.

Na apresentação da obra, é exposto que ela volta-se à realidade brasileira e "traduz conteúdos científicos, geralmente técnicos e complexos, de forma lúdica e

atraente para sensibilizar educadores e educandos a investigar, analisar e reconhecer a importância da biodiversidade brasileira" (WWF-BRASIL, 2010).

Em que se pese a validade de observar o embasamento científico nos enunciados do terceiro setor, haja vista o propósito sugerido nesta dissertação de submetê-los à mediação pedagógica, em âmbito formal ou informal, autores como Figueiredo (2006, p.16) alertam para as lacunas da fragmentação disciplinar a usualmente envolver os saberes científicos:

Umás vezes falamos dos problemas da fome, outras dos fogos na Amazônia e outras do aquecimento global ou da destruição da camada de ozônio, como se estes assuntos não se interligassem e não se relacionassem intimamente uns com os outros, quanto mais não seja, através da atividade humana. Neste quadro, estamos com certeza longe da promoção de uma visão holística e sistêmica do planeta e dos sistemas (vivos e não-vivos) que o constituem. Estamos mais longe ainda de ver na generalidade da classe docente a compreensão e manifestação da importância da dimensão afetiva na promoção do respeito pelo mundo não-humano (FIGUEIREDO, 2006, p.16).

Na associação entre movimentos sociais de foco ambientalista com atuação no Brasil e a abordagem destes à questão das mudanças climáticas, numa perspectiva de amplificar conhecimentos sobre o tema, pode-se apontar como referência o portal do *Observatório do Clima*, rede da qual fazem parte mais de 30 entidades do terceiro setor.²¹ Entre seus objetivos, consta "promover o intercâmbio de experiências e informações e contribuir para o debate qualificado sobre os temas climáticos internamente no Brasil" e o apoio e promoção de "iniciativas de capacitação, treinamento, educação e disseminação de informação nos temas afetos às mudanças climáticas", visando a sensibilização e mobilização da sociedade em geral (OC, 2011).

²¹ Amigos da Terra - Amazônia Brasileira; APREC Ecossistemas Costeiros; APREMAVI - Associação de Preservação do Meio Ambiente e da Vida; COIAB - Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira; Comissão Pastoral da Terra - Regional Amazonas; Conservação Internacional Brasil; FBDS - Fundação Brasileira para o Desenvolvimento Sustentável; Fundação O Boticário de Proteção à Natureza; Greenpeace Brasil; GTA - Grupo de Trabalho Amazônico; IBio - Instituto BioAtlântica; ICLEI LACS - Governos Locais pela Sustentabilidade; IDESAM - Instituto de Conservação e Desenvolvimento Sustentável do Amazonas; IESB - Instituto de Estudos Sócio-Ambientais do Sul da Bahia; IIEB - Instituto Internacional de Educação do Brasil; Instituto Centro de Vida – ICV; Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia – IMAZON; Instituto Ecoar para Cidadania; Instituto Ecológica; Instituto Pró-Natura (Instituto Brasileiro de Pesquisas e Estudos Ambientais); Instituto Socioambiental – ISA; IPAM - Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia; IPÉ - Instituto de Pesquisas Ecológicas; Mater Natura - Instituto de Estudos Ambientais; SBDIMA - Sociedade Brasileira de Direito Internacional do Meio Ambiente; SNE - Sociedade Nordestina de Ecologia; SOS Amazônia; SOS Mata Atlântica; SPVS - Sociedade de Pesquisa em Vida Selvagem e Educação Ambiental; The Nature Conservancy e WWF Brasil.

Numa análise empírica, tais propósitos *a priori* já se revestem de uma expectativa de qualidade científica, haja vista o portal ter sido produzido pelas equipes de comunicação e tecnologia da informação do Centro de Estudos em Sustentabilidade (GVces) da Escola de Administração de Empresas da Fundação Getúlio Vargas (FGV-EAESP), e contar com manutenção técnica destas, segundo o exposto no campo "Sobre o Observatório". Ou seja, neste caso, a ação do terceiro setor ambientalista auferiu o respaldo de uma entidade acadêmica de renome, o que, em tese, determinaria um mínimo de gabarito científico ao conteúdo do *Observatório do Clima*.

O portal foi um dos veículos a reunir e divulgar os argumentos mobilizadores da Campanha TicTacTicTac, cuja estratégia de comunicação institucional, via onze informativos *online*, é um dos *corpus* de análise da presente dissertação, sob a perspectiva de investigar seu potencial pedagógico na prática da interface entre comunicação e educação.

5 METODOLOGIA: BASE CIENTÍFICA PARA A PRODUÇÃO CRIATIVA

Antes de elucidar sob parâmetros científicos a metodologia adotada na presente dissertação, é oportuno registrar que a pesquisa científica pressupõe adequações metodológicas as quais, embora partam de sistematizações cujos critérios se consagraram ao longo dos tempos, estão sujeitas às dinâmicas próprias de cada investigação. Revestem-se de um caráter singular, portanto, lembrado por Santaella (2001, p.131) quando afirma que: "Metodologias não são e nem podem ser receituários ou instrumentações que se oferecem para serem aplicados a todos os campos, todos os assuntos e a todos os problemas de pesquisa".

Especificamente no que concerne à pesquisa em Comunicação, o caráter multifacetado de abordagens metodológicas, não raro híbridas, pode se justificar pela onipresença do que a autora chama de "fenômeno comunicacional", atuante sobre a "vida privada e social e em várias áreas do conhecimento", ao mesmo tempo em que a Comunicação é, por si só, uma área de conhecimento a "situar-se na encruzilhada de várias disciplinas já consensuais ou emergentes" (SANTAELLA, 2001, p.75).

A completar os desafios da investigação científica nesse campo, soma-se a "expectativa de regularidade" apontada por Demo (1995, p.62) como presente sobretudo no âmbito das Ciências Sociais e que, em excesso, tende a tornar-se um fim em si mesmo, ao invés de "caminho da produção criativa".

Ao ilustrar esse alerta, ele afirma:

É preciso repisar que metodologia é instrumental para a pesquisa e não a pesquisa. Existe dificuldade real de se adequar a preocupação metodológica com a criatividade científica, se a definirmos como construção para além da tautologia, da repetição do já dito, insistindo-se na espontaneidade, mais do que em cerceamentos, capaz de ver no método uma potenciação do inventivo, não a obsessão normativista (DEMO, 1995, p.62).

Nesse panorama, Demo (1995, p.62) coloca que "o espírito inventivo aprende metodologia mais para saber rejeitar do que seguir", ressaltando, contudo, que "para desprezar as regras, é mister dominá-las".

Associar rigor científico à criatividade e ineditismo é um desafio que também se pode depreender da análise de Lopes (2001, p.52), para quem, na pesquisa em

comunicação, "as diversas tradições teórico-metodológicas, tal como nas ciências sociais em escala mais ampla, têm sido postas em revisão nos últimos anos".

Tal movimento, segundo a autora, é emblemático do que classifica como "insatisfação generalizada com o estado atual do campo e a urgência de repensar seus fundamentos e de reorientar o exercício de suas práticas", ao mesmo tempo em que descortina a "complexidade e multidimensionalidade dos fenômenos comunicativos num mundo cada vez mais globalizado, multiculturalizado e tecnologizado" e, em paralelo, também "cada vez mais fragmentado e desigual" (LOPES, 2001, p.7).

Estas reformulações seriam, entretanto, inerentes à pesquisa científica em qualquer campo, sob o prisma de Minayo (1993, p.23), que a conceitua como "prática teórica de constante busca que define um processo intrinsecamente inacabado e permanente".

Em outros termos, ao situar a pesquisa científica como "uma atividade de aproximação sucessiva da realidade que nunca se esgota, fazendo uma combinação particular entre teoria e dados", Minayo (1993, p.23) dimensiona a amplitude dos desafios metodológicos que envolvem esse processo, especialmente quando o foco da investigação está nos fenômenos comunicacionais, notoriamente cada vez mais dinâmicos e dotados de capacidade de interferir nos variados contextos sociais.

Verifica-se, contudo, um descompasso entre os movimentos da sociedade de modo geral e os da academia, sobretudo face ao desafio de inserir o discurso político em um universo mais sistêmico e menos compartimentalizado. Nessa trajetória, aponta Capra (2005, p.219) que: "A sociedade civil conta com uma rede de estudiosos, institutos de pesquisa, grupos de criação e discussão de novas idéias e centros de ensino que funcionam, em sua maior parte, fora das nossas principais universidades, empresas e órgãos de governo".

Uma das pistas para o estabelecimento desse dilema pode estar na carência do que Morin (2003) classifica como pensamento complexo, isto é, o exercício prático do pressuposto segundo o qual "a compreensão de dados particulares exige a ativação da inteligência geral e a mobilização dos conhecimentos de conjunto" (p.24).

Numa correlação com os rigores metodológicos, se observa questionamentos também vindos de Morin (2003, p.31), ao expor que "o caráter conservador da universidade pode ser vital ou estéril" – vital quando opera contra as "potentes forças de desintegração cultural"; estéril, se essa conservação torna-se "dogmática, congelada, rígida".

Silva e Menezes (2001, p.27) também apontam abalos no prestígio dos métodos científicos, abalos de certa forma esperados, posto que transcorrendo no bojo do que as autoras situam como "era do caos, do indeterminismo e da incerteza". Segundo elas, ganha corpo na atualidade a percepção de que "a ciência não é fruto de um roteiro de criação totalmente previsível" (p.28).

Ainda em alusão à crise de paradigmas contemporânea, Medina (2008, p.31) defende que: "Reencontrar a intuição criadora em meio ao arsenal racionalista tornou-se tarefa inadiável para os comunicadores, assim como para as demais áreas de conhecimento que beberam da visão e da metodologia positivistas do século XIX".

Diante do exposto, sem deixar de tentar esse "reencontro com a intuição criadora", o que não é tarefa fácil, esse trabalho de pesquisa busca um método de organização que permita um caminho de rigor científico ao escolher a análise de conteúdo como metodologia de exame do objeto, sem deixar de lado um permanente olhar holístico voltado à compreensão do todo, já que se trata de um cenário de interfaces de conhecimento, qual seja, aquelas que cruzam os saberes comunicacionais com os saberes socioambientais.

5.1 ANÁLISE DE CONTEÚDO: FUNDAMENTOS

Para efeito de compreensão sobre a metodologia de análise de conteúdo, se priorizou aqui a fundamentação teórica delineada por Bardin (1977), referência no tema. A autora define o método como um "conjunto de técnicas de análise das comunicações", campo que ela reconhece como de aplicação muito vasta, o que justifica a "disparidade de formas" e o caráter adaptável do processo investigativo baseado em tal metodologia (p.31).

Quanto às inferências caracterizadas por Bardin (1977), também chamadas pela autora de deduções lógicas, elas seriam capazes de responder a dois tipos de problemas:

- O que é que *conduziu* a um determinado enunciado? Este aspecto diz respeito às *causas* ou antecedentes da mensagem;
- quais as *consequências* que um determinado enunciado vai provavelmente provocar? Isto refere-se aos possíveis *efeitos* das mensagens (por exemplo: os efeitos de uma campanha publicitária, de propaganda). (BARDIN, 1977, p.39, grifos da autora).

Para chegar a este ponto – que compreende o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação –, Bardin (1977) aponta duas fases que o precedem: a pré-análise e a exploração do material.

De modo geral, coloca a autora, a pré-análise contempla basicamente três metas, ainda que no escopo de um programa flexível: escolha dos documentos a serem analisados; formulação das hipóteses e objetivos e, por fim, a elaboração de indicadores (ou categorias) que fundamentem a interpretação final.

Para a constituição do *corpus* documental a ser analisado, Bardin (1977) apresenta como principais regras:

- 1) exaustividade: "Não se pode deixar de fora qualquer um dos elementos por esta ou aquela razão que não possa ser justificável no plano do rigor" (p.97);
- 2) representatividade, ou seja, a amostra precisa de fato ser representativa do universo inicial. Ela ressalva, porém, que nem todo material de análise é suscetível de que dele se retire uma amostragem. Nesse caso, recomenda, "mais vale abstermo-nos e reduzir o próprio universo (e portanto o alcance da análise), se este for demasiado importante" (p.98);
- 3) homogeneidade, isto é, a reunião de documentos com critérios precisos de escolha, sem demasiada singularidade em relação a tais critérios;
- 4) pertinência, ou seja, que o *corpus* corresponda aos objetivos delineados. Para tanto, o trabalho preparatório já implica definir categorias de análise temática, no bojo do processo de codificação, sobre o qual se discorrerá mais adiante.

5.2 ADEQUAÇÃO AOS OBJETIVOS

A forma como a mídia se apropria dos discursos referentes à problemática das mudanças climáticas, produzidos por movimentos ambientalistas, poderia subsidiar conteúdos didaticamente organizados para iniciativas de educação ambiental, em esfera formal ou não? Tendo por base a questão central desta dissertação, a análise de conteúdo emerge como a metodologia capaz de submeter estes enunciados ao prisma do critério científico, assim como os discursos resultantes de sua apropriação

pela indústria jornalística. A perspectiva, assim, foi alcançar resultados com plena adesão à linha de pesquisa do Mestrado em Comunicação da UFPR na qual se insere a autora deste trabalho: "Comunicação, Educação e Formações socioculturais".

Como recorte e resultado de ação de um movimento ambientalista voltado à questão das mudanças climáticas, foi escolhida a Campanha TicTacTicTac, versão brasileira da Tcktcktck, promovida pela *Global Campaign for Climate Action*²² (Campanha Global pela Ação Climática), "uma aliança sem precedentes de mais de 300 organizações sem fins lucrativos em todo o mundo", conforme exposto em seu portal, e cuja missão é "mobilizar a sociedade civil e galvanizar o apoio público para assegurar um futuro climático seguro para as pessoas e a natureza, para promover a transição de baixo carbono das nossas economias, e acelerar os esforços de adaptação em comunidades já afetadas pela mudança climática".

No Brasil, a campanha passou por adaptações, apontadas no bojo da análise de conteúdo, mais adiante, porém se alinhando fielmente aos seus objetivos globais: "Consolidar uma série de ações em diversos países, que culminarão em uma plataforma de orientações e reivindicações a ser apresentada durante a COP-15, realizada de 7 a 19 de dezembro de 2009, em Copenhague, Dinamarca". No portal da versão brasileira, se explica que a campanha mundial articulou implantação prioritária "em alguns países importantes para o êxito das negociações, ou seja, para que tais países tenham posições e compromissos mais efetivos e adequados para salvar o planeta da catástrofe climática. A lista desses países inclui Brasil, Japão, Canadá e Polônia (que preside o processo de preparação da COP antes de Copenhague)"²³.

O campo "quem somos" no portal situava ainda o conceito do movimento, cujo alicerce – a passagem do tempo, no caso mensurada em uma contagem

²² A *Global Campaign for Climate Action* foi formada em 2008 e começou a fazer campanha no início de 2009 com o objetivo de garantir um tratado justo, ambicioso e vinculante na cúpula do clima – COP15 –, em dezembro de 2009, em Co-penhague. Um de seus membros, Kofi Annan, ex-secretário-geral da ONU e, à época, presidente do Fórum Humanitário Global, cedeu à campanha o logotipo TckTckTck, que havia sido projetado para o Fórum pela Euro RSCG, agência de publicidade internacional, tor-nando-a "a marca compartilhada para a aliança por um novo clima". (Tcktcktck. Disponível em: <<http://tcktcktck.org/about/>>. Acesso em: 12 dez. 2011.)

²³ Disponível em: <http://www.tictactictac.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=51:sobre-a-campanha&catid=40:quem-somos&Itemid=61>. Acesso em: 29 jul. 2011.

regressiva – se caracterizou pelo som universal emitido por relógios: "No dia 29 de agosto, a GCCA lançará mundialmente a Campanha TckTckTck, uma contagem regressiva de 100 dias para a COP-15, que envolve mobilização massiva de todos para pressionar lideranças governamentais a assumirem um acordo justo e equitativo na COP-15".

5.2.1 As razões do objeto de pesquisa

A seleção deste recorte entre tantas ações empreendidas pelo movimento ambientalista justifica-se por razões bem determinadas: primeiro, o caráter assumidamente mobilizador voltado à pressão cidadã sobre a esfera política da campanha global, reproduzido na TicTacTicTac – como já exposto, a versão brasileira –, o que confere a suas estratégias de comunicação centralidade no processo.

O rol de parceiros empresariais da TicTacTicTac denota o protagonismo da comunicação no bojo das metas mobilizadoras da campanha, haja vista os esforços bem-sucedidos de seus condutores em obter a adesão de grandes representantes da indústria midiática brasileira, como a Rede Globo e o Grupo Abril (Figura 8).



FIGURA 8 - PARCEIROS EMPRESARIAIS DA CAMPANHA TICTACTICTAC NO BRASIL

FONTE: Campanha TicTacTicTac (Disponível em: <http://www.tictactictac.org.br/index.php?option=com_content&view=category&layout=blog&id=41&Itemid=62>. Acesso em: 18 jun. 2011)

Um segundo ponto a se destacar é o expressivo elenco de entidades associadas aos propósitos da Campanha TicTacTicTac no Brasil. Embora este grupo de parceiros (Figura 9) tenha o predomínio de organizações do terceiro setor²⁴, principalmente daquelas cuja atuação se volta à sustentabilidade ambiental, constavam deste rol também representantes da academia, como o Centro de Estudos em Sustentabilidade (GVces) da Escola de Administração de Empresas da Fundação Getúlio Vargas (FGV-EAESP)²⁵, a Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) e a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), por intermédio de seu Programa Avançado de Cultura Contemporânea (PACC).²⁶

²⁴ Campanha 350; Instituto Akatu pelo Consumo Consciente; Associação Pernambucana de Defesa da Natureza (Aspan); Avaaz.org; Centro Feminista de Estudos e Assessoria (Cfemea); Ecopolítica (jornal *online*), Ecopress (idem); Instituto Ethos de Empresas e Responsabilidade Social; Fórum Brasileiro de ONGs e Movimentos Sociais para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (Fboms); Fórum Paulista de Mudanças Climáticas Globais e de Biodiversidade; Conselho Brasileiro de Manejo Florestal – FSC Brasil; Greenpeace; Grupo de Trabalho Amazônico (Rede GTA); Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase); Instituto para o Desenvolvimento da Cooperação e Relações Internacionais (Idecri); Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor (Idec); Instituto Indígena Brasileiro para Propriedade Intelectual (Inbrapi); Instituto de Estudos Socioeconômicos (Inesc); Instituto Socioambiental (Isa); Juventude Alternativa Terrazul; Nossa São Paulo; Observatório do Clima; Oxfam International; Pensamento Nacional das Bases Empresariais; Rede Ambiental do Piauí (Reapi); Rede da Juventude pelo Meio Ambiente e Sustentabilidade (Rejuma); SOS Mata Atlântica; WWF e Vitae Civilis – esta a entidade de cujos quadros veio o coordenador estratégico da Campanha TicTacTicTac no Brasil, Rubens Harry Born.

²⁵ Em seu portal, o Centro de Estudos em Sustentabilidade (GVces) da Escola de Administração de Empresas da Fundação Getúlio Vargas (FGV-EAESP) é apresentado como "um espaço aberto de estudo, aprendizado, reflexão, inovação e de produção de conhecimento, composto por pessoas de formação multidisciplinar, engajadas e comprometidas, e com genuína vontade de transformar a sociedade". Para tanto, "trabalha no desenvolvimento de estratégias, políticas e ferramentas de gestão públicas e empresariais para a sustentabilidade, no âmbito local, nacional e internacional", em quatro linhas de atuação: (i) formação; (ii) pesquisa e produção de conhecimento; (iii) articulação e intercâmbio; e (iv) mobilização e comunicação". (Disponível em: <<http://www.ces.fgvsp.br/index.php?r=site/conteudo&id=1>>. Acesso em: 12 dez. 2011).

²⁶ Programa de ensino, pesquisa e documentação vinculado ao Fórum de Ciência e Cultura – FCC / UFRJ, o PACC, conforme exposto em seu portal, "abriga contribuições interdisciplinares produzidas nos centros de pesquisa da UFRJ e de outras entidades acadêmicas e culturais bem como de organizações da sociedade civil, no país e no exterior". (Disponível em: <<http://www.pacc.ufrj.br/o-pacc/>>. Acesso em: 12 dez. 2011).



FIGURA 9 - PARCEIROS NACIONAIS DA CAMPANHA TICTACTICTAC

FONTE: Campanha TicTacTicTac (Disponível em: <http://www.tictactictac.org.br/index.php?option=com_content&view=category&layout=blog&id=41&Itemid=62>. Acesso em: 18 jun. 2011)

A maior singularidade da TicTacTicTac, entretanto, reside no contexto que deu suporte a seus argumentos: as expectativas mundiais em relação à COP-15, evento cujas origem²⁷ e relevância foram determinadas à época – ainda que sucintamente – no portal da campanha:

Dois anos atrás, durante a conferência climática realizada em Bali, todos os governos que participaram do encontro concordaram com um calendário que garanta um acordo sobre o clima na conferência em Copenhague. O encontro, que deve contar com a presença de grandes chefes de Estado durante os três últimos dias, tem por objetivo chegar a um acordo sobre a redução maciça das emissões de CO₂, proporcionando financiamento para mitigação e adaptação e para a transferência de tecnologia do Norte para o Sul.

Este é um marco importante na história e o momento em que a sociedade civil tem para falar em uma só voz que quer um acordo justo, ambicioso e vinculativo (CAMPANHA TICTACTICTAC, 2009²⁸).

²⁷ A COP-15 é a sigla da 15.^a Conferência das Partes da Convenção- Quadro das Nações Unidas sobre Mudanças do Clima (CQNUMC). A COP é o organismo supremo da Convenção e se reúne anualmente para avaliar a implementação do tratado. Já foram realizadas 14 COPs desde a adoção da Convenção na Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, 1992 (Rio-92). A COP-15 será realizada em Copenhague, capital da Dinamarca entre 7 e 18 de dez de 2009.

²⁸ Disponível em: <http://www.tictactictac.org.br/index.php?option=com_content&view=category&id=57&layout=blog&Itemid=91>. Acesso em: 12 dez. 2011.

De fato, o chamado Plano de Ação de Bali²⁹, em referência à cidade da Indonésia palco da COP-13, em 2007, decidiu "lançar um processo abrangente que permita a implementação plena, efetiva e sustentada da Convenção, por meio de medidas de cooperação de longo prazo, com início imediato, até 2012 e posteriormente, visando alcançar um resultado por consenso e adotar uma decisão em sua 15.^a sessão".

Entre as abordagens que, pelos termos do plano, ficaram compromissadas para definição dos governos na COP-15, se estabeleceu "um ponto de vista comum sobre as medidas de cooperação de longo prazo, inclusive uma meta global de longo prazo para a redução de emissões, a fim de alcançar o objetivo final da Convenção, em conformidade com as suas disposições e princípios, em especial o princípio das responsabilidades comuns mas diferenciadas e respectivas capacidades, levando-se em conta as condições sociais e econômicas e outros fatores pertinentes".

Em outro momento do Plano de Ação de Bali, também fica patente o marco diferencial da COP-15, ao decidir que o processo negociado no documento "deverá ser conduzido no âmbito de um órgão subsidiário da Convenção, que fica aqui estabelecido e denominado como Grupo de Trabalho *Ad Hoc* sobre Medidas de Cooperação de Longo Prazo no âmbito da Convenção, o qual deverá concluir suas atividades em 2009 e apresentar os resultados do seu trabalho à Conferência das Partes para adoção em sua 15.^a sessão".

Transcorrida a COP-15, confirmou-se sua singularidade em termos de relevância, como mostra Abranches (2010, p.121):

A reunião sobre mudança climática, em Copenhague, hospedeu uma cúpula de lideranças globais sem precedentes na história recente da diplomacia. A décima quinta conferência das partes da Convenção do Clima foi única na história das COP. Foi a primeira em que estiveram tantos dirigentes globais, mais de cem, depois da Rio 92. O grau de mobilização da sociedade civil nunca foi tão grande. Nunca uma COP foi precedida por tantas manifestações e ações em favor de um acordo sobre mudança climática em sintonia com as principais recomendações da melhor ciência do clima disponível.

Amparava-se na sensatez, portanto, que sobretudo as comunidades ambientalista e científica encarassem a COP-15 sob a perspectiva realista de construção de um novo acordo global para a redução de emissões de gases de efeito estufa,

²⁹ Disponível em: <http://www.mct.gov.br/upd_blob/0208/208978.pdf>. Acesso em: 23 dez. 2011.

substituindo ou estendendo os compromissos assumidos no Protocolo de Kyoto, cujo período de esforços nesse sentido finda em 2012.

Deste cenário sobressai a propriedade da Campanha TicTacTicTac como objeto de pesquisa da presente dissertação, propósito no qual foram instituídos dois *corpus* documentais, intrinsecamente ligados a processos de comunicação e sua vinculação à mídia. O primeiro deles reúne onze informativos *online* da Campanha TicTacTicTac (os de número 1, 3, 5 e 11 no Anexo 1), incluídos os conteúdos cujo acesso foi disponibilizado nos informativos por intermédio de links, haja vista o pressuposto de que apresentassem subsídios científicos aos argumentos da mobilização. Esse cuidado alinha-se ao objetivo aqui proposto, de dimensionar se a amostra de unidades noticiosas disseminada nos informativos *online* lançou mão de dados científicos para, sob este critério, legitimar as intenções mobilizadoras da campanha, agregando valor a potenciais investidas práticas sobre o tema mudanças climáticas na interface entre comunicação e educação.

A segunda parte do *corpus* documental compreende 17 notícias (Anexo 2), sobre as quais se operou uma análise inferencial do conteúdo discursivo, de modo a verificar como transcorreu a apropriação, em matérias de veículos jornalísticos com acesso *online*, das informações pulverizadas pela comunicação da TicTacTicTac, entre os meses de agosto e dezembro de 2009. Esse *clipping* foi parcialmente extraído do portal da campanha, inicialmente com 25 notícias, das quais foram excluídas 19, por estarem no âmbito de rádio ou TV ou, ainda, em menor ocorrência, por não fazerem qualquer menção direta à TicTacTicTac ou, no caso de uma delas, se tratar de um artigo de opinião.

O *corpus* foi posteriormente complementado, por intermédio de um dos profissionais da assessoria de imprensa da campanha, centralizada em São Paulo, o jornalista Efraim Neto, que disponibilizou o *clipping* oriundo de um levantamento próprio, só sendo possível, entretanto, recuperar a produção noticiosa ainda acessível na internet a partir de meados de 2010, quando foi iniciada a pesquisa para a presente dissertação. Das 22 notícias acessíveis em meio a este *clipping* complementar, resultaram incorporadas à amostra apenas onze – novamente as disseminadas em texto por veículos midiáticos com acesso *online* e em cujo teor foi citada diretamente a TicTacTicTac. Assim, após as necessárias adequações aos critérios determinados pela metodologia deste trabalho, se chegou a uma amostra composta por 17

notícias – as seis retiradas do portal da campanha, somadas às onze selecionadas dentre o material enviado pelo jornalista Efraim Neto.

Com a análise deste *corpus* noticioso, a presente dissertação buscou cumprir o objetivo de classificar tais textos da cobertura jornalística à Campanha TicTacTicTac no que se refere a seu nível de aprofundamento, sob a perspectiva de um potencial pedagógico transformador, passível de exercício prático na educação em âmbito formal ou não. Para tanto, foram estabelecidas duas categorias de análise de conteúdo, esmiuçadas adiante.

5.2.2 Categorias de análise

5.2.2.1 No primeiro *corpus*: informativos *online*

Para cumprir o objetivo referente ao primeiro *corpus* – os onze informativos *online* produzidos e distribuídos pela Campanha TicTacTicTac –, foram delimitadas categorias de análise de conteúdo, outra vez em observância aos caminhos apontados por Bardin (1977), que explica as categorias como sendo rubricas ou classes de um grupo de elementos. Determinadas as categorias, o pesquisador pode recorrer ao que a autora chama de unidades de registro – palavras, conjuntos de palavras ou temas – um guia para a busca de informações consoantes a seus objetivos de investigação.

Assim, a primeira categoria de análise dos informativos *online* da Campanha TicTacTicTac é a cientificidade da informação, ou seja, se os argumentos levantados em seus conteúdos, com vistas à mobilização social, tiveram o amparo, claramente exposto, de subsídios científicos. Para essa verificação, foram estabelecidas as unidades de registro "ciência" e seus termos derivados, como "cientistas", "científico" e "científica"; e, ainda, "pesquisa", "estudo", "investigação" e "relatório", sem que, no entanto, as deduções sejam rigidamente limitadas ao quantitativo destas ocorrências nos textos. Em suma, ainda que norteiem essa parcela específica da análise de conteúdo, não é possível tê-las como única base para as inferências relativas à cientificidade das informações, sob pena de comprometer seu resultado final, dada a

complexidade do tema. Assim, empreendida uma leitura meticulosa dos onze informativos *online* da Campanha TicTacTicTac, a presente análise procurou detectar também, em suas unidades noticiosas, enfoques de potencial científico, sem que necessariamente trouxessem unidades de registro dentre as estabelecidas e, mais além, apontar contextos em que se revelou favorecida a associação entre o critério científico e os argumentos da mobilização, porém sem o devido aproveitamento de tais oportunidades.

A segunda categoria de análise deste *corpus* – "estratégias mobilizadoras da comunicação" – se alicerça no entendimento de Toro e Werneck (1996b, p.31), que apontam quatro dimensões comunicacionais básicas de um processo de mobilização social: o imaginário, o campo de atuação, a coletivização e o acompanhamento, cujos aspectos centrais passam a ser explicados.

Assim, a explicitação de seu propósito, com a "formulação de um imaginário" surge como o primeiro passo no planejamento de um processo de mobilização social. Essa estratégia deve, segundo eles, estar expressa "sob a forma de um horizonte atrativo, um imaginário 'convocante' que sintetize de uma forma atraente e válida os grandes objetivos que se busca alcançar", recurso em cujo uso os autores sugerem que toque "a emoção das pessoas", sem se limitar à abordagem racional, mas sendo capaz "de despertar a paixão" (TORO; WERNECK, 1996b, p.20).

No que concerne a segunda dimensão exposta pelos autores como determinante para a comunicação de uma iniciativa de mobilização social – o campo de atuação –, os autores apontam a necessidade de que sejam fornecidas aos potenciais participantes "explicações sólidas sobre os problemas a resolver, situações a criar ou modificar, sentido e finalidade das decisões a tomar e das ações a seguir em seu campo diário de trabalho" (TORO; WERNECK, 1996b, p.26). Em outros termos, defendem que o processo de mobilização implica indicar as decisões e ações ao alcance das pessoas, dentro de seu campo de atuação e trabalho, sem prescindir de explicar as maneiras e razões pelas quais devem contribuir ao propósito buscado. No que chamam de "repertório de sugestões", os autores colocam que ele deve ser suficientemente claro, aberto e estimulante, de modo a que as pessoas possam descobrir novas formas de participar.

Quanto à coletivização, Toro e Werneck (1996b, p.30) a definem como "o sentimento e a certeza de que aquilo que eu faço, no meu campo de atuação, está sendo feito por outros, da minha mesma categoria". Essa união de propósitos e

sentidos é, segundo os autores, responsável por garantir estabilidade a um processo de mobilização social, sendo a comunicação um importante instrumento para a eficácia desta dimensão, ainda que não a única.

Por fim, o acompanhamento dos resultados de um processo de mobilização, a partir de critérios e indicadores "discutidos e definidos de forma democrática", se mostra fundamental para permitir "a cada pessoa saber se seu entorno e se todo o campo de ação do movimento estão mudando na direção desejada" (TORO; WERNECK, 1996b, p.30). Na ótica dos autores, dar visibilidade social aos resultados não só contribui para manter aceso o entusiasmo dos participantes do movimento, como também estimula a adesão de outros e subsidia argumentações junto a possíveis financiadores de cada iniciativa.

Essas quatro dimensões devem, conforme Toro e Werneck (1996b, p.31), ser construídas e operadas simultaneamente. Por essa razão, na presente análise de conteúdo, não aparecem sistematizadas numa divisão rigorosa, posto que já se antevia a intercessão entre duas ou mais destas dimensões em alguns enunciados. Também sob esse entendimento, não foram determinadas unidades de registro para a categoria "estratégias mobilizadoras da comunicação", ficando a análise balizada pela observância dos conteúdos noticiosos dos informativos *online* ao arcabouço teórico destes autores, no que concerne ao que posicionam como as quatro dimensões básicas de um processo de mobilização social: o imaginário, o campo de atuação, a coletivização e o acompanhamento.

Por fim, se chega à última categoria de análise sobre os informativos *online* da Campanha TicTacTicTac: o "caráter didático da comunicação", estabelecido por Henriques *et al.* (2004) como traço distintivo de um processo ético e eficaz para a mobilização social, desenhando um tripé formado ainda pela comunicação dialógica, ou seja, sem imposições unidirecionais e, portanto, essencialmente libertadora. Em resumo, para os autores, "a comunicação adequada à mobilização social é, antes de tudo, dialógica, libertadora e educativa", características "intrinsecamente relacionadas, não existindo isoladamente" (p.25).

Dito de outro modo, a libertação de cada sujeito deriva de um processo dialógico em que a mobilização "tenta, com o outro, problematizar um conhecimento sobre uma realidade concreta, para melhor compreender esta realidade, explicá-la e transformá-la" (HENRIQUES *et al.*, 2004, p.27). Explicar cada realidade seria, desta

forma, o cerne da dimensão pedagógica dos processos comunicativos numa mobilização social.

Também quanto a esta categoria – "caráter didático da comunicação" –, vigorou o entendimento segundo o qual uma submissão rigorosa da análise de conteúdo a unidades de registro previamente estabelecidas poderia não ser suficiente para dar conta de uma avaliação com o máximo de profundidade. Assim, a partir da leitura de todo o *corpus* plenamente focada neste item, a autora da presente dissertação procurou detectar conteúdos noticiosos no bojo dos quais ficou patente o esforço em expor de maneira didática, acessível a um público receptor leigo no assunto: 1) o que são as mudanças climáticas, suas origens e impactos previstos ou já em curso e 2) as razões pelas quais se justificava a pressão popular em prol de políticas públicas visando o enfrentamento do problema.

No sentido contrário, a análise de conteúdo também buscou detectar unidades noticiosas nos informativos *online* em cujos enunciados o caráter didático da comunicação não se cumpriu, apesar de verificado potencial para tanto.

5.2.2.2 No segundo *corpus*: a cobertura midiática

Ao se passar para o segundo *corpus* desta análise de conteúdo – as 17 notícias a repercutirem informações sobre a Campanha TicTacTicTac –, também se optou pelo não estabelecimento prévio de unidades de registro, no caminho de determinar o potencial educomunicativo desta cobertura midiática.

Conforme já exposto anteriormente, autores como Bueno e Fromme defendem que a produção jornalística, em tese, carrega uma atribuição didática, que ganha ainda maior relevância no nicho do jornalismo ambiental. Assim, no propósito de aferir essa prática no *corpus* em questão, duas categorias foram delineadas, em cumprimento aos objetivos da presente dissertação relativos a essa amostra: 1) "associação entre mudanças climáticas e padrões predominantes de produção e consumo" e 2) "internalização da pauta".

A primeira se propôs a detectar eventuais questionamentos ao modelo econômico e aos padrões de consumo deletérios aos recursos naturais, num espectro de conscientização cidadã cujo estímulo é cobrado aos jornalistas – sobretudo os

atuantes em coberturas ambientais – por Bueno e Fromme. Para tanto, a análise foi dividida em duas subcategorias: "fontes citadas" e "angulações da cobertura jornalística". Um olhar metodologicamente organizado sobre as fontes ouvidas nas notícias se justifica para detectar as que foram priorizadas na amostra, pela mídia – se oriundas do terceiro setor, dos poderes públicos ou da academia, por exemplo –, de modo a subsidiar inferências quanto a eventuais dificuldades e propósitos na trajetória de engajamento profissional defendida por estes autores. As angulações da cobertura jornalística se referem a estabelecer os enfoques noticiosos sobre a Campanha TicTacTicTac em positivo, negativo ou neutro. Neste último aspecto, a base da avaliação residiu no entendimento de Lima (2002, p.254), para quem

[...] as matérias com angulação neutra são aquelas que mostram os dois lados da notícia: os aspectos negativos e positivos, de forma equilibrada, o que é considerado o ideal em termos de cobertura jornalística, embora a neutralidade seja vista como mito no universo da reportagem.

A segunda categoria – "internalização da pauta" – pretendeu classificar de que maneiras essa amostra da produção midiática enquanto indústria posicionou a Campanha TicTacTicTac no cenário brasileiro e, mais além, se, nesses conteúdos, foram prestados esclarecimentos quanto às origens antropogênicas locais das mudanças climáticas e, igualmente, de seus impactos, ou seja, como já dito, sobre o Brasil especificamente. Essa cobertura midiática internalizada, segundo estudos comentados no capítulo a relacionar comunicação e mobilização, contribuiria para aproximar as sociedades de cada país do problema das mudanças climáticas, favorecendo, em tese, ações individuais e coletivas visando seu enfrentamento.

A opção por, também nestes casos, dispensar unidades de registro previamente estabelecidas encontra respaldo na própria Bardin (1977), quando afirma que o interesse em termos de resultados das análises não está na descrição dos conteúdos, mas sim no que esses poderão revelar após tratados pelo pesquisador, saberes de natureza psicológica, sociológica, histórica ou econômica, entre outros, a depender dos objetivos de cada trabalho.

A autora registra ainda a necessidade de "inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou, eventualmente, de recepção), inferência essa que recorre a indicadores (quantitativos ou não)" (BARDIN, 1977, p.38), razão pela qual, no desenrolar desta pesquisa, se buscou obter informações relativas às

condições de produção dos enunciados da Campanha TicTacTicTac por intermédio de uma entrevista qualificada com sua coordenadora de Comunicação, a jornalista Sandra Sinicco³⁰. Assim, foi possível auferir alguns posicionamentos delineados pela cúpula da iniciativa no Brasil, sob a liderança de seu coordenador estratégico em âmbito local – Rubens Harry Born³¹, da ONG Vitae Civilis (SP) –, sobretudo cotejando-os com os parâmetros que nortearam a campanha global.

Este movimento observa a visão de Morin (2003), quando o autor defende que: "Para conhecer, não podemos isolar uma palavra, uma informação; é necessário ligá-la a um contexto e mobilizar o nosso saber, a nossa cultura, para chegar a um conhecimento apropriado e oportuno da mesma" (MORIN, 2003, p.13).

É importante ressaltar que, para a consecução metodológica do presente trabalho, foram empreendidas leituras aprofundadas sobre o tema das mudanças climáticas e dos processos mobilizadores da sociedade permitidos pela comunicação social em busca da educação cidadã, a partir das quais se instaurou uma compreensão bastante ampla sobre esta associação. Tal arcabouço teórico foi exposto nos primeiros capítulos, na perspectiva de desenhar o estado da arte do aquecimento global não apenas sob um viés científico, mas também e sobretudo no que tange a suas interfaces com os campos político-econômico, social e midiático – todos interrelacionados na pesquisa aqui apresentada.

Assim, sob o prisma da dimensão didática dos processos de mobilização e do exercício profissional do jornalismo, se vislumbra uma contribuição acadêmica ao campo científico fundamentado na interface entre comunicação e educação.

³⁰ Jornalista formada pela Universidade Metodista, em São Paulo, Sandra Sinicco é apresentada como CEO (*chief executive officer*) da Casa, *holding* de um grupo de empresas de comunicação que atua desde 1987 no mercado de marketing e comunicação estratégica, conforme exposto em seu portal. Especializada em Marketing pela Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), em 1993 fundou, juntamente com outros militantes ambientais, a Ecopress – Agência de Notícias Ambientais – que atua até hoje. Produziu o livro com a coletânea das reportagens sobre Educação Ambiental e criou o jornal Educador Ambiental em parceria com a Ecopress. (Disponível em: <http://www.paginasdinamicas.com.br/casa/pg_dinamica/bin/pg_dinamica.php?id_pag=11>. Acesso em: 08 dez. 2011).

³¹ Com formação em engenharia civil, mestrado em saúde pública e doutorado sobre regimes multilaterais ambientais, é coordenador executivo adjunto do Vitae Civilis - Cidadania e Sustentabilidade, membro do conselho internacional da Campanha Global para Proteção do Clima (GCCA) e coordenador estratégico dessa campanha no Brasil (TicTacTicTac). É coordenador do Grupo de Trabalho de Mudanças do Clima (GT Clima) do FBOMS – Fórum Brasileiro de ONGs e Movimentos Sociais – e participa do Fórum Brasileiro de Mudanças de Clima. (Disponível em: <http://vitaecivilis.org/home/index.php?option=com_zoo&task=item&item_id=7&Itemid=8>. Acesso em: 02 jan. 2012).

6 ANÁLISE DA CAMPANHA DE MOBILIZAÇÃO: ESTRATÉGIAS COMUNICACIONAIS

Conforme já exposto na metodologia, essa análise parte do entendimento de autores como Toro e Henriques, segundo os quais todo processo de mobilização social deve ter uma dimensão educativa; e a de autores como Bueno e Fromme, para quem a produção jornalística não pode estar dissociada de uma proposta didática, sobretudo no âmbito do jornalismo ambiental.

Também reforçando aspectos colocados no capítulo anterior, a Campanha TicTacTicTac teve sua estratégia de comunicação – jornalística e de marketing – baseada em uma contagem regressiva até o início da COP-15. Ainda que, na presente dissertação, o *corpus* inicial da análise de conteúdo agregue os onze informativos *online* distribuídos no decorrer da mobilização, é importante salientar que um conjunto de outras peças pulverizaram os objetivos da campanha, utilizando os recursos informacionais e jornalísticos como instrumento para lhes conferir visibilidade.

Conforme expôs em entrevista Sandra Sinicco, coordenadora de Comunicação da TicTacTicTac no Brasil, a campanha, em esfera global, "foi concebida para atuar com o espírito de uma flotilha de instituições que tinham um mesmo objetivo: mostrar a importância de um acordo justo e ambicioso para, de uma vez por todas, dar início a um processo irreversível rumo a uma sociedade mais sustentável e justa".

Assim, ao "agregar um número cada vez maior de ONGs e voluntários à flotilha", diz ela, se procurava "atingir 10 milhões de assinaturas para levar para a COP 15", de modo a "pressionar dirigentes de cada país para que estes chegassem a um acordo justo e ambicioso para mitigar os efeitos das mudanças climáticas no mundo".

Sandra Sinicco frisa que "cada país procurou realizar suas ações de acordo com sua cultura e condições de mobilização", verificando-se no Brasil, já de imediato, uma necessidade de adaptação de grande relevância, posto se dirigir à própria nomenclatura da campanha global – TckTckTck.

Conforme ela pondera na entrevista, "estas três letrinhas não diziam nada aos nossos ouvidos brasileiros. Mudamos para TicTacTicTac, correndo o risco de sermos confundidos no início com as famosas balinhas de menta".

No entendimento de Sinicco, "esta adaptação tornou mais fácil compreender porque o barulho do relógio aparecia em todas as peças ou tinha referências claras que remetiam a ele" (Figura 10).



FIGURA 10 - LOGOMARCA DA CAMPANHA GLOBAL E A ADAPTADA PARA O BRASIL
 FONTE: Portais das campanhas (www.tcktck.org e www.tictactactac.org.br)

O protagonismo do terceiro setor, sobretudo o de foco ambientalista, em todos os fluxos comunicacionais é reconhecido pela coordenadora de Comunicação da campanha no Brasil: "Formamos uma coalizão de ONGs dos mais variados matizes que pegavam materiais produzidos pela equipe central da campanha e os disseminavam das formas mais variadas – produção e distribuição de folhetos, eventos, discursos, filmetes, passeatas etc.".

Segundo ela, centralizada pela cúpula da TicTacTicTac no Brasil, essa distribuição se operou por intermédio das "ONGs parceiras mais próximas" e, no caso específico da indústria midiática, "também através de *mailings* que dispúnhamos de jornalistas e formadores de opinião da área ambiental, social e econômica, sem esquecer da política nacional e internacional". Sinicco registra ainda que tais informações foram destinadas também aos "políticos", que as recebiam "diretamente em seus gabinetes".

Assim, o caráter mobilizador da campanha e sua particularidade com a feição de contagem regressiva foram evidenciados mesmo anteriormente à produção

e distribuição dos boletins *online*, por intermédio dessas estratégias no âmbito da comunicação, cuja mensagem se propagou ainda pela instalação de relógios movidos a energia solar em locais de grande afluxo de pessoas – nas cidades de São Paulo (SP), Rio de Janeiro (RJ), Salvador (BA) e Porto Alegre (RS) – elementos de significativa visibilidade, já que com três metros de altura e a função, determinada publicamente, de marcar o transcorrer dos 100 dias antecedentes à COP-15.

Tal proposta, entretanto, não alcançou o resultado previsto, pelo que se depreende da análise feita por Sandra Sinicco na entrevista concedida à autora desta dissertação: "A ideia foi do Greenpeace. O problema é que eles contrataram um fornecedor que não fez um trabalho correto e os relógios, devido à luminosidade, não mostravam os dias que faltavam para a COP-15 com perfeição. Enfim, os relógios foram uma super boa ideia, mas que careceu de um cuidado maior no projeto de *design* para que pudessem ter o impacto desejado" (Figura 11).



FIGURA 11 - RELÓGIO NO PARQUE IBIRAPUERA - SÃO PAULO (SP)
FONTE: Greenpeace (2009)

Também previamente à iniciativa dos informativos *online* e à instalação dos relógios, aconteceu a distribuição de um folheto apresentando a Campanha TicTacTicTac e resumindo seus objetivos, numa capilaridade cujas estratégias, como já exposto, tiveram por base uma operação conjunta de ONGs parceiras. Em poucas linhas, quatro aspectos emergem como os prioritários na peça comunicacional:

1) Buscou-se transmitir o caráter mobilizatório e pedagógico da iniciativa – a campanha "é baseada em ação e conscientização sobre a questão climática na Terra"; 2) há um esforço em apontar, ainda que, neste momento, sem grande substância, as responsabilidades pelo problema – "nosso maior objetivo é correr contra o tempo e estabelecer metas capazes de reverter a bomba-relógio gerada pelo nosso atual modelo de produção e consumo"; 3) se contextualiza o porquê da ação vir à luz exatamente naquele espaço temporal – "Para discutir este assunto, entre 7 e 18 de dezembro de 2009, acontecerá uma reunião de lideranças mundiais em Copenhague, na Dinamarca, a COP15" e, por fim, 4) externa-se o convite para o acesso ao portal da campanha, com o apelo "saiba mais", fundamentando, desde o nascedouro da TicTacTicTac, a relevância da associação entre as peças impressas ou em meio eletrônico aos demais conteúdos, a aprofundar o tema, disponibilizados via web (Figura 12).

Dia 29 de agosto começam três coisas que podem mudar sua vida: uma campanha, uma contagem regressiva e uma chance para o planeta.

A campanha TicTacTicTac será lançada no dia 29/08. Promovida por entidades de todo o planeta, ela é baseada em ação e conscientização sobre a questão climática na Terra e nosso maior objetivo é correr contra o tempo e estabelecer metas capazes de reverter a bomba-relógio gerada pelo nosso atual modelo de produção e consumo. Para discutir este assunto, entre 07 e 18 de dezembro de 2009, acontecerá uma reunião de lideranças mundiais em Copenhague, na Dinamarca: a COP15. Sabe como você pode fazer parte deste movimento?

Acesse www.tictactictac.org.br e saiba mais, inclusive sobre os eventos que acontecem perto de onde você mora. Mas é preciso correr. O tempo está passando.

tic tac tic tac hora de agir pelo clima
7 dez 09, copenhagen
www.tictactictac.org.br

FIGURA 12 - PANFLETO DE LANÇAMENTO DA CAMPANHA TICTACTICTAC
FONTE: Campanha TicTacTicTac (2009)

Ainda precedendo o lançamento oficial da campanha, dois folhetos – estes em frente e verso – foram distribuídos pelas ONGs parceiras. Explicitaram os objetivos da ação e, já no título, tornavam patente sua propriedade mobilizatória, num chamamento à adesão horizontalizada, caracterizada pelo estímulo à transformação sob responsabilidade de cada um a abraçar a causa.

Um dos folhetos traz, encimada, a seguinte mensagem: "Quando você recebe um convite, geralmente é a oportunidade para participar de alguma coisa promovida por outra pessoa. Este convite é diferente. O tema é o nosso planeta e os promotores somos todos nós". Defende que "todos podem ajudar a fazer do COP 15 um movimento eficaz para salvar o planeta", convida o receptor a acessar o portal da campanha, para que "conheça melhor esta iniciativa e fique por dentro das datas e locais das nossas ações". E, ao final do texto de capa, exorta: "Participe como puder. Mas participe!".

No verso, recorrendo a um discurso didático e, ao mesmo tempo, mobilizador, o material explica sucintamente o que é a COP-15, quando aconteceria e "por que TicTacTicTac". Responde à pergunta "como o nosso país entra nessa história?", defendendo que "o Brasil tem papel fundamental nessa luta, tanto por suas próprias emissões de gases causadores do efeito estufa, quanto por sua condição de liderança internacional". Com igual destaque, o folheto advoga ainda que "é obrigação de todos nós racionalizar o consumo, reduzir desperdícios e buscar opções que ajudem a combater a elevação dos níveis de carbono na atmosfera. Para evitar o pior, precisamos agir imediatamente, começando dentro de nossas casas".

O outro folheto coloca, em letras garrafais: "E se a sua assinatura pudesse salvar o planeta? Ela pode." Em seguida, situa que, de 7 a 18 de dezembro de 2009, "os líderes mundiais se encontrarão em Copenhague para, mais uma vez, discutir as alternativas para o combate às mudanças climáticas que ameaçam a vida humana na Terra". Tal assertiva é corroborada pela informação subsequente: "Fatos como furacões, enchentes, secas e outros eventos climáticos extremos vêm causando fortes impactos na vida das pessoas no Brasil e no mundo".

Neste material, o abaixo-assinado emerge como uma das alternativas a viabilizar o engajamento dos interessados que, de novo, são estimulados a acessar o portal da Campanha TicTacTicTac para obter informações suplementares sobre esta e outras possibilidades de adesão concreta: "Veja como você pode contribuir para mudar a situação atual".

Sob o prisma do critério científico, a perspectiva de "salvar o planeta", colocada em ambos os folhetos, carece de fundamentação, haja vista que, mesmo nos cenários mais extremos de elevação de temperatura delineados pelo IPCC, seus danos e impactos recaem sobre a biodiversidade – incluída a espécie humana – e o equilíbrio do sistema climático sem que, no entanto, avenge-se a possibilidade de

aniquilamento da Terra. Em outros termos, os estudos científicos, muitos dos quais citados no primeiro capítulo da presente dissertação, acenam fortemente para um decréscimo da qualidade da vida no planeta e, assim, é a biosfera que precisa ser salva – uma diferença sutil para o enunciado que se pretende mobilizador, mas significativa do ponto de vista do rigor científico.

Para além dessa preocupação, atribuir poderes individuais aos cidadãos, exortando-os a contribuir para "mudar a situação atual", revela-se um movimento consoante aos parâmetros de mobilização social preconizados por Toro e Werneck (1996b, p.8), quando afirmam que:

A formação de uma nova mentalidade na sociedade civil, que se perceba a si mesma como fonte criadora da ordem social, pressupõe compreender que os "males" da sociedade são o resultado da ordem social que nós mesmos criamos e que, por isso mesmo, podemos modificar.

Em ambos os folhetos, com mínimas diferenças, se apresenta uma plataforma resumida de objetivos a serem cobrados das autoridades brasileiras e mundiais, por intermédio da pressão sistematizada pela campanha, com vistas à defesa e consecução de políticas públicas que assim, em tese, se tornariam compromissos globais na COP-15. Os pontos-chave a subsidiarem a mobilização foram:

- 1) Garantir que o aquecimento global fique bem abaixo dos 2°C em relação à média da era pré-industrial;
- 2) garantir, no máximo até 2020, a redução de pelo menos 40% das emissões de gases do efeito-estufa pelos países desenvolvidos, em relação aos níveis de 1990;
- 3) estabelecer objetivos mensuráveis e medidas nacionais apropriadas para a redução de emissão de gases nocivos pelos países em desenvolvimento;
- 4) estabelecer legalmente mecanismos financeiros para viabilizar a redução de emissões e programas de adaptação nos países em desenvolvimento;
- 5) aprovar a criação de soluções e mecanismos de REDD (Redução das Emissões do Desmatamento e Degradação Florestal) capazes de estimular e recompensar os países tropicais pela redução do desmatamento e das emissões a ele associadas, e pela conservação florestal em seus territórios;
- 6) adotar medidas e políticas, em diversas escalas, que promovam a sustentabilidade e dignidade do desenvolvimento humano e a integridade dos processos ecológicos essenciais (CAMPANHA TICTACTICTAC, 2009).

Tais observações, a contemplarem peças comunicacionais aparentemente fora do escopo desta dissertação, se alicerçam num critério analítico necessário para situar os onze informativos *online* da campanha em um contexto mais amplo, em que estes compõem parte de uma estratégia e não uma ação isolada.

6.1 INFORMATIVOS ONLINE: EVOLUÇÃO SEMANAL DA TICTACTICTAC

Em observância ao caráter de contagem regressiva adotado pela Campanha TicTacTicTac, foram distribuídos onze informativos, de periodicidade semanal. O primeiro deles circulou com data de 5 de outubro de 2009 e, ao lado dela, a mensagem "Faltam 62 dias para a COP-15", estratégia repetida até o de número 8 – último produzido anteriormente ao evento. Os informativos finais não trouxeram a contagem regressiva, haja vista já estar em curso a COP-15 quando da edição dos de números 9 e 10, e o derradeiro, de número 11, ser posterior ao encerramento da Conferência (Figura 13).

I N F O R M A T I V O S	NÚMERO	DATAS (2009)	Informação sobre contagem regressiva
	1	05 outubro	Faltam 62 dias para a COP-15
	2	13 outubro	Faltam 54 dias para a COP-15
	3	19 outubro	Faltam 48 dias para a COP-15
	4	26 outubro	Faltam 41 dias para a COP-15
	5	11 novembro	Faltam 25 dias para a COP-15
	6	17 novembro	Faltam 19 dias para a COP-15
	7	23 novembro	Faltam 13 dias para a COP-15
	8	01 dezembro	Faltam 05 dias para a COP-15
	9	08 dezembro	*
	10	15 dezembro	*
11	22 dezembro	*	

FIGURA 13 - DATAS DE CIRCULAÇÃO DOS INFORMATIVOS E ANTECEDÊNCIA DA COP-15
 FONTE: A autora

Em termos de conteúdo, dos oito informativos que precederam a COP-15, sete foram divididos em seções ordenadas numericamente, salvo alterações mínimas, da maneira a seguir:

- I - Atividades da Campanha TicTacTicTac
- II - TicTacTicTac na mídia
- III - Atividades de parceiros / sobre mudanças climáticas no Brasil
- IV - Notícias da campanha global Tckctck
- V - O caminho para Copenhague: Saiba mais sobre as negociações internacionais
- VI - O Brasil no clima: A política nacional

VII - Agenda da semana nacional
 VIII - Agenda de mobilização internacional
 Veja os filmes da campanha global e da TicTacTicTac (esta seção sem numeração a o preceder).

Estas seções conferiram homogeneidade à distribuição de notícias em cada informativo antecedente ao evento que justificava as mobilizações propostas pela campanha – a COP-15 –, sofrendo alterações mais significativas em sua ocorrência nos três últimos: o de número 9, que circulou durante a Conferência, e as edições 10 e 11, produzidas já após seu encerramento (Figura 14).

INFORMATIVOS NÚMEROS										
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
SEÇÕES										
I - Atividades da Campanha TicTacTicTac										
X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
II - TicTacTicTac na mídia										
X	X	X	X		X	X	X	X	X	X
III - Atividades de parceiros / sobre mudanças climáticas no Brasil										
X	X	X	X		X	X	X	X	X	X
IV - Notícias da campanha global Tckctck										
X	X	X	X		X	X	X			X
V - O caminho para Copenhague										
X	X	X	X			X	X			
VI - O Brasil no clima: A política nacional										
X	X	X	X				X			
VII - Agenda da semana nacional										
X	X	X	X		X	X	X			
VIII - Agenda de mobilização internacional										
X	X	X	X		X	X	X			
Veja os filmes da campanha global e da TicTacTicTac										
X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X

FIGURA 14 - DISTRIBUIÇÃO DAS SEÇÕES EM CADA INFORMATIVO ONLINE
 FONTE: A autora

Dentre os informativos que circularam antes da COP-15, verificou-se uma distribuição de seções mais diferenciada no quinto informativo que, ao invés da apresentação como número 5, foi caracterizado como "especial", em função da ampla cobertura, nele presente, de dois importantes eventos: a reunião do Fórum Brasileiro de Mudanças Climáticas (FBMC), em 9 de novembro de 2009 – "apenas cinco dias antes da data estipulada pelo presidente Lula para divulgação das posições que o Brasil levará para a COP-15" –, e a realização, entre os dias 2 e 6 de novembro, em Barcelona, Espanha, da última reunião preparatória de negociações visando a COP-15.

O informativo "especial", o quinto, aborda também as manifestações da Campanha TicTacTicTac ocorridas na avenida Paulista, em São Paulo, defronte ao prédio do Banco do Brasil, onde transcorria a reunião do Fórum Brasileiro de Mudanças Climáticas.

Este evento é citado na entrevista com a coordenadora de Comunicação da TicTacTicTac no Brasil, Sandra Sinicco, quando ela comenta que foram produzidos "folhetos em papel reciclado com as bases da campanha para que mais pessoas compreendessem e aderissem ao movimento, distribuídos ao longo de manifestações que fizemos em várias cidades e, principalmente, na Av. Paulista por ocasião da reunião de Lula na sede do Banco do Brasil".

Ela destaca como importante que todos os materiais "sempre estiveram disponíveis em nosso site para *download* e reprodução gratuita por quem se interessasse", enumerando-os: "folhetos, marcadores de livros, adesivos, faixas, filmetes, camisetas, *buttons*, cartas em formato macro para fotos com personalidades, filmes de depoimentos de personalidades aderindo à campanha, show no Teatro Ibirapuera e em outros tantos parques e locais públicos, boletim semanal para os envolvidos com notícias de ações em todos os lugares, umas inspirando as outras".

Feitas tais observações, visando contextualizar um dos *corpus* desta análise de conteúdo, chega-se ao primeiro objetivo da presente dissertação: dimensionar até que ponto a amostra de unidades noticiosas reunida nos onze informativos *online* da TicTacTicTac lançou mão de dados científicos para, sob este critério, legitimar as intenções da mobilização pretendida pela campanha, aqui observadas no prisma das dimensões comunicacionais de Toro e Werneck (1996b) expostas na metodologia. Ao situarem o imaginário como enunciação de uma forma de futuro por construir, os autores propugnam que contenha elementos de validade formais, históricos e científicos,

mensagens a, portanto, demandarem o recurso do caráter pedagógico da comunicação lembrado por Henriques *et al.* (2004).

6.2 OS INFORMATIVOS QUANTO ÀS CATEGORIAS DE ANÁLISE

6.2.1 Cientificidade da informação

Para essa verificação, conforme delineado na metodologia do presente trabalho, foram estabelecidas as unidades de registro "ciência" e seus termos derivados, como "cientistas", "científico" e "científica"; e, ainda, "pesquisa", "estudo", "investigação" e "relatório". É preciso assinalar, entretanto, a ressalva de que as deduções da autora não se pautaram rigidamente no quantitativo de ocorrências das unidades de registro nos textos dos onze informativos *online* – foram verificadas sete ocorrências destas unidades de registro.

Antes de passar à análise desta categoria, entretanto, revelou-se pertinente investigar a argumentação utilizada pela Campanha TicTacTicTac para colher adesões ao abaixo-assinado a favor de seus propósitos, uma vez que essa iniciativa era o cerne do processo de mobilização e seus termos poderiam conter subsídios científicos, ou seja, os objetos de estudo da categoria ora em tela: cientificidade da informação.

Essa decisão adveio ainda pelo fato de o primeiro informativo *online* ser aberto por um editorial, antecedendo as divisões já enumeradas aqui, com as unidades noticiosas, onde se registra 24 de outubro como o "Dia Nacional de Adesão ao abaixo-assinado para um clima saudável e seguro". Não há um link no informativo para o teor do abaixo-assinado, mas a primeira notícia na seção subsequente – "Atividades da Campanha TicTacTicTac" – comunica o lançamento da nova versão de seu site, "cada vez mais completo, informativo e interativo". Entre as possibilidades elencadas em meio a tal interatividade, consta a de fazer essa assinatura.

Se disposto a esse movimento, o interessado, de fato, encontrava no portal a mensagem do abaixo-assinado, sob o título "Acorda! Chegou a hora de salvar nosso futuro, e sua assinatura faz muita diferença"³². Depois de explicar que, de 7 a 18 de dezembro de 2009, "lideranças de todo o planeta estarão reunidas em Copenhague para firmar acordos mundiais sobre a grave ameaça das mudanças climáticas", o texto classifica como "inquestionável que este problema já está em curso, com efeitos dramáticos e potencialmente catastróficos para todos nós".

Prossegue afirmando que "ainda é tempo de evitar o pior, mas é preciso agir imediatamente" e que "a transição para uma economia de baixo carbono pode trazer grandes benefícios, mas isso depende de como agirmos agora". Atribui ao Brasil "um papel fundamental nessa luta, já que é um líder nas negociações internacionais, mas também um dos maiores emissores mundiais de gases do efeito estufa"; e critica a postura brasileira em dois aspectos – "ainda é tímida quando se trata de assumir decisões firmes e ousadas para sanar o problema" e "Falha também ao não dar o exemplo, colocando em prática no país, todo o discurso que apresenta no exterior". Nenhuma destas assertivas é esmiuçada diretamente ou por intermédio de links para estudos capazes de referendá-las sob o prisma do rigor científico.

Por fim, são apresentadas as reivindicações do abaixo-assinado às autoridades brasileiras, no sentido de assumirem o compromisso de defender ativamente no plano internacional o que a campanha considera avanços para um acordo climático global. Esses itens são, em síntese, ainda que pontualmente aprofundados, os já expostos desde o início das mobilizações por intermédio de folhetos, como demonstrado no começo desta análise:

- * Garantir que o aquecimento global ficará bem abaixo dos 2°C em relação à média histórica, estabelecendo metas e mecanismos para que, antes de 2020, comecem a decrescer as emissões globais de gases do efeito-estufa.
- * Reduzir as emissões dos países desenvolvidos em pelo menos 45% até 2020, frente aos níveis de 1990.
- * Estabelecer objetivos mensuráveis, verificáveis e reportáveis para redução substancial das emissões de países em desenvolvimento emergentes e em rápido crescimento econômico, viabilizados por medidas apropriadas a cada país.

³² Disponível em: <http://www.tictactictac.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=73:abaixo-assinado-tictactictac&catid=40:quem-somos&Itemid=61>. Acesso em: 15 dez. 2011.

- * Apresentar medidas concretas de mecanismos e compromissos de aportes financeiros para apoiar países em desenvolvimento na estabilização e posterior redução de emissões, e na sua adaptação às mudanças climáticas.
- * Aprovar a criação de soluções e mecanismos de REDD (Reduções de Emissões Associadas ao Desmatamento e à Degradação Florestal), justos e aplicáveis a curto prazo.
- * Promover a sustentabilidade e dignidade do desenvolvimento humano e a integridade dos processos ecológicos, mediante a transformação da economia e o fortalecimento da democracia. (CAMPANHA TICTACTICTAC, 2009).

No escopo da análise de conteúdo a englobar os onze informativos *online* da Campanha TicTacTicTac, se verificaram, como já dito anteriormente, apenas sete ocorrências de unidades de registro estabelecidas para a categoria "cientificidade da informação". Presentes nos informativos de números 1, 3, 5, 6 e 8, passam a ser apresentadas por ordem cronológica de publicação.

6.2.1.1 Informativo *online* número 1

O primeiro dos sete achados entre as sete unidades de registro da categoria "cientificidade da informação" – "relatório" – aparece no informativo *online* de número 1, na seção "Atividades da Campanha TicTacTicTac". A notícia³³ registra que "um livreto, baseado em recente relatório do Fórum Humanitário Global está sendo enviado pela Campanha TicTacTicTac para autoridades e formadores de opinião no Brasil, mostrando histórias de pessoas que sofrem com as forças destrutivas das mudanças de clima". Ainda conforme a notícia, "o relatório mostra que as mudanças climáticas matam mais de 300.000 pessoas a cada ano, e há perdas econômicas de pelo menos US\$ 125 bilhões, principalmente nos países em desenvolvimento". No entanto, o informativo não disponibiliza um link para que o leitor/internauta acesse o

³³ "TicTacTicTac envia livreto sobre impactos das mudanças climáticas para formadores de opinião".

"livreto" na íntegra, nem tampouco o relatório mencionado como base para tal compilação de dados.³⁴

Em que pese o perfil do Fórum Humanitário Global³⁵, não inserido institucionalmente na seara científica, à época deste estudo, incluíam-se como membros de seu painel consultivo cientistas do IPCC, circunstância, em tese, capaz de conferir aos prognósticos elencados razoável credibilidade. A expectativa de uma substância minimamente criteriosa do ponto de vista científico ampliava-se, ainda, pelo fato do Fórum ter então como presidente Kofi Annan, ex-secretário-geral da ONU, que assina a introdução do relatório. O empenho em categorizar seu conteúdo é expresso logo no início: "Baseado em comprovadas informações científicas, modelos estabelecidos e, quando necessário, sobre as melhores estimativas disponíveis, este relatório representa a narrativa mais plausível do impacto humano das alterações climáticas" (GLOBAL HUMANITARIAN FORUM, 2009, p.1).

Quando cotejada esta notícia sobre o livreto baseado no relatório do Fórum Humanitário Global e a imediatamente anterior no informativo de número 1 (Figura 15), ainda na seção "Atividades da Campanha TicTacTicTac", se observa uma prioridade editorial à mobilização proposta pela iniciativa, sem dispensar o mesmo cuidado à base científica que, em tese, lhe daria subsídios concretos.

³⁴ O relatório é o *Human Impact Report: Climate Change – The Anatomy of a Silent Crisis*, publicado em maio de 2009 pelo Fórum Humanitário Global (*Global Humanitarian Forum*). A entidade lançou a contagem regressiva para a COP-15 sob o conceito TckTckTck, posteriormente incorporado, mediante sua liberação, à Campanha Global para Ações para Proteção do Clima (GCCA, de *Global Campaign for Climate Action*), que o Fórum passou a integrar. A publicação *The anatomy of a silent crisis* traz inclusive a logomarca da TckTckTck.

³⁵ O Fórum Humanitário Global foi uma organização internacional sem fins lucrativos com sede em Genebra, na Suíça, "trabalhando para aproveitar todo o potencial da sociedade global para superar os desafios humanitários". Em 2010, foi encerrado por falta de fundos, atribuída à crise econômica mundial. (Fonte: <http://www.ghf-ge.org/>)

Bob Burnquist pede assinaturas para a petição contra o aquecimento global:

O campeão mundial de skateboard, Bob Burnquist, chamou o público do evento Megarampa 2009 para assinar o abaixo-assinado da campanha TicTacTicTac a colaborar na luta contra o aquecimento global. A articulação teve apoio do WWF Brasil e ocorreu nos dias 26 e 27 de setembro em São Paulo.

www.youtube.com/watch?v=wP4yfC9ma3U

TicTacTicTac envia livreto sobre impactos das mudanças climáticas para formadores de opinião:

Um livreto, baseado em recente relatório do Fórum Humanitário Global, está sendo enviado pela Campanha TicTacTicTac para autoridades e formadores de opinião no Brasil, mostrando histórias de pessoas que sofrem com as forças destrutivas das mudanças de clima. O relatório mostra que as mudanças climáticas matam mais de 300.000 pessoas a cada ano, e há perdas econômicas de pelo menos US\$125 bilhões, principalmente nos países em desenvolvimento. A carta para as personalidades pede que os países desenvolvidos reduzam as emissões em pelo menos 40% até 2020 e disponibilizem recursos para apoiar os países mais pobres a se adaptarem às piores consequências da crise climática. Esse compromisso deve ser complementado com o desvio substancial da trajetória de crescimento de emissões dos principais países em desenvolvimento, de tal forma que as emissões globais tenham um máximo, antes do final da próxima década, compatível com os esforços de reduzir as emissões globais em 80% até 2050. O objetivo do envio é conseguir apoio das autoridades no Brasil para a Campanha TicTacTicTac.

FIGURA 15 - TRECHO DO INFORMATIVO NÚMERO 1
 FONTE: A autora

Tal inferência resulta do fato de, à informação segundo a qual o campeão mundial de *skateboard*, Bob Burnquist, "chamou o público do evento Megarampa 2009 para assinar o abaixo-assinado da campanha TicTacTicTac a colaborar na luta contra o aquecimento global", em uma articulação que "teve apoio do WWF Brasil e ocorreu nos dias 26 e 27 de setembro em São Paulo", seguir-se um link – instrumento para complementar dados não utilizado, como já dito, na notícia subsequente, sobre o relatório do Fórum Humanitário Global. O vídeo, no entanto, se limita a registrar a adesão do ídolo desportivo. No pouco mais de um minuto de duração da peça, Bob Burnquist veste a camisa com a logomarca da campanha, prega que "a gente não tem muito tempo", que "todo mundo fazendo um pouco já faz acontecer" e encerra sua fala conclamando as pessoas a "uma megaforça para ajudar a salvar o planeta". Repete-se, assim, a imprecisão científica exposta logo no início desta análise, em que a campanha admite a necessidade de salvação da Terra – e mesmo recorre a esse apelo –, quando o planeta, comprovadamente, já sobreviveu a grandes variações de temperatura, as eras glaciais e interglaciais,

conforme levantaram principalmente os cientistas do chamado "grupo dos céticos", cujos questionamentos centrais figuram no primeiro capítulo da presente dissertação.

6.2.1.2 Informativo *online* número 3

No informativo de número 3 (Figura 16), se encontra a maior quantidade de unidades de registro selecionadas para esta análise de conteúdo. São três ocorrências: "cientistas", em duas notícias, e "relatório", em uma.



19 de outubro de 2009
Faltam 48 dias para a COP-15

Informativo semanal
TicTacTicTac nº 03

Chamada para ação - 24 de outubro de 2009
Participe do 3º Dia de Ação Global da campanha TicTacTicTac!

FIGURA 16 - CABEÇALHO DO INFORMATIVO NÚMERO 3
 FONTE: A autora

A primeira delas (segunda ocorrência) surge na seção "Atividades da Campanha TicTacTicTac" e aborda a "mobilização para o Dia de Ação – 24 de outubro", que lhe dá título. No desenrolar da notícia, se afirma que "As atividades do dia 24 destacam a necessidade de políticas que limitem a concentração de CO₂ em 350ppm, limite constatado pela NASA, pesquisadores e ambientalistas como aceitável para a atmosfera. Esse índice representa uma mudança profunda no atual debate climático. Por anos, cientistas e fomentadores de políticas discutiram a possibilidade de limitar a concentração de CO₂ em 350ppm. Atualmente a concentração deste gás é de 390ppm".

Porém, novamente não se verificou a preocupação em, ao menos, disponibilizar ao leitor/internauta um link para acesso a tal estudo científico, na perspectiva de

atestar a credibilidade deste argumento da campanha e, mais além, fornecer dados adicionais para os interessados em aprofundar conhecimentos sobre o tema. No caso do limite aceitável para a concentração de CO₂ atmosférico em 350ppm, atribuído à *National Aeronautics and Space Administration* (Nasa), corroborar a autoria dessa investigação não implicaria em qualquer dificuldade ou esforço significativo. Ao lançar essa pesquisa em mecanismo de busca da internet, a autora da presente dissertação imediatamente encontrou um artigo do *Goddard Institute for Space Studies* (GISS), braço da Nasa, que sugere exatamente tal concentração de CO₂ atmosférico como meta para políticas globais³⁶.

A unidade de registro "relatório" (terceira ocorrência) aparece na seção "O Brasil no clima: a política nacional", na notícia "Fórum dos governadores da Amazônia defende pagamento por serviços ambientais", relatando as atividades deste evento, ocorrido em 15 de outubro de 2009, na cidade de Macapá, e em cujo transcurso foi apresentado "o relatório da força-tarefa sobre REDD e Mudanças Climáticas, instalada pelo presidente Lula e realizado pelo Governo Federal e os Estados da Amazônia". A notícia explica que "conforme a proposta, haverá uma distribuição de benefícios e recursos dos mecanismos de REDD entre os Estados da região Amazônica, para beneficiar tanto os locais onde há taxas altas de desmatamento, para viabilizar projetos de recuperação e proteção, quanto regiões com baixas taxas de desmatamento". Por fim, o texto informa que "o relatório defende a necessidade de apoio à ONGs, a associações e proprietários que desenvolvam ações de conservação e reflorestamento, bem como o pagamento por serviços ambientais".

A cientificidade a amparar tais propostas do relatório ficou, entretanto, como uma incógnita, já que a notícia não foi associada a um link por meio do qual o leitor/internauta pudesse ter acesso à íntegra do documento.

A terceira unidade de registro do informativo de número 3 (quarta ocorrência) – novamente "cientistas" – está na seção "Agenda da semana nacional", na divulgação prévia do III Encontro Anual do Fórum Amazônia Sustentável, programada para os dias 28 e 29 de outubro de 2009 em Belém (PA). A notícia antecipa que "Cientistas,

³⁶ Target Atmospheric CO₂: Where Should Humanity Aim? Disponível em: <<http://www.giss.nasa.gov/research/news/20081208/>>. Acesso em: 17 dez. 2011.

pesquisadores, empresários, líderes sociais, governos e ONGs se juntarão ao debate para discutir o futuro da região". Em se tratando da abordagem a um evento futuro, naturalmente se justifica a ausência de qualquer posicionamento destes cientistas cuja presença era esperada.

6.2.1.3 Informativo *online* número 5

Ainda que não estabelecida na metodologia como unidade de registro, a autora da presente dissertação considerou "cientificamente" como uma delas, dada a propriedade óbvia de sua inclusão nesta análise de conteúdo. O termo surge no informativo de número 5, apresentado como "especial" (Figura 17).



Informativo Especial TicTacTicTac

FIGURA 17 - CABEÇALHO DO INFORMATIVO 5
 FONTE: A autora

Assim, a unidade de registro "cientificamente" (quinta ocorrência) surge na cobertura da manifestação realizada em 9 de novembro de 2009, na Avenida Paulista, em São Paulo (SP), onde acontecia reunião do Fórum Brasileiro de Mudanças Climáticas, com a presença do então presidente Lula, a quem foi entregue "um abaixo-assinado simbólico, com reivindicações de 38 entidades da sociedade civil e dezenas de milhares de assinaturas". A notícia lembra a "missão do abaixo-assinado da campanha": "Um acordo climático ambicioso e justo, baseado nas necessidades cientificamente comprovadas, e comprometido com a justiça e a inclusão social". Ao leitor mais leigo quanto a estas "necessidades cientificamente comprovadas", não é oferecido nenhum

meio ou sugestão para que amealhe conhecimentos sobre elas, ou aprimore os que já possui.

6.2.1.4 Informativo *online* número 6

No informativo *online* de número 6 foi encontrada a unidade de registro "ciência" (sexta ocorrência): "A contribuição da ciência tem sido vital ao indicar a participação humana no aumento da temperatura da Terra". A notícia atribui os dados à reportagem sobre a importância da COP-15 no cenário das negociações climáticas, publicada com o título "A Hora H" na edição 36 da revista *Página 22*, do Centro de Estudos em Sustentabilidade (GVces) da Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas. No informativo consta o link de acesso ao portal da publicação³⁷, sendo possível ainda hoje recuperar a reportagem, colocando em seu campo de pesquisa os termos "COP 15".

Numa associação tecnicamente salutar entre conteúdo científico e compromisso didático do jornalismo, a matéria da revista *Página 22* traz um glossário³⁸, oportunizando ao leitor se aproximar de expressões e siglas basicamente circunscritas aos que já tinham alguma familiaridade com o tema mudanças climáticas. Além deste mérito, apresenta uma "linha do tempo com os avanços e tropeços das COPs anteriores"; enumera os diferenciais que fizeram do ano de 2007 uma catapulta para a visibilidade dos desafios relacionados às mudanças climáticas, e comenta origens e objetivos da Convenção Quadro das Nações Unidas sobre a Mudança Climática (UNFCCC, na sigla em inglês), do Painel Intergovernamental de Mudança Climática (IPCC) e do Protocolo de Kyoto.

Ao mesmo tempo em que ouviu fontes da esfera científica – o astrofísico Luiz Gylvan Meira Filho, membro do IPCC, um dos negociadores de Kyoto; e José Eli da Veiga, professor da FEA-USP e especialista em ecodesenvolvimento –, a reportagem amplificou e qualificou a mobilização da Campanha TicTacTicTac, citando sua origem,

³⁷ Disponível em: <<http://www.fgv.br/ces/pagina22/>>. Acesso em: 13 jan. 2012.

³⁸ Disponível em: <<http://pagina22.com.br/index.php/2009/11/glossario/>>. Acesso em: 13 jan. 2012.

sua "bandeira" e dando voz a seu coordenador no Brasil, Aron Belinky. Constatase, desta forma, a viabilidade de conferir critério científico aos argumentos da mobilização da campanha, o que, neste caso, demandou tão somente facilitar o acesso a um material jornalístico capaz de corresponder a tal cuidado.

6.2.1.5 Informativo *online* número 8

A última e sétima ocorrência de unidade de registro se encontra no informativo *online* de número 8: "cientistas". Essa edição, datada de 1.º de dezembro de 2009 e registrando, na contagem regressiva da campanha, que "faltam 05 dias para a COP-15", inaugura um formato bem mais sucinto, apresentando apenas os títulos de notícias, já dispostos como respectivos links de acesso, sem qualquer texto adicional a resumir cada enfoque (Figura 18).

Informativo semanal TicTacTicTac nº 08



Chamada para ação do dia 12 de dezembro: **"O Mundo quer um Acordo Pra Valer"**

Esta ação, programada para o dia 12/12/09, tem como foco realizar vigílias à luz de velas em cidades e comunidades em todo o Brasil, assim como montar murais (podem ser paredes, caixas empilhadas, banners ou qualquer outra forma de expressão que fique na história da cidade nas quais as pessoas possam deixar recados, mensagens e fotografias. A TicTacTicTac disponibilizará, como nos dias de ação anteriores, um mapa e formulário de inscrição de ações dentro do site que serão organizadas no Brasil pelos parceiros e apoiadores da Campanha.

Maiores informações em breve!

I. - Atividades da Campanha [TicTacTicTac](#)

[Gisele Bündchen apóia Campanha TicTacTicTac com filme](#)

[Campanha TicTacTicTac e parceiros entram no clima.](#)

[Show de apoio à Campanha TicTacTicTac será realizando na véspera da COP-15, dia 06/12](#)

FIGURA 18 - TRECHO DA PRIMEIRA PÁGINA DO INFORMATIVO 8
 FONTE: A autora

Assim, na seção "O caminho para Copenhague: Saiba mais sobre as negociações internacionais", consta apenas que "Cientistas dão alerta sobre ritmo do aquecimento global". Lamentavelmente, não foi possível recuperar a notícia

original na pesquisa para a presente dissertação, posto que o link no informativo já não remetia a ela e tampouco surgiu ao se lançar o título em questão em mecanismo de busca na internet. Aparece apenas no portal da própria TicTacTicTac, com data de 30 de novembro de 2009 e um texto introdutório³⁹: "No relatório especial 'O diagnóstico de Copenhague', 26 pesquisadores, a maioria deles autores de relatórios do IPCC, concluíram que vários aspectos importantes das mudanças climáticas estão ocorrendo além das expectativas que tivemos alguns anos atrás. O alerta é que o planeta pode chegar a um aumento de temperatura de até 7°C até 2100". Porém, ao se clicar na opção "Saiba mais", novamente o link não funcionava.

6.2.1.6 Oportunidades não aproveitadas

Neste ponto da dissertação apresentam-se alguns exemplos de notícias, publicadas nos informativos, nas quais não constaram as unidades de registro determinadas metodologicamente para esta categoria, mas em cujo teor se vislumbrou significativo potencial de capitalizar a base científica dos argumentos da mobilização.

No informativo número 2, por exemplo, dentre as quatro notícias da seção "Atividades da Campanha TicTacTicTac", duas, em tese, poderiam conferir à iniciativa valiosas doses de legitimidade científica, já que registram a aprovação de instituições da esfera acadêmica a sua plataforma de reivindicações. Na prática, porém, isto não ocorreu.

A primeira notícia informa que a "TicTacTicTac foi apresentada com destaque e teve grande receptividade durante o lançamento do Programa EPC (Empresas Pelo Clima), um programa do Centro de Estudos em Sustentabilidade da FGV-EAESP (GVces) voltado ao desenvolvimento de propostas e ao compartilhamento de melhores práticas relacionadas à redução de emissões e outras formas de combate às mudanças climáticas".

³⁹ Disponível em: <http://www.tictactictac.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=228:-cientistas-dao-alerta-sobre-ritmo-do-aquecimento-global&catid=38:noticias&Itemid=54>. Acesso em: 14 jan. 2012.

Observa-se a perda de uma oportunidade justa e concreta de qualificar didaticamente os argumentos da campanha pelo referendo do Centro de Estudos em Sustentabilidade (GVces) da Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas, o que se agrava pelo fato do GVces integrar o quadro de parceiros nacionais da TicTacTicTac, conforme já exposto aqui.

A outra notícia registra que foi firmada parceria entre a campanha e a Universidade Metodista, pela qual a instituição de ensino passou a divulgá-la "entre seus 18.000 alunos, e também incluindo-a na programação de seus eventos e congressos". Embora, como dito, o informativo não tenha capitalizado a parceria em foco, no sentido de revestir a campanha de qualidade científica, tornou-se claro que este valor não passava despercebido a sua cúpula. Essa assertiva se baseia na circunstância de, transcorridos 13 dias da distribuição do informativo, uma notícia⁴⁰ no portal da Universidade Metodista trazer a seguinte avaliação do coordenador executivo da TicTacTicTac, Aron Belinky: "Além de mobilizar seu grande quadro de alunos, professores e funcionários, dando um efeito multiplicador para a causa, a Universidade agrega credibilidade à Campanha".

Ainda no informativo de número 2, a seção "Atividades de parceiros/sobre mudanças climáticas no Brasil" resume dados sobre três eventos, todos promovidos por entidades do terceiro setor, apenas o primeiro deles sem um link respectivo para a obtenção de informações adicionais. Justamente este, situado no informativo como "um encontro informal para analisar as diversas propostas em formulação ou negociação para gerar mecanismos, no regime multilateral de mudança de clima, que incentivem a conservação florestal e a diminuição do desmatamento", teve a participação – ainda conforme a notícia – de "especialistas de órgãos de governo e da Universidade". Outra vez, perdeu-se uma oportunidade de associar, na prática, enunciados do terceiro setor ao critério científico, o que, com uma apropriação sagaz, poderia contribuir para qualificar os discursos mobilizadores da Campanha TicTacTicTac.

⁴⁰ Disponível em: <<http://www.metodista.br/noticias/2009/outubro/metodista-e-unica-universidade-do-pais-a-aderir-a-campanha-tic-tac-tic-tac-1/?searchterm=TicTacTicTac>>. Acesso em: 10 dez. 2011.

A seção "Atividades de parceiros/sobre mudanças climáticas no Brasil", no informativo de número 3, também registra a promoção de um evento potencialmente capaz de subsidiar, sob o critério científico, os debates levantados pela campanha. Em São Paulo, segundo a notícia, "a revista Carta Capital e a Envolverde realizaram o evento 'Diálogos Capitais - Na Rota de Copenhague', com o objetivo de "conversar sobre o Brasil e os compromissos para uma economia de baixo carbono que vão ser decididos durante a COP-15". Entre os participantes, ainda conforme a notícia, estava "José Goldenberg, Doutor em Ciências Físicas, ex-reitor da USP e ex-secretário de Meio Ambiente do Estado de São Paulo" – em tese, uma contribuição científica a qualificar os debates sobre o tema, porém não esmiuçada no informativo e tampouco associada a um link por intermédio do qual se poderia acessar o saldo dessa participação.

Por fim, o informativo de número 8 apresenta o título de uma notícia – "Brasil poderá perder R\$ 3,6 trilhões até 2050 por causa das mudanças climáticas" – já como link para ela, esse inativo no momento da presente análise. Porém, colocando-se estes termos exatos em mecanismo de busca na internet, surgiram várias notícias da alçada da indústria midiática, atestando o interesse na repercussão desse impacto econômico ao desenvolvimento do país. Ao se recorrer a apenas uma delas⁴¹, se constata que o estudo a subsidiar tal hipótese – Economia das Mudanças do Clima no Brasil (EMCB) – derivou de tratamento científico, a cargo de um consórcio de instituições públicas e privadas⁴², entre elas as universidades federais de São Paulo, Minas Gerais e do Rio de Janeiro.

Mais uma vez, se pode inferir a falta de percepção quanto a uma oportunidade estratégica na comunicação da Campanha TicTacTicTac, no sentido de imprimir capilaridade aos alertas de um trabalho científico feito por pesquisadores brasileiros que aventam prejuízos severos impostos pelas mudanças climáticas à qualidade de

⁴¹ Disponível em: <http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/economia/2009/11/25/internas_economia,156867/index.shtml>. Acesso em: 12 jan. 2012.

⁴² Participaram ainda do consórcio a Universidade de Campinas (Unicamp), a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), a Fundação Brasileira para o Desenvolvimento Sustentável (FBDS), o Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia (Ipam), o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e a Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe). (Correio Braziliense. Disponível em: <http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/economia/2009/11/25/internas_economia,156867/index.shtml>. Acesso em: 12 jan. 2012).

vida brasileira, sob o viés econômico. Dito de outro modo, o estudo "Economia das Mudanças do Clima no Brasil" guardava o potencial de aproximar o público brasileiro da compreensão relativa à importância de cobrar posicionamentos e compromissos do poder público frente ao problema das mudanças climáticas – justamente o que se pretendeu com as mobilizações levadas a termo no decorrer de toda a campanha.

6.2.1.7 Conclusões quanto à categoria "cientificidade da informação"

No cômputo geral, se verificou uma desatenção ao quesito cientificidade na produção noticiosa dos onze informativos *online* distribuídos pela Campanha TicTacTicTac, contrariando o entendimento de autores como Hannigan (2009, p.112), para quem o apoio científico constitui "uma importante parte do pacote de argumentação", em trajetórias de mobilização social cujos objetivos demandam mudanças na arena política – o cerne da proposta em tela neste estudo.

Como exposto no bojo da análise de conteúdo concernente à categoria "cientificidade da informação", se constatou um elenco de oportunidades não aproveitadas no sentido de empreender associações entre o critério científico e os argumentos centrais da Campanha TicTacTicTac, no universo de textos.

Assim, inconformada com a ausência quase total de subsídios científicos nas unidades noticiosas dos informativos *online* da Campanha TicTacTicTac, a autora do presente trabalho fez também uma análise dos vídeos cujos links foram disponibilizados nas publicações, na perspectiva de que suprissem, ao menos parcialmente, esta lacuna.

Já no informativo de número 1 – na seção "TicTacTicTac na mídia" – são expostos links para dois vídeos da campanha: o narrado pelo ator Cauã Reymond, "que está sendo exibido pela TV Globo em horários alternados", e para o vídeo "desenvolvido pela empresa Y&R que está passando em circuito comercial de cinemas".

Evidencia-se na mensagem de ambos o predomínio do esforço mobilizador, patente sobretudo no tom beirando o espetacular que permeia o texto da peça narrada pelo ator Cauã Reymond⁴³:

A cada segundo, a cada minuto, a cada dia, nosso planeta está mudando. As mudanças climáticas são uma realidade e não vão desaparecer. Muito em breve e cada vez mais, cada pessoa nesse planeta será impactada pela força destrutiva das mudanças climáticas. Não tenha dúvida: esta é a maior ameaça já enfrentada pela humanidade. Nós causamos isso e nós podemos parar essa situação. Ainda há tempo: pare as mudanças climáticas. Inclua seu nome no abaixo-assinado, sua assinatura vale um futuro (CAMPANHA TICTACTICTAC, 2009).

O outro vídeo⁴⁴, também com duração de um minuto, é uma animação a demonstrar evoluções de um animal fictício frente a intempéries naturais, até que este chega à forma hominídea, no que advém a assinatura: "Não é o planeta que tem que se adaptar, é você. Junte-se à luta contra o aquecimento global". Trata-se de um apelo cujo cerne revela maior potencial de sensibilizar os receptores já instruídos minimamente quanto aos impactos das mudanças climáticas.

Ao fim do primeiro informativo *online*, seguem-se seis links para acesso, sempre no YouTube, aos "filmes da campanha global e da TicTacTicTac" – seção presente em todas as edições. Sob o título "Hora de Acordar Global - Brasil, 21/09/2009", o primeiro deles aparece no informativo sem dados complementares em texto sobre os objetivos do evento⁴⁵, embora ele ensejasse a produção de um

⁴³ Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=0w1SdJdlmUk>. Acesso em: 05 dez. 2011.

⁴⁴ Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=oY4E8PYSdCc>>. Acesso em: 05 dez. 2011.

⁴⁵ O mundo está sonhando acordado enquanto caminhamos para uma crise de proporções épicas e históricas. Em 21 de setembro, os parceiros da Campanha TicTacTicTac, em conjunto com milhares de indivíduos, farão soar o alarme global em cidades, municípios e comunidades por todo o mundo. Utilizando alarmes, telefonemas, eventos e performances, nós precisamos da sua ajuda para organizar uma mobilização em massa e fazer muito barulho na segunda-feira, dia 21 de setembro, véspera do encontro de chefes de estado em Nova York e da conferência do G20 em Pittsburgh. Nós estamos pedindo um tratado justo e ambicioso a ser assinado em Copenhague em dezembro. Para isso será preciso fazer pressão suficiente para que os líderes mundiais não o possam ignorar. Estamos planejando um grande evento de abertura em Nova York, no dia 20 de setembro, e procuramos parceiros para liderarem ações nas grandes cidades do mundo todo para chamar a atenção dos meios de comunicação e governos. Com a sua ajuda, será possível concretizar milhares de outros eventos que compartilhem as mesmas propostas e mensagem (HORA DE ACORDAR/GUIA DE MOBILIZAÇÃO. **A chamada global pelo clima**. 21 set. 2009. p.1. Disponível em: <http://assets.wwfbr.panda.org/downloads/n25_tictac_cartilha.pdf>. Acesso em: 13 dez. 2011).

"guia de mobilização"⁴⁶, disponível para *download* no portal da TicTacTicTac e destinado a organizações parceiras da campanha e outras interessadas.

Passando ao vídeo⁴⁷, em pouco mais de cinco minutos, sucedem-se imagens de manifestações em várias cidades brasileiras, ocasionalmente intercaladas por declarações de apoio à causa. O coordenador executivo da TicTacTicTac, Aron Belinky, dimensiona a "Hora de Acordar Global" enquanto mobilização, afirmando que, no mundo, mais de dois mil eventos foram registrados no site da campanha e, no Brasil, "mais de 200 em mais de 80 cidades". Logo após, o então ministro do Meio Ambiente, Carlos Minc, declara que "antes as pessoas cortavam (*árvores*) e ganhavam cortando; agora plantam e ganham para plantar", e assina a petição da TicTacTicTac no que se percebe como um evento, ao lado do músico Tico Santa Cruz, para quem todos estavam ali "defendendo a espécie humana de maneira responsável e inteligente".

Verifica-se que o propósito desse registro em vídeo foi atestar a força da campanha, por intermédio das mobilizações que suscitou paralelamente no Brasil, mas, em nenhum momento contextualizando, sequer *en passant*, a base científica a justificar tal preocupação.

Os dois vídeos subseqüentes já foram comentados aqui, pois anteriormente expostos no informativo, no campo "TicTacTicTac na mídia" - "Relógio", com o ator Cauã Reymond, e "Adaptação".

O próximo vídeo⁴⁸, com o título "100 dias para Copenhague-Parque Ibirapuera-SP", registra o lançamento da TicTacTicTac no Brasil. Nele, Rubens Harry Born, coordenador executivo do Vitae Civilis, uma das ONGs coordenadoras da campanha, diz que naquela data pessoas e organizações "estão se mobilizando para chamar a atenção da sociedade que nós precisamos fazer algo para salvar a vida de pessoas, salvar a vida de outros seres vivos, cuidar do planeta, cuidar da gente e exigir que os negociadores, os políticos que vão estar em Copenhague em dezembro, para decidir o futuro da Convenção da ONU, tomem as decisões que

⁴⁶ Disponível em: <http://www.tictactictac.org.br/pub/N25_tictac_cartilha.pdf>. Acesso em: 06 dez 2011.

⁴⁷ Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=S-E_XA2INUI>. Acesso em: 06 dez 2011.

⁴⁸ Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=fvCqQRi0ZW8>>. Acesso em: 06 dez. 2011.

reduzam as emissões de gases de efeito estufa, diminuam o aquecimento global e encaminhem a sociedade para o desenvolvimento sustentável".

Evidencia-se o caráter político da Campanha TicTacTicTac, no sentido de pressão aos gestores públicos, reafirmado posteriormente em outra fala de Born, quando ele coloca que a Conferência de Copenhague é o culminar de "um processo de negociações, desde a Rio-92, para fazer com que os países orientem suas políticas de desenvolvimento econômico para que a sociedade possa ter dignidade e qualidade de vida com menos emissão de gases que promovem o aquecimento do planeta".

Esta peça em especial apresenta um ensaio de exposição de responsabilidades individuais frente ao problema. Isso se depreende pela declaração de Adriana Charoux, pesquisadora do Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor (Idec), lembrando que as escolhas das pessoas "têm implicações para muito além daquilo que você pode imaginar num simples ato de compra". E é corroborado pela última fala de Rubens Born, quando, após defender a importância de participação no abaixo-assinado da campanha, com a plataforma de reivindicações aos negociadores da COP, ressalva que "também há muitas opções do que pode ser feito em casa", sugerindo, entre elas, a redução do desperdício de energia e de água e a reciclagem de lixo.

O penúltimo vídeo⁴⁹ cujo link é disponibilizado no informativo número 1 da Campanha TicTacTicTac trata também da "Hora de Acordar global", desta vez remetendo a uma cobertura em inglês da mobilização, na qual se informa a ocorrência de 2.682 eventos em 135 países. Nos quase dois minutos de duração da peça, se desenrolam imagens de alguns deles, ocasionalmente entremeadas por inserções de chamadas jornalísticas extraídas de noticiários televisivos a citarem a "Hora de Acordar global".

Por fim, encerrando o elenco de vídeos, há o link para o de título "As Loucas de Pedra Lilás na Hora de Acordar"⁵⁰. Como nos demais, o acesso se dá por intermédio do YouTube, onde o resumo do filme contextualizava que "na última segunda, 21 de setembro, pessoas de mais de 100 países se mobilizaram para

⁴⁹ Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=zWrstBidAXg&feature=channel>>. Acesso: em 06 dez. 2011.

⁵⁰ Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=ocCibVmrEPc>>. Acesso em: 06 dez. 2011.

chamar a atenção dos líderes mundiais para a necessidade de um tratado justo para vencermos o desafio das mudanças climáticas". Sucedia-se a informação segundo a qual "em Recife, as Loucas de Pedra Lilás, uma ONG especializada em promover posturas cidadãs via teatro, convidaram quem passava pela rua da Aurora com a esquina da Boa Vista a ligar para nossos governantes e cobrar tratados mais preocupados com o Capibaribe e o desenvolvimento sustentável".

Relevada a imprecisão – talvez uma licença artística – em incluir o rio Capibaribe⁵¹ no mesmo patamar de preocupação mundial do desenvolvimento sustentável, o vídeo mostra um grupo de atores munidos de telefones em papelão, gigantescos, indubitavelmente catalisando as atenções dos transeuntes para si. Uma das atrizes defende ser preciso "abrir o olho" para a questão do aquecimento global e que "a gente precisa falar com nossos governantes que, afinal, são os nossos representantes". Outra atriz prega que "desenvolvimento só com sustentabilidade". Um integrante do grupo porta placa onde se lê "Menos CO₂", mensagem de alcance obviamente restrito, já que compreendida apenas pelos cidadãos com razoável domínio prévio do assunto mudanças climáticas e, mais especificamente, sobre os gases de efeito estufa.

Estes seis vídeos tiveram seus links expostos ininterruptamente nos informativos de 1 a 4, sendo que neste último é feita menção ao "clip da nova versão da música '*Beds are burning*', da campanha internacional"⁵², no decorrer de notícia

⁵¹ A bacia do rio Capibaribe apresenta uma área de 7.454,88 km² (7,58% da área do estado de Pernambuco), abrangendo 42 municípios pernambucanos, entre os quais vários centros urbanos, e servindo de corpo receptor de resíduos industriais e domésticos. (Agência Pernambucana de Águas e Clima. Disponível em: <http://www.apac.pe.gov.br/page.php?page_id=198>. Acesso em: 10 dez. 2011).

⁵² Em 1987, "Beds Are Burning" abriu o álbum "Diesel And Dust", do Midnight Oil. Em sua primeira versão, ela é uma canção política que prega a devolução das terras tomadas do povo aborígene Pintupi. Seus integrantes foram obrigados a deixar o deserto e se deslocar, dos anos 1930 até o final da década de 70, para assentamentos criados pelo governo australiano. À época, o refrão dizia: "A hora chegou para dizer que o justo é justo / de pagar o aluguel / de pagar nossa parte / a hora chegou/ o fato é fato / (a terra) pertence a eles / Vamos devolvê-las". Ao ser consultado pelos produtores da gravadora The Hours, encarregada de produzir uma música e o vídeo oficial da campanha TckTckTck, o grupo reescreveu o refrão que – agora – se torna o hino oficial do movimento global: "Como podemos dançar quando nossa terra está girando? / como podemos dormir enquanto nossas camas estão queimando?". (Blog "do boleiro". Disponível em: <<http://borgesluciano.blog.terra.com.br/2009/10/23/torcedores-do-galo-serao-chamados-para-colaborar-em-campanha-contra-o-aquecimento-global/>>. Acesso em: 12 jan. 2012).

informando que ele foi exibido no "telão do Mineirão" em iniciativa da TicTacTicTac a cargo da Rede Juventude pelo Meio Ambiente e do Coletivo Jovem de Minas Gerais. O link para este "vídeo da campanha" aparece apenas no informativo de número 5 – Beds are Burning / Legendado –, porém encontrava-se indisponível no momento da pesquisa para a presente dissertação.

No informativo de número 7, surge o link para mais um vídeo da campanha, sob o título "Resumo das ações da Campanha TicTacTicTac (Nov/09)"⁵³. Em pouco mais de três minutos, a peça exhibe trechos de manifestações ocorridas em várias cidades brasileiras, entre as quais a entrega da petição da campanha ao então presidente Lula. As imagens se sucedem tendo ao fundo uma música de autoria não determinada, em cujo refrão consta a advertência: "Cuidado gente / a Terra está ficando quente / quente demais / pelo amor de Deus, não somos imortais".

No informativo de número 8, é agregado um novo vídeo à lista - "Gisele Bündchen integra Campanha TicTacTicTac" –, cujo link novamente se encontrava indisponível quando da pesquisa para esta análise de conteúdo, razão pela qual não foi possível avaliar o recurso de dados científicos em seu teor.

Em síntese, no rol de vídeos com acesso sugerido e viabilizado por intermédio dos informativos *online* da Campanha TicTacTicTac, tampouco se observou uma disposição em qualificar tais peças pelo critério científico, um dos componentes da dimensão didática/pedagógica.

6.2.2 Estratégias mobilizadoras da comunicação

Conforme assinalado na metodologia deste trabalho, a categoria de análise de conteúdo "Estratégias mobilizadoras da comunicação" tem como norte o cabedal teórico de Toro e Werneck (1996b, p.31), quando estabelecem quatro dimensões comunicacionais básicas de um processo de mobilização social: o imaginário, o campo de atuação, a coletivização e o acompanhamento, todas operadas simultaneamente. De fato, em vários momentos da presente análise sobre o *corpus* dos onze

⁵³ Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=xJbmRtrou4o>>. Acesso em: 12 jan. 2012.

informativos *online* da Campanha TicTacTicTac, foi possível observar uma interface entre duas ou mais destas dimensões, ou seja, determinados discursos, por exemplo, não só atuavam sobre o imaginário do público receptor, mas também, em paralelo, sugeriam seus campos de atuação em prol da consecução dos objetivos da iniciativa. Em função dessa singularidade, a análise a seguir não obedece rigidamente uma apresentação cronológica por ocorrências.

No *corpus* em análise, o "imaginário convocante", na "forma de um horizonte atrativo" – como definem Toro e Werneck (1996b, p.20) – se repete sucessivamente nas aberturas dos informativos *online* de 1 a 3, quando posiciona 24 de outubro daquele ano, 2009, como "Dia Nacional ao abaixo assinado para um clima saudável e seguro".

Já numa mescla com o campo de atuação – o repertório de sugestões que, para Toro e Werneck (1996b), deve ser exposto pela mobilização aos potenciais interessados em seus objetivos –, estas aberturas dos informativos se revelam bastante empenhadas em indicar, sempre nos mesmos termos, um elenco variado de alternativas tanto para adesão a eventos, quanto para a promoção destes:

Escolha eventos artísticos, esportivos, religiosos e culturais que ocorrerão dia 24 de outubro, próximos a você. Aproveite o espaço e o público para passar a mensagem da TicTacTicTac e espalhar o abaixo-assinado. Se preferir organizar seu próprio evento, sugerimos escolher uma local com algum significado especial para você e sua comunidade: uma praça, parque ou praia que você quer proteger das mudanças climáticas. Use a sua criatividade para reunir e motivar o público.

Passeios de bicicleta, marchas, concertos, caminhadas, festivais, plantação de árvores, protestos, e mais acontecerão no mundo inteiro (INFORMATIVOS CAMPANHA TICTACTICTAC, NÚMEROS 1, 2 e 3, 2009, p.1).

Ao final deste enunciado comum aos três primeiros números, se verifica o retorno ao imaginário enquanto sentido da mobilização: "A ideia é que as ações se relacionem com milhares de outras ações no mundo inteiro, para que a mensagem do dia 24 de outubro seja poderosa: O mundo precisa das soluções climáticas que a ciência e a justiça exigem".

Uma investida mais didática no imaginário surge no informativo de número 2, num preâmbulo aos relatos quanto a três eventos na seção "Atividades de parceiros / sobre mudanças climáticas no Brasil":

Destacamos eventos que abordaram temas importantes e instigantes, sobre os quais há uma diversidade de abordagens e posicionamentos: a preparação para lidar com situações climáticas extremas e as diferentes visões de como

promover a redução de emissões associadas ao desmatamento, sem criar efeitos perversos e ao mesmo tempo promover justiça social e efetividade ambiental. A Campanha tem estimulado debates em torno desses temas, pois nesse momento é importante o engajamento de diversos setores da sociedade no encontro de soluções justas para a sustentabilidade da conservação florestal e vida digna das pessoas que vivem em áreas florestais (INFORMATIVO NÚMERO 3, 2009, p.2).

No último informativo a anteceder a "Mobilização para o Dia de Ação – 24 de outubro", o de número 3, com data de 19 de outubro, se observa mais uma notícia em tom convocatório, na qual se mesclam duas das dimensões trabalhadas teoricamente por Toro e Werneck (1996b): o imaginário e o campo de atuação: "No próximo sábado, dia 24 de outubro, cidades de todo o Brasil serão palco de diversos eventos para sinalizar que está na hora de serem tomadas decisões que garantam um acordo ambicioso, justo e comprometido na COP-15 da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas, que reunirá os governos mundiais de 7 a 18 de dezembro de 2009, em Copenhague, na Dinamarca". Tal apelo ao imaginário, na forma deste chamamento aos líderes mundiais, é expresso com recurso semiótico no informativo *online* 6, onde a campanha apresenta charge "especialmente produzida para ela pelo ilustrador Roberto Negreiros" (Figura 19).



FIGURA 19 - CHARGE "PAREM DE JOGAR COM NOSSO FUTURO"
 FONTE: Informativo *online* Campanha TicTacTicTac, número 5, p.4

Outra das dimensões básicas de uma mobilização social, na visão de Toro e Werneck (1996b), em cujo transcurso a comunicação emerge como determinante – a coletivização –, implica em levar "o sentimento e a certeza" aos participantes da iniciativa de que o que fazem, em seus respectivos campos de atuação, vem sendo feito por outros, numa união de propósitos e sentidos.

Sob esse prisma, os informativos de 1 a 3, antecedentes ao "Dia Nacional de Adesão ao abaixo assinado para um clima saudável e seguro", 24 de outubro, conferiram visibilidade à evolução mundial em termos de mobilizações pela iniciativa, ilustrada a cada edição: "Até o presente momento foram registrados 1.742 eventos em 140 países" (número 1); "até o presente momento estão registrados 2.252 eventos em 152 países" (número 2) e "até o presente momento estão registrados 3.714 eventos em 164 países" (número 3).

Da mesma forma, em paralelo à dimensão da coletivização, se verificou pela presente análise o acompanhamento que, segundo Toro e Werneck (1996b), contribui para alimentar o entusiasmo dos já participantes do movimento e também para gerar interesse que favoreça a adesão de outros. Tal estratégia se manifestou pelo registro sistemático do avanço numérico de assinaturas corroborando os propósitos da campanha. Nas edições de 1 a 4, um mesmo enunciado se repete, apenas atualizando este universo de envolvidos: "Até agora, mais de 1,37 milhões de pessoas no mundo inteiro assinaram a petição da campanha TckTckTck" (número 1); "Até agora, mais de 1,47 milhões de pessoas no mundo inteiro assinaram a petição da campanha TckTckTck" (número 2); "Até agora, mais de 2,22 milhões de pessoas no mundo inteiro assinaram a petição da campanha TckTckTck" (número 3) e "Até agora, mais de 2,6 milhões de pessoas no mundo inteiro assinaram a petição da campanha TckTckTck" (número 4).

No informativo de número 5, este acompanhamento surge contextualizado no bojo de uma notícia sobre manifestação da campanha na Avenida Paulista, "com o intuito de chamar a atenção do Presidente Lula, da Ministra da Casa Civil, Dilma Rousseff, e de todos os tomadores de decisões que se reuniram no último dia 09 no auditório do Banco do Brasil, em São Paulo, para encontro com o Fórum Brasileiro de Mudanças Climáticas (FBMC)". Depois de informar que "o coordenador executivo da campanha TicTacTicTac, Aron Belinky, entregou um abaixo-assinado simbólico, com reivindicações de 38 entidades da sociedade civil e dezenas de milhares de assinaturas, a Lula e aos seus representantes", a notícia estabelece "um acordo

climático ambicioso e justo, baseado nas necessidades cientificamente comprovadas, e comprometido com a justiça e a inclusão social" como "a missão do abaixo assinado da campanha TicTacTicTac". E novamente contabiliza adeptos: "Até o momento, foram recolhidos cerca de três milhões de assinaturas em todo o mundo".

Essa mensagem se repete textualmente no informativo *online* 6, no escopo de uma notícia em que se observa, também, o imaginário convocante propugnado por Toro e Werneck (1996b):

As últimas notícias de que alguns países desejam adiar para 2010 as decisões previstas para a COP-15, minimizando assim a importância de um acordo climático, demonstram o quanto a nossa luta é importante e servem para reforçar que devemos estar cada vez mais unidos na luta por um acordo justo, ambicioso e de força de lei.

Ainda dá tempo de evitar o pior, mas é preciso agir imediatamente! A transição para uma economia de baixo carbono pode trazer grandes benefícios, mas isso depende de como agirmos agora. A cada dia que passa, devemos mostrar ao mundo e ao Brasil que somos uma força única. Por isso, a Campanha TicTacTicTac gostaria de reafirmar sua plataforma mínima e contar com a sua ajuda para alcançarmos juntos 500 mil assinaturas no país. Você é uma peça fundamental. (INFORMATIVO NÚMERO 6, 2009, p.2).

No informativo *online* 7, novamente são prestadas contas quanto à evoluções das adesões ao abaixo-assinado da campanha global TckTckTck – "já recolheu quase 4 milhões de assinaturas até o presente momento". O mesmo propósito de viabilizar o acompanhamento ocorreu nas edições seguintes: "Até o momento, mais de 9,8 milhões de pessoas já assinaram o manifesto da campanha TckTckTck. Em poucos dias serão alcançados os 10 milhões, e todas estas assinaturas serão entregues aos líderes mundiais durante a COP-15" (número 8); "Campanha TicTacTicTac entrega a esperança de mais de 10 milhões de pessoas por um acordo que seja justo, ambicioso e vinculante" (número 9) e, por fim, "Até o momento, mais de 15 milhões de pessoas assinaram a petição da Campanha TckTckTck" (número 11).

No último informativo *online*, o de número 11, lançado em 22 de dezembro de 2009 – portanto, já transcorridos vários dias do término da COP-15 –, a campanha apresenta um balanço mais expressivo de seus resultados. A primeira página da edição (Figura 20) traz um resumo da nota divulgada pela coordenação

da TicTacTicTac no Brasil, com o link para o texto na íntegra, sob o título "Há muito o que fazer"⁵⁴, que encima também a notícia no informativo, segundo a qual:

[...] a nota enfatiza que a Conferência em Copenhague não chegou a um tratado justo, ambicioso e legalmente vinculante que milhões de pessoas por todo o planeta exigiram. Mas, ao mesmo tempo e se referindo aos milhares de eventos, manifestações e demais mobilizações da sociedade civil durante os Dias de Ação em 2009 envolvendo milhões de pessoas ao redor do mundo, reconhece que "é impossível não sentir uma enorme esperança, vendo um movimento que cresceu tanto, tão rápido". A nota destaca, também, a grande importância da mobilização da Campanha TicTacTicTac e de seus parceiros na definição da posição adotada pelo Brasil na COP, sintetizada no discurso e nas ações do presidente Lula durante a COP. A Campanha demanda aos líderes mundiais que falharam em Copenhague que terminem as negociações e, ao mesmo tempo, declara que "também nós, a sociedade civil global, temos muito que fazer, para manter a pressão e ampliar a mobilização pelo que queremos e precisamos" (INFORMATIVO NÚMERO 11, 2009, p.1).

Informativo semanal TicTacTicTac nº 11



"Há muito o que fazer"

Ao encerrar a COP-15, no sábado, dia 19 de dezembro, a Coordenação da Campanha TicTacTicTac divulgou para os seus parceiros e para o público e a mídia em geral nota com balanço da COP-15, alinhada com o posicionamento da Campanha global TckTckTck. Com o título "Há muito por fazer!", a nota enfatiza que a Conferência em Copenhague não chegou a um tratado justo, ambicioso e legalmente vinculante que milhões de pessoas por todo o planeta exigiram. Mas, ao mesmo tempo e se referindo aos milhares de eventos, manifestações e demais mobilizações da sociedade civil durante os Dias de Ação em 2009 envolvendo milhões de pessoas ao redor do mundo, reconhece que "é impossível não sentir uma enorme esperança, vendo um movimento que cresceu tanto, tão rápido". A nota destaca, também, a grande importância da mobilização da Campanha TicTacTicTac e de seus parceiros na definição da posição adotada pelo Brasil na COP, sintetizada no discurso e nas ações do presidente Lula durante a COP. A Campanha demanda aos líderes mundiais que falharam em Copenhague que terminem as negociações e, ao mesmo tempo, declara que "também nós, a sociedade civil global, temos muito que fazer, para manter a pressão e ampliar a mobilização pelo que queremos e precisamos."

- Atividades da Campanha TicTacTicTac

FIGURA 20 - TRECHO DA PRIMEIRA PÁGINA DO INFORMATIVO DE NÚMERO 11
 FONTE: A autora

Ao se observar a nota disponibilizada no portal da campanha, é possível detectar a importância conferida aos resultados da mobilização social, ainda que o saldo da COP-15, em termos de negociações por parte dos mais de 120 líderes mundiais presentes, seja colocado, na nota, como gerador de "desapontamento e

⁵⁴ Disponível em: <http://www.tictactictac.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=373&Itemid=1>. Acesso em: 13 jan. 2012.

decepção": "Apesar disso, é impossível pensar nas últimas duas semanas e não sentir uma enorme esperança! Vimos ao longo deste ano o rapidíssimo crescimento de um processo de articulação e mobilização social, no Brasil e em todo o planeta, que não arrefecerá. Milhões de pessoas e centenas de organizações, em praticamente todos os países do mundo, estão agora despertas e conectadas em torno da questão do clima, demandando medidas urgentes, com efetividade e justiça climática".

A nota prossegue afirmando que "Nós, brasileiros, além de esperança devemos sentir um grande orgulho, pelos resultados de nosso trabalho". E situa, "sem sombra de dúvida", "a mobilização da qual a campanha TicTacTicTac e seus parceiros são partes fundamentais" como "um fator decisivo na posição adotada pelo Brasil na COP15, sintetizada no discurso e nas ações do presidente Lula, especialmente nos dias 17 e 18 de dezembro". A este enunciado, sucede-se o convite: "Veja em nosso site esse discurso histórico", sem que, contudo, tenha sido possível recuperar tal texto no portal, pelo caminho do campo de pesquisa, nem tampouco pelo link disponibilizado no informativo *online* número 11.

Na mesma edição, o leitor/internauta era convidado a visitar a seção "E agora?"⁵⁵, do portal da Campanha TicTacTicTac, "para saber mais sobre a COP15, seus resultados e as perspectivas futuras", reunindo várias reportagens e análises referentes ao tema.

Encerrando o informativo *online* número 11, duas notícias, com seus títulos já em link, também traziam dados sobre o balanço do evento, na seção "Resultados da COP15": "Falta de acordo ambicioso marca fim da Conferência de Copenhague"⁵⁶ e "Dinamarca é criticada pela organização da Cúpula"⁵⁷.

⁵⁵ Disponível em: <http://www.tictactictac.org.br/index.php?option=com_content&view=category&id=44:porque-tictac&layout=blog&Itemid=92>. Acesso em: 14 jan. 2012.

⁵⁶ Disponível em: <http://www.tictactictac.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=378:falta-de-acordo-ambicioso-marca-fim-da-conferencia-de-copenhague>. Acesso em: 14 jan. 2012.

⁵⁷ Disponível em: <http://www.tictactictac.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=379:dinamarca-e-criticada-pela-organizacao-da-cupula>. Acesso em: 14 jan. 2012.

6.2.2.1 Conclusões quanto à categoria "estratégias mobilizadoras da comunicação"

No que concerne à categoria "Estratégias mobilizadoras da comunicação", no presente estudo analisada metodologicamente sob a ótica de Toro e Werneck (1996b), se pode inferir que as quatro dimensões comunicacionais apontadas pelos autores como básicas de um processo de mobilização social – o imaginário, o campo de atuação, a coletivização e o acompanhamento – foram contempladas nos informativos *online* da Campanha TicTacTicTac, porém em escalas diversas. A menor ocorrência se refere à dimensão do imaginário, que, segundo a ótica destes autores, "contém elementos de validade formais (históricos e científicos) e, nesse sentido, é uma fonte de hipóteses para ação e o pensamento" (TORO; WERNECK, 1996b, p.21).

Essa inferência resulta, por exemplo, do registro sucessivo nas aberturas dos informativos *online* de 1 a 3, ao classificar 24 de outubro daquele ano, 2009, como "Dia Nacional ao abaixo assinado para um clima saudável e seguro". Há esse tipo de descritivo de cenário futuro em vários momentos dos textos, embora se possa observar que ele não foi subsidiado sob o prisma da validade formal científica. Como já se observou anteriormente, nas conclusões quanto à categoria "cientificidade da informação", o critério científico não emerge como suporte concreto aos argumentos da mobilização aqui em análise, no *corpus* dos informativos *online*.

Já que no tange ao campo de atuação, os informativos *online* da Campanha TicTacTicTac, de modo geral, se esmeraram em cumprir os pressupostos dessa dimensão. As possibilidades de participação dos interessados – seja individualmente, em grupos informais ou organizados como entidades do terceiro setor – ficaram bem determinadas em sugestões apontadas sucessivamente. Colocou-se inclusive a viabilidade de baixar materiais de divulgação da campanha em seu respectivo portal.

A cobertura sistemática das manifestações e eventos, ao reverberarem os objetivos da TicTacTicTac, atendeu a dimensão da coletivização, assim como o registro numérico ascendente das adesões ao abaixo-assinado que os elencava. Todos esses enunciados cumpriram, de certa forma, também a dimensão do acompanhamento, a visibilidade social dada aos resultados, pelos termos de Toro e Werneck (1996b).

Por fim, conforme exposto no decorrer da análise de conteúdo, transcorrida a COP-15, a comunicação da TicTacTicTac valorizou os resultados da campanha no

aspecto da mobilização que ensejou, assumindo o saldo imerso em "desapontamento e decepção" das negociações empreendidas no decorrer da Conferência em Copenhague.

6.2.3 Caráter didático da comunicação

Ao retomar as características da comunicação para a mobilização social, condicionantes, na ótica de Henriques *et al.* (2004), para que tal estratégia seja processada sob parâmetros éticos, sua dimensão didática completa e viabiliza o exercício das outras duas dimensões comunicacionais defendidas pelos autores: a dialógica e a libertadora – ou transformadora.

Conforme exposto na metodologia da presente análise de conteúdo, em relação a seu primeiro *corpus* – os onze informativos *online* da Campanha TicTacTicTac –, o foco central reside na categoria "caráter didático da comunicação". É importante assinalar, contudo, que Henriques *et al.* (2004, p.28) apontam um entrelaçamento significativo deste caráter com os demais, à medida que a comunicação para a mobilização, em sendo efetivamente dialógica e libertadora, depende da dimensão educativa no sentido de "gerar referências para a ação e para a mudança de atitudes e mentalidades dos indivíduos".

Assim, como abordagens capazes de subsidiar a análise do caráter didático nos enunciados das unidades noticiosas a constarem deste *corpus*, foi determinada metodologicamente a observância a duas delas: 1) o que são as mudanças climáticas, suas origens e impactos previstos ou já em curso, e 2) as razões pelas quais se justificava a pressão popular em prol de políticas públicas visando o enfrentamento do problema.

6.2.3.1 O que são as mudanças climáticas, suas origens e impactos previstos ou já em curso

Quanto à primeira abordagem, não foi possível encontrar no *corpus*, por um discurso didaticamente organizado, explicações sobre as mudanças climáticas quanto

a suas origens antropogênicas, embora algumas delas tenham sido mencionadas no contexto de unidades noticiosas. No informativo de número 2, por exemplo, uma nota sobre evento realizado em São Paulo diz que nele "houve debate sobre as demandas de governadores da Amazônia, e a análise de vantagens e desvantagens de outras concepções e mecanismos, públicos e privados, de redução de emissões de gases de efeito estufa associada à redução de desmatamento e degradação florestal".

O caráter didático no que tange a esta primeira abordagem sob análise no *corpus* em questão se mostrou quase plenamente restrito, portanto, aos impactos das mudanças climáticas previstos ou já em curso.

Informativo número 1

No informativo *online* de número 1, uma notícia já comentada aqui, na categoria "cientificidade da informação", relata o envio de um livreto pela Campanha TicTacTicTac, para "autoridades e formadores e opinião no Brasil", baseado em relatório do Fórum Humanitário Global. Observa-se uma faceta didática na mensagem, quando expõe:

O relatório mostra que as mudanças climáticas matam mais de 300.000 pessoas a cada ano, e há perdas econômicas de pelo menos US\$ 125 bilhões, principalmente nos países em desenvolvimento. A carta para as personalidades pede que os países desenvolvidos reduzam as emissões em pelo menos 40% até 2020 e disponibilizem recursos para apoiar os países mais pobres a se adaptarem às piores consequências da crise climática (INFORMATIVO NÚMERO 1, 2009, p.1-2).

Informativo número 2

Impactos das mudanças climáticas são também enfocados no informativo de número 2. Uma das notícias relata a marcha nas ruas de Bangkok, "durante a reunião preparatória para COP-15 da ONU sobre mudanças climáticas", manifestação a reunir "ativistas, grupos de jovens e membros comunitários", com o objetivo de "reivindicar ações urgentes para a proteção do clima, considerando que os recentes desastres climáticos na Ásia colocaram em perigo a sobrevivência de muitas pessoas da região". Ainda que utilizando um discurso de cunho potencialmente didático, no sentido de associar reação organizada a um quadro já preocupante, a concisão é tamanha que mais fornece vislumbres de conhecimento – em especial ao público

leigo – do que explicações efetivas quanto às várias nuances imbricadas em ações urgentes para proteção do clima, desastres climáticos na Ásia e seus danos à sobrevivência das populações por eles atingidas.

Outra notícia, na mesma edição, também apresenta um viés didático, ao levantar reflexões entre as mudanças climáticas e seus potenciais efeitos sobre o mercado de trabalho global: "a Confederação Internacional de Sindicatos (ITUC) expressou em Bangkok as suas preocupações com a perda de empregos devido às mudanças climáticas. Os sindicatos afirmaram que boas políticas podem, ao mesmo tempo, beneficiar o planeta e a população, através da criação de milhões de empregos novos, decentes e verdes". Essa proposta é justificada a seguir, quando se coloca, como objetivo da Confederação, "garantir que os trabalhadores e trabalhadoras em indústrias que são ameaçadas pelas mudanças climáticas recebam a capacitação e o apoio para se inserir em novos empregos verdes".

Informativo número 3

No informativo de número 3, notícia sobre as conclusões do Tribunal Internacional de Justiça Climática (TIJC), "instância que conta com a participação de oito jurados, integrantes de organizações sociais de todo o mundo", extraídas em evento na cidade boliviana de Cochabamba, enumera didaticamente impactos sociais das mudanças climáticas: "Os membros do júri afirmaram a 'grande urgência de dar resposta aos problemas ocasionados pelas mudanças climáticas', devido ao aprofundamento das injustiças existentes e por apresentar uma ameaça aos elementos básicos da vida humana. O Tribunal considera as mudanças climáticas como 'maior problema socioambiental com o qual a humanidade se enfrenta', agravando problemas como a pobreza, a fome, a guerra, as desigualdades de gênero, a soberania alimentar, a falta de acesso a água e saneamento, entre outros".

Informativo número 4

Um rol de impactos sociais do problema é exposto, com discurso razoavelmente didático, também no informativo de número 4, em notícia sobre reunião do Grupo de Trabalho Mudanças Climáticas, Pobreza e Desigualdade do Fórum Brasileiro de Mudanças Climáticas, promovida em 19 de outubro no Rio de Janeiro. No evento, o GT "apresentou documento ao Secretário-Executivo do FBMC, Luiz

Pinguelli Rosa, com vistas ao seu encaminhamento ao Presidente Lula". Ainda conforme a notícia, "No documento, as entidades afirmam que 'as mudanças climáticas exacerbam as vulnerabilidades já existentes das populações mais pobres, como aquelas relacionadas a inundações, deslizamentos de encostas, perda de plantios e de outros meios de subsistência devido à perda da biodiversidade, falta de água e proliferação de doenças, contribuindo para comprometer seriamente os ganhos recentes obtidos no país de diminuição da extrema pobreza e da desigualdade".

6.2.3.2 Justificativas para a pressão popular em prol de políticas públicas visando o enfrentamento das mudanças climáticas

No que concerne às razões pelas quais se justificava a pressão popular em prol de políticas públicas visando o enfrentamento das mudanças climáticas – segunda abordagem a nortear a análise dos onze informativos *online* da TicTacTicTac, na categoria "caráter didático da comunicação" –, os achados do *corpus* se inserem em vários contextos.

Informativo número 1

No informativo de número 1, se encontra uma ampla cobertura da reunião da ONU em Bangkok, Tailândia – preparatória à COP-15 –, material reproduzido de edição especial do boletim da ONG Vitae Civilis, com data de 29 de setembro de 2009 e texto atribuído, na publicação da TicTacTicTac, a Morrow Gaines Campbell III. O portal da Vitae Civilis⁵⁸ o posiciona, na seção "Quem somos/Estrutura", entre seus "associados", na qualidade de "especialista em Clima" – o que não é citado no informativo.

Embora, nos cinco parágrafos da notícia, se desenrole um acompanhamento basicamente factual de pontos polêmicos e significativos do evento, ele contribui para a compreensão do leitor quanto aos enfoques das tratativas governamentais esperadas na COP-15, o que, por extensão, ao menos em tese, forneceria aos

⁵⁸ Disponível em: <www.vitaecivilis.org.br>. Acesso em: 06 dez. 2011.

receptores uma maior percepção do papel da mobilização social no sucesso de tais trâmites. O texto expõe as principais pautas das negociações, entre elas "adaptação às mudanças de clima, redução de emissões de gases de efeito estufa provenientes do desmatamento e degradação de florestas - REDD⁵⁹, transferência de recursos financeiros, e tecnologia e capacitação".

Verifica-se, porém, um discurso de compreensão limitada ao público já detentor de conhecimentos razoavelmente aprofundados sobre esses debates entre governos, à medida que, por exemplo, cita o REDD sem, paralelamente, explicar, ainda que de forma sucinta, seus pontos centrais.

O mesmo ocorre quando a notícia informa a defesa brasileira a dois mecanismos em discussão: o REDD e as Ações de Mitigação Nacionalmente Apropriadas (NAMAs)⁶⁰ – este igualmente um conceito cujos propósitos e meandros teriam grande chance de não se encontrar ao alcance do entendimento de significativa parcela dos potenciais aderentes à Campanha TicTacTicTac.

Por fim, a notícia faz um registro que exemplifica iniciativa prática de pressão dotada de potencial visibilidade midiática, ao comentar que, em 30 de setembro, a União Europeia ganhou o Prêmio Fóssil do Dia em Bangkok, "entregue diariamente pela rede CAN (Rede Internacional de Ação pelo Clima) para o país que coloca obstáculos nas negociações".

Ainda que apenas se vislumbre um caráter didático nesta informação, à medida que, como já dito, ilustra uma expressão prática de pressão social organizada, esta análise a expõe por sua capacidade de representar, logo em seguida, um contraste não só à dimensão pedagógica da comunicação, mas também a um pressuposto básico da redação jornalística: clareza. Numa tentativa mal sucedida de explicar

⁵⁹ REDD é a sigla para Redução de Emissões por Desmatamento e Degradação florestal. Segundo o conceito adotado pela Convenção de Clima da ONU, se refere a um mecanismo que permite remuneração aos países que mantêm suas florestas em pé, sem desmatar, e com isso, evitam as emissões de gases de efeito estufa associadas ao desmatamento e degradação florestal (PINTO *et al.*, 2010, p.37).

⁶⁰ Esse instrumento surgiu como forma de estimular os países em desenvolvimento a reduzirem sua expectativa de aumento de emissões. Para cada NAMA, espera-se uma contrapartida financeira por parte dos países desenvolvidos. Diferentemente do MDL - Mecanismo de Desenvolvimento Limpo, o NAMA não trata de projetos específicos e sim de uma ação nacional, que deve ser estruturante para o país (RIBEIRO, 2009, p.14).

essa outorga desonrosa à União Européia – o Prêmio Fóssil do Dia –, a notícia coloca: "O motivo foi a vontade de excluir um parágrafo no texto negociador que expressa grande preocupação com relação à lacuna substancial entre recursos necessários para mitigar os impactos das mudanças climáticas e a redução dos gases de efeito estufa em países em desenvolvimento e os recursos atualmente disponíveis". Como se pode depreender, um enunciado nada esclarecedor, sobretudo para os leitores pouco familiarizados com as tratativas internacionais visando o enfrentamento das mudanças climáticas.

Informativo número 2

No informativo de número 2, o REDD volta a ser comentado, ainda no contexto de um balanço da reunião da ONU em Bangkok, desta feita sob um prisma mais elucidativo quanto aos propósitos do mecanismo e, também, apresentando alguns riscos de uma condução ineficaz no estabelecimento de seus termos – o que, teoricamente, contribuiria para aproximar o público receptor do papel da sociedade civil em pressionar os respectivos governos a encaminhamentos coerentes com os argumentos de suas mobilizações.

Informa a notícia que, "quanto à questão específica de mecanismos de compensação para a Redução de Emissões de Desmatamento e Degradação de Florestas – REDD, um documento de trabalho foi preparado pelo 'Chair' do Grupo de Contato sobre Ação Aumentada de Mitigação e as Medidas Respectivas de Implementação visando à consolidação de diversas propostas para um texto de negociação". Após essa contextualização, prossegue afirmando que:

No primeiro capítulo, sobre Objetivos, Abrangência e Princípios Orientadores, este texto diz: 'Todas as Partes devem coletivamente olhar para a perda de cobertura florestal nos países em desenvolvimento até 2030...'. Admitir que REDD visa preservar 'cobertura florestal' é abrir a porteira para a especulação e dar acesso ao mecanismo pelos investidores em projetos de reflorestamento e plantios de monocultura de árvores, que muitos insistem em chamar de reflorestamento. Isto seria contrário aos objetivos de REDD (INFORMATIVO NÚMERO 2, 2009, p.4).

A notícia revela ainda uma nuance didática quando associa o modelo de produção predominantemente predatório aos recursos naturais, sobretudo nos países desenvolvidos, à degradação florestal: "Outro ponto no documento que preocupa é a

ausência de qualquer referência aos vetores de pressão sobre as florestas: agricultura, pecuária, madeiras etc. Um regime de REDD que ignora esses vetores de pressão será, certamente, incompleto, omissivo e perigosamente arriscado".

Informativo número 3

Essa associação entre o norte do desenvolvimento econômico, em contraponto à conservação ambiental, também ocorre, de maneira razoavelmente didática, no informativo de número 3, quando discorre sobre a nota pública da Campanha TicTacTicTac, produzida em "reação à notícia divulgada na imprensa de que a ministra Dilma Rousseff exigiu a revisão da proposta apresentada pelo Ministério do Meio Ambiente para que fosse minimizado o compromisso sugerido de redução das emissões de gases de efeito estufa a ser apresentado durante a COP-15".

Conforme pontua o texto, "A nota questiona o argumento de precisar emitir mais gases de efeito estufa em decorrência de um objetivo de taxas mais elevadas de crescimento econômico. Defende que o desenvolvimento econômico é necessário, mas só faz sentido se 'acompanhado de real melhoria na qualidade de vida, conquistada de forma sustentável". E relaciona segmentos produtivos ao problema das mudanças climáticas, expondo a defesa da nota pública a "metas de aumento da eficiência (produção versus emissões de gases de efeito estufa) também para os setores energético, de transportes, industrial, agrícola, de serviços e tantos outros: 'Serão essas metas que orientarão os investimentos públicos e privados rumo a uma economia moderna e sustentável".

Informativo número 6

O informativo de número 6 traz um alerta da campanha que denota esforços pela compreensão quanto à importância dessa mobilização social. Ao defender que "Postergar decisões da COP-15 é um ato criminoso", o texto torna pública a "indignação" da TicTacTicTac, suscitada pelas "últimas declarações de países como os Estados Unidos, México e China de adiar para 2010 as decisões previstas para a Conferência do Clima (COP-15) em dezembro em Copenhague, Dinamarca". Ao classificar a postura destes governos como "imoral e politicamente inaceitável", a notícia apresenta um retrospecto que ilustra didaticamente a relevância da COP-15, ao situar o porquê da expectativa em torno das negociações programadas para

transcorrer no evento e, mais além, as responsabilidades das nações envolvidas, inclusive o Brasil:

Há dois anos, numa conferência em Bali, na Indonésia (COP-13), foi decidido que a COP-15 seria o prazo final para definir um pacto climático, com decisões legalmente vinculantes dos compromissos de redução de gases de efeito estufa nos países industrializados. Já os diálogos políticos para uma nova etapa do acordo global foram iniciados na COP-11 em Montreal, 2005. Isso porque o Protocolo de Quioto determinava que as negociações deveriam começar 7 anos antes do primeiro período de compromisso de redução de gases do efeito estufa. "Tivemos pelo menos 4 anos para conversar. Copenhague é para tomar as decisões de validade jurídica e não de meras declarações políticas", afirma Rubens Harry Born, do Instituto Vitae Civilis e conselheiro da Campanha TicTacTicTac.

Os atrasos nas negociações implicam, tacitamente, na ampliação do número de vítimas humanas, de eventos extremos e graves impactos socioeconômicos. Ao adiar a assinatura de acordos legalmente vinculantes, estes países deverão ser responsabilizados por mortes e outras consequências desta decisão.

Cabe agora ao governo brasileiro – que poucos dias antes mudou de postura e apresentou objetivos quantificáveis para limitar o crescimento e eventualmente reduzir as emissões brasileiras – elevar o tom de suas cobranças no plano internacional, aliando-se a outros relevantes países que ainda lutam por acordos legalmente vinculantes (medida do sucesso em Copenhague) fazendo valer a credibilidade que ganhou com sua iniciativa.

Mas, para dar consistência a esta credibilidade, é fundamental que presidente Lula e sua equipe ajam também aqui no Brasil, consolidando os compromissos assumidos por meio da necessária legislação e das políticas públicas correspondentes. A situação é séria, e não admite discursos vazios nem jogos de cena (INFORMATIVO NÚMERO 6, 2009, p.1-2).

Na cobertura da última reunião preparatória de negociações antes da COP-15, em Barcelona, Espanha, de 2 a 6 de novembro de 2009, o informativo de número 6 reitera a necessidade de pressão organizada por parte da sociedade civil – "através da nossa capacidade combinada, proximidade, conhecimento, temos uma oportunidade única de garantir um acordo mundial"; "A sociedade civil está demonstrando uma rara e necessária união neste momento crítico e nós não estamos sozinhos para fazer a diferença em Copenhague, estamos também construindo uma plataforma para nosso movimento assegurar que o eventual acordo seja implementado e ratificado de uma maneira justa e ambiciosa".

O conflito de interesses nas negociações também suscita comentários na cobertura noticiosa do evento em Barcelona, numa exposição didaticamente razoável, ao menos no sentido de ilustrar alguns percalços envolvidos no processo – o que, de novo teoricamente, contribuiria para legitimar a validade das mobilizações promovidas pela sociedade civil organizada. O informativo coloca que "Os negociadores do Anexo 1 (países desenvolvidos) continuaram a mostrar uma falta de vontade em

assumir os compromissos necessários para as metas de redução das emissões, financiamento e outras áreas para garantir um acordo em Copenhague que seja justo e ambicioso".

Em outro momento, conecta diretamente a resolução destes entraves ao potencial transformador das pressões exercidas pela sociedade civil organizada, ao afirmar que, em Barcelona: "Os delegados e autoridades estavam vendendo a idéia de que um acordo de força de lei não seria realizado em Copenhague. No entanto, como já demonstramos inúmeras vezes no passado, sem vontade política nada é possível e isso só deve garantir que o nosso esforço seja maior, mais pujante, mais unido e mais forte do que nunca. Um tratado justo, ambicioso e de força de lei ainda é possível em Copenhague".

6.2.3.3 Oportunidades não aproveitadas

Como na categoria "cientificidade da informação", em alguns momentos da análise de conteúdo da categoria "caráter didático da comunicação" ficaram patentes oportunidades propícias para se aprofundar os conhecimentos dos leitores/internautas quanto aos desafios impostos pelas mudanças climáticas, sem que, no entanto, tais chances fossem devidamente aproveitadas.

No informativo de número 1, por exemplo, há o relato de uma operação do Greenpeace na Tailândia "para se encontrar com comunidades do Norte do país que são afetadas pelas mudanças climáticas", informa ainda que "conseguiram arrecadar algum dinheiro que foi entregue a Yvo de Boer, o Secretário-Executivo da Convenção, como contribuição inicial dos 150 bilhões de dólares anuais necessários para os países mais pobres através do Fundo de Adaptação. O Secretário colocou este dinheiro na mesa durante a sessão de abertura da Reunião preparatória de Bangkok para a COP-15 que se iniciou na segunda-feira, dia 28 de setembro, para apelar aos países ricos a assumir os seus compromissos".

No entanto, o leitor/internauta que utilizasse o link posterior à notícia para, por exemplo, conhecer o mencionado "Fundo de Adaptação", ou as razões pelas quais sua "contribuição inicial" para os países mais pobres foi determinada em "150 bilhões de dólares anuais", não encontraria essas explicações. O link remete a um

texto em inglês⁶¹, assinado pelo diretor de Campanhas da *Global Campaign for Climate Action*, Ben Margolis, que não supre esta lacuna didática, mesmo quando, ao encerrar seu texto, procura inspirar adesões ao movimento: "os negociadores aqui receberam uma forte mensagem do mais alto nível político, que se espera que façam o necessário para conseguir um bom acordo, mas precisamos de milhões de vozes para reforçar e ampliar esta mensagem".

Um outro momento em que a falta de um discurso didático possivelmente afastou o leitor/internauta dos argumentos levantados pela Campanha TicTacTicTac pode ser observado no informativo de número 4, onde é apresentado um balanço de alguns entre as "centenas de eventos" a marcarem o Dia de Ação Global pelo Clima, 24 de outubro, "em todas as capitais brasileiras e muitas cidades e localidades do interior", parte dos quais recorreu ao "350"⁶²:

Em São Paulo, a equipe da TicTacTicTac participou de duas ações promovidas por apoiadores da campanha: No Parque Trianon, o "Movimento I Care - Eu me importo" em conjunto com o ActiveVeg e outros colaboradores realizou palestra e atividades de informação e coleta de assinaturas, usando um painel grafitado com o número 350;

No Rio de Janeiro, praia de Copacabana, em frente ao relógio de contagem regressiva da TicTacTicTac pela manhã foi formado um grande 350 com as cores do Brasil na areia e a coleta de mais de 500 assinaturas para a campanha;

Em Goiânia um grupo formou o número 350 com bananas para passar a mensagem que é necessário começarmos a agir para conseguirmos mudanças efetivas que garantam a segurança climática do planeta;

Para esta semana, ainda há atividades planejadas como a concentração de alunos de colégios privados e escolas públicas no gramado em frente ao Congresso Nacional em Brasília, para formar o número 350 e pressionar o Governo brasileiro a assumir uma postura comprometida em Copenhague (INFORMATIVO NÚMERO 4, 2009, p.1).

O significado do "350" é precariamente contextualizado no mesmo informativo, quando registra, na página 4, o apoio da senadora Marina Silva ao manifesto da campanha, em evento na cidade de São Paulo: "Durante a inclusão do seu nome no abaixo-assinado, Marina lembrou a importância do número 350. 'Termos um

⁶¹ Disponível em: <<http://adoptanegotiator.org/2009/09/28/the-only-money-on-the-table-but-not-the-only-elephant-in-the-room/>>. Acesso em: 05 dez. 2011.

⁶² Na análise da categoria "cientificidade da informação", já foi comentado o 350, limite do número de partes por milhão na concentração atmosférica de dióxido de carbono constatada por cientistas da agência espacial norte-americana, a NASA (sigla em inglês de *National Aeronautics and Space Administration*), como aceitável para a segurança climática do planeta.

equilíbrio das emissões em 350ppm é a demonstração de que nós precisamos chegar em meados do século com a temperatura de nosso planeta equilibrada para não comprometermos as possibilidades de vida na Terra', lembrou".

Dentro do cenário exclusivamente brasileiro, por exemplo, ao menos duas oportunidades claras de associar didaticamente a mobilização social ao concretizar de propostas da alçada do poder público não foram devidamente aproveitadas. Já no informativo número 1, é comentada "a demora" do Congresso Nacional em "aprovar a Política Nacional de Mudanças Climáticas", cujo andamento transcorre em sessões que "contam com a presença de poucos parlamentares e nem sequer aprofundado o debate sobre o PL 3535 que estabelece a Política Nacional de Mudanças Climáticas". Ao leitor menos familiarizado com tais trâmites não foi situado do que trata exatamente a Política Nacional de Mudanças Climáticas e seus pontos de maior importância para o enfrentamento do problema no território brasileiro.

O mesmo ocorre no informativo de número 4, onde uma notícia, sob o título "Aumenta pressão para aprovação de PLs sobre mudança climática", expõe: "O presidente da Câmara dos Deputados, Deputado Michel Temer, disse na quinta-feira, 22 de outubro, que deverão ser incluídos na pauta do Plenário esta semana os principais projetos relacionados ao meio ambiente, para que sejam aprovados antes da COP-15. Entre os Projetos prioritários destacam-se o PL 3.535/2008, do Poder Executivo, que institui a Política Nacional sobre Mudança do Clima e dá outras providências; e o PL 2.635/2007, que cria o Fundo Nacional de Mudanças Climáticas". Apesar do título relacionando esse trâmite à "pressão para aprovação" de tais normativas legais, não fica clara a maneira pela qual ela teria se operado e, novamente, a relevância destes projetos de lei para o tratamento brasileiro aos desafios das mudanças climáticas.

Em outra circunstância onde ficou patente a necessidade de um discurso mais didático – e ela não foi observada –, o informativo de número 5 expõe que "havia um grande grupo de imprensa em Barcelona e aproximadamente 3000 veículos já estão cadastrados para Copenhague". Mais adiante na notícia, expõe o que chamou de "batalha de imprensa com muitos jornalistas que assumiram a linha de que um acordo de força de lei não é mais possível este ano" e completa: "Essa foi a principal história da semana como jornalistas, e sociedade civil, esforçados para encontrar maneiras de comunicar eficientemente a diferença entre politicamente

vinculativa, juridicamente vinculativo⁶³ e todas as nuances entres os dois". Essa diferença e as nuances que implica não chegaram a ser, no informativo, nem minimamente esclarecidas ao leitor/internauta.

Por fim, chega-se a mais um exemplo de não observância ao caráter didático na comunicação nos informativos *online* da Campanha TicTacTicTac. Ainda no de número 5, em cobertura sobre a reunião do Fórum Brasileiro de Mudanças Climáticas (FBMC) em 9 de novembro – "apenas 5 dias antes da data estipulada pelo presidente Lula para divulgação das posições que o Brasil levará para a COP15", é colocado que, no evento, seu representante oficial das ONGs, Ivan Marcelo, secretário-executivo do Fórum Brasileiro de ONGs e Movimentos Sociais (FBOMS), "leu o documento preparado pela entidade, no qual são enfatizados os pontos construídos nos debates realizados ao longo deste ano, nos seminários e grupos de trabalho". Nesse contexto, diz a notícia, "além dos aspectos relativos às mudanças nos padrões de produção e consumo e nas reduções de emissões, a entidade enfatiza a necessidade de que o processo de transição para uma economia de baixo carbono seja realizado de modo a ampliar a inclusão social, diminuindo as disparidades entre ricos e pobres, tanto no próprio país, como internacionalmente".

Pode-se inferir, desse trecho da cobertura, que teria sido muito proveitoso do ponto de vista didático, a referendar os argumentos de sua mobilização, que a comunicação da campanha tivesse esclarecido, mesmo que resumidamente, alguns destes "aspectos relativos às mudanças nos padrões de produção e consumo e nas reduções de emissões", assim como as implicações transformadoras de uma "economia de baixo carbono".

6.2.3.4 Conclusões quanto à categoria "caráter didático da comunicação"

Em referência à categoria "caráter didático da comunicação", foi possível encontrar, dentre as unidades noticiosas dos informativos *online* da Campanha

⁶³ A terminologia mais adotada é "juridicamente vinculante" e significa de cumprimento obrigatório pelas partes signatárias, ao contrário de acordos politicamente vinculantes, na prática sem força de lei (Planeta Sustentável. Disponível em: <<http://planetasustentavel.abril.com.br/blog/blog-da-redacao/polemica-politicamente-vinculante-209521/>>. Acesso em: 20 jan. 2012).

TicTacTicTac, alguns discursos embebidos de um proveito pedagógico. Porém, diante de seu escasso nível de detalhamento, de modo geral, a perspectiva de favorecer o aprendizado social quanto ao problema das mudanças climáticas findou bastante limitada, sobretudo pela falta de abordagens didáticas relacionadas à origem antropogênica das mudanças climáticas – como visto aqui, apenas registrada de maneira pontual e fragmentada, no contexto de algumas notícias.

Em alguns momentos, também, o discurso didático perdeu qualidade diante do emergir de perguntas cujas respostas seriam, a princípio, cruciais para de fato imprimir esse atributo ao texto. Na já comentada notícia sobre o relatório do Fórum Humanitário Global, segundo o qual "as mudanças climáticas matam mais de 300.000 pessoas a cada ano, e há perdas econômicas de pelo menos US\$ 125 bilhões", se revela um enunciado a deixar várias questões em aberto: de que maneiras surge esse contingente de vítimas fatais das mudanças climáticas?; como se verifica tal perda econômica e se chegou a esse montante? e, por fim, quais seriam as "piores conseqüências da crise climática" e as formas pelas quais os "países mais pobres", em obtendo recursos dos "países desenvolvidos", poderiam se adaptar a elas?

Da mesma forma, a comunicação da Campanha TicTacTicTac processada por intermédio dos seus informativos *online* não se ocupou de estabelecer, didaticamente, as conexões entre a redução nas emissões globais de gases de efeito estufa e os modelos de produção e padrões de consumo predominantes sobretudo nas sociedades dos países industrializados e de reprodução notória nos chamados países emergentes, em que se inclui o Brasil. Em outros termos, esta associação contemplou as expectativas de negociações entre cúpulas governamentais, dada a circunstância em que se baseava toda a mobilização – a COP-15 –, porém ficou limitada a tal enfoque. Não se observou, em paralelo, esforços no sentido de elucidar ao público as responsabilidades individuais rumo a uma economia de baixo carbono, estimulando sua integração à ordem cultural que se fortalece especialmente nas últimas décadas, expressa pela adoção de procedimentos e condutas comprometidos com o equilíbrio climático.

Ainda que os impactos das mudanças climáticas tenham merecido maior atenção nesse viés discursivo didático, em alguns momentos ficou patente o seu descumprimento, mesmo com o recurso de viabilizar a obtenção de dados adicionais sobre os enfoques noticiosos, disponibilizando um ou mais links para, em tese, os complementar.

Quanto à segunda abordagem a nortear essa categoria da presente análise de conteúdo – as razões pelas quais se justificava a pressão popular em prol de políticas públicas visando o enfrentamento das mudanças climáticas –, ela surge com mais frequência nos informativos *online*, como já exposto.

Estabelecer a relevância da mobilização social e sua capacidade transformadora se revela uma prioridade editorial, contextualizada didaticamente em variados enfoques da comunicação da campanha. Porém, se pode apreender que a mesma atenção não foi dispensada a exposições discursivas indutoras de reflexões por parte do público quanto à potencial interferência das mudanças climáticas em sua qualidade de vida – impactos ambientais, econômicos e sociais numa associação direta com a realidade brasileira –, o que ilustraria, numa aproximação de ordem prática, a importância da mobilização social no âmbito desta causa e, por extensão, nas de quaisquer outras demandadas pelo exercício da cidadania, de escopo ambiental ou não.

6.3 CONCLUSÕES QUANTO AO PRIMEIRO *CORPUS* DA ANÁLISE DE CONTEÚDO: ONZE INFORMATIVOS *ONLINE* DA CAMPANHA TICTACTICTAC

Do que se pode depreender desta análise de conteúdo concernente aos onze informativos distribuídos via internet pela Campanha TicTacTicTac, a inferência mais patente é que a eficácia deste instrumento de comunicação se condicionava diretamente ao cabedal de conhecimentos prévios do leitor sobre os desafios impostos pelas mudanças climáticas.

Em outras palavras, os informativos cumpriram o propósito de prestar contas do andamento da campanha, entretanto com discursos capazes de contemplar apenas um público predisposto à mobilização proposta – ou já nela integrado na prática.

A escassez de esclarecimentos básicos, apresentados didaticamente, quanto à necessidade de enfrentamento urgente das mudanças climáticas não só via pressão em prol de políticas públicas nesse sentido, mas por uma conscientização indutora de transformações individuais em condutas e padrões estabelecidos culturalmente, denota a falta de prioridade a essa linha de comunicação.

Assim, os informativos *online* atenderam a estratégia de alimentar um movimento transformador já em curso no âmbito de uma parcela da sociedade, em detrimento

de conquistar adesões em meio a um público pouco ou nada atento aos dilemas de um "progresso" pautado exclusivamente pelo norte econômico.

Essa avaliação se baseia em dois aspectos fundamentais que emergiram da análise de conteúdo. Primeiro, o predomínio de abordagens sobre as mudanças climáticas, sem a preocupação de convencer o público quanto à legitimidade dos argumentos da campanha, pelo recurso de estudos científicos que os subsidiassem. Dessa circunstância se pode inferir que o público-alvo dos informativos já estaria, *a priori*, convencido.

Segundo, da mesma forma, não se verificou empenho em situar didaticamente a importância da campanha, numa perspectiva de compreensão generalizada, dedução que se justifica pela ocorrência predominante de enunciados a demandarem um grau de domínio do assunto muito além do elementar.

Assim, agregando as análises particularizadas quanto às três categorias elencadas para este *corpus* – "Cientificidade da informação", "Estratégias mobilizadoras da comunicação" e "Caráter didático da comunicação" –, se conclui que os informativos *online* da Campanha TicTacTicTac são passíveis de uso como instrumentos pedagógicos em ações de âmbito formal ou não, porém em níveis de aproveitamento diretamente condicionados ao interesse dos educadores. Dito de outro modo, o conhecimento disseminado por esta via é insuficiente para subsidiar por completo uma proposta pedagógica, exigindo dos agentes de mediação em geral esforços de pesquisa suplementares, que os capacitem efetivamente a tal processo.

7 ANÁLISE DA COBERTURA DA CAMPANHA DE MOBILIZAÇÃO: ALGUNS OLHARES DA MÍDIA E SOBRE A MÍDIA

Conforme exposto na metodologia do presente estudo, para aferir a prática da dimensão didática do *corpus* de notícias a citarem a Campanha TicTacTicTac, de setembro a dezembro de 2009, em veículos da mídia impressa e *online*, duas categorias foram delineadas: 1) "Associação entre mudanças climáticas e padrões predominantes de produção e consumo" e 2) "Internalização da pauta". Abaixo (Figura 21), estão listadas as datas de publicação das notícias, com os respectivos títulos e responsáveis por cada produto.

DATA	TÍTULO DAS MATÉRIAS	PUBLICAÇÃO
Setembro		
25	Galã engajado	Revista <i>Época</i>
Outubro		
11	Ambiente é a nova bandeira dos famosos	Jornal <i>O Estado de S. Paulo</i>
20	Dia Internacional da Ação Climática	Jornal <i>O Estado do Ceará</i>
23	Abaixo-assinado pelo clima	Portal <i>Terra da Gente</i>
23	Campanha global TicTacTicTac é amanhã	Portal <i>O Globo.com</i>
23	Madonna preocupada com o aquecimento global	Portal da revista <i>Superinteressante</i>
23	A hora é agora	Revista <i>Ubatuba em revista</i>
25	TicTacTicTac na contagem regressiva para Copenhague	Jornal <i>O Dia Online</i>
26	Estudo mostra que temperatura de Jacarepaguá sobe 6 graus em 20 anos	Jornal <i>O Dia Online</i>
28	Estudantes do DF protestam pelo acordo climático global	<i>Agência Brasil</i>
Novembro		
20	5 razões para ser otimista com o clima	Revista <i>Época</i>
Dezembro		
01	Parque do Ibirapuera, em SP, recebe dia 6 o evento gratuito "Tô no Clima"	Portal <i>O Repórter</i>
01	TicTacTicTac: é hora de salvar o planeta	Portal <i>Planeta Sustentável</i>
02	Internautas, uni-vos!	Portal <i>Terra Magazine</i>
02	Tô no Clima: mobilização às vésperas de Copenhague	Portal <i>Planeta Sustentável</i>
07	Copenhague: protestos no mundo todo prometem pressionar líderes	Portal <i>Veja.com</i>
12	Protestos em todo o mundo pedem acordo ambicioso para o clima	<i>Agência Reuters</i>

FIGURA 21 - DISTRIBUIÇÃO DAS NOTÍCIAS POR DATAS DE PUBLICAÇÃO E FONTES DE PRODUÇÃO, NO PERÍODO DE SETEMBRO A DEZEMBRO DE 2009

FONTE: A autora

A primeira categoria – "associação entre mudanças climáticas e padrões predominantes de produção e consumo" – foi dividida em duas subcategorias, "fontes citadas" e "angulações da cobertura jornalística", na perspectiva de, por intermédio delas, detectar eventuais questionamentos ao modelo econômico e aos padrões de consumo deletérios aos recursos naturais.

7.1 QUANTO À CATEGORIA DE ANÁLISE "ASSOCIAÇÃO ENTRE MUDANÇAS CLIMÁTICAS E PADRÕES PREDOMINANTES DE PRODUÇÃO E CONSUMO"

7.1.1 Subcategoria "fontes citadas"

Na análise de conteúdo deste *corpus* foi possível aglutinar as fontes citadas nas notícias em cinco grupos específicos, aqui já apresentados conforme o número de reportagens em que ocorrem (Figura 22). Destaque-se que este número supera o da amostra – 17 notícias – em razão de, eventualmente, algumas delas trazerem fontes posicionadas em mais de um grupo, como será melhor exposto na análise propriamente dita.

FONTES	QUANTIDADE DE NOTÍCIAS
Documental: Material da campanha exclusivamente	9
Líder ou ativista da campanha	6
Celebridade que apóia a campanha	3
Agentes do poder público e institucionais (Brasil e exterior)	3
Especialistas, consultores e pesquisadores	2

FIGURA 22 - QUANTITATIVO DE NOTÍCIAS COM MENÇÃO À CAMPANHA TICTACTICTAC, SEGUNDO OS GRUPOS DE FONTES UTILIZADAS
 FONTE: A autora

A Figura 23 traz a distribuição quantitativa de fontes pessoais por cada grupo, descartado, assim, o universo de notícias a utilizarem exclusivamente fontes

documentais. É importante registrar que duas fontes – o ator Cauã Reymond e o coordenador da Campanha TicTacTicTac no Brasil, Aron Belinky – aparecem cada uma em duas matérias distintas, sendo contabilizadas aqui ambas as ocorrências.



FIGURA 23 - QUANTITATIVO DE FONTES PESSOAIS POR CADA GRUPO
 FONTE: A autora

7.1.1.1 Documental: material da campanha exclusivamente

Como ficou patente na Figura 22, a análise referente ao conteúdo de notícias a citarem a TicTacTicTac revelou um predomínio significativo, nas unidades da amostra, de uma abordagem embasada exclusivamente em fontes documentais, com informações a cargo da própria campanha, sem quaisquer citações oriundas sequer de fontes pessoais a integrarem a cúpula da mobilização. Em outros termos, se pode inferir que nove notícias (52%) foram produzidas tão somente por intermédio de dados constantes em *releases* e/ou nos informativos *online* distribuídos pela iniciativa ou, no máximo, por profissionais que se dispuseram a colher subsídios no portal da campanha.

Duas⁶⁴ entre as nove notícias sem fontes personalizadas antecedem o Dia de Ação Global pelo Clima, 24 de outubro de 2009, estando a ênfase nos eventos programados para a data. Outras duas notícias, ainda que claramente sob impulso desta mobilização, transcendem o factual e trazem dados suplementares – uma sobre vídeo da cantora Madonna, "preocupada com o aquecimento global", conforme o título –; a segunda associando o evento à importância de políticas públicas no âmbito do Brasil, no caso especificamente quanto à coleta e ao tratamento de resíduos sólidos urbanos. Ambas serão comentadas mais adiante.

Ainda no escopo das nove notícias sobre a TicTacTicTac desprovidas de declarações de fontes pessoais, uma⁶⁵ valoriza, já no título, a "mobilização às vésperas de Copenhague", em alusão ao evento "Tô no Clima", realizado pela campanha em 6 de dezembro de 2009, no Parque do Ibirapuera, em São Paulo (SP). A reportagem resume a origem da TicTacTicTac – "surgiu no primeiro semestre de 2009, com o objetivo de mobilizar a população mundial para a importância e a urgência de combatermos as mudanças climáticas, dando especial atenção para a COP-15" –, enumera "atrações musicais e culturais" do evento no Parque Ibirapuera, uma delas o show de Mariana Aydar com foto (Figura 24); assim como "atividades lúdicas e educativas" promovidas por "ONGs que trabalham no combate ao aquecimento global", visando "compartilhar com a população o maior número possível de informações sobre o assunto".

⁶⁴ Disponível em: <http://www.oestadoce.com.br/?acao=noticias&subacao=ler_noticia&cadernoID=18¬icialD=18514>. Acesso em: 12 out. 2011. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/blogs/blogverde/posts/2009/10/23/campanha-global-tictactictac-amanha-233580.asp>>. Acesso em: 15 out. 2011.

⁶⁵ Disponível em: <<http://planetasustentavel.abril.com.br/noticia/cultura/tictactictac-to-no-clima-mobilizacao-copenhague-516582.shtml>>. Acesso em: 14 jul. 2011.



FIGURA 24 - FOTO EM REPORTAGEM SOBRE A MOBILIZAÇÃO "TÔ NO CLIMA"
 FONTE: Portal Planeta Sustentável. (Disponível em: <<http://planetasustentavel.abril.com.br/noticia/cultura/tictactictac-to-no-clima-mobilizacao-copenhague-516582.shtml>>. Acesso em: 15 jan. 2012)

O evento no Parque Ibirapuera surge ainda no bojo da notícia publicada sob o título "Internautas, uni-vos"⁶⁶, também sem o recurso de declarações de fontes pessoais advindas de qualquer setor. Desta vez, entretanto, a abordagem ultrapassa o factual e coloca a Campanha TicTacTicTac no universo de outras ações organizadas em prol do enfrentamento às mudanças climáticas, ilustrando analiticamente como elas se processavam no campo do "ciberativismo". Tal proposta marca o fechamento da matéria, quando afirma: "Esses são apenas alguns exemplos. O ciberespaço abre várias oportunidades de ajudar o mundo e seus problemas bem pouco virtuais".

Um apanhado de mobilizações suscitadas pela realização da COP-15 – sem o viés da contribuição da internet para elas – alicerça uma ampla reportagem impulsionada pela COP-15, com o título "Copenhague: protestos no mundo todo prometem pressionar líderes"⁶⁷. Como nas notícias anteriores, os dados não têm o amparo de fontes personalizadas, surgem de forma genérica como em: "'De acordo com informações da TicTacTicTac, uma das organizadoras dos protestos [...]", e "Os articuladores do movimento consideram que a COP15 já estará no meio do caminho de um acordo, o que seria o melhor momento para pressionar".

⁶⁶ Disponível em: <<http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI4133461-EI6780,00-Internautas+univos.html>>. Acesso em: 15 jul. 2011.

⁶⁷ Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/vida-digital/aquecimento-global-protestos-lideres-mundiais-tictac-greenpeace-wwf>>. Acesso em: 03 out. 2010.

Por fim, as últimas duas notícias entre as nove a dispensarem citações diretas estimulam adesões ao abaixo-assinado da campanha. Com o título "TicTacTicTac: é hora de salvar o planeta"⁶⁸, uma delas contextualiza a COP-15 e o objetivo da pressão popular nela envolvida; a outra – "Abaixo-assinado pelo clima"⁶⁹ – erroneamente transmite ao leitor/internauta a impressão de que a iniciativa tem como líder uma organização do terceiro setor, no caso o Greenpeace, e não um conjunto de entidades. Isso se depreende, particularmente, no final da notícia, quando afirma que "As propostas do Greenpeace estão colocadas no abaixo-assinado, disponível para a assinatura da população nos locais de manifestação da ONG".

7.1.1.2 Líder ou ativista da campanha

O segundo universo de fontes citadas está em líderes ou ativistas da Campanha TicTacTicTac, que ocorre em seis notícias. Uma delas – "Estudantes do DF protestam pelo acordo climático global"⁷⁰ –, produzida pela Agência Brasil e repercutida em vários veículos de comunicação⁷¹, ouve "a estudante Paula Collet, de São Paulo, coordenadora da campanha TIC TAC e 350.org", que antecipa a entrega, pela Frente Parlamentar Ambientalista, de uma carta ao então vice-presidente José Alencar, "pedindo a presença do presidente Luiz Inácio Lula da Silva na 15.^a Conferência das Parte da Convenção do Clima (COP 15), em Copenhague, no mês de dezembro". A notícia expõe ainda uma afirmação de Paula, "ao justificar a importância da presença do presidente Lula na COP 15": "O Brasil tem um papel

⁶⁸ Disponível em: <<http://planetasustentavel.abril.com.br/planetinha/fique-ligado/tictactictac-mudancas-climaticas-aquecimento-global-516308.shtml>>. Acesso em: 03 out. 2010.

⁶⁹ Disponível em: <http://eptv.globo.com/noticias/noticias_interna.aspx?275273>. Acesso em: 04 out. 2010.

⁷⁰ Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/brasil/noticias/0,,OI4068452-EI306,00-Estudantes+do+DF+protestam+pelo+acordo+climatico+global.html>>. Acesso em: 04 out. 2010.

⁷¹ Entre eles, os jornais A Tribuna (DF), Diário do Pará e Santa Catarina 24 Horas, além dos noticiários dos portais Terra e UOL Educação.

fundamental nessa luta, já que é um líder nas negociações internacionais, mas também um dos maiores emissores mundiais de gases de efeito estufa".

Outra notícia a utilizar, como uma de suas fontes, líder ou ativista da TicTacTicTac, tem como título "Ambiente é a nova bandeira dos famosos"⁷² e foi publicada no jornal *O Estado de S. Paulo*. Nela, Aron Belinky, "coordenador executivo da campanha no Brasil", comenta a adesão de celebridades à causa e a abrangência da mensagem disseminada pela iniciativa: "Nossa preocupação é não ser uma campanha de um grupo só, não ser uma coisa só para iniciados ou para os manifestantes de sempre".

Belinky é fonte também na reportagem "Parque do Ibirapuera, em SP, recebe dia 6 o evento gratuito 'Tô no Clima'"⁷³, da redação do portal de notícias *oreporter.com*. Verifica-se nela o maior espaço conferido a declarações de líderes ou ativistas da TicTacTicTac, com citações do "coordenador executivo da campanha no Brasil" em três parágrafos: "A ideia de realizar um evento desse porte e totalmente gratuito vai ao encontro do objetivo da TicTacTicTac, que é provocar o envolvimento social sobre a questão climática mundial. As pessoas têm que decidir sobre o seu futuro e o futuro das próximas gerações. Não há mais tempo a perder"; "Esse será um dia muito divertido para a família e ao mesmo tempo importante por incentivar que todos reflitam sobre as mudanças climáticas e seu papel dentro deste contexto mundial, ou seja, o que cada um de nós pode fazer para melhorar o clima?" e, por fim, "é uma ótima oportunidade que os pais têm de envolver seus filhos, participar de ações voltadas para a cidadania e para o bem do planeta".

Sandra Sinicco, fonte ouvida na reportagem "TicTacTicTac na contagem regressiva para Copenhague"⁷⁴, produzida pelo jornal carioca *O Dia*, é apresentada no texto como "CEO do Grupo Casa e voluntária responsável pela comunicação da causa no Brasil". De acordo com ela, diz a notícia, "a campanha já arrecadou

⁷² Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,ambiente-e-a-nova-bandeira-de-famosos,449108,0.htm>>. Acesso em: 15 jun. 2011.

⁷³ Disponível em: <<http://www.oreporter.com/detalhes.php?id=14662>>. Acesso em: 15 jun. 2011.

⁷⁴ Disponível em: <http://odia.terra.com.br/portal/cienciaesaude/vidaemeioambiente/html/2009/10/tic_tac_tac_na_contagem_regressiva_para_copenhague_42568.html>. Acesso em: 15 jun. 2011.

US\$ 150 mil no país e pode chegar a US\$ 6 milhões no mundo. Além disso, o site da ação no Brasil ultrapassou 60 mil assinaturas e, no mundo, já atingiu mais de um milhão".

A notícia "Protestos em todo o mundo pedem acordo ambicioso para o clima"⁷⁵, da agência internacional *Reuters*, foi publicada em pelo menos dois veículos de comunicação – *G1*, autoapresentado como "o portal de notícias da Globo", e o jornal *Gazeta do Povo*, do Paraná –, o que se verificou pelo lançamento do título completo em mecanismo de busca da internet.

Depois de contextualizar o cerne factual da informação – "Milhares de ativistas protestaram em Copenhague no sábado como parte do evento mundial 'Dia de Ação', para exigir que negociadores na conferência da ONU sobre mudança climática firmem um acordo ambicioso para a luta contra o aquecimento global" –, a reportagem utiliza alguns dos manifestantes como fonte de declarações. Um deles, Kumi Naidoo, surge com associação direta à campanha, já que apresentado como "do grupo ativista TicTacTicTac". É atribuída a ele a declaração segundo a qual "há muito pelo que lutar na semana restante de negociações".

Por fim, a reportagem "5 razões para ser otimista com o clima"⁷⁶, publicada pela revista *Época*, no contexto de uma análise segundo a qual "ativistas já estão se preparando para prorrogar suas campanhas para o ano que vem", coloca que: "A maior delas é a TicTac TicTac, fruto de uma coalizão global de 120 grandes ONGs, do Greenpeace à Organização Mundial de Igrejas. Com o mote de um relógio, os organizadores pressionam os chefes de Estado a assinar um tratado em dezembro". Segue-se a declaração de Rubens Born, "coordenador da ONG brasileira Vitae Civilis, um dos diretores globais da campanha": "Mas estamos planejando como vamos fazer para continuar ao longo do próximo ano". Tal assertiva é reforçada como legenda de uma das fotos da matéria (Figura 25), onde se lê: "O TEMPO NÃO PARA Relógios da campanha internacional TicTacTicTac, por uma decisão em

⁷⁵ Disponível em: <<http://br.reuters.com/article/topNews/idBRSPE5BB07W20091212?sp=true>>. Acesso em: 15 jun. 2011.

⁷⁶ Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI105799-15227,00-RAZOES+PARA+SER+OTIMISTA+COM+O+CLIMA.html>>. Acesso em: 16 jun. 2011.

Copenhague. A coalizão de 120 grandes ONGs agora planeja prorrogar as atividades para o ano que vem".



FIGURA 25 - FOTO NA REPORTAGEM "CINCO RAZÕES PARA SER OTIMISTA COM O CLIMA"

FONTE: Revista *Época*. (Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI105799-15227,00-RAZOES+PARA+SER+OTIMISTA+COM+O+CLIMA.html>>. Acesso em: 08 fev. 2012)

7.1.1.3 Celebridade que apóia a campanha

Na notícia "Ambiente é a nova bandeira dos famosos" (jornal *O Estado de S.Paulo*), duas das fontes entrevistadas são celebridades – o terceiro universo de maior ocorrência no *corpus*, empatado com "agentes do poder público e institucionais (Brasil e exterior)" –, o que se justifica, na reportagem em análise, pelo enfoque editorial claramente exposto já no título.

Depois de apontar a adesão à causa do combate ao aquecimento global por parte de personalidades internacionais da música e do cinema, a notícia afirma que "no Brasil, a tendência de engajamento de famosos na questão climática também é observada". Cita os exemplos do ator Cauã Reymond, do vocalista da banda Detonautas, Tico Santa Cruz, e do skatista Bob Burnquist.

Os dois primeiros se expressam como fontes. Tico Santa Cruz surge como responsável por colher a assinatura do ministro do Meio Ambiente, Carlos Minc, para o manifesto da TicTacTicTac; "Nós entendemos que seria de suma importância o comprometimento não só do ministro, mas de todo o governo Lula. Aquele abaixo-

assinado tem pontos fundamentais negligenciados pelas grandes potências e até mesmo pelo Brasil". Depois, defende a presença do então presidente Lula na COP-15: "Pressionaremos para que o presidente participe e se comprometa. Não é uma questão de esperança, é uma questão de atitude, de compromisso real com algo que precisa ser uma prioridade política". Tico Santa Cruz encerra a matéria, explicando porque "os famosos são importantes para chamar a atenção dos fãs para uma causa, mas não resolvem o problema sozinhos": "Sem dúvida nenhuma sempre será importante a colaboração de quem tem visibilidade. Contudo, para atingirmos mais do que só os fãs desses artistas, precisamos de um comprometimento global sério por parte das celebridades, ambientalistas, empresários e todos os seres humanos".

A participação do ator Cauã Reymond é bem menos expressiva. A notícia informa que ele "está otimista de que o acordo será fechado em Copenhague"; que pela primeira vez ele se engajou em um movimento ambiental "grande" e que "vê com naturalidade o envolvimento de artistas nas mobilizações em prol do ambiente". Sucede-se então uma fala direta de Reymond: "Acho que figuras públicas têm essa obrigação".

O ator Cauã Reymond (Figura 26) concede entrevista à revista *Época*, sob o título "Galã engajado"⁷⁷. Na abertura, é apresentado como "garoto-propaganda da campanha TicTacTicTac, uma iniciativa global por um acordo sobre as mudanças climáticas" e surge a primeira de suas falas: "Eu sofro com o descaso em relação ao meio ambiente. Espero conscientizar uma parcela dos brasileiros". Naturalmente que, em se tratando de uma entrevista, Cauã é a única fonte.

⁷⁷ Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI95206-15228,00-GALA+ENGAJADO.html>>. Acesso em: 8 jun. 2011.



FIGURA 26 - FOTO DO ATOR CAUÃ REYMOND EM ENTREVISTA

FONTE: Revista *Época*. (Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI95206-15228,00-GALA+ENGAJADO.html>>. Acesso em: 08 fev. 2012)

No desenrolar do texto, o "galã engajado" contribui para levar ao público exemplos desta conscientização a que se propõe, quando compartilha "ações simples" que passou a fazer em seu dia-a-dia: "Tenho uma cisterna lá em casa para pegar água da chuva, guardo garrafas plásticas pra encher de água, em vez de comprar várias. Do lado da minha cama eu tenho uma garrafinha velha que eu já enchi e esvaziei centenas de vezes. Quando eu viajo de avião, mantenho um copo descartável comigo, em vez de pegar um monte cada vez que quero beber alguma coisa. Estou pensando em comprar um carro elétrico. Claro, se ele atender as minhas necessidades. Mas ouvi falar que estão para chegar ao Brasil uns modelos muito bons".

Frente à pergunta "Você recicla o lixo?", ele de novo exemplifica procedimentos individuais potencialmente capazes de instar o leitor a, também, aplicá-los em seu cotidiano, mesmo que passíveis de adaptações. Respondeu Cauã Reymond: "Sim, tento separar o máximo que posso. Eu leio sempre uma revista americana chamada *Surfer*, que estimula os surfistas a proteger o mar, as praias, com pequenas ações cotidianas. Dali eu tirei a ideia de todos os dias tirar, além do meu lixo, mais três coisas da praia. Então hoje eu saí de lá com um pacote de

biscoito, um saco plástico velho e um canudo. Fico muito impressionado com as imagens da camada de lixo que existe no Oceano Pacífico. Também gosto da ideia da reciclagem de roupas. Como ator, eu ganho muitas peças e sei que não vou usar todas elas, então eu doo, às vezes para amigos. Isso reduz o consumismo. Além disso, eu tenho comido cada vez mais alimentos orgânicos, porque isso ajuda a reduzir o uso de agrotóxicos".

Em sua última alusão, na entrevista, ao engajamento em uma causa ambiental, Cauã Reymond questiona a negligência da classe média carioca no cuidado com duas praias do Rio de Janeiro. Em resposta à pergunta "Você acha difícil inculcar essa consciência ecológica no Brasil?", ele diz: "Acho, porque muita gente não tem condições básicas para viver. Não dá para pensar no meio ambiente se você sobrevive mal, não tem educação. Isso tudo eu compreendo. O que eu não aceito é ir correr na praia do Pepe (Barra da Tijuca) num domingo à tarde e encontrar tanto lixo. Ou ver como as areias do Leblon estão contaminadas. Porque quem frequenta essas praias é a classe média. Aí não é falta de informação, é falta de vergonha".

Na terceira notícia – "Madonna preocupada com o aquecimento global" (portal da revista *Superinteressante*) – ainda que a cantora não se manifeste diretamente, essa análise optou por a incluir como fonte, tendo em vista o fato de seu vídeo *Get Stupid* surgir na matéria como exemplo do papel de celebridades, "não só as campanhas ambientalistas", em reforçar "a ideia de que temos pouco tempo para agir, antes que as mudanças climáticas, que já estão acontecendo, saiam do nosso controle e ameacem a sobrevivência de nossa espécie".

No entanto, se observou um descompasso na concepção do texto, desde o título. A notícia começa informando que "neste sábado, mais de 4 mil eventos em 161 países vão alertar, mais uma vez, sobre a urgência de os governos tomarem decisões acertadas contra o aquecimento global, em Copenhague, no final do ano"; prossegue comentando o abaixo-assinado "para pressionar as negociações internacionais", iniciativa atribuída à parceria "das campanhas TicTacTicTac e 350". Explicando a falta de pertinência já no título da notícia, em seu decorrer nada indica que Madonna estivesse especificamente "preocupada com o aquecimento global". A cantora aparece no bojo do registro segundo o qual "Até Madonna, em seu vídeo *Get Stupid*, diz: Acorde, a hora é agora! Com imagens que caracterizam nossa louca sociedade de consumo, a imensa produção de lixo, a obesidade em massa e as

ditaduras, de um lado, e de outro, as consequências de fome, miséria, seca, pobreza e violência, Madonna lembra que a escolha é de cada um de nós".

Neste balaio de mazelas ambientais, sociais e políticas, portanto, não há associação direta com os impactos das mudanças climáticas.

7.1.1.4 Agentes do poder público e institucionais (Brasil e exterior)

Três notícias tiveram, como fontes, agentes do poder público. Uma delas – "5 razões para ser otimista com o clima" (revista *Época*) – colhe a opinião de Zhang Xiaoqiang, apresentado como "vice-presidente da Comissão Nacional de Desenvolvimento" da China, a quem se atribui a informação segundo a qual o país "almeja gerar, a partir dos ventos, 100 gigawatts" e, no mesmo período, ter 9 gigawatts de energia solar instalados. Segue-se a citação do agente do poder público: "Podemos alcançar a meta de 20% de energia produzida de fontes renováveis".

Na mesma reportagem, Oswaldo Lucon, "assessor técnico da Secretaria de Meio Ambiente" de São Paulo, surge no contexto de anúncio feito à época, pelo governo, de que almejava um corte de 20% nas emissões de gases de efeito estufa naquele estado até o ano de 2020, embora, registra a matéria, sem a definição das maneiras pelas quais esse objetivo seria alcançado. "Não há nenhum plano definitivo elaborado por um comitê central", diz Lucon, que completa: "Vamos estudar agora com as outras secretarias e com as empresas do Estado como chegar a essa meta".

Mais adiante, posicionado o assessor da Secretaria também como integrante do IPCC, "painel de cientistas da ONU para o clima", ele prossegue como fonte, desta vez comentando que São Paulo deve acompanhar a tendência global: "Somos grandes exportadores. Precisamos decidir se caminharemos para uma economia antiga, baseada no petróleo do pré-sal, ou se buscaremos ser mais competitivos e estimular a geração de empregos modernos, em setores de baixa emissão de carbono". Completando sua participação, a notícia registra a crença de Lucon no efeito indutor de São Paulo para o resto do país: "A lei paulista pode influenciar outros Estados a se comprometer com o combate ao aquecimento".

A seu término, a reportagem ouve o então ministro do Meio Ambiente, Carlos Minc, para quem "vamos ter de transformar a frustração em força positiva".

A revista atribui a ele a previsão segundo a qual "mesmo sem um tratado abrangente em Copenhague, o encontro renderá decisões pontuais, como a criação do fundo para adaptação, com verba inicial de US\$ 150 milhões. Esse dinheiro será usado para realocar as vítimas da elevação do nível dos mares em países insulares ou para compensar pelo desmatamento evitado no Brasil". E encerra a notícia com uma citação de Minc: "Essas ações, ao longo do ano que vem, vão manter a mobilização das pessoas".

Na reportagem da agência *Reuters* – "Protestos em todo o mundo pedem acordo ambicioso para o clima" –, também surge uma fonte oriunda do poder público: a "ministra dinamarquesa do clima", Connie Hedegaard, "que presidiu as negociações" na "Conferência da ONU sobre mudança climática". Na notícia, ela afirma: "Nós conseguimos um progresso considerável nesta semana". Algumas declarações são atribuídas a "delegados" participantes do evento, porém de tal modo genérico que não foram considerados fontes nesta análise de conteúdo.

Por fim, a notícia "Estudantes do DF protestam pelo acordo climático global" (*Agência Brasil*) traz uma informação conferida a João Pedro Barbosa, "embaixador do Clima de 2009 em Brasília". Explica em seguida que "o projeto Embaixadores do Clima é uma iniciativa do Conselho Britânico, voltada para os jovens e destinada a aumentar o conhecimento e as ações sobre o tema mudanças climáticas". Na reportagem, segundo João Pedro Barbosa, entre "reivindicações importantes" que transcorreriam na COP-15 estavam "a garantia de que o aquecimento global ficará bem abaixo dos 2°C em relação à média histórica e a redução das emissões de gases pelos países desenvolvidos em pelo menos 45% até 2020, frente aos níveis de 1990".

7.1.1.5 Especialistas, consultores e pesquisadores

A notícia com maior número de achados neste grupo – "5 razões para ser otimista com o clima" (revista *Época*) – elenca um apanhado de avaliações pelas quais se esclarece, resumidas no subtítulo, "por que a luta contra o aquecimento global continua, mesmo diante de um impasse na conferência de Copenhague".

Por ordem de ocorrência, ao ponderar que "os avisos de que Copenhague pode não resultar em um tratado definitivo são uma forma de desarmar as expectativas", a reportagem traz uma citação de Marcus Frank, "especialista em mudanças climáticas da consultoria McKinsey no Brasil": "É uma estratégia para não gerar uma imagem de fracasso ao final da conferência e preservar o processo de negociação, que vai continuar de qualquer forma".

Nesse mesmo contexto, aparece a declaração de Saleemul Huq, "analista do Instituto Internacional para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, um centro de pesquisa política britânico": "Se os chefes de Estado forem a Copenhague e concordarem com um cronograma para completar um tratado no prazo de seis a 12 meses, pode ser um bom resultado".

Passando à primeira das "5 razões para ser otimista com o clima" – "As energias renováveis fazem sentido econômico" –, Marcus Frank volta a se manifestar diretamente na reportagem, afirmando que: "Ninguém vai parar de investir em energias limpas. Com o reaquecimento econômico, o preço do barril (*de petróleo*) deverá voltar a subir, premiando quem buscou alternativas. Além disso, a energia dos ventos gera de três a cinco vezes mais empregos do que a energia fóssil".

Na segunda razão "para ser otimista com o clima" – "A eficiência energética dá lucro" –, Noel Perry, apresentado na notícia como "investidor que se concentra em tecnologias inovadoras", ilustra os dividendos financeiros gerados por esse interesse: "A Califórnia virou líder global em eficiência energética e redução nas emissões (*de gases de efeito estufa*) e isso nos ajudou a virar uma das maiores economias do mundo".

Ao demonstrar que "os consumidores estão cobrando" – terceira razão para ser otimista com o clima, segundo a reportagem da *Época* –, Daniel Esty, "diretor do Centro de Leis e Políticas Ambientais da Universidade Yale, nos Estados Unidos", é uma fonte segundo a qual: "Os consumidores e os investidores estão atentos às mudanças climáticas e cobrando uma posição das empresas, independentemente do que aconteça em Copenhague". O entendimento de Esty se fortalece pela declaração de Saleemul Huq, do já citado Instituto Internacional para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, que retorna como fonte, ao assinalar: "As companhias mais espertas já perceberam que estamos seguindo para uma economia global pós-combustíveis fósseis. E farão tudo para ser líderes. Montar programas para cortar as emissões de carbono pode ser financeiramente interessante para elas".

"Os investidores preferem cortar emissões agora" surge como a quarta razão, exposta na matéria, "para ser otimista com o clima". Advoga que "as resseguradoras, espécie de seguradoras das seguradoras, são outras grandes interessadas em pressionar as empresas para diminuir suas emissões e evitar os piores impactos do aquecimento global". A notícia informa ainda que: "A Agência Internacional de Energia divulgou, na semana passada, o cálculo de que cada ano de atraso no combate às mudanças climáticas custará cerca de US\$ 500 bilhões ao mundo. Segundo a agência, a transição para formas limpas de energia custaria cerca de US\$ 10 trilhões até 2030. Como as empresas vão pagar parte dessa conta, os investidores vêm pressionando as companhias para antecipar seus cortes nas emissões". Desse contexto, advém mais uma citação de Marcus Frank, especialista da consultoria McKinsey no Brasil: "Eles estão precificando o risco futuro".

Quando esmiúça a quinta e última razão para ser otimista com o clima – "Leis locais estão exigindo a redução das emissões" –, a reportagem da *Época* volta a subsidiar sua avaliação com comentário de Saleemul Huq, do britânico Instituto Internacional para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento: "Com sorte, a consciência popular e a importância política de Copenhague continuarão a impulsionar as mudanças nos países, com ou sem acordo agora". E novamente recorre ao consultor Marcus Frank como fonte: "Não é como a negociação de um acordo de liberalização do comércio. Depois do fracasso da negociação comercial, os países seguiram sua vida. Com a atmosfera, não dá para deixar para lá. As consequências podem ser insuportáveis".

Apenas uma outra notícia do *corpus* apresenta, na qualidade de fontes, membros do grupo "especialistas, consultores e pesquisadores": "Estudo mostra que temperatura de Jacarepaguá sobe 6 graus em 20 anos", publicada no jornal *O Dia* (RJ). O cerne da cobertura está em pesquisa realizada no âmbito do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), sob coordenação da professora Ana Maria Brandão. Segundo a notícia, o trabalho, de autoria da aluna Tainá Laeta Felipe Brito, foi apresentado na 31.^a Jornada de Iniciação Científica da UFPR e mostra que, na região estudada⁷⁸, "em 1985, as temperaturas médias

⁷⁸ Conforme a reportagem, a região estudada inclui nove sub-bairros de Jacarepaguá (Anil, Curicica, Freguesia, Gardênia, Jacarepaguá, Pechincha, Praça Seca, Tanque e Taquara) e algumas partes da Barra da Tijuca e do Recreio.

ficavam na faixa de 20 a 24 graus Celsius. Em 2006, a média oscilava entre 26 e 28, tendo locais com 32 graus". Tainá Brito declara que: "Estamos aprofundando o trabalho para saber se é, de fato, uma tendência. Os valores chamam atenção e estamos trabalhando com mais imagens de satélite, ano a ano".

A reportagem é finalizada com menção à Campanha TicTacTicTac – motivo pelo qual integra este *corpus* de análise: "No domingo, Dia Internacional de Ação pelo Clima, o Brasil foi palco de 200 eventos contras a mudanças climáticas. A campanha TicTacTicTac reuniu 177 países. No Rio, o movimento partiu do Copacabana Palace em caminhada pelo calçadão com faixas e cartazes". Entretanto, em nenhum momento as conclusões do estudo surgem alinhadas ao aquecimento global na notícia, que registra: "Retirada de cobertura vegetal, ocupação desordenada e criação de rodovias são apontadas como possíveis causas de alteração de temperaturas na região". A tal enunciado se sucede uma assertiva da autora do trabalho: "Propusemos ordenar o uso do solo".

Essa percepção entre causa e efeito dissociada das mudanças climáticas oriundas do aumento de concentração de gases de efeito estufa na atmosfera se reforça ainda pela fala da outra fonte na notícia, a geógrafa Marcela de Andrade Cruz, que nasceu e morava, à época, na região. Declarou ela que: "O aumento da temperatura é perceptível, assim como o crescimento das construções. Não é difícil que esquilos e micos apareçam nas casas. O verde está cada vez mais recuado e os animais não têm para onde ir".

7.1.2 Subcategoria "angulações da cobertura jornalística"

As angulações da cobertura jornalística implicam em determinar, no *corpus* em análise neste momento – 17 notícias com menção à Campanha TicTacTicTac –, se a abordagem foi positiva, negativa ou neutra. Como mostra Cerqueira (2008, p.149), "as peças jornalísticas podem versar sobre um mesmo assunto, mas cada meio de comunicação pode dar-lhes um enquadramento peculiar". A autora atribui tal peculiaridade à política editorial e ao público-alvo do veículo, determinantes para um tratamento noticioso positivo, negativo ou neutro.

A abordagem neutra, em tese, cumpriria um pressuposto de qualidade no exercício jornalístico, fornecendo aspectos positivos e negativos dos fatos em versões equilibradas, um ideal de neutralidade encarado como mito, conforme já exposto na metodologia da presente dissertação.

A análise de conteúdo pautada por essa subcategoria revelou, no entanto, uma disparidade absoluta entre tais angulações. Todas foram positivas, desde as notícias cujo foco prioritário era a campanha em si, seus objetivos e eventos, até aquelas que apenas fizeram alusões à mobilização, em suporte a enunciados para além dela.

Apenas uma reportagem se embebe de uma relativa neutralidade – "5 razões para ser otimista com o clima" (revista *Época*) –, à medida que, embora jamais questione os méritos dos "ativistas ambientais" e situe a TicTacTicTac como a maior das campanhas suscitadas pela COP-15, se norteia pelo questionamento ao papel decisório atribuído ao evento na luta contra o aquecimento global. Essa reflexão fica clara já no primeiro parágrafo da matéria: "Salvar o mundo ou decepcionar o mundo. Essas parecem ser as únicas alternativas para a conferência do clima de dezembro, em Copenhague. O encontro, o mais aguardado da década para combater as mudanças climáticas, pode produzir um tratado abrangente para controlar o aquecimento global ou apenas entregar uma declaração política que encaminhe a negociação para o ano que vem. Qualquer que seja o resultado, as expectativas são exageradas: o futuro do planeta não depende exclusivamente do que sairá da conferência".

Mais adiante, antecedendo os cinco pontos de vista que dão título à reportagem, se reafirma um entendimento segundo o qual a COP-15 não ensejaria, de fato, um momento limítrofe, inadiável, no enfrentamento das mudanças climáticas sob o impulso de políticas governamentais: "Mesmo se Copenhague for apenas um ponto no lento e angustiante processo de negociação internacional, há bons motivos para acreditar que o mundo continuará caminhando para uma economia com menores emissões, capaz de evitar as piores consequências de um colapso do clima".

7.1.3 Conclusões quanto à categoria de análise "associação entre mudanças climáticas e padrões predominantes de produção e consumo"

O predomínio no *corpus* de notícias examinadas do uso exclusivamente de material da Campanha TicTacTicTac, disseminado sem o recurso de entrevistas sequer com membros de sua cúpula, já denota uma propensão da cobertura jornalística a contemplar a iniciativa de maneira superficial, sem proporcionar aos respectivos públicos-alvos reflexões e questionamentos indutores de transformações comportamentais.

Mesmo quando oportunizadas declarações de fontes no âmbito da cúpula da campanha, essa conscientização essencialmente transformadora não chegou a inspirar, na prática, o engajamento do exercício jornalístico em sua dimensão didática. Um exemplo está na mensagem de Aron Belinky, coordenador executivo da TicTacTicTac no Brasil, quando em uma das notícias alusivas ao evento "Tô no Clima", no Parque do Ibirapuera, antecipa a expectativa daquele dia ser "importante por incentivar que todos reflitam sobre as mudanças climáticas e seu papel dentro deste contexto mundial, ou seja, o que cada um de nós pode fazer para melhorar o clima?". Essas reflexões sobre as mudanças climáticas e o alcance de cada um no enfrentamento ao problema não conquistaram, na matéria, nenhuma mediação no sentido de traduzir esses movimentos ao leitor, aproximando-os de um cenário em que o cidadão protagoniza a caminhada por sua perspectiva concreta de qualidade de vida presente e futura.

A abordagem superficial predominante no *corpus* algumas vezes chega a evocar uma percepção de "preguiça" por parte dos autores de determinadas notícias. Uma das que utilizou exclusivamente informações basilares disponibilizadas pela Campanha TicTacTicTac, diz que ela pretende mostrar que "todos nós podemos agir para combater as mudanças climáticas [...] mudando nossos hábitos do dia-a-dia e pressionando os líderes que nos representarão em Copenhague a tomar uma atitude eficaz contra o aquecimento global". Seguramente, o leitor e qualidade de vida no planeta só teriam a ganhar se a notícia apontasse ao menos alguns destes "hábitos do dia-a-dia" cujo repensar contribuiria para a causa em tela.

Assim, embora a angulação da cobertura midiática se revele cem por cento positiva, isto é, todas as notícias aqui sob análise enfocaram a campanha, em maior

ou menor grau de prioridade jornalística, com discurso respeitoso e meritório, não se pulverizou sequer um mínimo conjunto de informações indutoras de uma nova ordem cultural, a contrapor o padrão elevado de consumo enquanto métrica de sucesso e prosperidade, visão ainda arraigada e determinante em especial nas sociedades dos países de maior poder econômico.

Esse viés do interesse financeiro alicerça a única reportagem do *corpus* de notícias a aprofundar associações entre as mudanças climáticas e o modelo de produção ainda predominante nas nações industrializadas e, também, nas classificadas como emergentes ou em desenvolvimento, grupo no qual se insere o Brasil. Como já detalhado na análise de conteúdo, a matéria "5 razões para ser otimista com o clima", da revista *Época*, elenca estratégias que aliam a redução nas emissões de gases de efeito estufa a benefícios econômicos, de curto a médio prazos. Numa avaliação de cunho mercadológico, a abordagem contribui para estabelecer o papel do consumo consciente nessa nova ordem e, com mais aprofundamento, ilustra formas pelas quais modelos produtivos podem se operar com base em energias renováveis e em eficiência energética, culminando em avanços no combate às mudanças climáticas, numa prática efetiva em prol do desenvolvimento sustentável. Assim, a reportagem, da alçada de uma revista semanal, cumpre o que, teoricamente, já se espera de cobertura a cargo desse tipo de publicação: uma análise mais minuciosa e contextualizada do ponto de vista jornalístico.

7.2 QUANTO À CATEGORIA DE ANÁLISE "INTERNALIZAÇÃO DA PAUTA"

A segunda categoria da análise de conteúdo relativa ao *corpus* de notícias a citarem a Campanha TicTacTicTac – "internalização da pauta" – se propôs a classificar de que maneiras essa amostra posicionou a mobilização no cenário brasileiro, verificando a ocorrência de algum tipo de esclarecimento ao leitor quanto às origens antropogênicas das mudanças climáticas no Brasil e seus impactos específicos sobre a qualidade de vida no país.

Com distribuição idêntica de abordagem prioritária (Figura 27), 14 notícias da amostra se dividem em uma "cobertura factual de evento" (7 notícias) –, ou seja, a pauta surge claramente induzida por uma mobilização em especial –, ou focam a

"participação na campanha e/ou nas negociações da COP-15" (7 notícias), em cujos textos se posiciona o movimento da sociedade civil brasileira em adesão à TicTacTicTac ou a expectativa quanto ao papel do Governo Federal nas tratativas previstas para a Conferência do Clima ou, ainda, ambos os enfoques.

Três⁷⁹ entre as 17 notícias sequer mencionam o Brasil – duas se detém ao Dia Internacional de Ação Climática, em outubro de 2009, cujo objetivo foi estimular a cobrança social por negociações governamentais efetivas na COP-15, atribuindo diretamente a promoção do evento à TicTacTicTac, porém sob um prisma globalizado; a outra notícia coloca a campanha no bojo de mobilizações com o mesmo propósito, desta feita já em Copenhague, Dinamarca, no decorrer da Conferência, em dezembro de 2009.



FIGURA 27 - O BRASIL NO CORPUS DE NOTÍCIAS A CITAREM A CAMPANHA TICTACTICTAC
 FONTE: A autora

⁷⁹ "Dia Internacional da Ação Climática"; "Madonna preocupada com o aquecimento global" e "Protestos em todo o mundo pedem acordo ambicioso para o clima".

7.2.1 Cobertura factual de evento

Das sete notícias em que a menção à Campanha TicTacTicTac no Brasil é associada a um evento específico, três se referem ao Dia Internacional de Ação pelo Clima, 24 de outubro de 2009.

Em "Campanha global TicTacTicTac é amanhã" (portal *OGlobo.com*), consta que, no Brasil, a iniciativa mundial TckTckTck "tem o nome de TicTacTicTac" e repete as sugestões de organização social amplamente divulgadas nos informativos *online*, *corpus* alvo da primeira análise de conteúdo dessa dissertação: "Para participar, basta escolher algum evento artístico, esportivo, religioso ou cultural e disseminar o abaixo-assinado da campanha entre o público presente. Quem preferir, pode organizar o próprio evento na sua comunidade, como passeios de bicicleta, concertos, caminhadas ou plantação de árvores".

Em "A hora é agora"⁸⁰ (*Ubatuba em Revista*), se coloca que: "No Brasil, a população participa de centenas de eventos, em diversas cidades, para exigir das autoridades posturas à altura do momento que vivemos e das suas responsabilidades históricas, perante as presentes e futuras gerações". Numa associação internalizada entre as mudanças climáticas e uma de suas origens antropogênicas, a notícia expõe: "Essa é a hora de pensar globalmente e agir localmente, cobrando da administração municipal uma política de coleta e tratamento de resíduos sólidos e esgoto, que dê fim a cenas degradantes como a do caminhão que tombou recentemente na Rio-Santos, com toneladas de lixo".

A notícia prossegue aduzindo que "A coleta desordenada traz severas consequências ambientais e sociais, como a liberação de gás metano, que contribui para o aquecimento global, a proliferação de vetores de doenças, a contaminação da água e o risco de enchentes". E finda imprimindo um viés também social ao desafio em questão: "A coleta seletiva de lixo, os centros de triagem e reciclagem e, numa escala mais avançada, a captação do gás gerado nesses espaços são

⁸⁰ Disponível em: <<http://www.ubatubaemrevista.com.br/en/20091023544/meio-ambiente/a-hora-e-agora>>. Acesso em: 14 jun. 2011.

alternativas que não só evitam ou reduzem os prejuízos, mas geram renda em atividades dignas".

A reportagem "Estudo mostra que temperatura em Jacarepaguá sobe 6 graus em 20 anos" (jornal *O Dia Online*) apenas faz alusão à Campanha TicTacTicTac no bojo do Dia Internacional de Ação pelo Clima, informando que "o Brasil foi palco de 200 eventos contra as mudanças climáticas" e que "No Rio, o movimento partiu do Copacabana Palace em caminhada pelo calçadão com faixas e cartazes".

Outra notícia cuja pauta se originou em evento específico foi "Estudantes do DF protestam pelo acordo climático global". Conforme já exposto, de alçada da Agência Brasil, obteve significativa reprodução por parte de veículos da mídia industrial. Informa o texto que "organizada pela Mobilização Estudantil em prol do Meio Ambiente (Mesma), movimento fundado por alunos do Colégio Marista, em parceria com as campanhas TicTacTicTac e 350.org, a manifestação reuniu cerca de 250 estudantes".

A estudante Paula Collet, de São Paulo, "coordenadora da campanha TicTac (*sic*) e 350.org", foi uma das fontes da reportagem e a ela se atribui a afirmação segundo a qual "o Brasil tem um papel fundamental nessa luta, já que é um líder nas negociações internacionais, mas também um dos maiores emissores mundiais de gases de efeito estufa".

Outras duas notícias⁸¹ divulgam previamente o evento "Tô no Clima", realizado em 6 de dezembro de 2009, no Parque do Ibirapuera, em São Paulo. Ambas situam o propósito da campanha no bojo da COP-15, porém, no que tange a um olhar internalizado sobre as mudanças climáticas, limitaram-se ao factual, ou seja, a programação do evento. Seus objetivos são apresentados num contexto genérico, alinhado ao da iniciativa como um todo, sem particularidades em relação ao Brasil.

⁸¹ "Tô no clima: mobilização às vésperas de Copenhague" e "Parque do Ibirapuera, em SP, recebe dia 6 o evento gratuito 'Tô no Clima'".

Por fim, na notícia "Copenhague: protestos no mundo todo prometem pressionar líderes" (portal *Veja.com*), o enfoque também surge generalizado, em pauta sob estímulo de "2.714 eventos" em "136 países" já no transcurso da COP-15, em dezembro de 2009. Nesse panorama, é exposto que "no Brasil, serão mais de 100 manifestações".

7.2.2 Participação na campanha e/ou nas negociações da COP-15

Entre as sete notícias agrupadas por menções ao Brasil no espectro da participação de sua sociedade civil na TicTacTicTac e/ou pelas expectativas quanto aos compromissos do Governo Federal na COP-15, duas se inserem superficialmente em tais contextos. Na de título "TicTacTicTac: é hora de salvar o planeta" (portal *Planeta Sustentável*), o cerne é a campanha global. Apenas quando comenta o abaixo-assinado por meio do qual se pretendia "mostrar para os líderes que participarem da COP-15 que o mundo inteiro está de olho no que está acontecendo lá e, por isso, eles devem decidir o que é melhor para o planeta", o texto internaliza claramente o foco: "Mais de 10 milhões de pessoas já estão participando da ação. Só no Brasil foram coletadas cerca de 170 mil assinaturas e podemos aumentar ainda mais esse número". Em seguida a notícia é concluída, ilustrando meios de estímulo à adesão local: "Incentive seus pais, professores e conhecidos a participarem da campanha aqui! Diga a eles que é hora de salvar o planeta e o tempo está passando".

Já na entrevista da revista *Época* com o ator Cauã Reymond – "Galã engajado" –, a especificidade brasileira aparece circunscrita à resposta dele diante da primeira pergunta: "Como aconteceu o convite para a campanha TicTacTicTac?". Esclareceu ele que "Essa ação tem representantes aqui no Brasil, que procuraram o meu escritório". O ator justifica então porque aceitou "na hora": "Sempre tive vontade de participar de campanhas ecológicas, porque é algo com que me preocupo muito".

As outras cinco notícias apresentam, com variados níveis de aprofundamento, as expectativas quanto ao papel do Governo brasileiro nas negociações delineadas para a COP-15 – em tese, o âmago do apelo mobilizador proposto pela Campanha TicTacTicTac em sua vertente nacional.

A matéria "Ambiente é a nova bandeira dos famosos" (jornal *O Estado de S.Paulo*) informa que "A campanha TckTckTck ganhou versão em português, a TicTacTicTac, e conseguiu apoio de celebridades como o ator Cauã Reymond, o vocalista da banda Detonautas, Tico Santa Cruz, e o skatista Bob Burnquist". Afirma ainda que Tico Santa Cruz foi o "responsável por colher a assinatura do ministro do Meio Ambiente, Carlos Minc, para o manifesto do TicTacTicTac" e registra que, na visão do cantor, "o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que foi a Copenhague fazer *lobby* para ter a Olimpíada no Brasil em 2016, deveria também estar na mesma cidade durante a Convenção do Clima da ONU, em dezembro".

A notícia "TicTacTicTac na contagem regressiva para Copenhague" (jornal *O Dia Online*) assinala a adesão do Brasil ao "movimento internacional" e cita os "organizadores" locais, para quem "o País é líder em negociações internacionais, mas um dos maiores emissores mundiais de gases do efeito estufa". Na verdade, tal assertiva faz parte da abertura do abaixo-assinado da campanha nacional, assim como o enunciado subsequente na notícia, que prossegue contextualizando a cobrança à cúpula governamental brasileira na COP-15, numa avaliação novamente atribuída aos "organizadores": "Sua postura ainda é tímida quando se trata de assumir decisões firmes e ousadas para sanar o problema. Falha também ao não dar o exemplo, colocando em prática no país, todo o discurso que apresenta no exterior".

A reportagem também informa que "No Brasil, a agência Y&R [...] criou um filme para alertar as pessoas sobre o problema do aquecimento global e conscientizá-las sobre a importância de ter uma nova atitude", sendo este "o primeiro filme com produção nacional em apoio ao TicTacTicTac".

Já amplamente comentada nessa análise de conteúdo, a notícia "5 razões para ser otimista com o clima", da revista *Época*, questiona a dependência do "futuro do planeta" às decisões da COP-15, em torno da qual, segundo pondera, "as expectativas são exageradas". De modo geral, a abordagem tem abrangência globalizada, mas, na última das argumentações concernentes aos cinco pontos que lhe justificam o título – "Leis locais estão exigindo a redução de emissões" –, a reportagem recorre ao exemplo do Estado de São Paulo, que "anunciou um corte de 20% nas emissões até 2020", e termina com declarações do então ministro do Meio Ambiente do Brasil, Carlos Minc, cujo prognóstico era que a COP-15 renderia "decisões pontuais, como a criação do fundo para adaptação, com verba inicial de US\$ 150 milhões", recursos, segundo ele, usados "para realocar as vítimas da

elevação do nível dos mares em países insulares ou para compensar pelo desmatamento evitado no Brasil".

Como exposto anteriormente, a notícia "Abaixo-assinado pelo clima" (portal *Terra da Gente*) atribui erroneamente ao Greenpeace a condução da Campanha TicTacTicTac, "que consiste em um abaixo-assinado com reivindicações direcionadas às autoridades políticas designadas para representar o Brasil na reunião das partes da Convenção (*sic*) de Mudanças Climáticas (COP-15)". Prosseguindo, coloca que "segundo membros da ONG, o Brasil precisa assumir uma postura mais rígida e concreta, gerando números positivos na redução das emissões de gases de carbono para a atmosfera".

Por fim, a notícia "Internautas, uni-vos" (portal *Terra Magazine*) contextualiza resumidamente a COP-15 e situa a Campanha TicTacTicTac no mundo e no Brasil num cenário de "ciberativismo", assim como outras iniciativas de mobilização social cuja força motriz estava na Conferência do Clima em Copenhague.

7.2.3 Conclusões quanto à categoria de análise "internalização da pauta"

O disseminar de informações relativas às mudanças climáticas pela mídia com um tratamento internalizado, ou seja, apresentando potenciais causas e impactos do problema sob uma ótica direcionada localmente, brasileira, favoreceria transformações individuais em prol da adoção de comportamentos e hábitos mais propícios à mitigação das emissões de gases de efeito estufa e, em paralelo, indutoras do exercício da cidadania pela cobrança de políticas públicas alinhadas a tal demanda. Esse entendimento se alicerça em recomendações e estudos cujo teor consta do presente trabalho, no capítulo que focaliza a comunicação, em seu recorte do jornalismo atuante na interface socioambiental.

Esse pressuposto aparece negligenciado no *corpus* em análise. Como visto, as abordagens prioritárias ou limitaram-se à cobertura factual de eventos relacionados à TicTacTicTac ou trouxeram informações circunscritas à adesão da sociedade civil brasileira à campanha e às expectativas quanto ao papel do país nas negociações da COP-15. Nesse contexto, mesmo no bojo das escassas alusões à esse contributo do governo nacional à indução a um modelo de desenvolvimento norteado pelo

combate às mudanças climáticas, não se expõe didaticamente as maneiras pelas quais, na prática, os cidadãos podem se engajar em tal propósito, por intermédio de procedimentos cotidianos que reduzam suas emissões individuais de gases de efeito estufa, inclusive pela acolhida a um padrão de consumo cuja praxe contemple os chamados 5 Rs: Repensar, Reduzir, Reutilizar, Reaproveitar e Reciclar.

A falta de discursos mais didáticos no *corpus* noticioso se agrava pela ocorrência, em ao menos uma notícia, de imprecisão científica já comentada anteriormente na presente dissertação. Ao colocar a Terra sob ameaça das mudanças climáticas – e não sua biosfera –, flerta com o sensacionalismo já desde o título: "TicTacTicTac: é hora de salvar o planeta", e o repete no fecho, instando as crianças a capilarizar tal concepção errônea: "Incentive seus pais, professores e conhecidos a participarem da campanha. Diga a eles que é hora de salvar o planeta e o tempo está passando. Tic, Tac. Tic, Tac...". Essa colocação se revela mais gravemente desatenta, tendo em vista que foi disseminada no site Planeta Sustentável, do Grupo Abril, dentro do campo exposto como "para crianças", o "Meu Planetinha". Em termos claros, um desserviço à dimensão didática do jornalismo já na faixa etária mais iniciante como público-alvo.

CONCLUSÕES

A presente dissertação partiu da hipótese de que os movimentos sociais têm o potencial de dar um importante contributo à democracia, gerando saberes libertos das prioridades do *establishment*, via de regra alinhadas a interesses econômicos. Indo além, se propôs a verificar se a comunicação da lavra destes organismos, mediada em atividades pedagógicas, nas esferas formal ou informal, poderia constituir alicerce e impulso para o pleno exercício da cidadania, ao produzir conhecimentos de maneira dialógica e transformadora, em observância ao ideário do educador Paulo Freire.

Para tanto, estabeleceu como recorte de investigação uma campanha do movimento ambientalista em vários países – TicTacTicTac –, com adesão de entidades no Brasil, de modo a responder à principal questão do presente trabalho acadêmico: caberia utilizar os informativos *online* distribuídos pela iniciativa e uma amostra da produção noticiosa que fez menção a ela como material didaticamente organizado, na perspectiva de democratizar conhecimentos sobre as mudanças climáticas pela interface entre comunicação e educação?

A leitura analítica destes dois *corpus* permitiu inferir que a dimensão didática da comunicação apareceu de maneira bastante restrita. Tal assertiva se origina na observação de uma predominância de conteúdos – tanto no *corpus* dos informativos, quanto no de notícias – desprovidos de esclarecimentos básicos sobre os desafios das mudanças climáticas de modo geral, suas causas e impactos, lacuna que se verificou, em ainda maior escala, quando avaliados estes pontos sob o prisma de abordagem internalizada – conforme já exposto, aquela a privilegiar o cenário brasileiro dentro do panorama global.

Constatou-se ainda uma desatenção ao critério científico – isto é, à informação com amparo de estudos e pesquisas judiciosos sobre as mudanças climáticas –, o que contribuiria para qualificar as proposições da mobilização, conferindo-lhe doses significativas de legitimidade. Nas raras ocasiões em que constam dados de origem científica nos informativos e nas notícias, isto é feito superficialmente, de tal modo que não se vislumbra a prática desse cunho validador.

Em ambos os *corpus* aqui sob análise, o combate às mudanças climáticas surge como tarefa acentuadamente condicionada à competência e à disposição do

governo de cada país – inclusive o brasileiro – em estabelecer políticas públicas indutoras de uma ordem econômica pautada por uma produção capaz de reduzir as emissões nacionais de gases de efeito estufa.

Esse tipo de exposição também limita o potencial de uso destes conteúdos pela interface entre comunicação e educação, em atividades pedagógicas de âmbito formal ou informal, posto que o discurso preponderante, de associar o enfrentamento do problema a decisões governamentais, relega o cidadão comum a mero expectador, cujo único movimento viável seria justamente o estimulado pela Campanha TicTacTicTac: cobrar de seus governantes o comprometimento com a indução a uma economia de baixo carbono.

Se estritamente amparada por estes conteúdos, portanto, a mediação pedagógica tenderia a negligenciar o caráter transformador da educação preconizado por Paulo Freire, à medida que os *corpus* não esclarecem devidamente as contribuições individuais para as mudanças climáticas.

No aspecto da classificação como mobilização social, a Campanha TicTacTicTac não apresentou as características capazes de assim situá-la, sob os parâmetros estabelecidos por Toro e Werneck (1996b), dado seu propósito transitório, quando a mobilização social, para os autores, requer uma dedicação contínua, a produzir resultados cotidianamente. Assim, ainda conforme o arcabouço teórico destes pesquisadores, a TicTacTicTac se insere no atributo de campanha, ou seja, um evento de cunho pontual, inconstante. Porém, a iniciativa contemplou os propósitos centrais das estratégias de comunicação delineados pelos autores, principalmente ao instrumentalizar o acompanhamento sistemático de suas ações por parte dos potenciais interessados – ainda que, só em menor escala, se vislumbre que os informativos de distribuição *online* e a apropriação midiática à campanha tenham de fato ampliado a base do movimento, dando-lhe abrangência e pluralidade.

O uso efetivamente pleno do conteúdo destes dois *corpus* em uma proposta de mediação educacional transformadora requer, portanto, que os educadores, atuantes no universo formal ou não, detenham um cabedal de conhecimentos prévios sobre o tema mudanças climáticas, de modo a empregar tais conteúdos apenas como um suporte pedagógico, complementando-os com estas informações já em seu arcabouço cultural.

Transpondo o recorte alvo desta pesquisa para um universo mais amplo, se pode inferir que a comunicação produzida por movimentos sociais no nicho ambientalista

tem aplicação exequível em atividades pedagógicas, mas a plenitude desta interface, isto é, seu resultado num perfil de excelência, requisita a capacitação tanto dos profissionais responsáveis por dar visibilidade aos argumentos de cada mobilização pretendida, quanto daqueles que, no mercado jornalístico, deveriam, em tese, repercutir e fomentar os debates, contextualizando-os didaticamente, à luz do critério científico.

Em meio à estrutura teórica que subsidiou a presente pesquisa, ficou demonstrado como a eficácia de uma mobilização social se associa visceralmente à comunicação, cujas incumbências compreendem disseminar as alegações sobre as quais se assestam cada causa em defesa, processo que ganha escala ao conquistar o interesse midiático. Essa acolhida, porém, se favorece pela legitimidade dos argumentos apresentados, no que os subsídios científicos são instrumentos decisivos para tal validação.

Neste sentido, a pesquisa aqui finalizada corrobora que a prática do jornalismo ambiental exige um preparo que, pela ótica de autores nesta dissertação, deve ter início já nos bancos do curso de graduação. Esse preparo ganha ainda maior valor e urgência diante da realidade contemporânea, em que os meios de comunicação constituem, muitas vezes, a única via de acesso da população ao tema meio ambiente. Ainda que a mídia, de maneira isolada, não possa assumir um papel formador, a produção noticiosa de sua alçada, se respeitosa à função social do jornalismo em seu potencial didático, pode contribuir efetivamente para o estabelecimento de uma consciência pública em relação às questões ambientais e, sobretudo, quanto à necessidade da adoção premente de modelos produtivos e de padrões de consumo mais favoráveis à qualidade de vida no planeta, processo em cujo cerne a conservação dos recursos naturais é inadiável.

Nesse panorama, se acentua aqui que a mediação pedagógica sobre os fluxos discursivos das campanhas dos movimentos sociais ambientalistas, e de sua apropriação pela mídia, encerra um potencial transformador na direção desta nova consciência. Porém, assim como no âmbito dos profissionais de comunicação – do terceiro setor e da indústria jornalística –, tal mediação demanda um preparo dos educadores atuantes em universo formal ou informal. Em tese, essa capacitação atenderia a duas necessidades centrais. Primeiro, a de suprir eventuais lacunas nas campanhas e na cobertura midiática quanto ao critério científico de cada mobilização em pauta; segundo, a de prover os públicos-alvos de informações reflexivas no que

concerne ao modelo de desenvolvimento e consumo deletério aos recursos naturais, sobretudo nas sociedades dos países industrializados.

Como visto no decorrer desse trabalho, essas reflexões nem sempre integram os conteúdos jornalísticos, pois muitas vezes subvertem a lógica do lucro que move a indústria midiática e requisitam dos seus profissionais um engajamento defendido por autores citados na presente dissertação, porém dificilmente levado à prática. Com isso, ainda que, no que tange especificamente às mudanças climáticas, estudos tenham verificado uma ampliação do interesse da mídia sobre o problema, não se observou aqui que, em paralelo, tenha havido um aprimoramento na qualidade desta cobertura, pela divulgação de informações precisas, questionadoras, sob amparo da Ciência e com abordagens internalizadas – ou seja, capazes de aproximar o público brasileiro das causas e impactos das mudanças climáticas ao situar estas realidades dentro do cenário local.

Foi possível concluir, assim, que a comunicação produzida pelo movimento social ambientalista, assim como aquela fruto de sua apropriação pela mídia, corre o risco de funcionar apenas de cima para baixo, como alimentadora de fluxos informativos, à medida que não observar a dimensão didática do jornalismo, imprescindível ao fomento de interações sociais e, ainda, de conexões claras entre a vida contemporânea e os desafios ambientais resultantes de suas rotinas.

Apenas se supridas tais lacunas, a mediação pedagógica sobre tais conteúdos poderá ganhar excelência como estímulo a transformações cidadãs em prol do respeito aos recursos naturais, de que depende a qualidade ambiental no planeta.

REFERÊNCIAS

ABRANCHES, Sérgio. A COP15: apontamentos de campo. **Estudos Avançados**, São Paulo, v.24, n.68, p.121-132, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142010000100011&script=sci_arttext>. Acesso em: 13 dez. 2011.

AGÊNCIA DE NOTÍCIAS DOS DIREITOS DA INFÂNCIA - ANDI. **Mudanças climáticas na imprensa brasileira**: julho de 2005 a junho de 2007 e julho de 2007 a dezembro de 2008. Set. 2009.

ALMEIDA, Airton Lorenzoni. Mídia, educação e cidadania na aldeia global: para que mundo estamos educando? **UNirevista**, Porto Alegre, v.1, n.3, jul. 2006.

ANDRADE, Miguel Ângelo; FRANCO, André Rocha; TINOCO, Rodrigo Gomes; PEREIRA, Denise de Castro; RIBEIRO, Ricardo Ferreira. Comunicação ambiental: estratégias de mobilização socioparticipativa para educação, informação e integração da rede socioambiental APA SUL RMBH. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba, n.22, p.167-184, jul./dez. 2010.

ÂNGELO, Fabrício Fonseca. **O jornalismo ambiental como ferramenta para a sustentabilidade**. Dissertação (Mestrado em Ciência Ambiental) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008.

BAPTISTA, Gustavo M. **O planeta está realmente esquentando?** Tendências/Debates. Folha de S. Paulo, São Paulo, janeiro, 2010. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz0601201009.htm>>. Acesso em: 08 jan. 2011.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARRETO, Eduardo Sá. **Crise ambiental e a ciência econômica**: uma crítica à teodicéia do capitalismo "verde". Trabalho apresentado na XII Conferência Anual da Associação Internacional para o Realismo Crítico (IACR, da sigla em inglês). Niterói: Universidade Federal Fluminense, jul. 2009. Disponível em: <<http://www.uff.br/iacr/>>. Acesso em: 19 maio 2011

BECKER, Alexandre; BECKER, Aurea Patricia Ceschin. **Uma visão freireana para o desenvolvimento sustentável**. Trabalho apresentado no II Seminário sobre Sustentabilidade. Curitiba: FAE Centro Universitário, 2007. Disponível em: <http://www.fae.edu/publicacoes/pdf/IIseminario/pdf_praticas/praticas_06.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2011.

BEM, Arim Soares do. Centralidade dos movimentos sociais na articulação entre o estado e a sociedade brasileira nos séculos XIX e XX. **Educação & Sociedade**, Campinas (SP), v.27, n.97, p.1137-1157, set./dez. 2006.

BÉVORT, Evelyne, BELLONI, Maria Luiza. Mídia-educação: conceitos, história e perspectivas. **Educação & Sociedade**, Campinas, v.30, n.109, p.1081-1102, 2009.

BOFF, Leonardo. Ética e sustentabilidade. In: **Caderno de Debate Agenda 21 e Sustentabilidade**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2006. (Caderno de Debate n.10).

BOYKOFF, Maxwell T.; BOYKOFF, Jules M. Balance as bias: global warming and the US prestige press. **Global Environmental Change**, Amsterdam, v.14, p.125-136, 2004.

BRAGA, Clara Soares; SILVA, Daniela Brandão Couto; MAKRA, Renann Lanna Martins. Fatores de identificação em projetos de mobilização social. In: HENRIQUES, Márcio Simeone (Org.). **Comunicação e estratégias de mobilização social**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p.59-100.

BRASIL. Lei n.º 9.795, de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9795.htm>. Acesso em: 08 out. 2011.

BUENO, Wilson da Costa. Jornalismo ambiental: explorando além do conceito. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba, n.15, p.33-44, jan./jun. 2007.

CAIRES, Luiza. Cidadania, movimentos sociais e comunicação alternativa pela internet: algumas questões na perspectiva do Centro de Mídia Independente Brasil. **Revista Alterjor**, São Paulo, v.1, n.1, 2009. Disponível em: <http://www.usp.br/alterjor/Caires_CMIB.pdf>. Acesso em: 24 jul. 2011.

CALDAS, Graça. Mídia, escola e leitura crítica do mundo. **Educação & Sociedade**, Campinas, v.27, n. 94, p.117-130, 2006.

CAMPOS, Pedro Celso. **Jornalismo ambiental e consumo sustentável**: proposta de comunicação integrada para a educação permanente. Tese (Doutorado) - Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <<http://www2.eptic.com.br/sgw/data/bib/livros/56649c0b7bddb0142425e6d8da57c4d0.pdf>>. Acesso em: 08 out. 2011.

CAPOANO, Edson. **Globo Repórter**: imagens veladas da natureza. 153p. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <<http://www2.eptic.com.br/sgw/data/bib/livros/6a73a763b3bac1a99b0e321657ba58be.pdf>>. Acesso em: 04 jan. 2012.

CAPPARELLI, Sérgio; STUMPF, Ida Regina C. El campo académico de la comunicación, revisitado. In: LOPES, Maria Immacolata Vassallo de; FUENTES NAVARRO, Raúl (Comps.). **Comunicación**: campo y objeto de estudio: perspectivas reflexivas latino-americanas. México: ITESO/Univ. Autónoma de Aguascalientes/Univ. de Colima/Univ. de Guadalajara, 2001. p.59-73.

CAPRA, Fritjof. **As conexões ocultas**: ciência para uma vida sustentável. 5.^a reimpr. São Paulo: Cultrix, 2005.

_____. Falando a linguagem da natureza: princípios da sustentabilidade. In: STONE, Michael K.; BARLOW, Zenobia (Orgs.). **Alfabetização ecológica**: a educação das crianças para um mundo sustentável. São Paulo: Cultrix, 2006. p.46-57.

CARTA DE BELO HORIZONTE. Encontro Internacional de Imprensa, Meio Ambiente e Desenvolvimento (Green Press). Belo Horizonte: maio 1992. Disponível em: <<http://www.portaldomeioambiente.org.br/pma/Historico-da-REBIA/breve-contexto-historico-da-rebia.html?catid=>>>. Acesso em: 10 out. 2011.

CARVALHO, Sibéria Regina de. Poesia e meio ambiente. **Comunicação & Educação**, São Paulo, v.6, n.17, p.100-109, 2000. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comeduc/article/view/4455/4177>>. Acesso em: 12 nov. 2011.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v.2.

CASTRI, Francesco di. La ecología moderna: génesis de una ciencia del hombre y de la naturaleza. **Correo de la Unesco**, Paris, p.06 -12, abr. 1981. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0007/000747/074737so.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2011.

CENTER FOR RESEARCH ON ENVIRONMENTAL DECISIONS - CRED. **The Psychology of Climate Change Communication**: A Guide for Scientists, Journalists, Educators, Political Aides, and the Interested Public. New York: Columbia University, 2009.

CENTER FOR SCIENCE & TECHNOLOGY POLICY RESEARCH. **Media coverage of climate change/global warming**. Boulder: University of Colorado, 2011. Disponível em: <http://sciencepolicy.colorado.edu/media_coverage/>. Acesso em: 12 out. 2011.

CERQUEIRA, Carla Braga. A imprensa e a perspectiva de gênero. Quando elas são notícia no Dia Internacional da Mulher. **Observatorio Journal**, Portugal, n.5, p.139-164, 2008. Disponível em: <http://uminho.academia.edu/CarlaCerqueira/Papers/1044335/A_Imprensa_ea_Perspectiva_de_Genero._Quando_elas_sao_noticia_no_Dia_Internacional_da_Mulher>. Acesso em: 02 fev. 2012.

CITELLI, Adilson. Meios de comunicação e educação: desafios para a formação de docentes. **UNirevista**, Porto Alegre, v.1, n.3, 2006a.

_____. **Palavras, meios de comunicação e educação**. São Paulo: Cortez, 2006b. 288p.

_____. Comunicação e educação: convergências educacionais. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v.7, n.19, p.67-85, jul. 2010. Disponível em: <<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/viewFile/286/199>>. Acesso em: 08 ago. 2011.

CLUB OF ROME. **The story of the Club of Rome**. Disponível em: <http://www.clubofrome.org/eng/about/4/>. Acesso em: 17 maio 2011.

CONSUMO SUSTENTÁVEL: **Manual de educação**. Brasília: Consumers International/MMA/MEC/IDEC, 2005. 160 p.

COOPER, Caren B. Literacy as a key strategy toward improving public acceptance of Climate Change Science. **BioScience**, EUA, v.61, n.3, p.231-237, 2011.

DEMO, Pedro. **Metodologia científica em ciências sociais**. 3.ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 1995. 293p.

DESCHAMPS, Marley Vanice; LIMA, Myrian Del Vecchio de; MENDONÇA, Francisco de Assis. A cidade e as mudanças globais: velhos-novos problemas urbanos - riscos e vulnerabilidades socioambientais na RMC (Região Metropolitana de Curitiba/PR). In: MARANDOLA, Eduardo; OJIMA, Ricardo. **Mudanças climáticas e as cidades: população, urbanização e adaptação**. São Paulo: Blucher, 2012. (no prelo).

EARTH OBSERVATORY. National Aeronautics and Space Administration (Nasa), EUA. **Svante Arrhenius**. Disponível em: <<http://earthobservatory.nasa.gov/Features/Arrhenius/>>. Acesso em: 03 jan. 2011.

EMBRAPA. **Aquecimento global e a nova geografia da produção agrícola no Brasil**. Brasília: Embrapa e Unicamp, ago. 2008. 84p.

FELIPE, Sônia T. Antropocentrismo, sencientismo e biocentrismo: perspectivas éticas abolicionistas, bem-estaristas e conservadoras e o estatuto de animais não-humanos. **Revista Páginas de Filosofia**, v.1, n.1, jan./jul. 2009. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/PF/article/viewFile/864/1168>>. Acesso em: 26 out. 2010.

FERNANDES, Jéssica Silva. COP-15 e a tentativa de conter os impactos climáticos. **Conjuntura Internacional**, Belo Horizonte, v.7, n.2, 2010.

FIGUEIREDO, Orlando. A controvérsia na educação para a sustentabilidade: uma reflexão sobre a escola do Século XXI. **Revista Interações**, Portugal, v.2, n.4, p.3-23, 2006.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Mídia, máquinas de imagens e práticas pedagógicas. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v.12, n.35, 2007.

FOLADORI, Guillermo. O capitalismo e a crise ambiental. **Raízes - Revista de Ciências Sociais e Econômicas**, João Pessoa, v.19, p.31-36, 1999.

FOURIER, Jean-Baptiste Joseph. Memoire sur les Temperatures du Globe Terrestre et des Espaces Planetaires. **Memoires d l'Academie Royale des Sciences de l'Institute de France**, França, v.7, p.570-604, 1827.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FROME, Michael. **Green Ink**: uma introdução ao jornalismo ambiental. Curitiba: Editora UFPR, 2008. 288p.

FUNDAÇÃO BRASILEIRA PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL - FBDS. **Seminários sustentáveis**: posicionamento atual do Brasil nas negociações para o pós-Kyoto. Rio de Janeiro: FBDS, 2008. Disponível em: <<http://www.fbds.org.br/IMG/pdf/doc-393.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2011.

GIDDENS, Anthony. **A política da mudança climática**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. 314p.

GIRARDI, Ilza Maria Tourinho; MASSIERER, Carine; SCHWAAB, Reges Toni. Pensando o jornalismo ambiental na ótica da sustentabilidade. **UNirevista**, São Leopoldo (RS), v.1, n.3, 2006.

GIULIANI, Gian Mario. A questão ecológica, a indústria e o capitalismo. **Raízes - Revista de Ciências Sociais e Econômicas**, João Pessoa, v.19, p.9-15, 1999.

GLOBAL HUMANITARIAN FORUM. **Human Impact Report: Climate Change – The Anatomy of a Silent Crisis**. Genebra, 2009. 117p.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais e redes de mobilizações civis no Brasil contemporâneo**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2010.

GOLDEMBERG, José. Mudanças climáticas e desenvolvimento. **Estudos Avançados**, São Paulo, v.14. n.39, p.77-83, 2000.

GOMES, Paola Barreto. Mídia, imaginário de consumo e educação. **Educação & Sociedade**, Campinas, v.22, n.74, p.191-207, 2001.

GÓMEZ, Guillermo Orozco. Mídia, recepção e educação. **Famecos**, Porto Alegre, n.26, p.16-23, 2005.

GREENPEACE. **Mudança do clima, mudança de vidas**: como o aquecimento global já afeta o Brasil. Brasil, ago. 2006.

HANNIGAN, John. **Sociologia ambiental**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2009. 270p.

HEINZ, Norbert; FONTANA, Pamela; FERNANDES, Márcio Ronaldo Santos; SILVA, Márcio David Macedo da. Aquecimento global e efeito estufa: análise de coberturas das revistas *Veja*, *IstoÉ* e *Época* no ano de 2006. In: PEREIRA, Ariane Carla; MORAES, Fernanda Pacheco; FERNANDES, Marcio; KNUPPEL, Maria Aparecida (Org.). **Retratos midiáticos do meio ambiente**: gestos de interpretação. Guarapuava: Unicentro, 2008. p.60-77.

HENRIQUES, Márcio Simeone; MAFRA, Rennan Lanna Martins; BRAGA, Clara Soares; COUTO E SILVA, Daniela Brandão do. Relações públicas em projetos de mobilização social: funções e características. In: HENRIQUES, Márcio Simeone (Org.). **Comunicação e estratégias de mobilização social**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p.17-32.

HOGAN, Daniel Joseph. População e mudanças climáticas globais. In: HOGAN, Daniel Joseph; MARANDOLA JR., Eduardo (Org.). **População e mudança climática**: dimensões humanas das mudanças ambientais globais. Campinas: Unicamp, 2009. p.11-24.

INSTITUTO BRASILEIRO DO MEIO AMBIENTE E DOS RECURSOS NATURAIS RENOVÁVEIS - IBAMA; UNIVERSIDADE LIVRE DA MATA ATLÂNTICA - UMA. **Perspectivas do meio ambiente mundial**: passado, presente e futuro. Reino Unido e EUA: Pnuma, 2002. Brasília: IBAMA/PNUMA, 2004.

INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS ESPACIAIS (INPE) *et al.* **Vulnerabilidades das megacidades brasileiras às mudanças climáticas**: Região Metropolitana de São Paulo. Sumário Executivo, jun. 2010. 32p.

INTERGOVERNMENTAL PANEL ON CLIMATE CHANGE - IPCC. **Mudança do clima 2007**: a base das ciências físicas - sumário para os formuladores de políticas. Paris: 2007. 25p.

JACOBI, Pedro Roberto. Movimento ambientalista no Brasil: representação social e complexidade da articulação de práticas coletivas. In: RIBEIRO, Wagner (Org.). **Patrimônio ambiental brasileiro**. São Paulo: EDUSP, 2003. p.519-543

JOLY, Carlos Alfredo. Biodiversidade e mudanças climáticas: contexto evolutivo, histórico e político. **Ambiente & Sociedade**, Campinas, v.10, n.1, p.169-172, jan./jun. 2007.

KELLNER, Douglas; SHARE, Jeff. Educação para a leitura crítica da mídia, democracia radical e a reconstrução da educação. **Educação & Sociedade**, Campinas, v.29, n.104, p.687-715, 2008.

LEFF, Enrique. **Racionalidade ambiental**: a reapropriação social da natureza. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. 555p.

LEIS, Héctor Ricardo. **A modernidade insustentável**: as críticas do ambientalismo à sociedade contemporânea. Petrópolis, RJ: Vozes; Santa Catarina: UFSC, 1999. 261p.

LEIS, Héctor Ricardo; D'AMATO, José Luis. O ambientalismo como movimento vital: Análise de suas dimensões histórica, ética e vivencial. In: CAVALCANTI, Clóvis (Org.). **Desenvolvimento e natureza**: estudos para uma sociedade sustentável. Recife: INPSO/FUNDAJ, Instituto de Pesquisas Sociais, Fundação Joaquim Nabuco, Ministério da Educação, Governo Federal, out. 1994. p.77-103.

LEMOS, André. Cibercultura: alguns pontos para compreender a nossa época. In: LEMOS, André; CUNHA, Paulo (Orgs.). **Olhares sobre a cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

LEROUX, Marcel. Aquecimento global: uma impostura científica. **Revista Fusion**, n.95, mar. 2003. Disponível em: <<http://ddata.over-blog.com/xxxyyy/0/31/89/29/Fusion-95/F95.7.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2011. (Título original: Réchauffement global: une imposture scientifique!).

LIMA, Grácia Lopes; MELO, Teresa. Educomunicação e meio ambiente. In: MELLO, Soraia Silva de; TRAJBER, Raquel (Org.). **Vamos cuidar do Brasil**: conceitos e práticas em educação ambiental na escola. Brasília: Unesco, Ministério do Meio Ambiente, Ministério da Educação, 2007. p.167-174.

LIMA, Myrian Del Vecchio de. **Comunicação, ambiente urbano e desenvolvimento**: elementos para a compreensão do papel da informação na gestão do lixo em Curitiba. 442p. Tese (Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2002.

LOMBORG, Bjorn. Hora de pensar nas soluções. **Jornal Zero Hora**, Rio Grande do Sul, set. 2010. Entrevista concedida ao caderno Nosso Mundo Sustentável. Disponível em: <http://www.lomborg.com/dyn/files/news_news/218-file/Int%20BL%202010%20Sept%206%20Zero%20Hora%20BR.pdf?PHPSESSID=50ec95f6b7f0df4d5daff8eacf9cd7ed>. Acesso em: 14 mar. 2011.

LOOSE, Eloisa Beling; GIRARDI, Ilza Maria Tourinho. O jornalismo ambiental e seu caráter educativo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 22., 2009, Curitiba. **Anais...** Curitiba: Intercom, 2009.

LOPES, Luis Carlos. **Ciências da comunicação, possibilidades e problemas**. Trabalho apresentado no V Congresso Latinoamericano de Ciencias de la Comunicación, realizado em Santiago do Chile entre 26 e 29 de abril de 2000. Disponível em: <<http://www.uff.br/mestcii/lclop3.htm>>. Acesso em: 29 jul. 2011.

LOPES, Maria Immacolata. O campo da comunicação: reflexões sobre seu estatuto disciplinar. **Revista USP**, São Paulo, v.48, p.46-57, fev. 2001.

_____. **Pesquisa em comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003.

LUCKMAN, Ana Paula. Educação, jornalismo e meio ambiente: leituras sobre a crise ecológica no contexto do aquecimento global. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação), 30., 2007, Caxambu. **Anais...** Caxambu (MG): Anped, 2007. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/gt16-2951--int.pdf>>. Acesso em: 02 jan. 2012.

MACHADO FILHO, Haroldo. **Legislação, políticas públicas e governança climática**. Material de aula ministrada no curso de Especialização em Mudanças Climáticas e Seqüestro de CO₂. Curitiba: Universidade Positivo, 2008.

MACHADO, Eliany. Sobre a educomunicação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 31., 2008, Natal. **Anais...** Natal (RN): Intercom, 2008. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/indiceautor.htm>>. Acesso em: 02 nov. 2011.

MARENGO, José A. **Mudanças climáticas globais e o impacto no bioma caatinga**. Apresentação ao Ministério do Meio Ambiente. Brasília: Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) / Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT), 2007. Disponível em: <http://mudancasclimaticas.cptec.inpe.br/~rmclima/pdfs/apresentacoes/8_Apresentacao_MMA_Caatinga.pdf>. Acesso em: 03 mar. 2011.

MARGULIS, Sergio; DUBEUX, Carolina Burle Schmidt (Eds.); MARCOVITCH, Jacques (Coord.). **Economia da mudança do clima no Brasil: custos e oportunidades**. São Paulo: IBEP Gráfica, 2010. 82p.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Retos culturales: de la comunicación a la educación. **Nueva Sociedad**, Buenos Aires, n.169, p.33-43, 2000.

MARTINO, Luiz C. O campo da comunicação e suas teorias. In: KÜNSCH, Dimas A.; BARROS, Laan Mendes de (Org.). **Comunicação: saber, arte ou ciência?** São Paulo: Plêiade, 2008. p.13-33.

MARTIRANI, Laura Alves. O blog como laboratório para educomunicação socioambiental. **UDESC VIRTU@L - Online**, Revista do Centro de Educação a Distância, Florianópolis, v.2, n.1, 2009.

MATTELART, Armand e Michèle. **História das teorias da comunicação**. São Paulo: Loyola, 1999.

MAZZARINO, Jane Márcia. O agendamento na perspectiva das fontes do campo jornalístico: observando fazeres do movimento socioambiental. **Fronteiras – Estudos Midiáticos**, São Leopoldo (RS), v.9, n.1, p.53-63, 2007.

MEDINA, Cremilda. **Ciência e jornalismo: da herança positivista ao diálogo dos afetos**. São Paulo: Summus, 2008.

MELO, Paula Reis. A perspectiva da agenda-building e sua contribuição para o estudo das agendas política, midiática e pública. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 5., 2007, Aracaju. **Anais...** Aracaju: SBPJor, 2007.

MELUCCI, Alberto. **Challenging Codes: Collective Action in the Information Age**. Reino Unido: Cambridge University Press, 1996.

MENDONÇA, Francisco de Assis. Dimensões regionais das mudanças climáticas globais e educação ambiental: Alguns aspectos da região Sul do Brasil. **Caderno Temático da Educação Ambiental na Escola**, Curitiba, 2010. Disponível em: <www.diaadia.pr.gov.br/cdec/arquivos/File/educacaoambientalnaescola.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2011.

MENDONÇA, Ricardo Fabrino. Comunicação e sociedade civil: interfaces e agendas. **Revista Compólitica**, Rio de Janeiro, n.1, v.1, mar./abr. 2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**. São Paulo: Hucitec, 1993.

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA. Fórum Brasileiro de Mudanças Climáticas. Decreto de 28 de agosto de 2000. Dispõe sobre o Fórum Brasileiro de Mudanças Climáticas e dá outras providências. Disponível em: <<http://www.mct.gov.br/index.php/content/view/4041.html>>. Acesso em: 04 mar. 2011.

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA. **Segunda Comunicação Nacional do Brasil à Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima**. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2010.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Parâmetros Curriculares Nacionais 5.^a a 8.^a séries: meio ambiente**. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1998. v.10.3: Temas transversais. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/meioambiente.pdf>>. Acesso em: 08 nov. 2011.

MINISTÉRIO DA INTEGRAÇÃO NACIONAL. **São Francisco**. Disponível em: <<http://www.integracao.gov.br/saofrancisco/rio/index.asp>>. Acesso em: 05 mar. 2011.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Projeto Tela Verde**. Brasília: Secretaria de Articulação Institucional e Cidadania Ambiental, 2011. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/sitio/index.php?ido=conteudo.monta&idEstrutura=20&idConteudo=9437&idMenu=10158>>. Acesso em: 11 nov. 2011.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Vídeos ambientais serão exibidos em duas mil salas do País**. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/sitio/index.php?ido=ascom.noticiaMMA&idEstrutura=8&codigo=7087>>. Acesso em: 12 nov. 2011.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE; MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Programa de Educomunicação Socioambiental**. Brasília: Órgão Gestor da Política Nacional de Educação Ambiental, 2005. (Série Documentos Técnicos – 2). Disponível em: <http://www.daep.com.br/coletivos/adm/download/dt_2_programa_educomunicacao_socioambiental_4a_versao_maio_final.pdf>. Acesso em: 09 nov. 2011.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE; MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Manual de Educomunicação**: apoio às atividades da II Conferência Nacional Infanto-Juvenil pelo Meio Ambiente. Brasília: Órgão Gestor da Política Nacional de Educação Ambiental, 2006.

MIRANDA, Érica; SCHALL, Virgínia; MODENA, Celina M. Representações sociais sobre educação ambiental em grupos da terceira idade. **Ciência & Educação**, Bauru (SP), v.13, n.1, p.15-28, 2007.

MIRANDA, Luiz Cezar dos Santos. **Vizinhos do (in)conformismo**: o movimento dos sem teto da Bahia entre a hegemonia e a contra-hegemonia. 162p. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

MOLION, Luiz Carlos B. Aquecimento global: uma visão crítica. **Revista Brasileira de Climatologia**, São Paulo, n.3/4, p.07-24, ago. 2008.

MORAES, Cláudia Herte de. O impacto, o significado e a repercussão na prática do jornalismo ambiental. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 31., 2008, Natal. **Anais...** Natal (RN): Intercom, 2008. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-1511-1.pdf>>. Acesso em: 14 out. 2011.

MORAIS, Anielle Aparecida Fernandes de; REZENDE, Guilherme Jorge de. O Greenpeace (en) cena: espetáculos em busca de visibilidade midiática. In: MELO, José Marques de (Org.). **Mídia, ecologia e sociedade**. São Paulo: Intercom, 2008. p.265-280.

MORIN, Edgar. **Le paradigme perdu**: la nature humaine. Barcelona: Editorial Kairós, 1974. 188p. (Edição em castelhano).

_____. Da necessidade de um pensamento complexo. In: MARTINS, Francisco. M.; SILVA, Juremir M. (Org.). **Para navegar no século XXI**: tecnologias do imaginário e cibercultura. 3.ed. Porto Alegre: Sulinas/Edipucrs, 2003. p.13-36.

MOSTAFA, Solange. Citações epistemológicas no campo da educomunicação. **Comunicação & Educação**, São Paulo, v.8, n.24, p.15-28, 2002.

NOBRE, Carlos A. Mudanças climáticas e o Brasil: contextualização. **Parcerias Estratégicas**, Brasília, n.28, p.7-18, 2008.

NUNES, Roseli Pereira; ALVIM, Ronaldo Gomes. A educomunicação como ferramenta para trabalhar questões socioambientais na escola. In: **V Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade**. São Cristóvão (SE): Universidade Federal de Sergipe, 2011.

OBSERVATÓRIO DO CLIMA. Disponível em: <www.oc.org.br>. Acesso em: 02 nov. 2011.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano (Declaração de Estocolmo)**. 1972. Disponível em: <<http://www.mudancasclimaticas.andi.org.br/content/declaracao-de-estocolmo>>. Acesso em: 04 maio 2011.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima**. Rio de Janeiro, 1992a. Disponível em: <http://www.onu-brasil.org.br/doc_clima.php>. Acesso em: 21 mar. 2011.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração do Rio sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento**. Rio de Janeiro, 1992b. Disponível em: <<http://www.ufpa.br/npadc/gpeea/DocsEA/DeclaraRioMA.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2011.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Agenda 21**. Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. Rio de Janeiro, 1992c. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/sitio/index.php?ido=conteudo.monta&idEstrutura=18&idConteudo=575&idMenu=9065>>. Acesso em: 22 set. 2010.

OROFINO, Maria Isabel. **Mídias e mediação escolar**: pedagogia dos meios, participação e visibilidade. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2005. (Guia da Escola Cidadã, v.12).

OWEN, David. Economy vs. Environment. **The New Yorker**, USA, 30 mar. 2009. Disponível em: <http://www.newyorker.com/talk/comment/2009/03/30/090330_taco_talk_owen>. Acesso em: 22 jun. 2011.

PERUZZO, Cicília. A comunicação nos movimentos sociais: exercício de um direito Humano. **Diálogos de la comunicación**, Colombia, n.82, set./dez. 2010. Disponível em: <http://www.dialogosfelafacs.net/revista/upload/articulos/pdf/articulopdf_164.pdf>. Acesso em: 09 jul. 2011.

PINTO, Erika de Paula Pedro; MOUTINHO Paulo; RODRIGUES, Liana; FRANÇA, Flávia; MOREIRA, Paula; DIETZSCH, Laura. **Perguntas e respostas sobre aquecimento global**. Pará: Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia (Ipam), 2010.

PINTO, Monica Maria. **Mudanças climáticas**: a contribuição da grande imprensa brasileira para uma nova consciência. Monografia (Especialização em Mudanças Climáticas e Sequestro de Carbono) - Universidade Positivo, Curitiba, 2009.

_____. **Educomunicação para as mudanças climáticas**: a contribuição da grande imprensa brasileira para uma nova consciência. Trabalho apresentado no GP Comunicação, Ciência, Meio Ambiente e Sociedade do X Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Caxias do Sul: Intercom, 2010. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-2657-1.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2011.

PINTO, Mônica Maria; LIMA, Myrian Del Vecchio de. Uma análise da educomunicação de foco ambientalista na construção de um novo "Mundo da Vida". In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL, 12., 2011, Londrina. **Anais...** Londrina (PR): Intercom, 2011.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO (PNUD). **Combater as alterações climáticas**: solidariedade humana num mundo dividido. Relatório de Desenvolvimento Humano 2007/2008. Portugal: Almedina, 2007. 402p.

PROJETO CALA-BOCA JÁ MORREU. São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://cbjmbr.blogspot.com/p/quem-somos.html>>. Acesso em: 15 nov. 2011.

REIS, Pedro Rocha dos. Ciência e controvérsia. **Revista de Estudos Universitários (REU)**, São Paulo, v.15, n.2, p.09-15, dez. 2009.

RIBAS, Rodrigo Pacheco. **Estratégias de empresas de petróleo no cenário de mudanças climáticas globais**. 158p. Dissertação (Mestrado em Ciências em Planejamento Energético) - Programa de Pós-Graduação de Engenharia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

RIBEIRO, Maria Clara; PROCÓPIO, Mariana Ramalho. Cultura de consumo e produção de sentidos no texto publicitário. **Linguagens & Cidadania**, Rio Grande do Sul, v.9, n.1, 2007.

RIBEIRO, Suzana Kahn. O bioetanol como ação de mitigação a mudanças climáticas. **Opiniões**, São Paulo, 2009. Disponível em: <<http://revistaonline.revistaopinioes.com.br/revistas/suc/10/>>. Acesso em: 07 dez. 2011.

RIGO, Larissa; MORAES, Cláudia de. Meio ambiente e corrupção: uma possível explicação para o noticiário ambiental. In: PEREIRA, Ariane Carla; MORAES, Fernanda; KNÜPPEL, Maria Aparecida (Org.). **Retratos midiáticos do meio ambiente: gestos de interpretação**. Guarapuava: Unicentro, 2008. p.92-109.

RODRIGUES, Maria Guadalupe. Movimento ambiental e ativismo político: um estudo de caso da campanha contra os Bancos Multilaterais de Desenvolvimento. **Contexto Internacional**, Rio de Janeiro, v.15, n.2, p.215-234, 1993. Disponível em: <<http://publique.rdc.puc-rio.br/contextointernacional/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=271&sid=46>>. Acesso em: 20 jul. 2011.

ROLDÃO, Ivete Cardoso do Carmo. **O rádio educativo no Brasil: uma reflexão sobre suas possibilidades e desafios**. Trabalho apresentado no XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Brasília: Intercom, 2006. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0905-1.pdf>>. Acesso em: 08 nov. 2011.

SABBATINI, Marcelo. O problema da ética na comunicação pública da ciência e da tecnologia: uma proposta de manual deontológico. In: ACTAS DO III SOPCOM, VI LUSOCOM e II IBÉRICO. Portugal: Federação das Associações Lusófonas de Ciências da Comunicação, 2004. v.3. p.237-244.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação e pesquisa: projetos para mestrado e doutorado**. São Paulo: Hacker Editores, 2001. 216p.

SANTOS, Boaventura de Sousa. A reinvenção solidária e participativa do Estado. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOCIEDADE E A REFORMA DO ESTADO. São Paulo, março de 1998.

SANTOS, Leonardo Bis dos. Trilhas da política ambiental: conflitos, agendas e criação de unidades de conservação. **Ambiente e Sociedade**, São Paulo, v.12, n.1, p.133-150, 2009.

SANTOS, Luciano Correia. **Jornalismo e espetáculo: o mundo da vida nos canais midiáticos**. Sergipe: Banese, 2007. 122p.

SARTORI, Ademilde Silveira; SOARES, Maria Salete Prado. **Concepção dialógica e as NTICS: a educomunicação e os ecossistemas comunicativos**. V Colóquio Internacional Paulo Freire – Recife, 19 a 22 set. 2005. 15p.

SCHERER-WARREN, Ilse. Das mobilizações às redes de movimentos sociais. **Sociedade e Estado**, Brasília, v.21, n.1, p.109-130, jan./abr. 2006.

SCHMIDT, Sarai. Em pauta: a aliança mídia e educação. **UNIrevista**, Porto Alegre, v.1, n.3, p.1-18, 2006.

SCHUBERT, Claudio. Mídia, ecologia e sociedade: uma análise do tencionamento das racionalidades estratégica e consensual do tema. In: PEREIRA, Ariane Carla; MORAES, Fernanda; KNÜPPEL, Maria Aparecida (Org.). **Retratos midiáticos do meio ambiente**: gestos de interpretação. Guarapuava: Unicentro, 2008. p.16-37.

SECRETARIA DE ESTADO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR DO PARANÁ; UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. **Educomunicação**. Curitiba, 2010.

SECRETARIA GENERAL DE LA COMUNIDAD ANDINA. **El cambio climático no tiene fronteras**: impacto del cambio climático en la comunidad andina. Peru, 2008. Disponível em: <http://mudancasclimaticas.cptec.inpe.br/~rmclima/pdfs/livro/libro_cambioclimatico1.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2011.

SHANAHAN, Mike. Time to adapt?: Media Coverage of Climate Change in Nonindustrialised Countries. In: BOYCE, Tammy; LEWIS, Justin (Eds.). **Climate Change and the Media**. EUA: Peter Lang Publishing, 2009. p.145-157.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. Florianópolis: UFSC, 2001. 121p.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia**. São Paulo: Loyola, 2002.

SOARES, Ismar de Oliveira. Comunicação/educação: a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais. **Contato - Revista Brasileira de Comunicação, Arte e Educação**, Brasília, v.1, n.2, p.19-74, 1999.

SOCIETY OF ENVIRONMENTAL JOURNALISTS - SEJ. **Climate change**: a guide to the information and disinformation. EUA, 2009. Disponível em: <<http://www.sejarchive.org/resource/index18.htm>>. Acesso em: 13 out. 2011.

SODRÉ, Muniz. A forma de vida da mídia. **Pesquisa Fapesp Online**, São Paulo, n.78, ago. 2002. Disponível em: <<http://revistapesquisa.fapesp.br/?art=1894&bd=1&pg=2&lg=>>>. Acesso em: 13 set. 2011.

SOUSA, Cidival Moraes; FERNANDES, Francisco Assis Martins. Mídia e meio ambiente: limites e possibilidades. **Revista Ciências Humanas**, São Paulo, v.8, p.159-167, 2002.

STERN, Nicholas (Coord.). **Relatório Stern**: aspectos econômicos das alterações climáticas. Reino Unido: London School of Economics, 2006. 613p. Disponível em: <http://www.scribd.com/full/6957968?access_key=key-1htrt9xezpcgbrpb1gj4>. Acesso em: 03 abr. 2011.

TARDE, Gabriel. **A opinião e as massas**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

TAVOLARO, Sérgio Barreira de Faria. **Movimento ambientalista e modernidade**: sociabilidade, risco e moral. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas (SP), 1998.

TAYRA, Flávio. A relação entre o mundo do trabalho e o meio ambiente: limites para o desenvolvimento sustentável. **Nova Scripta – Revista Electrónica de Geografia y Ciencias Sociales**, Barcelona, v.6, n.119, ago. 2002. Disponível em: <<http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn119-72.htm>>. Acesso em: 14 abr. 2011.

TORO, José Bernardo; WERNECK, Nisia Maria. Mobilização social: uma teoria para a universalização da cidadania. In: MONTORO, Tânia Siqueira (Org.). **Comunicação e mobilização social**. Brasília: UnB, 1996a. p.24-32.

TORO, Jose Bernardo; WERNECK, Nisia Maria. **Mobilização social**: um modo de construir a democracia e a participação. Brasília: Unicef, 1996b.

TRAQUINA, Nelson. O jornalismo como um espaço de luta política. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos (IHU On-Line)**, Porto Alegre, v.6, n.202, 2006. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=533&secao=202>. Acesso em: 18 out. 2011.

TRIGUEIRO, André. **Formando jornalistas para um mundo sustentável**. Palestra realizada no I Congresso Brasileiro de Jornalismo Ambiental. Santos (SP), 2005. Disponível em: <http://www.mundosustentavel.com.br/wp-content/uploads/2011/04/formando.pdf>. Acesso em: 09 jul. 2011.

UFMG/CEDEPLAR; FIOCRUZ. **Mudanças climáticas, migrações e saúde**: cenários para o Nordeste brasileiro, 2000-2050. Relatório de Pesquisa (Research Report). Belo Horizonte: CEDEPLAR/FIOCRUZ, jul. 2008. Disponível em: <http://www.cedeplar.ufmg.br/pesquisas/migracoes_saude/MIGRACAO_E_SAUDE_NORDESTE.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2011.

UNITED NATIONS FRAMEWORK CONVENTION ON CLIMATE CHANGE - UNFCCC. 2010. Disponível em: <http://unfccc.int/files/inc/graphics/image/jpeg/changes_including_2010.jpg>. Acesso em: 11 abr. 2011.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **Educom.Rádio**. São Paulo: Núcleo de Comunicação e Educação (NCE), 2001. Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/?wcp=/oquefazemos/texto,4,14,30>>. Acesso em: 09 nov. 2011.

VIEGAS, Cláudia. **Mudança climática fora do cotidiano**: análise da cobertura de dois jornais num panorama de fragilidade da governança ambiental. Trabalho apresentado no IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa. Porto Alegre: Intercom, 2004.

VIOLA, Eduardo J. O movimento ecológico no Brasil (1974-1986): do ambientalismo à ecopolítica. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, n.3, fev. 1987. Disponível em: <<http://www.anpocs.org.br/portal/content/view/139/54/>>. Acesso em: 12 jul. 2011.

WALTER, Michele Karina Cotta. Mudanças climáticas: uma verdade inconveniente. **Revista MultiCiência**, Campinas (SP), n.8, p.169-172, 2007.

WOLTON, Dominique. **Pensar a comunicação**. Portugal: Difusão, 1999.

WWF-BRASIL. **Investigando a biodiversidade**: guia de apoio aos educadores do Brasil. 2010. Disponível em: <http://www.wwf.org.br/informacoes/biblioteca/publicacoes_educacao_ambiental/?25082/Investigando-a-Biodiversidade-guia-de-apoio-aos-educadores-do-Brasil>. Acesso em: 22 nov. 2011.

_____. **Uma organização nacional**. Disponível em: <http://www.wwf.org.br/wwf_brasil/>. Acesso em: 22 nov. 2011.

XAVIER, Maria Emília Rehder; KERR, Américo Sansigolo. A análise do efeito estufa em textos para-didáticos e periódicos jornalísticos. **Caderno Brasileiro de Ensino de Física** (UFSC), Florianópolis, v.21, n.3, p.325-349, 2004. Disponível em: <<http://www.journal.ufsc.br/index.php/fisica/article/viewFile/6423/5939>>. Acesso em: 10 jan. 2011.

ANEXOS

ANEXO 1
INFORMATIVOS *ONLINE* DA CAMPANHA TICTACTICTAC -
NÚMERO 1, 3, 5 E 11

5 de outubro de 2009 - Faltam 62 dias para a COP-15

Informativo semanal TicTacTicTac nº 01

Chamada para ação - 24 de outubro de 2009

Participe do 3º Dia de Ação Global da campanha TicTacTicTac!

Dia 24 de outubro é o Dia Nacional de Adesão ao abaixo assinado para um clima saudável e seguro! Escolha eventos artísticos, esportivos, religiosos e culturais que ocorrerão dia 24 de outubro, próximos a você. Aproveite o espaço e o público para passar a mensagem da TicTacTicTac e espalhar o abaixo-assinado. Se preferir organizar seu próprio evento, sugerimos escolher uma local com algum significado especial para você e sua comunidade: uma praça, parque ou praia que você quer proteger das mudanças climáticas. Use a sua criatividade para reunir e motivar o público.

Passeios de bicicleta, marchas, concertos, caminhadas, festivais, plantação de árvores, protestos, e mais acontecerão no mundo inteiro. A idéia é que as ações se relacionem com milhares de outras ações no mundo inteiro, para que a mensagem do dia 24 de outubro seja poderosa: O mundo precisa das soluções climáticas que a ciência e a justiça exigem. Até o presente momento foram registrados 1742 eventos em 140 países.

O tempo passa, o clima não está numa boa. Você faz a diferença!

Registre a sua ação em www.tictactictac.org.br - AGORA!

I. - Atividades da Campanha TicTacTicTac

Campanha TicTacTicTac lança novo site: Veja o lançamento da nova versão do nosso site, que está cada vez mais completo, informativo e interativo. Você poderá acessar as novidades, ver os principais eventos planejados pela campanha e seus parceiros, baixar material de divulgação, assinar o abaixo-assinado, se registrar para receber o informativo semanal e ter acesso ao twitter, facebook e youtube da TicTacTicTac. www.tictactictac.org.br

Bob Burnquist pede assinaturas para a petição contra o aquecimento global: O campeão mundial de skateboard, Bob Burnquist, chamou o público do evento Megarampa 2009 para assinar o abaixo-assinado da campanha TicTacTicTac a colaborar na luta contra o aquecimento global. A articulação teve apoio do WWF Brasil e ocorreu nos dias 26 e 27 de setembro em São Paulo.

www.youtube.com/watch?v=wP4yfC9ma3U

TicTacTicTac envia livreto sobre impactos das mudanças climáticas para formadores de opinião: Um livreto, baseado em recente relatório do Fórum Humanitário Global, está sendo enviado pela Campanha TicTacTicTac para autoridades e formadores de opinião no Brasil, mostrando histórias de pessoas que sofrem com as forças destrutivas das mudanças de clima. O relatório mostra que as mudanças climáticas matam mais de 300.000 pessoas a cada ano, e há perdas

econômicas de pelo menos US\$125 bilhões, principalmente nos países em desenvolvimento. A carta para as personalidades pede que os países desenvolvidos reduzam as emissões em pelo menos 40% até 2020 e disponibilizem recursos para apoiar os países mais pobres a se adaptarem às piores conseqüências da crise climática. Esse compromisso deve ser complementado com o desvio substancial da trajetória de crescimento de emissões dos principais países em desenvolvimento, de tal forma que as emissões globais tenham um máximo, antes do final da próxima década, compatível com os esforços de reduzir as emissões globais em 80% até 2050. O objetivo do envio é conseguir apoio das autoridades no Brasil para a Campanha TicTacTicTac.

II. - TicTacTicTac na mídia

Veja entrevista com Cauã Reymond e seu envolvimento na Campanha TicTacTicTac na Revista Época (25 de setembro): <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI95206-15228,00-GALA+ENGAJADO.html>

Veja o vídeo sobre a TicTacTicTac que está sendo exibido pela TV Globo em horários alternados, pela empresa Elemidia nos shoppings brasileiros e em breve nos elevadores dos prédios atendidos pela empresa: www.youtube.com/watch?v=0w1SdJdImUk

Veja o vídeo desenvolvido pela empresa Y&R que está passando em circuito comercial de cinemas:
www.youtube.com/watch?v=oY4E8PYSdCc

III. - Atividades de parceiros/sobre mudanças climáticas no Brasil

2 e 3 de outubro – Belém/PA: Ocorreu o seminário "Clima e Floresta em debate: REDD e mecanismos de mercado como salvação para Amazônia?" organizado pela FASE e parceiros. O evento serviu para aumentar o conhecimento por parte das populações e povos que vivem em ambientes florestais, de ONGs, movimentos sociais e da academia, sobre as negociações de mudanças climáticas e, em especial, sobre a diversidade de mecanismos que visam efetivar a redução de emissões por desmatamento e degradação. www.fase.org.br

3 de outubro – Fortaleza/CE: Ocorreu o Seminário "Ar e Mudanças Climáticas", como parte do ciclo de palestras da Escola de Formação da Juventude, projeto realizado pela Juventude Alternativa Terrazul. juventudeterrazul@gmail.com

IV. - Notícias da Campanha global Tcktcktck

Até agora, mais de 1,37 milhões de pessoas no mundo inteiro assinaram a petição da campanha TckTckTck. <http://www.tcktcktck.org/>

Bangkok/Tailândia: Durante as últimas semanas, um grupo de elefantes acompanhados por uma equipe do Greenpeace, tem percorrido 250 km na Tailândia, para se encontrar com comunidades do Norte do país que são afetadas pelas mudanças climáticas. Conseguiram arrecadar algum dinheiro que foi entregue a Yvo de Boer, o Secretário-Executivo da Convenção, como contribuição inicial dos 150 bilhões de dólares anuais necessários para os países mais pobres através do Fundo de Adaptação. O Secretário colocou este dinheiro na mesa durante a sessão de abertura da Reunião preparatória de Bangkok para a COP-15 que se iniciou na segunda-feira, dia 28 de setembro, para apelar aos países ricos a assumir os seus compromissos.
<http://adoptanegotiator.org/2009/09/28/the-only-money-on-the-table-but-not-the-only-elephant-in-the-room/>

No dia 1 de outubro, um grupo de mulheres e pescadores organizou uma marcha do centro de Bangkok até o Centro de Convenções onde ocorre a sessão preparatória para a COP-15, para chamar atenção às populações mais vulneráveis e atingidas pelas mudanças climáticas.

[bedded" target=" blank">www.youtube.com/watch?v=-zmfGII-AD8&feature=player_embedded](http://www.youtube.com/watch?v=-zmfGII-AD8&feature=player_embedded)

Durante a primeira semana de negociações em Bangkok, e como resultado dos esforços intensos dos sindicatos em conseguir apoio para incluir a justiça social nas políticas relacionadas a mudanças climáticas, as ONGs ambientalistas fizeram uma chamada pública para garantir que o Acordo de Copenhague contenha uma menção à necessidade de "transição justa" para os trabalhadores e as comunidades. www.climatenetwork.org/eco/bangkok-2009-ecos/Eco6.pdf

Projeto Adote um Negociador. Como parte deste projeto lançado na reunião intersessional de Bonn em junho, um grupo de jovens acompanha as negociações em Bangkok, depois em Barcelona e, finalmente, Copenhague, monitorando os negociadores-chefe e as delegações de 12 países-chave desenvolvidos e em desenvolvimento, compartilhando informações sobre suas posições. Participam do projeto jovens do Brasil – através de articulação direta com a campanha TicTacTicTac -, Reino Unido, Canadá, Itália, Estados Unidos, Austrália, Japão, França, China, Suécia, Índia e Alemanha. Acesse <http://adoptanegotiator.org/> e adote você também um negociador.

Copenhague/Dinamarca: No dia 2 de outubro, vários ativistas da Avaaz protestaram na frente do Centro de Convenções de Copenhague, onde ocorreu a reunião do Comitê Olímpico Internacional para definir a sede das Olimpíadas em 2016, contando com a presença dos Presidentes Obama, Lula, Zapatero e do Primeiro Ministro Hatoyama. Os ativistas cantaram a música "I want you back" dos Jackson 5, para pedir aos líderes que voltassem à Copenhague em dezembro. www.flickr.com/photos/avaaz/3974185074/

Informes do Global Campaign for Climate Action (GCCA) Weekly Update, Sep 28 - Oct 2nd, 2009

V. O caminho para Copenhague: Saiba mais sobre as negociações

internacionais

Em Bangkok, entre 28 de setembro e 9 de outubro estão reunidos dois órgãos designados para preparar recomendações para os signatários da Convenção de Clima e do Protocolo de Quioto – o Grupo Ad Hoc para Ação Cooperativa de Longo Prazo – AWG LCA e o Grupo Ad Hoc do Protocolo de Quioto – AWG KP. As negociações de Bangkok estão focadas na adaptação às mudanças de clima, redução de emissões de gases de efeito estufa provenientes do desmatamento e degradação de florestas – REDD, transferência de recursos financeiros, e tecnologia e capacitação. Além disso, vão buscar clareza sobre a redução de emissões pelos países desenvolvidos, o nível de ambição dessas reduções e seus impactos nas economias de países desenvolvidos e em desenvolvimento; o uso da terra e mudanças de uso da terra e florestas (sigla LULUCF); identificação de novos gases de efeito estufa a serem incluídos no acordo de Copenhague e, ainda, a definição de anos base para controle das reduções de emissões.

Em Bangkok, o Brasil defendeu que o mecanismo REDD seja simples e com aplicação rápida. O financiamento teria foco no curto prazo, o que equivale ao período correspondente à preparação de um país para poder entrar plenamente num regime de REDD. Isto requer, ainda, muito trabalho para capacitação de órgãos federais, estaduais, e institucionais; planejamento de NAMAs (Ações de Mitigação Nacionalmente Apropriadas); e sistemas de monitoramento e controle. Há um consenso nas negociações que nenhum país neste momento teria condições para implantar REDD e que provavelmente isso tomará tempo até perto de 2020 quando chegaria o financiamento para os NAMAs.

Sobre as NAMAs, a posição brasileira é que devem produzir um efeito real de redução de emissões. Porém, a emissão de certificados de carbono para serem negociados na base de preservação de florestas pode ser enxergada por alguns países desenvolvidos como maneira de compensar suas emissões, sem redução real. O mercado de combustíveis a granel, consumidos em grande quantidade pelo setor de transporte marítimo e aviação poderia sofrer uma taxa que alimentaria as necessidades de financiamento de REDD. Esta proposta, bem vista por muitos, começa a gerar alguma resistência dos países mais pobres.

Informes de Morrow Gaines Campbell III, Vitae Civilis, publicado no Vitae Civilis Informa, Edição Especial Ano XV nº. 04 – 29 de Setembro de 2009.

www.vitaecivilis.org.br/default.asp?site_Acao=mostraPagina&paginaId=2318

Os Estados Unidos apresentaram o trabalho com dois projetos de lei que poderiam representar um sinal positivo para os compromissos deste país no caminho para Copenhague. Neste mesmo sentido, o Presidente Obama afirmou recentemente que privilegia um marco legal para restringir as emissões domésticas e controlar o aquecimento global.

No dia 30 de setembro, a União Européia ganhou o Prêmio Fóssil do Dia em Bangkok, entregue diariamente pela rede CAN (Rede Internacional de Ação pelo Clima) para o país que coloca obstáculos nas negociações. O motivo foi a vontade de excluir um parágrafo no texto negociador que expressa grande preocupação com relação à

lacuna substancial entre recursos necessários para mitigar os impactos das mudanças climáticas e a redução dos gases de efeito estufa em países em desenvolvimento e os recursos atualmente disponíveis.

VI. O Brasil no clima: A política nacional

Enquanto isso... O Congresso demora em aprovar a Política Nacional de Mudanças Climáticas: A Comissão Mista de Mudanças Climáticas do Congresso Nacional, presidida pela Senadora Ideli Salvatti (PT/PR) se reúne todas as terças-feiras para debater o andamento dos PLs sobre mudanças climáticas. Mas, no geral, estas sessões contam com a presença de poucos parlamentares e nem sequer aprofundado o debate sobre o PL 3535 que estabelece a Política Nacional de Mudanças Climáticas...

Veja os comentários de Morrow Gaines Campbell III sobre negociações internacionais e política nacional em: Vitae Civilis Informa, Edição Especial Ano XV nº. 04 – 29 de Setembro de 2009

Foi assinado, no passado dia 22 de setembro em Belém, o Decreto que cria o Fórum Paraense de Mudanças Climáticas. O Fórum será presidido pela governadora do Estado e é composto de forma igualitária por instituições do Poder Público Estadual e da sociedade civil organizada, incluindo o Fórum Brasileiro de ONGs e Movimentos Sociais para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (FBOMS), além da participação de instituições federais como convidados permanentes.

VII. - Agenda da semana nacional

6 de outubro – Brasília/DF. Almoço para tratar da Comissão Especial PL 1876/99 – Código Florestal Brasileiro. 12 horas, Restaurante do SENAC, 10º andar, Anexo IV – Câmara dos Deputados, organizado pela Frente Parlamentar Ambientalista e a Fundação SOS Mata Atlântica.

7 e 8 de outubro - Araranguá/SC. II Encontro sobre Fenômenos Naturais, Adversidades e Mudanças Climáticas na Região Sul, organizado pela ONG Sócios das Natureza. www.efamuc.contato.net/

VII. - Agenda de mobilização internacional

28 de setembro a 9 de outubro: Reunião preparatória para COP-15 em Bangkok, Tailândia

6 e 7 de outubro: Reunião anual do Banco Mundial e FMI em Istambul, Turquia

15 de outubro: Dia de Ação global para o clima via blog

20 de outubro: Reunião dos ministros da Economia e Finanças da União Européia, Bruxelas, Bélgica

24 de outubro: Dia de Ação Global

2 a 6 de novembro: Reunião preparatória para COP-15 em Barcelona, Espanha

7 a 8 de novembro: Reunião dos Ministros da Economia e Finanças do G20 na Escócia

7 1 18 de dezembro: COP-15 em Copenhague, Dinamarca

12 de dezembro: Dia de Ação Global pelo Clima

Veja os filmes da Campanha global e da TicTacTicTac:

Hora de Acordar Global - Brasil, 21/09/09:

www.youtube.com/watch?v=S-E_XA2INUI

"Relógio" - com Cauã Reymond, apoio Oxfam:

www.youtube.com/watch?v=0w1SdJdImUk

"Adaptação" - animação feita pela Y&R :

www.youtube.com/watch?v=oY4E8PYSdCc

"100 dias para Copenhague- Parque Ibirapuera-SP":

www.youtube.com/watch?v=fvCqQRi0ZW8

Hora de Acordar global:

www.youtube.com/watch?v=zWrstBidAXg&feature=channel

As Loucas de Pedra Lilás na Hora de Acordar:

www.youtube.com/watch?v=ocCibVmrEPc

Quer divulgar suas notícias sobre a campanha TicTacTicTac?

Escreva para apoio@tictactictac.org.br

As edições são fechadas toda 2a-feira, às 10h00.

Expediente

Este informativo é elaborado e divulgado semanalmente pela Campanha TicTacTicTac.

Jornalista responsável: Esther Neuhaus.

Colaboração: Aron Belinky, Sandra Sinicco, Rubens Born, Efraim Neto, Veruska Barreiros, Morrow Gaines Campbell III.

Endereço: Rua Itápolis, 1468 Pacaembu - São Paulo/SP - Fone: 11 3662 0957 - contato@tictactictac.org.br



19 de outubro de 2009

Faltam 48 dias para a COP-15

Informativo semanal **TicTacTicTac nº 03**

Chamada para ação - 24 de outubro de 2009

Participe do 3º Dia de Ação Global da campanha TicTacTicTac!

Dia 24 de outubro é o Dia Nacional de Adesão ao abaixo assinado para um clima saudável e seguro! Escolha eventos artísticos, esportivos, religiosos e culturais que ocorrerão dia 24 de outubro próximos a você. Aproveite o espaço e o público para passar a mensagem da TicTacTicTac, disseminar o abaixo-assinado e colher centenas de assinaturas. Se preferir organizar seu próprio evento, sugerimos escolher um local com algum significado especial para você e sua comunidade: uma praça, parque ou praia que você quer proteger das mudanças climáticas. Use a sua criatividade para reunir e motivar o público. Passeios de bicicleta, marchas, concertos, caminhadas, festivais, plantação de árvores, protestos, e mais acontecerão no mundo inteiro. A idéia é que as ações se relacionem com milhares de outras ações em todo o planeta, para que a mensagem do dia 24 de outubro seja poderosa: O mundo precisa das soluções climáticas que a ciência e a justiça exigem. Até o presente momento estão registrados 3714 eventos em 164 países. O tempo passa, o clima não está numa boa. Você faz a diferença!

Registre a sua ação em www.tictactictac.org.br - AGORA!

Data-limite para pedir material: terça-feira, dia 20 de outubro, através de: contato@tictactictac.org.br

I. - Atividades da Campanha TicTacTicTac

Campanha TicTacTicTac divulga nota pública sobre proposta brasileira para COP-15: Como reação à notícia divulgada na imprensa de que a ministra Dilma Rousseff exigiu a revisão da proposta apresentada pelo Ministério do Meio Ambiente para que fosse minimizado o compromisso sugerido de redução das emissões de gases de efeito estufa a ser apresentado durante a COP-15, a coordenação da Campanha TicTacTicTac divulgou nota pública, no dia 15 de outubro, requerendo "das autoridades brasileiras posturas à altura do momento que vivemos e das suas responsabilidades históricas, perante as presentes e futuras gerações". A nota questiona o argumento de precisar emitir mais gases de efeito estufa em decorrência de um objetivo de taxas mais elevadas de crescimento econômico. Defende que o desenvolvimento econômico é necessário, mas só faz sentido se "acompanhado de real melhoria na qualidade de vida, conquistada de forma sustentável". Por outro lado, a nota defende como positivas as metas

anunciadas pelo MMA, calcadas na contenção do desmatamento, já que "acenam com compromissos de que há muito o Brasil precisa, mas totalmente insuficientes". Assim, a nota defende metas de aumento da eficiência (produção versus emissões de gases de efeito estufa) também para os setores energético, de transportes, industrial, agrícola, de serviços e tantos outros: "Serão essas metas que orientarão os investimentos públicos e privados rumo a uma economia moderna e sustentável". www.tictactictac.org.br

Mobilização para o Dia de Ação - 24 de outubro: No próximo sábado, dia 24 de outubro, cidades de todo o Brasil serão palco de diversos eventos para sinalizar que está na hora de serem tomadas decisões que garantam um acordo ambicioso, justo e comprometido na COP-15 da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas, que reunirá os governos mundiais de 7 a 18 de dezembro de 2009, em Copenhague, na Dinamarca. Além dos eventos realizados especialmente para marcar esse dia, a campanha TicTacTicTac em parceria com a 350.org convida todas as pessoas preocupadas com o problema do aquecimento global para que levem a mensagem e o abaixo-assinado da campanha aos eventos artísticos, esportivos, religiosos e culturais em sua cidade ou comunidade. Os interessados podem registrar sua ação no site da campanha, para receber materiais e informações de apoio. Até agora, 87 atividades em 64 cidades já estavam registradas e outras continuam sendo cadastradas para realização no sábado.

As atividades do dia 24 destacam a necessidade de políticas que limitem a concentração de CO₂ em 350ppm, limite constatado pela NASA, pesquisadores e ambientalistas como aceitável para a atmosfera. Esse índice representa uma mudança profunda no atual debate climático. Por anos, cientistas e fomentadores de políticas discutiram a possibilidade de limitar a concentração de CO₂ em 350ppm. Atualmente a concentração deste gás é de 390ppm. Alguns exemplos de ações planejadas incluem a interação com o Campeonato Brasileiro de Futebol na rodada do sábado organizada pela Rede da Juventude pelo Meio Ambiente e Sustentabilidade – REJUMA e o Coletivo Jovem de Meio Ambiente Minas Gerais – CJ MG, mobilização de alunos de algumas escolas do Distrito Federal no gramado do Congresso Nacional para formar o número 350 no chão, e um show da banda Sananda em São Paulo.

II. - TicTacTicTac na mídia

A Campanha TicTacTicTac **fechou acordo com o IG** para que passará a divulgar a campanha de várias formas, como banners em vários sites, incluindo o www.tcktcktck.com, com link para o site brasileiro, a estruturação da TV TicTac que irá transmitir as negociações da COP-15 diretamente pelo site; um mecanismo de divulgação de notícias em tempo real; uma campanha com blogueiros e colunistas do IG falando de aquecimento global; assim como a divulgação dos filmes já produzidos pela campanha.

Por iniciativa da campanha internacional TckTckTck, vários artistas como Duran Duran, Black Eyed Peas, Youssou N'Dour, Bob Geldof, Angélique Kidjo e os Scorpions se juntaram para gravar a música "Beds Are Burning" da banda Midnight

Oil, que está disponível para download grátis pelo site do Time for Climate Justice. No vídeo, personalidades como Kofi Annan e Desmond Tutu declaram seu apoio à Campanha.

www.timeforclimatejustice.org/

Veja a versão legendada em português: www.youtube.com/watch?v=IwqIyXCK8jA

A Campanha TicTacTicTac e a nota pública divulgada pela campanha ganharam matéria na edição do Jornal das Dez com André Trigueiro na quinta-feira, dia 15 de outubro. www.youtube.com/watch?v=RH8Vdf664L0

Houve entrevista sobre a Campanha também na Rádio CBN, na sexta-feira, dia 16 de outubro. Outros veículos de comunicação como Rádio Câmara, Plurare, RBS, Revista Horizonte Geográfico, Radiobrás, National Geographic Brasil, TV Futura, Rádio MEC, Jornal Estado de São Paulo, Revista Cláudia e Época divulgaram a nota ou demais atividades da Campanha.

III. - Atividades de parceiros/sobre mudanças climáticas no Brasil

13 de outubro – São Paulo/SP: A revista Carta Capital e a Envolverde realizaram o evento "Diálogos Capitais - Na Rota de Copenhague": Uma iniciativa para conversar sobre o Brasil e os compromissos para uma economia de baixo carbono que vão ser decididos durante a COP-15. Participaram do evento Sérgio Serra, Embaixador extraordinário de Mudanças Climáticas do Itamaraty, e José Goldenberg, Doutor em Ciências Físicas, ex-reitor da USP e ex-secretário de Meio Ambiente do Estado de São Paulo e os debatedores Ladislau Dowbor e Ricardo Young, do Instituto Ethos, ambos conselheiros da Campanha TicTacTicTac.

13 a 16 de outubro – Gravatá/PE: Foi realizado o 12º Congresso Nordestino de Ecologia que reuniu mais de 500 ambientalistas, pesquisadores, professores, estudantes, gestores públicos, empresários e representantes da sociedade civil acerca do tema central "Nossas escolhas determinam o futuro". A Campanha TicTacTicTac teve destaque na conferência sobre Mudanças Climáticas na quinta-feira, dia 15 de outubro. www.sne.org.br

16 de outubro – São Paulo/SP: A Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP), o Instituto de Estudos do Comércio e Negociações Internacionais (Icone) e a United Nation Foundation reuniram especialistas internacionais e lideranças do agronegócio brasileiro para o seminário "Agricultura, mudanças climáticas e comércio: Expectativa para Copenhague." A proposta do evento era encontrar respostas a duas perguntas principais para o agronegócio brasileiro: quais serão as oportunidades para o setor na conclusão de um acordo, e quais os tipos de barreiras às exportações poderão surgir? www.twitter.com/fiesp

IV. - Notícias da Campanha global Tcktcktck

Até agora, mais de 2,22 milhões de pessoas no mundo inteiro assinaram a petição da campanha TckTckTck. <http://www.tcktcktck.org/>

Dia de Ação Global através de blog junta 18mil pessoas: No dia 15 de outubro, a organização Change.org, junto à Campanha TckTckTck organizou um Dia de Ação através de blog, para conhecer a visão dos internautas sobre as mudanças climáticas. O evento teve a participação de 13.274 pessoas, e conseguiu atingir um público de quase 18mil pessoas em 155 países. O blog do Primeiro Ministro do Reino Unido, Gordon Brown, o blog da Casa Branca e de outras personalidades também responderam a esta chamada para ação. <http://globalvoicesonline.org/2009/10/15/reading-the-world-on-blog-action-day/>

Tribunal de Justiça Climática identificará responsáveis por crimes climáticos: O Tribunal Internacional de Justiça Climática (TIJC), instância que conta com a participação de oito jurados, integrantes de organizações sociais de todo o mundo, debateu entre os dias 13 e 14 de outubro, na cidade boliviana de Cochabamba, casos de violação de direitos humanos e destruição da natureza na América Latina. As conclusões foram entregues ao Presidente boliviano Evo Morales que apresentou o documento aos oito presidentes da Alternativa Bolivariana para as Américas (ALBA), reunidos em Cochabamba. Os membros do júri afirmaram a "grande urgência de dar resposta aos problemas ocasionados pelas mudanças climáticas", devido ao aprofundamento das injustiças existentes e por apresentar uma ameaça aos elementos básicos da vida humana. O Tribunal considera as mudanças climáticas como "maior problema socioambiental com o qual a humanidade se enfrenta", agravando problemas como a pobreza, a fome, a guerra, as desigualdades de gênero, a soberania alimentar, a falta de acesso a água e saneamento, entre outros. Recomenda, ainda, julgar os casos de violação de direitos humanos pelos impactos das mudanças climáticas como crimes contra a humanidade, através do estabelecimento de uma instância internacional vinculante para sancionar este tipo de crime ambiental.

www.cambioclimatico.org.bo - www.quiendebeaquien.org/spip.php?article1626

Ação da Aliança Suíça pelo Clima reúne milhares de pessoas: No sábado, dia 17 de outubro, em frente ao parlamento suíço na capital Berna, a Aliança Suíça pelo Clima, que inclui 52 ONGs do país, organizou uma mobilização para pedir a redução em 40% de emissões de gases de efeito estufa até 2020, e a contribuição de 1,6 bilhões de dólares anuais para os fundos de clima que deverão ser criados em Copenhague. Os organizadores do evento também realizaram a transferência simbólica da maior bandeira suíça (40 por 40 metros) com mais de 10mil assinaturas pelo clima ao Governo suíço. A bandeira será levada a Copenhague para pressionar ainda mais a delegação deste país.

www.flickr.com/photos/stimmenfuersklima/4019592498/ -
www.stimmenfuersklima.ch

Rede CAN organiza oficina na América Latina: Como parte do Programa de Fortalecimento de Capacidades para América Latina, a CAN (Rede de Ação pelo Clima) organizará Oficina de Trabalho e Assembléia da CAN América Latina (CAN-

LA), durante os dias 19 a 21 de novembro, em Buenos Aires, Argentina. Participarão do evento representantes de entidades que já estão envolvidas com atividades da CAN-LA ou que desenvolvem atividades importantes de incidência sobre políticas de clima. Como resultado da Oficina será elaborado um Documento Regional de posição para a COP-15. Também haverá definição com relação à estrutura da CAN-LA, através da aprovação de um regulamento, eleição de uma coordenação e elaboração de plano de trabalho para 2010. Contatos e inscrições: www.foroba.org.ar

V. O caminho para Copenhague: Saiba mais sobre as negociações internacionais

Conheça a proposta boliviana pela justiça climática: Uma das contribuições governamentais mais interessantes nas negociações para a COP-15 foi lançada este ano pela Bolívia que defendeu que os países desenvolvidos devem reconhecer a dívida ecológica histórica e climática que têm com o planeta e criar um mecanismo financeiro para apoiar os países em desenvolvimento na implementação de seus planos e programas de adaptação e mitigação das mudanças climáticas; na inovação, desenvolvimento e transferência de tecnologia; na conservação de seus recursos naturais e da biodiversidade; na redução da dívida de emissão (histórica, presente e também futura) e da dívida de adaptação, que representa o custo com o qual os países em desenvolvimento devem arcar para se adaptar aos impactos das mudanças climáticas geradas pelos países ricos. Na visão da Bolívia, o mecanismo financeiro de pagamento desta dívida deveria contar com um aporte de, no mínimo, 1% do PIB dos países desenvolvidos, sem contar outros recursos provenientes de impostos sobre combustíveis, transnacionais financeiras, transporte marítimo e aéreo e bens de empresas transnacionais. A Bolívia defende claramente que os financiamentos têm que ser dirigidos aos planos e programas nacionais dos Estados e não para projetos que estão sob a lógica do mercado.

VI. O Brasil no clima: A política nacional

Lula discute com ministros posição brasileira para COP-15: Foram realizadas nos dias 13 e 14 de outubro reuniões do Presidente da República para tratar da posição do Brasil a ser levada à COP-15, com os ministros Dilma Rousseff, Celso Amorim, Carlos Minc, Sergio Resende, Luiz Dulci, Alexandre Padilha e Franklin Martins e o Fórum Brasileiro de Mudanças Climáticas (FBMC). A proposta apresentada pelo MMA prevê a redução de 80% no desmatamento da Amazônia e uma diminuição de até 40% nas emissões de gás carbônico pelo país até 2020. A idéia é que o Brasil mantenha, em 2020, o mesmo patamar de emissão de CO₂ registrado em 2005, quando foram emitidas 2,2 bilhões de toneladas do gás. As medidas se traduziriam em um crescimento econômico de 4%, segundo as projeções do MMA, e teriam que contar com financiamento dos países ricos superior a 10 bilhões de dólares. Durante a reunião, a ministra Dilma Rousseff pediu que fossem feitos novos estudos considerando-se a possibilidade de crescimento entre 5% e 6% – o que poderia significar um esforço menor de redução das emissões brasileiras em prol do desenvolvimento econômico. O Ministro Minc também afirmou que o Brasil proporá uma meta global aos participantes da COP-15: em 2020, voltar as emissões globais aos níveis de 2005; e, até 2050, reduzir essas emissões em

50% em relação a 1990.

Fórum dos Governadores da Amazônia defende pagamento por serviços ambientais: Ocorreu na sexta-feira, dia 15 de outubro, em Macapá, o Fórum dos Governadores da Amazônia, com o objetivo de dar continuidade às discussões sobre o posicionamento do governo brasileiro na COP-15. As ações prioritárias defendidas pelos Governadores são o fortalecimento da política de desenvolvimento sustentável da região, como o pagamento por serviços ambientais. O Ministro Carlos Minc pediu aos governadores e parlamentares presentes a aprovação, ainda este ano, de três projetos de lei em tramitação no Congresso Nacional para serem incluídos na proposta a ser apresentada na COP-15. São eles: Pagamento por Serviços Ambientais; criação de um Fundo de Mudanças Climáticas, com recursos oriundos da exploração do petróleo e o FPE Verde, um aporte de recursos repassados pelo Governo Federal aos Estados que mais protegem o meio ambiente. Durante o Fórum foi apresentado, ainda, o relatório da força-tarefa sobre REDD e Mudanças Climáticas, instalada pelo presidente Lula e realizado pelo Governo Federal e os Estados da Amazônia. Conforme esta proposta haverá uma distribuição de benefícios e recursos dos mecanismos de REDD entre os Estados da região Amazônica, para beneficiar tanto os locais onde há taxas altas de desmatamento, para viabilizar projetos de recuperação e proteção, quanto regiões com baixas taxas de desmatamento. O relatório defende a necessidade de apoio à ONGs, a associações e proprietários que desenvolvam ações de conservação e reflorestamento, bem como o pagamento por serviços ambientais.

Criado o Painel Brasileiro de Mudanças Climáticas: Uma Portaria interministerial conjunta dos ministérios do Meio Ambiente e de Ciência e Tecnologia publicada na sexta-feira, dia 16 de outubro no Diário Oficial da União, nomeou o pesquisador Carlos Nobre do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), para a presidência do Conselho Diretor do Painel Brasileiro de Mudanças Climáticas (PBMC). O Painel, criado nos moldes do Painel Intergovernamental da ONU sobre clima (IPCC), reunirá 300 renomados cientistas e pesquisadores brasileiros de várias instituições de pesquisa e centros universitários para atualizar os dados referentes a mudanças climáticas do país e funcionará com apoio financeiro do Programa das Nações Unidas para Meio Ambiente (PNUMA). A Portaria ainda nomeia para a presidência do Comitê Científico do Painel Suzana Kahn Ribeiro, secretária de Mudanças do Clima do MMA e professora Adjunta do de Pós Graduação e Pesquisa de Engenharia (COPPE) da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Com informações do Informe MMA

VII. - Agenda da semana nacional

Foi realizada no dia 19 de outubro de 14 às 17hs30, no âmbito do Fórum Brasileiro de Mudanças Climáticas (FBMC), a reunião "***Diálogos Setoriais: contribuições à construção da posição brasileira à COP-15***". Como desdobramento da criação recente, no âmbito do FBMC, do Grupo de Trabalho "Mudanças Climáticas, Pobreza e Desigualdade", coordenado pelo COEP – Rede Nacional de Mobilização Social, esta

reunião, convocada pela Secretaria Executiva do FBMC, COEP, Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (CONSEA) e a OXFAM, objetiva coletar contribuições das organizações da sociedade que atuam com desigualdade e pobreza, segurança alimentar, vulnerabilidade e capacidade de adaptação de populações pobres e suas repercussões sócio-econômicas e ambientais, para a construção da posição do Brasil a ser levada para a COP-15.

Acontecerá o ***I Fórum Adapta Sertão entre os dias 23 e 24 de outubro no Município de Pintadas, Sertão da Bahia***. O evento tem como objetivo mostrar que os impactos decorrentes da mudança climática podem ser transformados em oportunidades de desenvolvimento rural, com geração de renda e regeneração do meio ambiente, assim aprofundar as discussões e reflexões sobre as iniciativas que vem ocorrendo na rede Adapta Sertão, formada por municípios, ONGs, centros de pesquisa e órgãos do estado.

www.adaptasertao.net.

Haverá reforço na ***mobilização para o dia 24 de outubro***, através da circulação de uma segunda convocatória para que todos os colaboradores da campanha participem desse Dia de Ação Global, coletando assinaturas para o abaixo-assinado e levando a proposta da TicTacTicTac para eventos artísticos, culturais, religiosos e esportivos de sua comunidade. A idéia dessa vez é, prioritariamente, "ir aonde o povo está". Também estão previstos e podem ser apoiadas manifestações especialmente realizadas para apoio à campanha TicTacTicTac.

A floresta poderá ser o vetor para o desenvolvimento inclusivo e sustentável na Amazônia? Quais os desafios e oportunidades para incluir a região no debate que envolve as mudanças climáticas? Esses serão temas discutidos durante o ***III Encontro Anual do Fórum Amazônia Sustentável nos dias 28 e 29 de outubro em Belém (PA)***. A palestra de abertura será com o professor Ignacy Sachs, da Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais de Paris. Cientistas, pesquisadores, empresários, líderes sociais, governos e ONGs se juntarão ao debate para discutir o futuro da região. www.forumamazoniasustentavel.org.br

VII. - Agenda de mobilização internacional

19 a 23 de outubro: Oficina sobre a Implementação de Programas Nacionais de Adaptação nos Países Menos Desenvolvidos, Tanzânia.

20 de outubro: Reunião dos ministros da Economia e Finanças da União Européia, Bruxelas, Bélgica.

24 de outubro: Dia de Ação Global TicTacTicTac e 350.org

26 a 29 de outubro: 31ª Sessão do IPCC, Bali (Indonésia).

30 de outubro a 6 de novembro: O Nosso Clima não está a Venda, Barcelona, Espanha.

2 a 6 de novembro: Reunião preparatória para COP-15 em Barcelona, Espanha.

7 a 8 de novembro: Reunião dos Ministros da Economia e Finanças do G20 na

Escócia.

10 a 14 de novembro: 21ª Reunião das Partes do Protocolo de Montreal, Egito.

16 e 17 de novembro: Cúpula Estados Unidos – China.

27 de novembro a 5 de dezembro: Semana Global de Ação/Seattle+10.

30 de novembro a 2 de dezembro: Reunião Ministerial da OMC, Genebra, Suíça).

7 a 18 de dezembro: COP-15 em Copenhague, Dinamarca.

12 de dezembro: Dia de Ação Global pelo Clima.

Veja os filmes da Campanha global e da TicTacTicTac:

Hora de Acordar Global - Brasil, 21/09/09: www.youtube.com/watch?v=S-E_XA2INUI

"Relógio" - com Cauã Reymond, apoio Oxfam:
www.youtube.com/watch?v=0w1SdJdImUk

"Adaptação" - animação feita pela Y&R :
www.youtube.com/watch?v=oY4E8PYsDcC

"100 dias para Copenhague- Parque Ibirapuera-SP":
www.youtube.com/watch?v=fvCqQRi0ZW8

Hora de Acordar global:
www.youtube.com/watch?v=zWrstBidAXg&feature=channel

As Loucas de Pedra Lilás na Hora de Acordar:
www.youtube.com/watch?v=ocCibVmrEPc

Quer divulgar suas notícias sobre a campanha TicTacTicTac?

Escreva para apoio@tictactictac.org.br

As edições são fechadas toda 2a-feira, às 10h00.

Expediente

Este informativo é elaborado e divulgado semanalmente pela Campanha TicTacTicTac.

Jornalista responsável: Esther Neuhaus.

Colaboração: Aron Belinky, Sandra Sinicco, Rubens Born.

Endereço: Rua Itápolis, 1468 Pacaembu - São Paulo/SP - Fone: 11 3662 0957 - contato@tictactictac.org.br



Informativo Especial TicTacTicTac

I. Atividades da Campanha TicTacTicTac

Na reunião do Fórum Brasileiro de Mudanças Climáticas (FBMC) realizada dia 09 de novembro foi feita a entrega simbólica do abaixo assinado da campanha TicTacTicTac nas mãos do presidente Lula, que juntamente com a ministra Dilma Roussef e os ministros Carlos Minc e Reinold Stefanos o leram atentamente. Representantes de entidades participantes da TicTacTicTac - Ivan Marcelo, do FBOMS e Sérgio Leitão, do Greenpeace - estiveram presentes e em suas falas reforçaram os pontos fundamentais defendidos pela campanha e por suas entidades. Na avaliação do coordenador-executivo da TicTacTicTac, Aron Belinky, “apesar das falas do presidente Lula e da ministra Dilma ainda serem um tanto condicionais, é inegável que houve um progresso na posição do governo. “Todas as informações possíveis estão na mesa, e as autoridades têm clareza sobre o assunto: a posição do Brasil na COP15 depende agora de decisões essencialmente políticas e negociais”, sintetiza ele, concluindo que “mais do que nunca, é importante manter a mobilização social e a pressão popular”.

Veja aqui a matéria completa e o texto do discurso do FBOMS.

REUNIÃO DO FBMC REVELA AVANÇOS NA POSIÇÃO DO GOVERNO BRASILEIRO, MAS INCERTEZAS AINDA PERSISTEM.

Na reunião do Fórum Brasileiro de Mudanças Climáticas (FBMC) realizada dia 09 de novembro – apenas 5 dias antes da data estipulada pelo presidente Lula para divulgação das posições que o Brasil levará para a COP15 – alguns sinais positivos puderam ser detectados. Talvez o mais emblemático tenha sido a fala da ministra Dilma Roussef, que, mudando seu discurso de algumas semanas atrás – disse que “o Brasil poderá sintetizar sua posição em torno de um número, um objetivo quantitativo voluntário. O valor exato vai depender de uma avaliação técnica, pois não falamos apenas de nossa vontade, mas das possibilidades concretas: pode ser 38%, como pode ser 42%”. É um grande progresso, para quem dizia que “nosso compromisso principal não é com o estabelecimento de números”...

Outra fala merecedora de destaque é a do presidente Lula, que ao encerrar o evento declarou que “a questão das mudanças no clima já não é mais assunto só da academia e dos ambientalistas: é uma questão popular, as pessoas comuns já percebem o quanto este assunto é sério e urgente”. Mas as ressalvas persistem, quando o presidente lembra que “existe porém uma grande distância entre acreditar numa coisa que achamos certa, e conseguir convencer os outros disso, e colocá-la em prática”. Lula também declarou literalmente que nesta semana está “incumbido de telefonar para os presidentes Obama e Hu Jin Tao, para convencê-los a irem a Copenhague”. Informou sua percepção de que os chefes de Estado europeus estão dispostos a ir, citando nominalmente Nicolas Sarkozy, Gordon Brown, Ângela Merckel e os países nórdicos. Disse ainda que está articulando uma reunião entre os presidentes dos países amazônicos, programada para o final de novembro ou primeiros dias de dezembro, com o objetivo de definir uma posição comum na COP15. Quanto às expectativas do resultado dessas articulações, Lula concluiu dizendo que “se não for possível um acordo formal, detalhando tecnicamente em todos os aspectos, devemos buscar pelo menos uma firme declaração política conjunta dos chefes de Estado presentes às reuniões programadas para 16 e 17 de dezembro (durante a COP15). Mas confesso a vocês que, se ninguém for, eu também não irei”.



O ministro Minc manteve o tom otimista, destacando os progressos nos entendimentos dentro do Governo e com a sociedade em geral, enfatizando as oportunidades de reduções de emissões na agricultura, nos transportes e – especialmente – na siderurgia, com o “aço verde”. Chamou também a atenção para o processo de revisão do Plano Nacional sobre Mudanças no Clima, que deverá ter sua nova versão em publicada em julho de 2010.

Estas falas significativas ocorreram ao final de mais de duas horas de evento, em que os componentes da mesa comandada pelo secretário executivo do FBMC - Luiz Pinguelli Rosa – ouviram dele a síntese e as conclusões dos trabalhos realizados pelo fórum, seguidas de manifestações de representantes de diversos setores da sociedade: poder público, indústria, agronegócio, trabalhadores, academia e sociedade civil. Estavam na mesa, além de Pinguelli, o presidente Lula e os ministros Dilma, Minc e Reinold Stefanos. Na platéia, também o ministro da Saúde e os governadores do Amazonas e do Amapá, dentre outras autoridades.

Em suas falas, os representantes dos diferentes setores enfatizaram as posições que já vêm manifestando nas últimas semanas, em que predomina a noção de que a COP15 é um momento de enorme importância para o Brasil, tanto na definição de indicações para a sociedade nacional, quanto para posicionamento do país no cenário internacional. A persistente polêmica quanto à amplitude dos mecanismos de mercado nos processos de REDD foi um dos pontos de divergência, mas aparentemente existe espaço para acomodação das diferentes visões sobre o tema, via definição de limites e regulação pública para aplicação de tais mecanismos. O tom mais destoante ficou por conta do representante da Confederação Nacional da Indústria (CNI), que basicamente repetiu os pontos principais do documento recentemente divulgado pela entidade, onde - entre outras medidas muito focadas nos interesses de curto prazo de alguns setores - destaca-se a oposição a metas obrigatórias, limitando-se as expectativas quanto às ações da indústria brasileira a compromissos voluntários (mas, curiosamente, passíveis de receber benefícios e incentivos financeiros).

Esta posição foi rebatida com firmeza e ironia na fala de Sérgio Leitão, do Greenpeace: “Concordaremos plenamente com a proposta da CNI quanto à ausência de metas, mas só no dia em que as empresas também eliminarem as metas de produtividade para seus executivos e funcionários”, disse ele, usando a oportunidade para enfatizar a necessidade de números claros assumidos pelo Governo, como forma de alinhar a sociedade e mobilizar motivação e recursos para o esforço necessário à inclusão do Brasil numa nova economia, de baixo carbono. A fala de Leitão não estava na agenda inicial da reunião, mas foi um dos pontos altos do evento, enfatizando num tom coloquial, por meio de exemplos concretos e bom humor, as agendas do desmatamento zero e da necessidade de metas claras e ambiciosas para que a indústria brasileira não perca sua competitividade e as oportunidades abertas pelo processo de transformação econômica em curso.

O representante oficial das ONGs no evento foi Ivan Marcelo, secretário-executivo do Fórum Brasileiro de ONGs e Movimentos Sociais (FBOMS), que leu o documento preparado pela entidade (anexo), no qual são enfatizados os pontos construídos nos debates realizados ao longo deste ano, nos seminários e grupos de trabalho. Além dos aspectos relativos às mudanças nos padrões de produção e consumo e nas reduções de emissões, a entidade enfatiza a necessidade de que o processo de transição para uma economia de baixo carbono seja realizado de modo a ampliar a inclusão social, diminuindo as disparidades entre ricos e pobres, tanto no próprio país, como internacionalmente. Enfatiza também a importância de viabilização do intercâmbio de tecnologias, e dos investimentos urgente em adaptação aos efeitos das mudanças climáticas, que já se fazem sentir e afetam de modo mais imediato e intenso os mais pobres. A constituição de um fundo internacional com uma governança inclusiva e equilibrada é fundamental neste sentido.



Concluindo sua fala, o representante do FBOMS enfatizou a importância e a representatividade da campanha TicTacTicTac, chamando o seu coordenador executivo, Aron Belinky, para que fizesse a entrega simbólica do abaixo-assinado da campanha ao presidente Lula, juntamente com a carta-aberta a ele endereçada por 38 entidades apoiadoras da campanha (anexas). A documentação foi entregue ao presidente, assim como outros materiais com mensagens da campanha. “Foi muito animador notar o interesse com que o presidente e os demais integrantes da mesa receberam os materiais, e a atenção com que os leram”, diz Belinky, concluindo que “apesar das falas do presidente Lula e da ministra Dilma ainda serem um tanto condicionais, com reticências que podem terminar em posições tímidas ou insuficientes, é inegável que houve um progresso na posição do governo. “Todas as informações possíveis estão na mesa, e as autoridades têm clareza sobre o assunto: a posição do Brasil na COP15 depende agora de decisões essencialmente políticas e negociais”, sintetiza ele, concluindo que “mais do que nunca, é importante manter a mobilização social e a pressão popular”.

Na ocasião outras duas contribuições de organizações da sociedade civil foram entregues pelo coordenador da campanha TicTacTicTac ao Secretário Executivo do FBMC, que é o responsável por garantir que as mesmas sejam devidamente consideradas e encaminhadas aos ministros envolvidos e ao presidente Lula. Trata-se da "Carta contra Incineração no Brasil" - subscrita pelo Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis, pelo Movimento Nossa São Paulo e outras cinco entidades articuladas por meio Instituto Pólis - e da "Carta de Organizações da Sociedade Civil e Lideranças Religiosas da Região Metropolitana de São Paulo", subscrita por 14 entidades representativas de diversas religiões, numa iniciativa articulada pelo Vitae Civilis - Instituto para o Desenvolvimento, Meio Ambiente e Paz.

por Sandra Sinicco – Coordenadora de Comunicação da campanha TicTacTicTac

II. TicTacTicTac / Manifestação 09.11, Av. Paulista

Campanha TicTacTicTac realiza manifestação na Av. Paulista: o relógio está correndo e temos pouco tempo para evitar uma catástrofe ambiental e social. Com o intuito de chamar a atenção do Presidente Lula, da Ministra da Casa Civil, Dilma Rousseff, e de todos os tomadores de decisões que se reuniram no último dia 09 no auditório do Banco do Brasil, em São Paulo, para encontro com o Fórum Brasileiro de Mudanças Climáticas (FBMC), a campanha TicTacTicTac realizou diversas manifestações em frente ao local da reunião, na Av. Paulista. A ação foi a oportunidade de mostrar ao Governo que queremos um compromisso com força de lei internacional e não uma carta de boas intenções. Na atividade formal, o coordenador executivo da campanha TicTacTicTac, Aron Belinky, entregou um abaixo-assinado simbólico, com reivindicações de 38 entidades da sociedade civil e dezenas de milhares de assinaturas, a Lula e aos seus representantes. A atividade realizada em frente ao Banco do Brasil recolheu mais de 500 assinaturas para o abaixo-assinado da campanha.

Um acordo climático ambicioso e justo, baseado nas necessidades cientificamente comprovadas, e comprometido com a justiça e a inclusão social. Essa é a missão do abaixo assinado da campanha TicTacTicTac, disponível em www.tictactictac.org.br. Até o momento, foram recolhidos cerca de três milhões de assinaturas em todo o mundo, e 110.000 no Brasil. A meta é atingir 6 milhões até a COP-15, sendo 500.000 de brasileiros. “Queremos que o Brasil leve metas concretas e mais ambiciosas”, explicou Paula Collet, uma das coordenadoras da campanha.

“A participação no abaixo assinado da TicTacTicTac é a maneira que qualquer um de nós tem para fazer chegar até a COP-15 suas reivindicações, exigindo que determinações sérias e consistentes sejam acordadas, com o objetivo de orientar o esforço de toda a humanidade contra as mudanças climáticas”, explica Aron Belinky, coordenador executivo da campanha no Brasil.

11 de novembro de 2009 - Faltam **25** dias para a COP-15



Para ver outras fotos da ação, acesse - <http://www.flickr.com/photos/manifestacaotictac/>

III. Charge - Parem de Jogar com o Nosso Clima

No evento foi exibido um banner com uma charge especialmente produzida para a Campanha TicTacTicTac pelo ilustrador Roberto Negreiros. Essa charge está disponível para download no site da campanha e pode ser reproduzida livremente. Participe!



IV. Ações em Barcelona – Reunião Preparatória para a COP-15

Entre os dias 2 e 6 de novembro foi realizado em Barcelona a última reunião preparatória de negociações antes da COP-15. Os negociadores do clima se encontraram novamente para tentar avançar nas questões chaves que serão apresentadas durante a Conferência do Clima, a ser realizada no Belle Center em Copenhague, entre os dias 7 e 19 de dezembro.



Abaixo segue um resumo das atividades realizadas pela campanha TicTacTicTac (TckTckTck, em inglês) durante as discussões em Barcelona.

Faltam apenas quatro semanas de Copenhague.

O relógio está tocando mais alto do que nunca e as negociações em Barcelona mais uma vez demonstraram que falta vontade política. Os delegados e autoridades estavam vendendo a idéia de que um acordo de força de lei não seria realizado em Copenhague. No entanto, como já demonstramos inúmeras vezes no passado, sem vontade política nada é possível e isso só deve garantir que o nosso esforço seja maior, mais pujante, mais unido e mais forte do que nunca. Um tratado justo, ambicioso e de força de lei ainda é possível em Copenhague. Fundamentalmente, esta semana tem demonstrado que a sociedade civil pode e deve agir junto, pois juntos são a força desta união.

220 organizações parcerias, incluindo sindicatos, grupos religiosos, grupos de desenvolvimento, grupos ambientalistas, grupos de saúde pública e grupos de jovens estão juntos em um histórico acordo para exigir medidas de ajuda para o maior problema de nosso tempo. É mérito de todos envolvidos em Barcelona e ao redor do mundo que nós estarmos aptos em mostrar união, força e paixão mesmo diante de diversos governos e demonstrações oficiais que regridem os compromentimentos de Bali de 2 anos atrás; que um acordo ambicioso e justo de acordo climático seria assinado.

Adiamento não é uma opção: Adiamento é fatal. Através da nossa capacidade combinada, proximidade, conhecimento temos uma oportunidade única de garantir um acordo mundial. A sociedade e o secretariado da GCCA estão prontos para apoiar e reforçar o empenho nas próximas semanas. Esta semana em Barcelona aprendemos muito sobre a nossa coalizão. Como podemos trabalhar juntos os pontos de pressão política para a mudança. Nos próximos dias, a GCCA preparará documentos que garantam uma poderosa combinação de esforços de todos os parceiros na liderança até a COP-15. Caso você tenha alguma dúvida ou sugestão, por favor, não hesite em nos falar. Então, o que aconteceu em Barcelona...

Os Políticos

Os negociadores do Anexo 1 (países desenvolvidos) continuaram a mostrar uma falta de vontade em assumir os compromissos necessários para as metas de redução das emissões, financiamento e outras áreas para garantir um acordo em Copenhague que seja justo e ambicioso. Os EUA estavam literalmente perdidos em suas ações, uma estratégia que tanto prejudica as negociações como também toda a relação dos EUA com os outros governos de ser o líder da diplomacia internacional e da economia verde.

A frustração nas negociações fez com que o Grupo Africano de países saísse de algumas discussões no segundo dia, acordando para retornar à mesa somente quando suas demandas recebessem e metas para emissões recebessem mais destaque do que o que foi colocado pelo Anexo 1. A ameaça de uma greve de um grupo maior de países continuou essa semana, mas não aconteceu. A ameaça permanece para Copenhague.

A imprensa

Havia um grande grupo de imprensa em Barcelona e aproximadamente 3000 veículos já estão cadastrados para Copenhague. Nossos parceiros alcançaram significativa cobertura na volta das conferências de imprensa da CAN (Climate Action Network), releases e briefings de mídia. Contudo, os países desenvolvidos,

11 de novembro de 2009 - Faltam **25** dias para a COP-15



Yvo de Boer, Ban Ki-Moon e outros, ganharam a batalha de imprensa com muitos jornalistas que assumiram a linha de que um acordo de força de lei não é mais possível este ano. Essa foi a principal história da semana como jornalistas, e sociedade civil, esforçados para encontrar maneiras de comunicar eficientemente a diferença entre politicamente vinculativa, juridicamente vinculativo e todas as nuances entres os dois.

O Povo

Entretanto, o adiamento não é aceitável e nós acreditamos que um acordo de força de lei ainda é possível. A sociedade civil está demonstrando uma rara e necessária união neste momento crítico e nós não estamos sozinhos para fazer a diferença em Copenhague, estamos também construindo uma plataforma para nosso movimento assegurar que o eventual acordo seja implementando e ratificado de uma maneira justa e ambiciosa. O centro da GCCA entrou em funcionamento em Barcelona criando ações na Dinamarca, Alemanha e outros países, ações em convenções e cobertura online através de múltiplos canais. Isso é de boa utilidade: www.tcktcktck.org e www.adoptnegotiator.org para ver alguns dos destaques da semana.

Os destaques

- Uma [reunião com Yvo de Boer](#) para entregar-lhe um despertador e uma foto de Copenhague dos 350 dias de ação chamada por ele de “os relógios batem mais alto”.
- Respondemos ao seu desejo com uma demonstração barulhenta e poderosa fora da plenária final, com vários grupos se unindo para chamar para a liderança neste momento crítico.
- [Adopt-a-negociador](#) vai reforçar a nossa força em Barcelona ao introduzirem pela primeira vez um blog ao vivo, permitindo que as pessoas ao redor do mundo seguissem o que estava acontecendo.
- Houve também grande entusiasmo sobre o [Fresh Air Center](#) que será criado em Copenhague e possibilitará o ativismo online em um novo nível.
- O comprometimento de um parceiro da GCCA e a oferta de total de comprometimento, suporte e parceria de trabalho em Copenhague de vários parceiros.
- O maior envolvimento dos sindicatos, grupos de jovens e grupos de saúde pública, internacional e nacional.

12 de dezembro

12 de dezembro será um dia importante de ação ao redor do mundo. Com as negociações mudando a cada dia é vital que sejamos flexíveis com a nossa mensagem para garantir que as ações do dia sejam impactantes quando possível. Mais detalhes, entrar em contato com a TicTacTicTac em contato@tictactictac.org.br.

Copenhague/COP-15

Entre as nossas organizações esperamos ter mais de 1000 pessoas credenciadas para o Bella Center. Pela coordenação das nossas atividades, teremos a oportunidade de sermos muito mais eficazes do que se agirmos sozinhos. Se a sua organização está organizando uma atividade no Bella Center, envie um e-mail com detalhes para a TicTacTicTac Mais detalhes, entrar em contato com a TicTacTicTac em contato@tictactictac.org.br.

Em uma reunião em Barcelona todos os parceiros presentes concordaram pela realização de uma ação conjunta no primeiro dia da conferência (7 de dezembro) para mostrar a nossa união e força coletiva. Mais detalhes seguirão, mas pedimos a você que nos fale se já estão planejando atividades para o primeiro dia

11 de novembro de 2009 - Faltam **25** dias para a COP-15



da conferência.

Agora, mais do que nunca, a sociedade civil deve estar junta, unida para dizer aos nossos líderes políticos que precisamos e procuramos um tratado sobre o clima que seja justo, ambicioso e força de lei. Obrigado a todos por estarem envolvidos.

V. TicTacTicTac na Mídia Social

A Internet, por meio das diversas mídias sociais, nos entregou um potencial gigantesco de mobilizar pessoas de diferentes segmentos para lutarem a favor de uma causa. Neste caso, a nossa causa é são as Mudanças Climáticas. Por este motivo, a campanha TicTacTicTac disponibiliza das ferramentas Twitter, Facebook e YouTube para difundir cada vez mais as suas ações.

Seja um parceiro da campanha também nas mídias sociais.

Mídias Sociais

Facebook - <http://www.facebook.com/tictacbr>

Twitter - <http://www.twitter.com/tictacbr>

YouTube - <http://www.youtube.com/tictacbr>

Download dos Vídeos da Campanha

Beds are Burning/Legendado - <http://files.me.com/cavalieritom/vrmqja>

Adaptação - <http://files.me.com/cavalieritom/w61828.mov>

Campanha TicTacTicTac - 350.org - Ações no Brasil 24 de Outubro - <http://files.me.com/cavalieritom/7v1uti.mov>

Sua Assinatura Vale um Futuro - Cauã Reymond – <http://cid-46351e4dd26a70b3.skydrive.live.com/self.aspx/TicTacTicTac/60%20seg-tic%20tac.wmv>

Campanha TicTacTicTac - 21.09 Wake Up Call - Ações pelo Mundo – http://cid-46351e4dd26a70b3.skydrive.live.com/self.aspx/TicTacTicTac/WakeupCall^_2min^_PORTUGUESE.mov

Campanha TicTacTicTac - 21.09 Hora de Acordar Brasil - <http://files.me.com/cavalieritom/13kn6p>

Banners Eletrônicos

Para blogs e sites – http://www.pronacid.org/tictac2/index.php?option=com_content&view=category&layout=blog&id=43&Itemid=64

VI. - Agenda de mobilização internacional

11 de novembro de 2009 - Faltam **25** dias para a COP-15



10 a 14 de novembro - Egito: 21ª Reunião das Partes do Protocolo de Montreal
7 a 8 de novembro: Reunião dos Ministros da Economia e Finanças do G-20 na Escócia
16 e 17 de novembro: Cúpula Estados Unidos – China
30 de novembro a 2 de dezembro: Reunião ministerial da OMC, Genebra, Suíça
7 a 18 de dezembro: COP-15 em Copenhague, Dinamarca
12 de dezembro: Dia de Ação Global pelo Clima

Quer divulgar suas notícias sobre a campanha TicTacTicTac?

Escreva para apoio@tictactictac.org.br

As edições são fechadas toda 2ª-feira, às 10h00.

Expediente

Este informativo é elaborado e divulgado semanalmente pela Campanha TicTacTicTac.

Jornalista responsável: Efraim Neto

Colaboração: Aron Belinky, Efraim Neto, Paula Collet e Sandra Sinicco.

Endereço: Rua Itápolis, 1468 Pacaembu - São Paulo/SP - Fone: 11 3662 0957 - contato@tictactictac.org.br

22 de dezembro de 2009

Facebook - <http://www.facebook.com/tictacbr>

Twitter - <http://www.twitter.com/tictacbr>

YouTube - <http://www.youtube.com/tictacbr>

tictactictac
7 dez 09, copenhagen
hora de agir pelo clima

Informativo semanal TicTacTicTac nº 11

**tic
tac
tic
tac**
hora de justiça climática
7 dez 09, copenhagen

“Há muito o que fazer”

Ao encerrar a COP-15, no sábado, dia 19 de dezembro, a Coordenação da Campanha TicTacTicTac divulgou para os seus parceiros e para o público e a mídia em geral [nota](#) com balanço da COP-15, alinhada com o posicionamento da Campanha global TckTckTck. Com o título “Há muito por fazer!”, a nota enfatiza que a Conferência em Copenhague não chegou a um tratado justo, ambicioso e legalmente vinculante que milhões de pessoas por todo o planeta exigiram. Mas, ao mesmo tempo e se referindo aos milhares de eventos, manifestações e demais mobilizações da sociedade civil durante os Dias de Ação em 2009 envolvendo milhões de pessoas ao redor do mundo, reconhece que “é impossível não sentir uma enorme esperança, vendo um movimento que cresceu tanto, tão rápido”. A nota destaca, também, a grande importância da mobilização da Campanha TicTacTicTac e de seus parceiros na definição da posição adotada pelo Brasil na COP, sintetizada no [discurso](#) e nas ações do presidente Lula durante a COP. A Campanha demanda aos líderes mundiais que falharam em Copenhague que terminem as negociações e, ao mesmo tempo, declara que “também nós, a sociedade civil global, temos muito

que fazer, para manter a pressão e ampliar a mobilização pelo que queremos e precisamos.”

I. - Atividades da Campanha TicTacTicTac

Campanha reconhece as conquistas da sociedade civil para COP-15

II. - TicTacTicTac na mídia

Ao longo da semana, representantes de várias entidades integrantes da coordenação da campanha TicTacTicTac estiveram presentes na ampla cobertura realizada pela imprensa, no Brasil e em Copenhague, como Marcelo Furtado, do Greenpeace e Rubens Born, do Vitae Civilis, dentre outros.

Sem consenso em Copenhague, ambientalistas e líderes já falam na COP-16, no México

A equipe do Vitae Civilis presente em Copenhague, em parceria com a TV PUC, produziram uma série de vídeos durante a conferência, revelando com muito realismo o que se passava na COP15, dentro e fora do centro de convenções.

Para saber mais sobre a COP15, seus resultados e as perspectivas futuras, visite a sessão: “E agora?”, no site da TicTacTicTac.

III. Atividades de parceiros/sobre mudanças climáticas no Brasil

As negociações na ONU precisam rever se queremos evitar a 4 graus de aquecimento - Oxfam

Copenhague - O Mundo em Ação – Chamada Avaaz

IV. – Notícias TckTckTck

Até o momento, mais de 15 milhões de pessoas assinaram a petição da Campanha TckTckTck.

Campanha TckTckTck continuará a mobilização para acordo pelo clima: A Campanha global TckTckTck publicou nota, no dia 19 de dezembro, denunciando que os líderes mundiais não tenham chegado a um acordo justo, ambicioso e vinculante em Copenhague. A nota crítica, especialmente, a

ausência de metas de redução de emissão de gases de efeito estufa e a falta de financiamento adequado para que os países em desenvolvimento possam fazer a transição para uma economia de energia limpa e se adaptar aos impactos das mudanças climáticas. Ao mesmo tempo, destaca a enorme mobilização popular no caminho a Copenhague, e afirma que “é impossível estar sem esperança”. Neste sentido, a Campanha pretende continuar fazer pressão sobre os líderes mundiais: “Eles ainda não terminaram. E nós ainda temos muito por fazer” conclui a nota. www.tcktcktck.org

Canadá ganha Prêmio Fóssil do Ano

V. Resultados da CoP15

Falta de acordo ambicioso marca fim da Conferência de Copenhague.

Dinamarca é criticada pela organização da Cúpula

Confira [aqui](#) os vídeos da Campanha TicTacTicTac

Quer divulgar suas notícias sobre a campanha TicTacTicTac?

Escreva para apoio@tictactictac.org.br

As edições são fechadas toda 2a-feira, às 10h00.

Expediente

Este informativo é elaborado e divulgado semanalmente pela Campanha TicTacTicTac.

Jornalista responsável: Esther Neuhaus e Efraim Neto

Colaboração: Aron Belinky, Sandra Sinicco.

*Endereço: Rua Itápolis, 1468 Pacaembu - São Paulo/SP - Fone: 11 3662 0957
- contato@tictactictac.org.br*

ANEXO 2

CORPUS DE NOTÍCIAS A CITAREM A CAMPANHA TICTACTICTAC

25/09/2009 16:29

Galã engajado

MARTHA MENDONÇA



Cauã Reymond parecia estar com a vida ganha. Em cinco anos de novelas, chegou ao primeiro time de atores da televisão, em especial depois de viver o bad boy romântico Halley, em *A Favorita*. Mas o ator carioca, de 29 anos, quer ser mais do que um galã de TV. “Estou apaixonado pelo cinema”, diz. No último ano, esteve em quatro filmes. Até dezembro começa a filmar mais um, que tem o nome provisório de *Antes da Noite*. Ele será um DJ homossexual e, para viver o personagem, tem feito laboratório da noite gay paulistana. Também é garoto-propaganda da campanha Tic Tac Tic Tac, uma iniciativa global por um acordo sobre as mudanças climáticas. Além dele, outro astro fez o vídeo da campanha, o astro mexicano Gael Garcia Bernal. “Eu sofro com o descaso em relação ao meio ambiente. Espero conscientizar uma parcela dos brasileiros”, diz. ÉPOCA conversou com Cauã na semana passada.

ÉPOCA – Como aconteceu o convite para a campanha Tic Tac Tic Tac?

Cauã Reymond – Essa ação tem representantes aqui no Brasil, que procuraram o meu escritório. Eu aceitei na hora. Na verdade eu sempre tive vontade de participar de campanhas ecológicas, porque é algo com que eu me preocupo muito.

ÉPOCA – Desde muito tempo?

Cauã – De uns três anos para cá eu passei a fazer ações simples no meu dia-a-dia. Tenho uma cisterna lá em casa para pegar água da chuva, guardo garrafas plásticas pra encher de água, em vez de comprar várias. Do lado da minha cama eu tenho uma garrafinha velha que eu já enchi e esvaziei centenas de vezes. Quando eu viajo de avião, mantenho um copo descartável comigo, em vez de pegar um monte cada vez que quero beber alguma coisa. Estou pensando em comprar um carro elétrico. Claro, se ele atender as minhas necessidades. Mas ouvi falar que estão para chegar ao Brasil uns modelos muito bons.

ÉPOCA – Você recicla o lixo?

Cauã – Sim, tento separar o máximo que posso. Eu leio sempre uma revista americana chamada Surfer, que estimula os surfistas a proteger o mar, as praias, com pequenas ações cotidianas. Dali eu tirei a ideia de todos os dias tirar, além do meu lixo, mais três coisas da praia. Então hoje eu saí de lá com um pacote de biscoito, um saco plástico velho e um canudo. Fico muito impressionado com as imagens da camada de lixo que existe no Oceano Pacífico. Também gosto da ideia da reciclagem de roupas. Como ator, eu ganho muitas peças e sei que não vou usar todas elas, então eu doo, às vezes para amigos. Isso reduz o consumismo. Além disso, eu tenho comido cada vez mais alimentos orgânicos, porque isso ajuda a reduzir o uso de agrotóxicos.

ÉPOCA – Além das causas ecológicas, você tem se engajado em movimentos sociais?

Cauã – Há alguns meses eu e a Grazi fomos a Angola, ajudar na divulgação de um leilão para beneficiar crianças mutiladas por minas. Eu também fiz campanha para o Instituto do Coração e para o movimento Ser Diferente é Normal, sobre a síndrome de down.

ÉPOCA – É importante o artista se engajar?

Cauã – Mais do que importante, é crucial. É usar o fato de chamar atenção das pessoas para fazer o bem, é uma pequena forma de retribuir. Eu tenho a maior esperança de estar ajudando. Já fui ao Havaí surfar e fiquei impressionado com o respeito que eles têm pelas praias. Seria maravilhoso se no Brasil também fosse assim.

ÉPOCA – Você acha difícil incutir essa consciência ecológica no Brasil?

Cauã – Acho, porque muita gente não tem condições básicas para viver. Não dá para pensar no meio ambiente se você sobrevive mal, não tem educação. Isso tudo eu compreendo. O que eu não aceito é ir correr na praia do Pepe (Barra da Tijuca) num domingo à tarde e encontrar tanto lixo. Ou ver como as areias do Leblon estão contaminadas. Porque quem frequenta essas praias é a classe média. Aí não é falta de informação, é falta de vergonha.

ÉPOCA – Você tem feito muitos filmes. Vai continuar investindo no cinema ou logo voltar para a televisão?

Cauã – Eu estou apaixonado por cinema. Eu adoro a televisão e acho que o meu último personagem, o Halley, de *A Favorita*, fugiu desse estereótipo do galã típico. Mas o cinema ofereceu uma diversidade maior de personagens.

Foras que essa troca com gente tão diferente, pensamentos diferentes, ensaios diferentes, é tudo tão delicioso. Acho que isso me enriquece inclusive para voltar melhor à TV. Estive em quatro filmes este ano. No ano que vem eu vou fazer a novela das oito, *Passione*, do Silvio de Abreu. Mas até lá vou fazer mais dois filmes. Em dezembro eu começo a filmar o novo longa-metragem do Toni Venturi, que tem o nome provisório de *Antes da Noite*. Eu vou ser um produtor musical e DJ, homossexual. Por causa disso eu tenho feito vários laboratórios na noite de São Paulo.

ÉPOCA – De que tipo?

Cauã – Frequento a noite gay e descobri um mundo muito interessante. Eu achava que sabia de tudo porque fui modelo, já tinha estado no mundo da moda. Mas vi que eu era ignorante, que tinha que ter um outro olhar. Uma coisa bacana é que ninguém briga, não tem confusão. É uma irmandade. Também emagreci uns três quilos para fazer este personagem. Deixei de malhar, estou mais correndo e pegando onda, dei uma afinada.

ÉPOCA – Você chegou a posar nu para uma revista gay?

Cauã – Não, isso foi só fofoca. O que eu fiz foi um ensaio para uma capa da revista *Dom*, que é uma publicação da comunidade gay, mas que não foca o nu, mas comportamento, cultura.

ÉPOCA – E teatro, gosta de fazer?

Cauã – Gosto. Fiz duas peças, mas ultimamente tenho me dedicado mais ao cinema e, com novela vindo por aí, não dá tempo. Nos últimos tempos recebi convites para umas peças muito legais. Mas sou obrigado a dizer que não dá.

ÉPOCA – O que faz quando não está trabalhando?

Cauã – Quando saio à noite é porque estou fazendo algum trabalho. Porque o que eu gosto mesmo é de ficar em casa. Adoro não fazer nada de vez em quando, é ótimo. E é raro. Eu e Grazi temos visto muitos filmes bons. Os últimos foram *A Dúvida*, com a Meryl Streep e o Philip Seymour Hoffman, que acabei vendo duas vezes pra repetir algumas cenas, e *Mala Noche*, que foi o primeiro filme do Gus Van Sant. Uma fotografia linda, em preto-e-branco.

Ambiente é a nova bandeira de famosos

Visibilidade de celebridades faz com que campanha alcance mais pessoas

Afra Balazina - O Estado de S.Paulo

"The time has come" (o tempo chegou), diz a letra da canção Beds Are Burning, da banda australiana Midnight Oil. A música que originalmente tem a voz do cantor e atual ministro do Meio Ambiente da Austrália, Peter Garrett, agora é cantada por 60 celebridades - entre elas as cantoras Lily Allen e Fergie e os grupos Scorpions e Duran Duran. O objetivo é pedir ações urgentes no combate ao aquecimento global.

A iniciativa revela que o envolvimento de famosos em campanhas do clima começa a crescer globalmente. Mas há outros exemplos. Nas fotos da abertura da reunião do clima da Organização das Nações Unidas (ONU) realizada em Nova York neste mês, notou-se rapidamente um estranho no ninho: o ator australiano Hugh Jackman, conhecido pelo papel de Wolverine, ao lado do secretário-geral da ONU, Ban Ki-moon, e do ex-primeiro-ministro britânico Tony Blair.

O ator mexicano Gael García Bernal também rouba a cena em um vídeo da campanha TckTckTck, em que as pessoas simulam o ponteiro de um relógio - em alusão ao pouco tempo que resta para agir contra o aquecimento global. A conferência do clima da ONU em que será fechado o acordo com as novas metas de redução de emissão de gases-estufa ocorre em menos de dois meses, em Copenhague.

A top model gaúcha Gisele Bündchen também se engajou no tema ao se tornar, no fim do mês passado, em uma cerimônia em Nova York, embaixadora da boa-vontade pelo Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Pnuma).

No Brasil, a tendência de engajamento de famosos na questão climática também é observada. A campanha TckTckTck ganhou versão em português, a TicTacTicTac, e conseguiu apoio de celebridades como o ator Cauã Reymond, o vocalista da banda Detonautas, Tico Santa Cruz, e o skatista Bob Burnquist. Segundo Aron Belinky, coordenador executivo da campanha no Brasil, a ideia não é depender só de celebridades para passar uma mensagem, mas abranger pessoas de todos os tipos. "Nossa preocupação é não ser uma campanha de um grupo só, não ser uma coisa só para iniciados ou para os manifestantes de sempre." A campanha tem integrantes de ONGs, sindicatos e grupos religiosos, entre outros.

Mas foi Tico Santa Cruz, convidado pela ONG Avaaz, o responsável por colher a assinatura do ministro do Meio Ambiente, Carlos Minc, para o manifesto do TicTacTicTac. "Nós entendemos que seria de suma importância o comprometimento não só do ministro, mas de todo o governo Lula. Aquele abaixo-assinado tem pontos fundamentais negligenciados pelas grandes potências e até mesmo pelo Brasil", afirma Tico.

Basicamente, o documento diz que "ainda é tempo de evitar o pior, mas é preciso agir imediatamente". O manifesto pede, por exemplo, que os países desenvolvidos reduzam suas emissões de gases de efeito estufa, que provocam o aquecimento global, em pelo menos 45% até 2020, frente aos níveis de 1990.

Para Santa Cruz, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que foi a Copenhague fazer lobby para ter a Olimpíada no Brasil em 2016, deveria também estar na mesma cidade durante a Convenção do Clima da ONU, em dezembro. "Pressionaremos para que o presidente participe e se comprometa. Não é uma questão de esperança, é uma questão de atitude, de compromisso real com algo que precisa ser uma prioridade política."

Reymond está otimista de que o acordo será fechado em Copenhague. É lá que os países devem entrar em consenso para definir as metas de redução das emissões de gases-estufa para o segundo período do Protocolo de Kyoto (o primeiro se encerra em 2012). Foi a primeira vez que ele se engajou em um movimento ambiental "grande". E vê com naturalidade o envolvimento de artistas nas mobilizações em prol do ambiente: "Acho que figuras públicas têm essa obrigação", afirma.

Para Santa Cruz, os famosos são importantes para chamar a atenção dos fãs para uma causa, mas não resolvem o problema sozinhos. "Sem dúvida nenhuma sempre será importante a colaboração de quem tem visibilidade. Contudo, para atingirmos mais do que só os fãs desses artistas, precisamos de um comprometimento global sério por parte das celebridades, ambientalistas, empresários e todos os seres humanos."

o estado

Terça, 20 de Outubro de 2009, Fortaleza, Ceará, Brasil

Dia Internacional da Ação Climática

Para cada evento realizado em 24 de outubro, os organizadores tomarão fotografias que mostrem o número 350.

O Dia Internacional da Ação Climática é o terceiro dia de ações das atividades da Campanha TicTacTicTac. As ações ocorrerão em eventos artísticos, esportivos, religiosos e culturais, sendo o principal objetivo sinalizar que está na hora de serem tomadas as decisões que definirão o sucesso ou o fracasso em Copenhague, COP-15. Para cada evento realizado em 24 de outubro, os organizadores tomarão fotografias que mostrem o número 350. Todas as fotos serão postadas no site da 350.org, quando será gerado uma petição mediante um importante mosaico de informações visuais de todas as partes do mundo. A 350.org exibirá as fotos em telas gigantes no Times Square e as enviará diretamente ao Escritório Central das Nações Unidas na cidade de Nova York. Para acompanhar as atividades cadastradas, basta acessar o mapa - <http://www.350.org/pt/map>.



23/10/2009 - 13:39

Abaixo-assinado pelo clima

Greenpeace reforça campanha para exigir postura mais rígida de políticos em Copenhague

A organização não-governamental Greenpeace intensifica a campanha “TicTac TicTac, hora de agir pelo Planeta” que consiste em um abaixo-assinado com reivindicações direcionadas às autoridades políticas designadas para representar o Brasil na reunião das partes da Convenção de Mudanças Climáticas (COP 15), prevista para o período de 7 e 18 de dezembro próximo, na capital da Dinamarca, Copenhague.

Segundo membros da ONG, o Brasil precisa assumir uma postura mais rígida e concreta, gerando números positivos na redução das emissões de gases de carbono para a atmosfera. As propostas do Greenpeace estão colocadas no abaixo-assinado, disponível para a assinatura da população nos locais de manifestação da ONG. Para participar ou divulgar a campanha, verifique onde o Greenpeace estará nos próximos dias pelo site <http://tictactictac.org.br>.



23/10/2009

Campanha global TicTacTicTac é amanhã

É amanhã a data da campanha mundial TckTckTck., que, no Brasil, tem o nome de TicTacTicTac. Aqui, a sugestão é levar a mensagem da campanha onde as pessoas estão. Para participar, basta escolher algum evento artístico, esportivo, religioso ou cultural e disseminar o abaixo-assinado da campanha entre o público presente. Quem preferir, pode organizar o próprio evento na sua comunidade, como passeios de bicicleta, concertos, caminhadas ou plantação de árvores.

As assinaturas colhidas em todo o mundo pela campanha TckTckTck serão apresentadas, entre outras ações, aos líderes mundiais que vão se reunir em Copenhague, em dezembro, na COP 15. O objetivo é fazer com que os acordos negociados no encontro contribuam para combater o aquecimento global e as conseqüentes mudanças climáticas.

The word 'SUPER' is written in a large, bold, red outline font. The letters are thick and have a slightly irregular, hand-drawn appearance.

23 de outubro de 2009

Madonna preocupada com o aquecimento global

Thays Prado

Neste sábado, mais de 4 mil eventos em 161 países vão alertar, mais uma vez, sobre a urgência de os governos tomarem decisões acertadas contra o aquecimento global, em Copenhague, no final do ano. Os participantes levarão um abaixo-assinado para esses eventos e as assinaturas de todo o mundo

serão usadas para pressionar as negociações internacionais. A iniciativa é uma parceria das campanhas TicTacTicTac e 350. (Saiba como participar!)

Mas não são só as campanhas ambientalistas que reforçam a ideia de que temos pouco tempo para agir, antes que as mudanças climáticas, que já estão acontecendo, saiam do nosso controle e ameacem a sobrevivência de nossa espécie.

Até Madonna, em seu vídeo *Get Stupid*, diz: Acorde, a hora é agora! Com imagens que caracterizam nossa louca sociedade de consumo, a imensa produção de lixo, a obesidade em massa e as ditaduras, de um lado, e de outro, as conseqüências de fome, miséria, seca, pobreza e violência, Madonna lembra que a escolha é de cada um de nós.

O vídeo foi exibido em sua turnê *Sticky and Sweet*, que também passou pelo Brasil, este ano.

Você acredita que o envolvimento de estrelas como ela pode ajudar a mobilizar mais gente a mudar de atitude? Fica também uma outra dúvida: a diva precisava rebolar assim para chamar a atenção para o assunto?

Seja qual for a sua opinião, vale a pena conferir o vídeo.



23 de outubro de 2009

A hora é agora

Regina Teireixa

Acorda! Chegou a hora de salvar nosso futuro. Esse é o apelo da campanha mundial TicTacTicTac, que visa pressionar as lideranças governamentais a tomar decisões concretas contra o aquecimento global, na 15ª Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP-15), que será realizada de 7 a 19 de dezembro de 2009, em Copenhague, na Dinamarca.

As mobilizações intensificam-se neste sábado, 24 de outubro, Dia Internacional de Ação pelo Clima. No Brasil, a população participa de centenas de eventos, em diversas cidades, para exigir das autoridades posturas à altura do momento que vivemos e das suas responsabilidades históricas, perante as presentes e futuras gerações.

Essa é a hora de pensar globalmente e agir localmente, cobrando da administração municipal uma política de coleta e tratamento de resíduos sólidos e esgoto, que dê fim a cenas degradantes como a do caminhão que tombou recentemente na Rio-Santos, com toneladas de lixo.

A coleta desordenada traz severas consequências ambientais e sociais, como a liberação de gás metano, que contribui para o aquecimento global, a proliferação de vetores de doenças, a contaminação da água e o risco de enchentes.

A coleta seletiva de lixo, os centros de triagem e reciclagem e, numa escala mais avançada, a captação do gás gerado nesses espaços são alternativas que não só evitam ou reduzem os prejuízos, mas geram renda em atividades dignas.



25 de outubro de 2009

Tic Tac Tic Tac na contagem regressiva para Copenhague

Brasil se envolve no movimento internacional lançado por Kofi Annan e Bob Geldof, que segue em campanha para recolher assinaturas em defesa de ações pelo clima, às vésperas da conferência global na Dinamarca

Rio - De 7 a 18 de dezembro de 2009, lideranças de todo o planeta vão se reunir em Copenhague para firmar acordos mundiais sobre a ameaça das mudanças climáticas. A Campanha Global de Ações pelo Clima – GCCA-BRO Brasil – aderiu a um movimento internacional para ampliar a adesão nacional. Para os organizadores, o país é líder em negociações internacionais, mas um dos maiores emissores mundiais de gases do efeito estufa. “A postura ainda é tímida quando se trata de assumir decisões firmes para sanar o problema. Falha também ao não dar o exemplo, colocando em prática no país todo o discurso que apresenta no exterior”, defendem os organizadores.

O movimento internacional foi lançado por Kofi Annan, ex-secretário-geral da ONU e o pop star Bob Geldof na última edição do Festival de Cannes. Eles criaram o TCK TCK TCK (www.tcktcktck.org) e no Brasil Tic Tac Tic Tac (www.tictactictac.org.br), que recolhe assinaturas para pressionar autoridades a cumprir os acordos. O objetivo é garantir que o aquecimento global fique bem abaixo dos 2 graus Celsius em relação à média histórica, estabelecendo metas

e mecanismos para que, antes de 2020, comecem a decrescer as emissões de gases. Também quer promover a redução das emissões dos países desenvolvidos em pelo menos 45% até 2020, em relação a 1990.

No Brasil, a agência Y&R, em parceria com as produtoras Tribo Post e Somzera, criou um filme para alertar as pessoas sobre o problema do aquecimento global e conscientizá-las sobre a importância de ter uma nova atitude. “A ação, realizada inicialmente para o projeto ‘Reclame por um mundo melhor’ – no qual agências de propaganda são desafiadas a criar comerciais contra o aquecimento global –, do programa Reclame, também será o primeiro filme com produção nacional em apoio ao Tic Tac Tic Tac.

De acordo com Sandra Sinicco, CEO do Grupo Casa e voluntária responsável pela comunicação da causa no Brasil, a campanha já arrecadou US\$ 150 mil no país e pode chegar a US\$ 6 bilhões no mundo. Além disso, o site da ação no Brasil ultrapassou 60 mil assinaturas e, no mundo, já atingiu mais de 1 milhão. Intitulada “Adaptação”, a animação começa com um personagem pré-histórico estilizado, que vai ganhando formas diferentes, gradualmente, ao superar predadores, acidentes e fenômenos da natureza, até se tornar uma criatura próxima do que hoje é o ser humano. O alerta diz: “Não é o planeta que tem que se adaptar. É você”. Para, depois, exibir: “Junte-se à luta contra o aquecimento global. Y&R apoia o Tic Tac Tic Tac. www.tictactictac.com.br”.



26 de outubro de 2009

Estudo mostra que temperatura de Jacarepaguá sobe 6 graus em 20 anos

Análise foi feita pela UFRJ e preocupa especialistas. Nova pesquisa está em andamento na região

Por DANIELA DARIANO, RIO DE JANEIRO

Pelo menos dois anos Marcela de Andrade Cruz, 25 anos, não tira do armário os inúmeros casacos de frio e cachecóis, que costumavam aquecê-la no inverno da Baixada de Jacarepaguá, onde nasceu e mora. Ali, nas proximidades do Parque da Pedra Branca, ela percebe o que foi constatado em pesquisa realizada no Departamento de Geografia da UFRJ como possível

tendência: a elevação rápida – de até 6 graus em 20 anos – na temperatura média da região.

“Há dez anos, o inverno aqui era frio, eu usava muito casaco. Se continuar neste ritmo, vai virar Bangu”, prevê Marcela. Em estudo coordenado pela professora Ana Maria Brandão, a aluna Tainá Laeta Felipe Brito demonstrou que o calor aumentou de 1985 até 2006.

O trabalho, apresentado na 31ª Jornada de Iniciação Científica da UFRJ, mostra que, em 1985, as temperaturas médias ficavam na faixa de 20 a 24 graus Celsius. Em 2006, a média oscilava entre 26 e 28, tendo locais com 32 graus.

“Estamos aprofundando o trabalho para saber se é, de fato, uma tendência. Os valores chamam atenção e estamos trabalhando com mais imagens de satélite, ano a ano”, explica Tainá.

A região estudada inclui os nove sub-bairros de Jacarepaguá (Anil, Curicica, Freguesia, Gardênia, Jacarepaguá, Pechincha, Praça Seca, Tanque e Taquara) e algumas partes da Barra da Tijuca e do Recreio.

A expectativa é que a expansão urbana na região cresça até as Olimpíadas de 2016, causando impacto ainda maior ao ambiente.

Ocupação desordenada seria a causa

Retirada da cobertura vegetal, ocupação desordenada e criação de rodovias são apontadas como possíveis causas de alteração de temperaturas na região. “Propusemos ordenar o uso do solo”, diz a autora do trabalho.

“O aumento da temperatura é perceptível, assim como o crescimento das construções. Não é difícil que esquilos e micos apareçam nas casas. O verde está cada vez mais recuado e os animais não têm para onde ir”, conta Marcela, que é geógrafa.

No domingo, Dia Internacional de Ação pelo Clima, o Brasil foi palco de 200 eventos contra as mudanças climáticas. A campanha TicTacTicTac reuniu 177 países. No Rio, o movimento partiu do Copacabana Palace em caminhada pelo calçadão com faixas e cartazes.

28 de outubro de 2009

Estudantes do DF protestam pelo acordo climático global

Um grupo de estudantes secundaristas do Distrito Federal fez nesta quarta-feira à tarde, no gramado em frente ao Congresso Nacional, manifestação em protesto contra os responsáveis por ações que vêm causando mudanças climáticas no mundo. Os estudantes, alguns com o número 350 pintado no rosto, gritavam palavras de ordem como "Nosso Clima, Nosso Futuro, Nossa Voz".

O número 350, que os estudantes formaram no gramado da Esplanada dos Ministérios, corresponde às partes por milhão que cientistas identificaram como limite de segurança para a quantidade tolerável de gás carbônico na atmosfera. Organizada pela Mobilização Estudantil em Prol do Meio Ambiente (Mema), movimento fundado por alunos do Colégio Marista, em parceria com as campanhas TICTAC TICTAC e 350.org, a manifestação reuniu cerca de 250 estudantes.

A estudante Paula Collet, de São Paulo, coordenadora da campanha TIC TAC e 350.org, informou que a Frente Parlamentar Ambientalista deve entregar amanhã (29) uma carta ao vice-presidente José Alencar pedindo a presença do presidente Luiz Inácio Lula da Silva na 15ª Conferência das Partes da Convenção do Clima (COP 15), em Copenhague, no mês de dezembro. A campanha defende posicionamentos mais firmes e ousados do governo brasileiro e de outros governos na conferência.

"O Brasil tem um papel fundamental nessa luta, já que é um líder nas negociações internacionais, mas também um dos maiores emissores mundiais de gases de efeito estufa, afirmou Paula, ao justificar a importância da presença do presidente Lula na COP 15.

Segundo João Pedro Barbosa, embaixador do Clima de 2009 em Brasília, outras reivindicações importantes são a garantia de que o aquecimento global ficará bem abaixo dos 2° C em relação à média histórica e a redução das emissões de gases pelos países desenvolvidos em pelo menos 45% até 2020, frente aos níveis de 1990. O projeto Embaixadores do Clima é uma iniciativa do Conselho Britânico, voltada para os jovens e destinada a aumentar o conhecimento e as ações sobre o tema mudança climática.

(Reportagem reproduzida por veículos como o jornal A Tribuna, com sede em Santos (SP), e o Diário do Pará, entre outros)

20/11/2009 16:35

5 razões para ser otimista com o clima

Por que a luta contra o aquecimento global continua, mesmo diante de um impasse na conferência de Copenhague

Alexandre Mansur com Marcela Buscato



EXPECTATIVA

Ativistas na Indonésia cobram soluções para o aquecimento global. Dificilmente elas virão de Copenhague

Salvar o mundo ou decepcionar o mundo. Essas parecem ser as únicas alternativas para a conferência do clima de dezembro, em Copenhague. O encontro, o mais aguardado da década para combater as mudanças climáticas, pode produzir um tratado abrangente para controlar o aquecimento global ou apenas entregar uma declaração política que encaminhe a negociação para o ano que vem. Qualquer que seja o resultado, as expectativas são exageradas: o futuro do planeta não depende exclusivamente do que sairá da conferência.

Nos últimos dias, os preparativos para a conferência assumiram a forma de uma nuvem especulativa em torno de declarações dos chefes de Estado das nações mais poluentes – e decisivas – do mundo. Primeiro, o presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, declarou que não havia mais tempo hábil para negociar um tratado definitivo antes do evento em Copenhague, batizado de COP15. Poucos dias depois, em uma nota conjunta com o presidente Hu Jintao, da China, anunciou que os dois países poderiam apresentar metas na conferência, dando novo ânimo para os que ainda acreditam que um pacto final seja possível antes do fim do ano.

É possível que o vai e vem de declarações não passe de jogo de cena político para manter acesa a esperança e não reduzir a importância da cúpula de Copenhague (que será grande de qualquer forma, dada a mobilização popular que já provocou). Mas, mesmo que os ativistas ambientais façam barulho e os políticos não queiram fazer feio com declarações antipáticas em relação ao clima, as negociações empacaram. O governo dos Estados Unidos, o maior poluidor do planeta, não pode assumir compromissos em Copenhague antes da aprovação de uma lei que limite as emissões dentro do país. Como o projeto que se dispõe a isso só deverá ser apreciado pelo Senado no ano que vem, Obama tem pouca margem para prometer algo internacionalmente. E ninguém está disposto a fazer um acordo sem os EUA, como o Protocolo de Kyoto, assinado em 1997 e nunca ratificado pelos americanos.

Os avisos de que Copenhague pode não resultar em um tratado definitivo são uma forma de desarmar as expectativas. “É uma estratégia para não gerar uma imagem de fracasso ao final da conferência e preservar o processo de negociação, que vai continuar de qualquer forma”, diz Marcus Frank, especialista em mudanças climáticas da consultoria McKinsey no Brasil. Ainda há tempo antes do fim de 2012, quando expira o Protocolo de Kyoto. Os negociadores trabalham com a possibilidade de um encontro no meio do ano que vem para acelerar o processo. “Se os chefes de Estado forem a Copenhague e concordarem com um cronograma para completar um tratado num prazo de seis a 12 meses, pode ser um bom resultado”, diz Saleemul Huq, analista do Instituto Internacional para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (Iied), um centro de pesquisa política britânico. Mesmo se Copenhague for apenas um ponto no lento e angustiante processo de negociação internacional, há bons motivos para acreditar que o mundo continuará caminhando para uma economia com menores emissões, capaz de evitar as piores consequências de um colapso do clima. A seguir, as cinco principais razões.



AMBIÇÃO

Turbinas eólicas na China. O país pretende gerar, a partir dos ventos, até 2020, eletricidade suficiente para abastecer todo o Brasil

1. As energias renováveis fazem sentido econômico

O investimento em fontes de energia renováveis se justifica por segurança, para reduzir a dependência dos países em relação ao petróleo e porque elas competem em preço. Em alguns lugares, a energia eólica já é mais barata que

o gás natural. Por coincidência, essas fontes também reduzem a emissão de gases de efeito estufa. “Ninguém vai parar de investir em energias limpas”, diz Frank. “Com o reaquecimento econômico, o preço do barril deverá voltar a subir, premiando quem buscou alternativas. Além disso, a energia dos ventos gera de três a cinco vezes mais empregos do que a energia fóssil.”

Provavelmente por isso, em junho deste ano a China anunciou seu plano para virar uma potência em energia limpa. Segundo Zhang Xiaoqiang, vice-presidente da Comissão Nacional de Desenvolvimento, o país almeja gerar até 2020, a partir dos ventos, 100 gigawatts. É o equivalente a toda a geração brasileira de eletricidade. No mesmo período, a China pretende ter 9 gigawatts de energia solar instalados. “Podemos alcançar a meta de 20% da energia produzida de fontes renováveis”, diz Xiaoqiang.

Boa parte do pacote de estímulo econômico da China, de US\$ 590 bilhões, está voltada para as energias limpas. Cerca de US\$ 30 bilhões serão destinados a projetos de redução das emissões em processos industriais. Além disso, o programa prevê investimentos em transportes eficientes e sistemas de transmissão de energia, que também reduzem as emissões do país. Segundo o HSBC Global Research, divisão de pesquisas do banco, um terço do pacote total pode ajudar o clima. Só essa disposição chinesa já faz diferença no mundo. Estima-se que, se a China não mudar sua economia poluidora, a temperatura global deverá subir 2,7 graus, mesmo se os outros países cortarem 80% das emissões.

2. A eficiência energética dá lucro

O movimento por eficiência energética está se acelerando e gerando dividendos financeiros. O melhor exemplo está nos Estados Unidos. “A Califórnia virou líder global em eficiência energética e redução nas emissões”, diz Noel Perry, investidor que se concentra em tecnologias inovadoras. “E isso nos ajudou a virar uma das maiores economias do mundo. Com um Produto Interno Bruto de US\$ 1,8 trilhão, se fosse um país, a Califórnia seria a oitava economia do mundo, à frente do Brasil. Desde a crise do petróleo dos anos 70, a Califórnia criou leis de eficiência para construções, aparelhos domésticos e até aquecimento de piscina. Graças a isso, estima-se que economize, por ano, US\$ 25 bilhões na conta de energia. Hoje, seu consumo *per capita* de energia é metade dos demais Estados americanos. A taxa de emissão de carbono também. Por seu peso econômico, e por sediar algumas das empresas mais inovadoras do mundo, como a Apple, o Google e a Hewlett-Packard, a eficiência californiana tende a influenciar o planeta.

3. Os consumidores estão cobrando

A necessidade de as empresas ganharem mercado é outro motivo para acreditar que, com ou sem acordo em Copenhague, a economia seguirá em direção a um modelo de menor emissão de carbono. Uma pesquisa da consultoria americana Deloitte com 6 mil consumidores mostrou que 54% deles já levam em consideração os critérios ambientais na hora de escolher uma marca. Essa taxa só deve aumentar. “Há um tom de ouro no verde”, diz a conclusão da pesquisa. Dos clientes entrevistados, 95% afirmam que estão dispostos a comprar marcas que invistam em sustentabilidade, 63% dizem

procurar por esses produtos, mas pouco mais de 20% acabam de fato comprando.

Há uma tendência de que, para facilitar a escolha dos consumidores, leis nacionais exijam que os rótulos indiquem as emissões dos produtos. A primeira surgiu na Suécia. O país vai obrigar os fabricantes de alimentos a contar as emissões de carbono associadas à produção de cada item. A maior rede de fast-food do país, a Max, já tem a informação no menu. E a Lantmannen, a maior indústria de alimentos, começou a incluir as emissões nos rótulos de frangos, aveia e macarrão.

“Os consumidores e os investidores estão atentos às mudanças climáticas e cobrando uma posição das empresas, independentemente do que aconteça em Copenhague”, afirma Daniel Esty, diretor do Centro de Leis e Políticas Ambientais da Universidade Yale, nos Estados Unidos. “As companhias mais espertas já perceberam que estamos seguindo para uma economia global pós-combustíveis fósseis. E farão tudo para ser líderes. Montar programas para cortar as emissões de carbono pode ser financeiramente interessante para elas”, diz Huq, do IED.



O TEMPO NÃO PARA

Relógios da campanha internacional *Tic Tac Tic Tac*, por uma decisão em Copenhague. A coalizão de 120 grandes ONGs agora planeja prorrogar as atividades para o ano que vem

4. Os investidores preferem cortar emissões agora

As resseguradoras, espécie de seguradoras das seguradoras, são outras grandes interessadas em pressionar as empresas para diminuir suas emissões e evitar os piores impactos do aquecimento global. Elas já fizeram as contas de quanto custará ao mundo adiar a transição para uma economia de baixo carbono. Um estudo divulgado em setembro pela Swiss Re, a maior empresa de resseguros do mundo, diz que em 2030 os efeitos do aquecimento global custarão 19% da riqueza de cada país. Mas, se as empresas começarem a cortar suas emissões já, é possível evitar até 68% dessas perdas.

A Agência Internacional de Energia divulgou, na semana passada, o cálculo de que cada ano de atraso no combate às mudanças climáticas custará cerca de US\$ 500 bilhões ao mundo. Segundo a agência, a transição para formas limpas de energia custaria cerca de US\$ 10 trilhões até 2030. Como as empresas vão pagar parte dessa conta, os investidores vêm pressionando as

companhias para antecipar seus cortes nas emissões. “Eles estão precificando o risco futuro”, diz Frank, da McKinsey.

5. Leis locais estão exigindo a redução das emissões

Mesmo sem um acordo global, governos nacionais, estaduais e municipais já estão limitando as emissões. O Reino Unido tem a lei mais ambiciosa, que obriga o país a cortar 80% das emissões até 2050. Nos EUA, 25 dos 50 Estados já adotaram algum limite legal para as emissões. No Brasil, São Paulo anunciou um corte de 20% nas emissões até 2020, embora não tenha definido como fará isso. “Não há nenhum plano definitivo elaborado por um comitê central”, diz Oswaldo Lucon, assessor técnico da Secretaria de Meio Ambiente. “Vamos estudar agora com as outras secretarias e com as empresas do Estado como chegar a essa meta.”

Para Lucon, que também integra o IPCC, painel de cientistas da ONU para o clima, São Paulo deve acompanhar a tendência global. “Somos grandes exportadores. Precisamos decidir se caminharemos para uma economia antiga, baseada no petróleo do pré-sal, ou se buscaremos ser mais competitivos e estimular a geração de empregos modernos, em setores de baixa emissão de carbono.” Além disso, ele crê em um efeito indutor para o resto do país. “A lei paulista pode influenciar outros Estados a se comprometer com o combate ao aquecimento.”

É difícil estimar quanto as pressões dos investidores e as leis locais surgem e proliferam apenas diante da expectativa de um acordo internacional sobre o clima. Ou quanto elas ajudam a concretizá-lo, como uma profecia autorrealizável. “Com sorte, a consciência popular e a importância política de Copenhague continuarão a impulsionar as mudanças nos países, com ou sem acordo agora”, afirma Huq, do IED. Como a maioria dos analistas, ele não crê que o mundo vai ficar sem um tratado global contra o aquecimento, mesmo que demore anos. “Não é como a negociação de um acordo de liberalização do comércio”, diz Frank, da McKinsey. “Depois do fracasso da negociação comercial, os países seguiram sua vida. Com a atmosfera, não dá para deixar para lá. As consequências podem ser insuportáveis.”

É por isso que os ativistas já estão se preparando para prorrogar suas campanhas para o ano que vem. A maior delas é a *TicTac TicTac*, fruto de uma coalizão global de 120 grandes ONGs, do Greenpeace à Organização Mundial de Igrejas. Com o mote de um relógio, os organizadores pressionam os chefes de Estado a assinar um tratado em dezembro. “Mas estamos planejando como vamos fazer para continuar ao longo do próximo ano”, diz Rubens Born, coordenador da ONG brasileira Vitae Civilis, um dos diretores globais da campanha.

Para o ministro do Meio Ambiente, Carlos Minc, “vamos ter de transformar a frustração em força positiva”. Ele prevê que, mesmo sem um tratado abrangente em Copenhague, o encontro renderá decisões pontuais, como a criação do fundo para adaptação, com verba inicial de US\$ 150 milhões. Esse dinheiro será usado para realocar as vítimas da elevação do nível dos mares em países insulares ou para compensar pelo desmatamento evitado no Brasil.

“Essas ações, ao longo do ano que vem, vão manter a mobilização das pessoas”, diz.



01.12.2009

Parque do Ibirapuera, em SP, recebe dia 6 o evento gratuito 'Tô no Clima'

Por Redação

O Parque do Ibirapuera, em São Paulo, será palco, no dia 6 de dezembro, das 10h às 18h, do evento TÔ NO CLIMA, uma iniciativa da campanha global de ações pelo clima TICTACTICTAC. O principal objetivo do evento é mobilizar a sociedade brasileira a pressionar líderes nacionais e globais para que não seja adiado o compromisso de firmar um novo acordo climático global durante a 15ª Conferência das Partes da Convenção do Clima (COP-15), que acontece de 7 a 18 de dezembro em Copenhague, na Dinamarca.

Para evitar as piores consequências das mudanças climáticas, é preciso começar a construir uma economia de baixo carbono, ou seja, uma economia com reduções drásticas das emissões dos gases que agravam o efeito estufa. Nesse sentido, governos de todo o mundo negociam as bases do novo acordo climático. Entre os pontos fundamentais desse novo acordo, estão: a definição de metas de redução de emissões de gases de efeito estufa para as principais economias do mundo e mecanismos de financiamento para ajudar países em desenvolvimento, especialmente os mais pobres, a se preparar e se adaptar às mudanças climáticas.

Copenhague, entretanto, corre o risco de fracassar. Chegar a um acordo tem sido difícil, já que os países relutam em assumir os custos e o peso político para estabelecer novas regras para a produção do que consumimos e a energia que utilizamos. Outro problema é que nações desenvolvidas e em desenvolvimento jogam a responsabilidade pelo novo acordo umas para as outras e não chegam a uma decisão comum.

Aderiram à causa do evento Zélia Duncan, Mariana Aydar, Simoninha e Gabriel, O Pensador, que apresentarão pocket shows gratuitos na área externa do Auditório do Ibirapuera. As apresentações serão intercaladas com a participação de convidados, exibição de depoimentos de lideranças políticas,

celebridades e vítimas das mudanças climáticas, assim como intervenções da sociedade civil sobre o tema.

"A ideia de realizar um evento desse porte e totalmente gratuito vai ao encontro do objetivo da TicTacTicTac, que é provocar o envolvimento social sobre a questão climática mundial. As pessoas têm que decidir sobre o seu futuro e o futuro das próximas gerações. Não há mais tempo a perder", declara Aron Belinky, coordenador executivo da campanha no Brasil.

Enquanto ocorrem os shows na área externa do Auditório, na Marquise do Ibirapuera, diversas ONGs que trabalham com o tema compartilham informações sobre seus projetos e desenvolvem atividades lúdicas que divertem toda a família, como a exibição de filmes sobre o tema, oficinas sobre temas socioambientais, contadores de histórias, pinturas de rosto para a garotada, totens para mensurar pegadas de carbono, entre outras.

"Esse será um dia muito divertido para a família e ao mesmo tempo importante por incentivar que todos reflitam sobre as mudanças climáticas e seu papel dentro deste contexto mundial, ou seja, o que cada um de nós pode fazer para melhorar o clima?", afirma Belinky.

Segundo ele, "é uma ótima oportunidade que os pais têm de envolver seus filhos, participar de ações voltadas para a cidadania e para o bem do planeta. Para que que (S/C), na prática, combater as mudanças climáticas não se limita aos discursos políticos ou a ações muito distantes da sua realidade cotidiana".

O evento conta com o apoio da Prefeitura de São Paulo, Secretaria do Verde do Município de São Paulo, Auditório Ibirapuera e Natura.



01/12/2009

TicTacTicTac: é hora de salvar o planeta

Reproduzindo o barulho de um relógio, a campanha TicTacTicTac quer chamar a atenção de todos nós para o fato de que há pouco tempo para agirmos contra as mudanças climáticas

Débora Spitzcovsky

Faltam, apenas, cinco dias para a COP-15 (abreviação de Conferência das Partes da Convenção Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima, da ONU), um encontro que acontecerá em uma cidade da Dinamarca chamada Copenhague e reunirá representantes de vários países – incluindo alguns presidentes –, para que eles decidam, juntos, o que é preciso fazer para combater as mudanças climáticas.

A principal intenção da COP-15 é definir metas de redução de emissões de gases de efeito estufa para todos os países que participarem da reunião. A ideia é bem legal, mas infelizmente corre o risco de fracassar.

O motivo é simples: os países relutam em assumir as consequências políticas e econômicas de diminuir a quantidade de poluentes que liberam no ar. Uma nação está empurrando a responsabilidade para a outra e, desse jeito, não chegaremos a acordo climático nenhum e o aquecimento global continuará piorando.

Diante disso, ONGs, sindicatos e diversos ativistas, de todo o mundo, se uniram e criaram a campanha “TicTacTicTac”, que pretende mostrar para as pessoas que, apesar de não participarmos da COP-15, todos nós podemos agir para combater as mudanças climáticas. Como? Mudando nossos hábitos do dia-a-dia e pressionando os líderes que nos representarão em Copenhague a tomar uma atitude eficaz contra o aquecimento global.

Para isso, a TicTacTicTac está recolhendo assinaturas que serão encaminhadas para um banco de dados mundial. A ideia é mostrar para os

líderes que participarem da COP-15 que o mundo inteiro está de olho no que está acontecendo lá e, por isso, eles devem decidir o que é melhor para o planeta.

Mais de 10 milhões de pessoas já estão participando da ação. Só no Brasil foram coletadas cerca de 170 mil assinaturas e podemos aumentar ainda mais esse número. Incentive seus pais, professores e conhecidos a participarem da campanha, **aqui!** Diga a eles que é hora de salvar o planeta e o tempo está passando. Tic, tac, tic, tac..



QUARTA, 2 DE DEZEMBRO DE 2009

Internautas, uni-vos!

Amália Safatle
De São Paulo

Quando escrevia esse texto, restavam 5 dias, 9 horas e 30 minutos para o início da Cúpula do Clima do Clima, a COP 15, em Copenhague – o encontro de representantes de 192 países do qual poderão sair decisões fundamentais para o clima, a vida na Terra e as economias de todo mundo.

Relógios com essa contagem regressiva estão por toda a parte na *web* para nos lembrar a todo momento: o que não falta são sites conclamando o internauta a pressionar governantes, representantes de delegações e o próprio secretário-geral da ONU, Ban Ki-Mon (*S/C*), por reduções efetivas nas emissões de gases causadores do aquecimento global.

Difícil avaliar o quanto esse ciberativismo vai pesar nas decisões de cunho geopolítico e econômico dos líderes mundiais, mas mais difícil ainda é acreditar que as pressões da opinião pública passarão em brancas nuvens, diante de tantos apelos.

A campanha TicTacTicTac, (www.tictactictac.org.br), por exemplo, avisa que já recolheu cerca de 10 milhões em todo o mundo e 170 mil no Brasil. Lançada

no primeiro semestre de 2009, a Campanha TicTacTicTac é conduzida por um grupo composto por entidades sociais e ambientais no Brasil e no exterior: Avaaz, Greenpeace, Idec, Inesc, Oxfam, Vitae Civilis e WWF-BR. O site ainda mostra uma programação de eventos gratuitos pró-clima, como show no Parque do Ibirapuera em São Paulo, neste domingo, dia 6.

A sete dias da COP, o movimento internacional Hopenhagen (um trocadilho entre esperança e Copenhague, em inglês) também afirmava ter já ter chegado à marca de mais de 410 mil assinaturas na petição *online* "Mudança Climática" (<http://hopenhagen.org>). O abaixo-assinado global será entregue pelo secretário geral da ONU, Ban Ki-Mon (S/C). No site, que está inglês, um mapa interativo mostra recados que as pessoas deixaram à pergunta: "o que te traz esperança?"

Desenvolvida em parceria com o Google, a campanha do WWF-Brasil permite a quem acessa http://www.wwf.org.br/informacoes/especiais/vote_pelo_planeta/de_seu_voto registrar seu voto. Os resultados ficaram de ser apresentados em Copenhague.

O Greenpeace é outra grande ONG com campanha no ar, que teve como objetivo passar um recado ao presidente Lula.. Por meio do site <http://junte-se-ao-greenpeace.org.br/bannerclima/>, foram arrecadados recursos para estender um banner gigante na Esplanada dos Ministérios, em Brasília. Por R\$ 15, comprava-se um retângulo que representa um pedacinho da faixa. A faixa foi estendida na manhã de ontem, dia 1º de dezembro, mas ainda se pode colaborar com doações à organização. Mais uma possibilidade de participação é mandar um vídeo ao presidente e dizer o que se espera da delegação brasileira na COP. No movimento 1 Minuto pelo Clima, vídeos de até um minuto podem ser gravados com câmeras digitais, *webcam* ou até mesmo pelo celular (veja em <http://www.minutopeloclima.org.br/1-minuto-pelo-clima/#main>)

Para participar, é preciso subir o vídeo no YouTube com a palavra-chave (ou tag) "minutopeloclima". Todos os vídeos cadastrados são exibidos no site e depois, uma coletânea ficou de ser apresentada ao presidente Lula. A iniciativa é do Observatório do Clima, rede brasileira de organizações não governamentais e de movimentos sociais que trabalham no combate às mudanças climáticas no Brasil, e conta o apoio do Canal Futura.

Esses são apenas alguns exemplos. O ciberespaço abre várias oportunidades de ajudar o mundo e seus problemas bem pouco virtuais.



02/12/2009

Tô no Clima: mobilização às vésperas de Copenhague

Neste domingo, dia 6 de dezembro, a campanha TicTacTicTac promoverá o “Tô no Clima”, no Parque do Ibirapuera. Gratuito, o evento contará com shows musicais e atividades educativas para incentivar a população a pressionar as lideranças políticas que estarão na COP-15

Débora Spitzcovsky

A campanha TicTacTicTac surgiu no primeiro semestre de 2009, com o objetivo de mobilizar a população mundial para a importância e a urgência de combatermos as mudanças climáticas – dando atenção especial para a COP-15.

Às vésperas do encontro, a campanha promoverá sua última ação pré-Copenhague para incentivar a população a pressionar as lideranças que comparecerão à COP-15: o “Tô no Clima”. O evento, gratuito, acontecerá no dia 6 de dezembro, no Parque do Ibirapuera, e contará com uma série de atrações musicais e culturais.

Entre as atividades inclusas na programação, estão os shows de Zélia Duncan, Mariana Aydar, Simoninha e Gabriel, o Pensador, que serão intercalados com a exibição de depoimentos de lideranças políticas, celebridades e pessoas que foram vítimas das mudanças climáticas, falando sobre a importância de firmarmos um novo acordo climático global.

O evento prevê ainda atividades lúdicas e educativas, que serão realizadas durante todo o dia por ONGs que trabalham no combate ao aquecimento global. A ideia é compartilhar com a população o maior número possível de informações sobre o assunto.

Para isso, o “Tô no Clima” contará com a exibição de filmes, oficinas sobre temas socioambientais, contadores de histórias, pinturas de rosto para as crianças e, ainda, totens para medir a pegada ecológica de quem estiver passeando pelo Parque.

07 de Dezembro de 2009

Copenhague: protestos no mundo todo prometem pressionar líderes

Por Luiz De França Exclusivo VEJA.com | Ambiente



Todos os olhos voltados para a Dinamarca: visitantes reunidos numa praça da região central da cidade (AFP)

O mundo assistirá a uma série de grandes manifestações neste fim de semana. O objetivo de todas elas é um só: pressionar os líderes mundiais reunidos na 15ª Conferência das Nações Unidas para Mudanças Climáticas (COP15), em Copenhague, até 18 de dezembro, por um acordo que de fato consiga diminuir a emissão de gases de efeito estufa para 2020. De acordo com informações da [TicTacTicTac](#), uma das organizadoras dos protestos, 2.714 eventos já estavam programados para 136 países na sexta, sábado e domingo. No Brasil, serão mais de 100 manifestações. A ação faz parte de um projeto liderado por algumas organizações não-governamentais como o [Greenpeace](#), [WWF](#) (World Wildlife Fund), [Oxfam](#), [Anistia Internacional](#) e [350.org](#).

Sob o slogan "O Mundo Quer um Acordo Pra Valer", os organizadores agendaram para sexta-feira e sábado à noite uma "Vigília pela Sobrevivência", em que os participantes acenderão velas ([saiba onde você pode participar de uma](#)). No sábado, estão programadas marchas e protestos durante o Dia de Ação Global ([saiba onde](#)). No domingo, a promessa é de muito barulho com sinos, tambores e todos os tipos de som, tocados 350 vezes. Igrejas, mesquitas e sinagogas também deverão participar do ato através do [Conselho Mundial das Igrejas](#).

A explicação para o número: 350 é o limite desejável de partículas de gases de

efeito estufa por milhão no ar atmosférico (que equivale a 350 litros de gases para cada milhão de litros de ar). No entanto, espera-se que a COP15 estabeleça esse número em 450 ppm, considerado por cientistas o máximo aceitável para evitar que a temperatura média da Terra suba mais de 2 graus até o fim deste século. Atualmente, essa concentração é de 390ppm.

Momento - As datas para os protestos não foram escolhidas por acaso. Os articuladores do movimento consideram que a COP15 já estará no meio do caminho de um acordo, o que seria o melhor momento para pressionar. Mas antes mesmo de os líderes mundiais começarem a desembarcar na capital da Dinamarca, outras manifestações semelhantes foram realizadas ao redor do mundo. No sábado e domingo passados, a campanha [Tô no Clima](#) promoveu shows e upasseio ciclístico na cidade de São Paulo. No dia [21 de setembro](#) pessoas em mais de 130 países se juntaram para enviar um chamado ensurdecedor para "acordar" os líderes globais para as mudanças climáticas. No dia [24 de outubro](#), outros 5200 manifestações foram realizadas em 181 países.

No primeiro dia de reunião da COP15, uma petição com dez milhões de assinaturas foi entregue a representantes da conferência. Quem não assinou ainda pode deixar uma mensagem no site [Hopenhagen](#), criado pela Associação Internacional de Propaganda em associação com a TicTacTicTac. No dia 15 de dezembro, a rede de televisão americana CNN e o YouTube promovem um debate ao vivo em Copenhague, em que líderes e ativistas da COP15 irão responder as perguntas sobre mudanças climáticas mais votadas.

As perguntas poderão ser enviadas até o próximo dia 14 para o site da campanha Fale Mais Alto ([Raise Your Voice](#)), onde também é possível assistir ao vídeo apresentado na segunda-feira passada, na cerimônia de abertura da conferência. Para chegar aos ouvidos dos líderes mundiais o clamor por um acordo significativo, artistas e personalidades de todo o mundo também participaram das campanhas promovidas por mais de 50 organizações internacionais por meio de shows, depoimentos e clipes musicais. A seguir, assista aos vídeos de alguns deles: *(seguem-se vídeos)*

sábado, 12 de dezembro de 2009 18:07

Protestos em todo o mundo pedem acordo ambicioso para o clima

Por Sunanda Creagh e John Acher

COPENHAGUE (Reuters) - Milhares de ativistas protestaram em Copenhague no sábado como parte do evento mundial "Dia de Ação", para exigir que negociadores na conferência da ONU sobre mudança climática firmem um acordo ambicioso para a luta contra o aquecimento global.

"Não há um planeta B" e "Mude a política, não o clima" eram algumas das faixas carregadas por manifestantes na capital dinamarquesa. Alguns ativistas estavam vestidos de urso polar e pinguins com placas dizendo: "Salvem os humanos!"

Um boneco de neve inflável gigantesco foi usado para protestar contra a ameaça causada pela queima de combustíveis fósseis que o painel de cientistas do clima da ONU afirma irá trazer desertificação, enchentes, ondas de calor e elevação do nível do mar.

O protesto foi feito em clima de carnaval, mas tropas de choque prenderam cerca de 400 ativistas após vidros terem sido quebrados com o lançamento de garrafas. Os manifestantes foram forçados a sentar no chão e tiveram as mãos amarradas.

As estimativas sobre o número de manifestantes variam de 25 mil, segundo a polícia, a 100 mil, segundo os organizadores, que esperam pressionar os 110 líderes presentes no encontro na capital entre 17 e 18 de dezembro.

"Eles marcharam em Berlim e o muro caiu. Eles marcharam na Cidade do Cabo, e o muro caiu", disse o arcebispo sul-africano Desmond Tutu aos manifestantes. "Eles marcharam em Copenhague, e nós vamos conseguir um acordo real", acrescentou.

"Há muito pelo que lutar na semana restante de negociações", disse Kumi Naidoo, do grupo ativista "TicTacTicTac". Os organizadores da marcha querem que a cúpula consiga um acordo legal completo, o que muitos governos dizem estar fora do alcance.

Milhares de australianos promoveram a "Marcha contra o Aquecimento" e ativistas disseram que 4.000 eventos aconteceram de Fiji aos Estados Unidos, para mostrar apoio a metas para grandes reduções de emissões de gases de efeito estufa.

O principal grupo de ativistas de Copenhague percorreu seis quilômetros da cidade até o Bella Center, onde os negociadores se encontraram, e mantiveram uma vigília a luz de velas.

Caroline, uma dinamarquesa de 7 anos, carregava uma placa feita em casa dizendo: "Tome conta do nosso mundo até eu crescer."

"Agora é hora de pensarmos nas gerações futuras", disse o nepalês Sherpa Pertamba, que chegou à Dinamarca para participar de protestos com um grupo de 40 montanhistas.

No salão de conferência de Copenhague, delegados afirmaram ter avançado em algumas frentes, mas as principais decisões sobre cortes de emissões e financiamento para países em desenvolvimento devem esperar até a chegada dos líderes para a cúpula.

"Nós conseguimos um progresso considerável nesta semana", disse a ministra dinamarquesa do clima, Connie Hedegaard, que presidiu as negociações.

Os delegados afirmaram que negociadores haviam avançado na elaboração de alguns textos como os que definem novas tecnologias verdes, como energia eólica e solar, que podem ser fornecidas a nações em desenvolvimento e também sobre a promoção do uso de florestas para sequestrar gases de efeito estufa.

Os delegados disseram haver divisões profundas em alguns tópicos como o levantamento de fundos para nações em desenvolvimento e divisão de responsabilidades pela redução de emissões.

(Reportagem reproduzida no G1, portal de notícias da Globo, e no jornal Gazeta do Povo, do Paraná)